8

VOLUME 17.º N.os 1 a 4 1914

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

SUMÁRIO

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1914

Revista Lusitana

∴ TIP. SEQUEIRA ∴
114, Rua José Falcão, 122
∴ ∴ ∴ PORTO ∴ ∴ ∴

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos

relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Director do Museu Ethnologico Português

VOLUME XVII



LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA

20, Praça dos Restauradores, 20

1914

REVISTA LUSITANA

VOL. XVII 1914 N.os 1-2

PALAVRAS E COISAS

Notas para a historia da lingua e vida portuguesa

As Notas, cuja publicação se inicia aqui, foram coligidas pela maior parte há já anos bastante numerosos para auxilio privado de diversos estudos. Pondo-as ultimamente em certa ordem, pareceu-me que, ainda quando não fossem completadas de modo que formassem um todo que mereça o nome dum tratado, poderiam ter algum interesse e despertar até investigações mais amplas. Tais como saiem aqui não tem outra pretensão senão a de serem apontamentos incompletos. Terei de transcrever muitos termos de que estou longe de poder dar explicação; mas talvez não seja inutil chamar a atenção de investigadores, mais bem artilhados, para o seu estudo.

I. **As industrias de construção**

Começo pela reprodução de alguns textos que se referem a trabalhos de construção da alta idade média.

1. Uma inscrição lapidar do mosteiro de S. Salvador de Vairão refere que:

«In nomine domini perfectum est templum hunc per Marispalla deo vota, sub diè XIII Kalendas Apriles era DXXIII (ano 485) regnante serenissimo Veremundus rex.

Hübner, *Inscriptiones Hispaniae christianae* n.º 135. J. P. Ribeiro, *Mem. litt. port.* V, 423.

2. Uma inscrição celebra a reconstrução das muralhas de Merida e da ponte sobre o Guadiana por Ervigio na era de 701 (ano 663), mas a data deve estar errada, pois o reinado de Ervigio se extendeu de 680 a 687.

Hübner, *Ob. cit.* n.º 23 a.

3. «Igitur ego Sesenandus consul prefatam ciuitatem (Coimbra) suis cum confinibus ex necessariis omnibus restaurauí et tutissimis presidiis firmiter adarmaui necne ex diversis partibus populo christianorum inhabitare curam duxi.»

Diplomata et chartae. (A. 1087) n.º 686. p. 411.

4. Rodericus Honoriz numa doação de sua propriedade perto de Ilhavo diz: «ego densissimam silliam que ab antiquis temporibus habitaculum erat bestiarum et expendi omnes facultates meas hedificando ea omnia que supra scripta sunt.» (Anno. 1095.) *Diplomata et chartæ*, ns. 815 p. 485-6. (era a Igreja de S. Christovam «ad occidentalem plagam in ripa maris ubi vocant ripas altas inter villas sosiam et ilauum»; e tudo o que ficava dentro dos limites marcados, como plantações, fonte, lugares proprios para moinhos.

5. «et inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum Palacium Franciscum . . . usque in pelago de Godim.» Doação do Couto que D. Afonso Henriques fez no de 1139, ao mosteiro da Hermida, sobre o rio Corgo, em terra de Panoias, e defronte de Lobrigos. Santa Rosa de Viterbo. *Elucidario*, s. v. *francisco*, I.

6. Em 1206 tratavam os monges de S. Eufemia de Ferreira da reedificação da sua igreja e dos edificios da sua abadia.

O bispo de Viseu publicou um alvará, confirmado pelos bispos de Lisboa, Guarda e Lamego em que se diz: «Quicumque igitur in Ecclesia prædicta de novo ædificata per se vel per unum operarium steterit, seu operarii prætium dederit, aut in aliis sibi necessariis per unum diem cum bobus, vel carro proprio laboravenit: Nos . . . xxx dies ex injuncta sibi ligitime pænitentia relaxamus . . .»

Viterbo, s. v. *Ferros* II.

7. «Constantino (de Panoias) (Tras-os-Montes) é uma villa archaica, com agrupamento de casas formadas de grandes cantos de granito pardo escuro. Tem foral do conde D. Henrique, e algumas das casas podem ser tão velhas como o foral.»

(Traz gravura.)

G. Pereira, in *Boletim da Real Associação dos Architectos*

Civis e Archeologos Portugueses, 3.ª serie, n.os 3 e 4 de 1895, pag. 52.

8. Com a reconquista christã dos territorios que vieram a constituir o reino de Portugal desenvolve-se a actividade nas industrias e arte de construção. Os documentos do meado do seculo IX ao começo do XII apresentam-nos doações e legados numerosos de casas e igrejas, e alguns referem-se expressamente às condições da edificação. Darei alguns exemplos.

No ano de 1095 Vermudo, presbitero, doa à Sé de Coimbra: «medietate ecclesie sancte marie quam ego a fundamento edificaui in castello quod vocatur mons maior circa interiorem murum ad australem partem. Supradictum autem castellum cum esset funditus euersus a sarracenis ex multis temporibas et esset ibi cubile ferarum et silua ingens dedit rex domnus adefonsus imperator totius hispanie potestatem domno sisnando consuli colimbrie ut restauraret illud et popularet» ([1]).

Ego petrus abbas.. facio kartam testamenti.. de æclesia sancti iuliani quæ est sita in septentrionali ripa mondeci fluminis prope litus maris quæ condam depopulata et destructa fuit a sarracenis et ego eam postea restauraui per iussionem consulis domni sisnandi qui clericis et laicis potestatem tribuit edificandi more hereditario eclesias et uillas sicut a rege domno fredenando acceperat potestatem ac postea ab eiusdem filio rege domno adefonso. Et edificaui illam cum necessariis domibus et turri bona» ([2]).

Restam-nos dos dois primeiros seculos da monarquia importantes monumentos arquitectónicos, particularmente construções religiosas e militares; não se deve, porêm, concluir delas e dos vestigios doutras do mesmo periodo que se erigiam facilmente. Muitos castelos do começo da monarquia eram construções sem solidez, muitas casas, até de nobres, apenas barracas.

Em 1346 estabelecia-se que: «O alcaide do castello de Lamego ha de haver em cada um anno, no tempo quando malhão os pães de quantos casais el-rei ha no prestemo de Magueja senhos feixes de colmo, de seis colmeiros o feixe, e senhos fei-

([1]) *Portugal. mon. hist., Diplom. et chartae* I, p. 491, n.º 824.
([2]) Ibidem p. 492, n.º 825.

xes de giesta negral grande para colmarem as casas do castello, etc. (1).

Existia porem nesse tempo a industria da telha, como veremos.

Um poeta do *Canc. do Vaticano*, D. Affonso Lopes de Baião, queixava-se da falta de madeira para a construção duma casa, para a qual tinha as outras materias, pedra, cal, telha, não lhe faltando pedreiros:

Em Arouca hunha casa faria,
a tant' ey sabor de a fazer
que ia mays custa non recearia,
nen ar daria ren per meu auer,
ca ey pedreiros e pedra e cal,
e desta casa nen mi-mingua al,
senon madeyra noua que queria.

E quem mh'a desse sempre lh'o seruiria,
ca my faria hy mui gram prazer
de mi fazer madeira noua auer,
en que laurass' unha peça do dia
e poys hir logo a casa madeirar
e telhala e poys que a telhar
dormir em ela de noyt' e de dia.

N.º 1081.

Pae Gomez Charrinho dirigiu àquelle fidalgo uns outros versos a proposito do seu projecto:

Don Affonso Lopez de Bayam quer
fazer sa casa, se el pod' auer
madeyra noua, e sse mi creer
fara bon siso, tanto que ouuer
madeyra, punh'en a cobrir,
o fundamento ben alt' e guarir
pod'o lauor per hy se o fezer.

E quand'el a madeyra adusser
guarde-a ben e faza-a jazer
en logo que non chouvha ca torcer
assy a mui tost' e non ar a mester,
e sse o lauor non quer escarnir
abrilo fundament' alt' e ferir
e muyto batelo quanto poder.

(1) Santa Rosa de Viterbo, *Elucid.* s. vv. *aprestamo* e *colmeiro*.

E poys o fundamento aberto for
alt' e bem batudo pod'el andar
en salvo sobr'el e poys s'acabar
estaca (?) da madeyra sem pauor
e do que diz que a revolvera
ant'esto faça senon matar-ss'a
ca est' é o começo do lauor.

N.º 1159.

Cf. Canc. Vat. n.º 1051 — relativo a casas.

Da carestia dos materiais de construção, como madeira, cal, telha, resultava o uso de *tendas*, destinadas sobretudo a venda, quando eram fixas num logar, e daí o emprego da palavra *tenda* para significar uma loja de mercearia.

D. Affonso III no foral de Castromarim, dado em 1277, diz guardar para si as suas tendas «meas tendas» (1); no foral de Loulé (sem data) refere-se às tendas que ali tinham os reis sarracenos no tempo do seu domínio: «Et retineo mihi et omnibus successoribus meis... omnes tendas de Loule, quas reges sarraceni tenebant tempore sarracenorum.» (2); repete-se disposição semelhante nos forais dados pelo mesmo rei a Silves (1266) e Tavira; no de Faro (sem data) lê-se: «Item retineo mihi et omnibus meis successoribus meis casas et apotecam quas ego solebam tenere ex quo tempore accepi villam sarracenis» (3).

Numa canção do conde D. Pedro (de Barcellos), filho de D. Dinis, achamos elementos para fazer ideia duma dessas tendas.

Hũu cauleyro auuia
hũa tenda muy fremosa
que cada que nela ssija
assaz lh'está ssaborosa,
e hũu dia pella sesta,
hu estaua bem armada
de cada parte speçada
foy toda pela meestra.

Na tenda non fficou pano
nen cordas nen guarnimento
que toda non foss'a dano
pelo apoderamento

(1) *Portugal. mon. hist. Leges* I, p. 734.
(2) Ibid. p. 736.
(3) Ibid. p. 737.

da maestra, que tirando
foy tanto pelo esteo,
que por esto, como eu creo,
se ffoy toda speçando — O. specando / Br. espetando

A corda ffoy en pedaços
e o mays do al perdudo
mays fficaran lh'y dous maços — Br. lhy
ficand'o esteo rompudo — or. pando esteo merpago (Corr. de Varnhagen)
e a meestra metuda
en grande estaca jazendo
e ffoy-s'a tenda perdendo
assy como he perduda.

Per mingua de bõo meestre — or. debro. (Corr. Mon.)
pereceo tod'a tenda
que nunca sse della preste
pera don nen pera vemda,
ca leyxou con mal recado
a meestra tirar tanto
da tenda que ia enquanto,
auia sse era profaçado.

Essa composição tem no codice a seguinte nota elucidativa:

«Esta cantiga de cima ffoy feita a hũu meestre dordim de cavalaria, porque auya sa barragãa e fazia seus. . . en ela ante que ffosse meestre, e depoys c'auya hũa temda en Lixboa, en que trazia mui grand'auer a guaanho e aquella sa barragãa querendo (?) lh'y alguñs dinheiros que vinham da terra da hordem e quand'o mestre y non era, envyava-os aquela temda per a guaanharem con elles pera sseos filhos e depoys tiraram ende os dinheiros da tenda e deron-nos en outros prazos pera gaanharem con elles e ficou a tenda desfeita e non leyxaran poren o meestre depoys a gaa(nhar).

Canc. Vat. n.º 1089.

Essa tenda era poys destinada a negocio, ao que parece negocio de banco.

Outras tendas, como a que se refere Pero Barroso, serviam de habitação, para abrigar os seus donos em viagem, em campanha, etc.:

Sey eu hun ric'ome, se Deus mi perdon,
que trag' alferez e trage pendon
. . . .
. . . .

E trage tenda e trage manjar
e sa cozinha, hu faz seu jantar.
E trage reporte e trag' escançam
e trage saquiteyro, que lhi dá pam.

Canc. Vat. n.º 1063.

Os seguintes passos referem-se tambem à tenda militar:

«Toto homine que ouiere loraga et lorigon et scudo et lança et capelo de fierro et espada leve IIII escusados peones de villa ó daldeas, ó dos canaleiros aldeanos, et si leuar tienda redonda con estas armas renombradas leue VIII peones de la vila ó de las aldeas ó IIII cauleros aldeanos.» *Costumes e foros de Alfayates. Port. mon. hist., Leges* I, p. 811.

«Qvin levare tenda redonda de XX cordas aut deinde arriba quod pertinent leuet II escusados caualeros aut IIII peones: et quin leuauerit loriga aut lorigon cum capello, aut cum almofar leuet I escusado cavalero, aut II peones unusquisque: et quin leuar elmo cum brofuneras aia I escusado peon, et istos escusatos sean aldeanos, et si de vila fuerit, non eis prestet et non sint excusati.» *Costumes e foros de Castello-Bom* 1188-1230. *Leges*, p. 765.

Sobre tendas vid. ainda *Ibid.* p. p. 406, 412, 416, 430, 457, 475, 487, 491, etc.

Do que vendiam os tendeiros informam-nos os forais etc.:

«Tendarii uendant libram cere pro XVI denarios, et alukia et quarta pro I denario. Manteca, III alukias pro I denario. Seuo cocto, V alukias: Crudo pisado de carneiro, V alukias. Mel cubellum et medio, II solidos: et si uoluerit uendere ad dineiradas uendant ad istud zumum. Quattuor arenzos pigmenta, pro I denario. Arratal minus quarta de caseo sicco, pro I denario. Vendant oleun ad zumum de cubello uno pro medio morabitino. Addael nullus sit emptor ullius rei ad gananciam.

Posturas mun. de Coimbra, de 1145. *Leges* I p. 744.

8. Carpinteiros, pedreiros, alvaneis

Eram os principaes artifices (mesteirais) da construção.

Carpinteiro representa o lat. *carpentarius*, propriamente o que construia o carro chamado *carpentum*, que era coberto e destinado a transportar mulheres.

No foral de Coja de 1260 dispõe-se que o carpinteiro dê um dia de trabalho à povoação e os outros pelo seu salario: «Carpen-

tarius det unum diem in opere nostro, et in aliis diebus laboret pro precio suo.» (*Leges* I, p. 696). Conservou-se a frase tradicional: «trabalhar para a cidade» e tambem a de «trabalhar para o bispo».

Nos Costumes e foros de Castello-Bom lê-se: «Toto el carpentero qui madera adduxerit a mercado com aluura pectet I morabitinum aut ripia al concilio.» (*Leges* I, p. 760).

Nos de Alfayates (1188-1230): Toto el carpentero qui madera adduxerit ad mercado con aluura aut ripia pectet I morabitinum.» *Ibidem*, p. 805.» Quasi as mesmas palavras se encontram nos Costumes de Castello-Melhor (1209). *Ibid.* p. 927.

No foral de Villa Franca de Xira (Cira) de 1212 (tradução posterior) lê-se: «Item o ferreyro e o carpenteiro ou piliteiro que em Xira teuer casa e em ela laurar non dê nenhuum foro. E se teuer mouro ferreyro ou carpenteyro e em sua casa lavrar non dê per elle foro. Item os mesteiraaes que forem ferreyros ou carpenteyros, e per este oficio viverem e non teuerem casas, venham aas minhas tendas e façam meu foro. (Leges I, p. 564 — 565). Noutros correspondem aos carpinteiros deste passo os sapateiros, como em seu logar se verá.

Paterbonus carpentarius designa num documento de 1090 um individuo que, com outros, recebe uma terra dos conegos de Coimbra. *Diplomata et chartæ*, n.º 730, p. 436.

Nas posturas de Evora de 1375-1395 há um «T.º dos *carpinteiros de enxoo* (hoje de *tosco* ou *toscanos*) e *pedreiros de talho* (que cortam a pedra, canteiros) e *alvanés* (os que faziam obra de *alvenaria*, de pedra tosca, não talhada, não ligada com argamassa, ou seca, *opus incertum*; a palavra é de origem arabe).

«Mandaram que dem de jornal pelo dia ao carpinteyro denxoo e ao pedreiro de talho 10 s. com ceia.

. . . que dem de jornall pello dia aos carpinteiros boons 10 s. com ceia.

que deem aos carpinteiros com seu carpaaes (?) que non som taaes (isto é, *boons*) e aos revoldeiros das cousas 8 soldos com ceia . . .

. . . e ao sergente pelo dya 4 s. G. Pereira, *Ob. cit.* abaixo.

No *Regimento da cidade de Evora* do tempo de D. João I lê-se:

«It. os ditos carpenteiros e alvanees cada hum delles haja por dia de jornall dês primeiro dia de março ataa postumeiro dia de setembro, e comer, XV rs.

«It. ajam dês primeiro dia doytubro ataa primeiro dia de março por dia e de comer, XII rs.

«E o que mais der e mais receber pague o jornall cada hum per cada jornall pera o concelho o dobro do que levar do jornall.» G. Pereira, *Ob. cit.* abaixo I, 182-83.

9. **Telheiros, telhas**

Os antigos documentos legislativos, particularmente os forais, fazem referencias a fornos de telhas, a telhas e telheiros (fabricantes de telhas). E é interessante que emquanto os forais não estabelecem foros para os fornos de pão e os de panelas, mandam pagar decima aos de telha, produto ao que parece, considerado como um tanto de luxo: «Et habitatores de sanctaren habeant libere tendas, fornos panis, scilicet et ollarum. Et de fornos de telia dent decimam.» Foral de Santarem, ano 1179, *Leges* I, p. 406. As mesmas disposições noutros forais desse tipo, como os de Lisboa e Coimbra do mesmo ano, o de Villa-Viçosa de 1270 (*Leges* I, p. 412, 416, 417). No de Midões de 1257 lê-se: «pro fornis de tegulla singulos singullos (sic) I fogaza I galina.» (*Ibid.* p. 674).

No de Castromarin de 1277: «Et habitatores de Castromarin habeant libere tendas suas, et furnos ollarum, saluis mihi meis tendis factis et faciendis: et de furnis de tegula dent decimam.» (*Ibid.* p. 734).

Nas posturas de Coimbra de 1145, estabeleceu-se que os telheiros não fabricassem telhas sem irem primeiro ao almotacé e receberem fôrma para as fazerem e impunha-se-lhes que fossem bem cozidas: «Tegularii non faciant tegulas usque veniant ad almutazeb, et faciant illas per formam quam eis dederint et sint bene cocte. (*Ibid.* p. 743).

Os costumes e foros de Castello-Melhor estabelecem disposições curiosas sobre as telhas e ladrilhos: «Todo telleyro que tela o ladrelo vendiere e per agoa se dañare ante de anno canbielo, e si non quesier peyte IIII morabitinos e canbie el ladrillo e la tela, e de del mill e cc tellas por I morabitino, e esso mismo de los ladrillos, e si menos diereu peyte IIII morabitinos.» (*Leges* I, p. 926-927).

Num documento de 1008 menciona-se uma casa completa com o seu telhado: «una casa integra tegliata». *Diplomata et chartæ* n.º 197, p. 121. Noutro de 1016 fala-se de casas cobertas

e sem cobertura: «casas coopertas et sine tegumine». *Ibidem*, n.º 230, p. 143.

Nas *Posturas antigas de Evora*, 1375-1395, *Titulo dos telheiros*, vem a conta do custo de uma fornada de telha de 10 milheiros. Gabriel Pereira, *Documentos historicos da cidade de Evora* I, p. 141.

10. **Caeiros**

Tambem os caieiros (por *caleiros*, de *cal*, lat. *calx*, *calcem*) pertencem às industrias de construção e a êles achamos referencias na literatura e documentos medievais.

Um *caeiro* figura na lenda do pagem e da Rainha Santa Isabel, versão da lenda conhecida pela redacção de Schiller com o nome de Fridolin, e em que na versão portuguesa-galega de Afonso X de Castela figura um certo conde, que corresponde ao rei D. Dinis da portuguesa. Vid. *Contos populares portuguezes* (Lisboa 1879), p. XXVII e segg.

No *Titulo dos Caeiros* das posturas antigas de Evora lê-se: «mandaram que os caeiros por as grandes malicias que fazem em a dita cal... por as argaaes que tragem pequenas, porem acordaram que nenhum venda salvo por argaaes desta marca e medida, hua vara em longo, a fora o abajamento (leia-se *abaixhamento*), e meia em ancho». Gabriel, *Documentos historicos da cidade de Evora* I, p. 149.

11. **Fiação e tecelagem**

A fiação do linho e da lã, pequena industria feminina e de veneranda antiguidade, exigia apenas uma curta e facil aprendisagem e era sem duvida exercida por mulheres de varias classes sociais. Ainda no seculo passado havia meninas nobres que fiavam na roca. Estevão Coelho, um poeta do *Cancioneiro da Vaticana*, celebrou uma fiandeira:

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,
sa voz manselinha fremoso dizendo
cantigas d'amor.

Sedia la fremosa seu sirgo lavrando,
sa voz manselinha fremoso cantando
cantigas d'amor.

N.º 321.

As ovelhas eram naturalmente um elemento importante da propriedade agricola e achamo-las muitas vezes mencionadas nos antigos documentos. O linho era bastante cultivado, como nos provam as suas frequentes menções. [1]

Os tecidos de lã da Hispania tinham sido afamados na antiguidade ou pela sua finura ou pelas suas belas côres naturais.

Outra materia prima do vestuario mencionada nos mais antigos textos da lingua é o algodão:

Numa poesia de D. Afonso de Castela e de Leão (A. X.) lê-se:

> Vy hum coteyffe de muy gram granhom
> com seu porponto, mais non d'algodom,
> e com ssas calças velhas de branqueta [2].

«Et cobitus de meliori branqueta de Camina valeat unam libram». Lei de 1253. *Leges* p. 193.

Noutra poesia de Afonso Lopes de Bayam:

> Mays trax perponto roto sen algodam
>
> Canc. do Vat. n.º 1080.

«... et omnia perfia uel utensilia usque ad minima agulia omnia confero uobis pro remedio anime mee». *Diplomata et chartæ* a. 1012 n.º 217 p. 133. (Cf. o passo seguinte: casas cum omni illorum perfia que ad prestitum hominis est. *Ibidem* a. 1036, n.º 290 p. 177).

Em *agulia* há uma falsa latinisação por ignorancia de que o suf. dim. *-ulha* port. correspondia a *-u-cula* lat. *(acucula)*. Caso analogo se dava com *obelia* por *ovicula*, ovelha «uacas et obelias». *Ibidem*, a. 985, n.º 147, p. 9. 2. «II obelhas». *Ibidem*, a. 973, n.º 110, p. 69.

Mencionam os antigos documentos varias substancias tintoriaes: o anil, p. ex. no foral de Santarem de 1179: «de carrega de anil vel de pannis»). *Portugal. mon. hist., Leges* I, p. 407); assim

[1] Já celebrado por Plin. Hist. nat. XIX. cap. 1 e 2: «Et ab his Hispania anterior habet splendorem lini praecipuum torrentis in quo politur natura, qui adluit Tarraconem, et tenuitas mira ibi primum repertis carbasis. non dudum ex eadem Hispania Zoelicum venit in Italiam plagis utilissimum, civitas ea Gallaeciae et oceano propinqua». Castro de Avelãs fica no territorio dos Zoelas.

[2] *Cancion. do Vaticano* n.º 62.

como a grã, p. ex. no mesmo foral: «de grana unum morabitinum» *(Ibidem)*. O mesmo no foral de Lisboa de 1179. *(Ibidem* p. 412).

A grã (de carrasco) era um produto indigena que durante tempo foi objecto de monopolio. O contrato que sobre ela havia com a coroa só veiu a acabar pela lei de 18 de junho de 1499, que permitiu que a apanhasse dai em diante quem quisesse e a vendesse para qualquer parte, até para fora do reino.

Na canção n.º 1062 do *Canc. do Vaticano* falla-se de

color de morece scuro.

assim como de

color d'escarlata roxa.

Varios tecidos tiravam o seu nome da côr, sem que se possa dizer se eram tintos ou branqueados artificialmente.

Senhor, justiça vimos pedir
que nos façades e faredes bem:
da gris furtaram tanto que porem
non lhy leyxaram que possa cobrir.

Canc. Vat. n.º 86.

Noutros versos citados acima falla-se da *branqueta*.

Se carecessemos de prova da transmissão da arte de tecer entre nós desde o dominio romano, bastaria a nomenclatura da arte de tecelagem para no-la demonstrar: *tecer* (texere), *trama* (trama), *ordir (ordire, ordiri)*, *teia* (tela), dai *tear* (em latim, *textrina, tela*), o *liço (licium)*, *fio (filum)*. *Assedar*, à letra dar à *estriga* (lat. *striga*) o aspecto de fio de *seda* (lat. *saeta*), dai *sedeiro*, *assedadeira*. Mas *roca* é de origem germanica (antigo alto alemão *roccho*), emquanto *fuso* é latino *(fusus)*. Segundo D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, *dobar*, por *debar*, representa um lat. *depanare*, der. de *panus*. J. Cornu propôs para *novelo*, por *lobelo*, a etimologia lat. *globellum* (cp. *lande* por *glandem*).

Tambem o termo *coser* (do latim *consuere*), *costura (consutura)*, *agulha (acucula*; vid. acima), *linha (linea)*, são de formação puramente popular, de base latina.

Nuns versos de Pero da Ponte faz-se uma das mais antigas referencias às artes de *tecer* e *coser* que posso apresentar em a nossa lingua:

E quen d'aver ouver saber
non ponha sa filh'a tecer
nem a cordas, nem a coser,
neutr'esta mestra aqui for.

Canc. do Vat. n.º 1185.

Segundo todas as probabilidades, *cordas* nesse texto significa *alamares*, como *encordada* no seguinte «com alamares» (¹):

De grado queria eu saber
destas que traem savas encordadas,
em que s'apertam muy prontas negadas,
se o fazem pelos ventres mostrar.

Canc. Vat. n.º 75.

Tambem «cintas sirgados» noutro verso da mesma composição significa talvez uns «alamares de seda».

12. O linho

Nos forais menciona-se varias vezes uma parte do linho produzido a pagar como contribuição: «Et de linum unum manipulum» For. Miranda. *Port. mon. hist., Leges* I, p. 373. O mesmo no Foral de Arouca: *Ibidem* p. 377. «De lino autem unam partem». *Ibidem*. «De lino... decimam». For. Santarem (1179). *Ibidem* p. 407. O mesmo no de Lisboa, p. 412 e Coimbra, p. 416.

O pano de linho é referido muitas vezes: «bragal de panno lineo». Doc. 1085, n.º 336, p. 380. *Diplom. et chartae*. O mesmo Foral da Ega, 1231. *Leyes* I, 622. O bragal era propriamente a quantidade de pano para fazer umas bragas, generalizou-se porem como nome de uma medida de pano e ainda como o valor em dinheiro desse pano, sobre o que pode ler-se Santa Rosa de Viterbo, *Eluc.* s. v. bragal. Isso explica como no doc. de 1085 o bragal de pano de linho é recebido em pagamento duma leira de terra.

Num doc. de 924 se menciona uma *vestimenta altaris linea* et birso retortci. *Port. mon. hist., Diplom. et chartae*, n.º 18, p. 18.

Numa versão castelhana publ. por Milà y Fontanals, dum

(¹) Se não me falha a memoria, a explicação *atacadores* foi já dada pela snr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, no seu estudo sobre *Der Ammenstreit*.

jogo que se encontra em Portugal com o nome do *Jogo da condessa*, etc., há as palavras:

De Francia vengo, señora,
De por hilo portugués,
Y en el camiño me han dicho
Que buenas hijas tenés.

Esse *fio portugues* será o da seda produzida pelo sirgo, que noutros tempos foi largamente cultivado nalguns pontos do nosso país, ou o do linho, que se fiava muito finamente no Minho e de que há anos eu vi bonitos novelos em caixas? O *sirgo* da poesia de Estevão Coelho, que tem exactamente o ritmo duma composição do poeta Gonçalves Crespo, era, sem duvida, o fio de seda.

Mães e filhas de boas familias ainda não ha muitos anos abandonaram o costume de fiar o linho, como as boas matronas romanas fiavam a lã.

O que nos antigos documentos se designa por *lenzos* eram provavelmente objectos de tecido de linho, como *linteum* significa em latim primordialmente, ou de estopa nalguns casos: «uno lenzo XIIII cubitos». *Diplomata et chartae* a. 1054, n.° 391, p. 238. «accepimus de uos pretio in offertione illos lenzos de sarpilanes qui nobis laxatis. *Ibid.* a. 1026, n.° 261, p. 178». III lenzos *Ibid.* a. 1026, n.° 261, p. 161.

Sarpilanes liga-se ao nosso *serapilheira*, francês *serpillère*. *Lenzo* vive na forma *lenço*, como lat. *linteolum* em *lençol*.

Nos mesmos documentos achamos memoria de varios objectos de tecidos de seda: «I.ª adorra (parece ser um vestuario feminino) siricea collore uiride». *Ibid.* a. 1037, n.° 295, p. 180 «uestitum matronile atorras de sirgu». *Ibid.* Escritura dotal de 946, n.° 56, p. 32, «acebimus proinde de uos una mula apreziata in centum solidos, et uno pano de sirgo in quadraginta solidos». *Ibid.* a. 1012, n.° 218, p. 133, «uno lenzo tiraz et una almucella serica et uno alifat». *Ibidem*, a. 1092, n.° 791, p. 470.

No *Regimento da cidade de Evora*, do tempo de D. João I, achamos a nomenclatura das operações por que passava o linho antes de ser fiado: *mondar linho, arrincar, ripar, lavar o dito linho, maçar, tasquinhar, pentear o linho*. Gabriel Pereira, *Documentos historicos da cidade de Evora* I (Evora 1861), p. 142.

Essa nomenclatura, que todavia é incompleta, conserva-se ainda na tradição com variantes.

Depois das operações propriamente agricolas, até o linho estar *maduro*, *arranca-se* o linho, *emmolha-se* (ajunta-se e enfei-

xa-se em molhos), *limpa-se* ou *esbaganha-se* ou num *ripador* ou *batendo-o* num pano extendido no chão; depois *curte-se (cortir* do lat. *conterere)*, o que se faz por *maceração* ou ao *tempo*, segundo os processos tradicionais; segue-se a *secagem*, a *escolha*, a *massagem* ou *gramagem* (que se faz com um maço ou *gramadeira)*, ou *pisado*, ou ainda *malhado* na eira; ainda depois é *estortegado* ou *trilhado* à mão ou em maquina especial, (*trilhar* aplica-se tambem à operação com a gramadeira, segundo parece). E' então que o linho experimenta a *espadelagem*, *tasquinhagem* ou *tanou*, que se faz com a *espadela*, especie de cutelo de madeira, contra uma tábua fixada num estrado ou cepo, ou contra um cortiço posto a pino. A preparação do linho para ser fiado termina pela *assedagem*. Pode ler-se a descrição dessas operações, em J. Ignacio Ferreira Lapa, *Technologia rural*, III (Lisboa, 1871), p. 234-243. Vid. tambem M. de Melo Nunes Geraldes, *Monografia sôbre a indústria do linho no distrito de Braga* (Coimbra, 1913).

O que *maçava*, sem duvida por processo diverso, chamava-se *maçom*, feminino *maçadeira* «que os *maçõees* e *maçadeiras* e *gramadeiras* levem as arestas fora em lugar honde he mandado que lancem os estercos ...». Gabriel Pereira, *Ob. cit.* I, p. 130.

Nos *Extractos das posturas antigas* da Camara de Evora (1375-1395) achamos o seguinte *Titulo* dos tecellaães e tecedeiras: .... que os tecellaães e tecedeiras teçam (terçam) a vara do burell a 4 dinheiros.

... que teçam a vara dos costaaes a 6 dinheiros.

... a vara das argaaes trigueiras a 18 dinheiros [1].

... que teçam a maão do linho avincado, do estreito, a soldo a vara...

... a vara do linho delgado, 20 dinheiros.

... a vara do pano ancho, e do linho avincado a dous soldos.

... a vara do linho ancho e delgado 2 soldos.

... a vara dos mantees anchos e delgados 3 soldos.

... a vara dos almadarques de correes delgado a 2 e meio soldos, e da mais grossa 2 soldos».

No Regimento da Cidade de Evora do tempo de D. João I achamos as seguintes disposições acerca das mesmas industrias:

«It. a peça de cocedra acedrenchada.

---

(1) A *argã* parece que seria uma especie de saca: «as argaans em que os carvoeiros ham de trazer o carvom sejam de duas varas e dem a argaam. *Regimento do tempo de D. João I. Ob. cit.* p. 180.

It. por a peça de cocedra branca caseeira.
It. por vara de pano de treez streyto pera gibões.
It. por vara de pano de lynho de perampo.
It. por vara de pano de estopa de perampo.
It. por vara de pano de perampo de mantees delgado.
It. da vara de pano de lynho streyto.
It. da vara da estopa delgada.
It. da vara destopa mais grossa.
It. da vara dos mantees de pano destopa delgada.
It. da vara do pano destopa de perampo.
It. da vara do pano para lençooes delgado.

It. todo tecellam ou tecedeira que tomar fiado sem peso por cada vez pague XX rs.

It. qualquer delles que levar mais que o que lhe aqui he mandado por a primeira vez pague XX rs. E por a segunda XXX rs. A. E por a terceira sejam presos e paguem da cadeia L. rs. A.

E assy cada vez que dhi em diante passarem a dita hordenaçom.»

Como as outras industrias medievais e ainda de tempos posteriores, a da tecelagem estava sujeita a rigorosas prescrições municipais.

F. ADOLFO COELHO.

Nota a pag. 1

Segundo o snr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (*Religiões da Lusitânia*, t. III, Lisboa, 1913, p. 553-554, nota 7), deve ler-se a data da inscrição de Vairão como abreviatura de era de 1073, equivalente a ano de 1035.

F. A. C.

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

Na revista — *O Ave* [1] — cuja publicação foi interrompida, prometi dedicar-me á colheita das tradições populares da minha terra.

Comecei logo a desempenhar-me um pouco ás cegas da obrigação contraída, aproveitando o pouco tempo das férias.

No fim de Setembro de 1912, tinha reunido uma pequena colecção de romances, contos tradicionais, ditados, superstições, vocábulos populares, etc.

Tive de vencer grandes dificuldades, bem compensadas pelo prazer intenso de ver aumentar dia a dia os meus mesquinhos apontamentos.

Explorei apenas três freguesias (Areias, Palmeira e S. Martinho de Bougado), e tenho a certeza de que mesmo aí muitas riquezas se conservam ainda ignoradas.

Não pode ser segredo para ninguem a abundância enorme de materiais perdidos pelo concelho de Santo Tirso.

Devem persistir no espírito popular tradições importantissimas ligadas aos factos que os arqueólogos têm trazido á luz: antas, castros, machados pre-históricos, moedas romanas, etc.

E lá andam ainda os ciprianistas com os seus livros desgastadissimos á procura de tesouros, recitando as rezas dentro do

[1] Desta revista, que começou a publicar-se em junho de 1912, saiu apenas uma série de seis números. Pena foi que Santo Tirso não pudesse sustentar tão bela empresa, em que pôs toda a sua alma o meu amigo Dr. José C. de Andrade.

sino-saimão, e arriscando-se á fusilaria e aos trovões que afugentam os medrosos.

— As ruinas das *torres* [1], as minas que vão ter aos rios, conservam-se povoadas de Mouras, que cantam suavemente, enquanto fiam as suas meadas de ouro e levam os cavalos a beber.

— Como não deixariam vestígios os amaldiçoados Franceses, se os pobres lavradores, temerários, mas valentes, esboçaram um arranco de defesa e foram implacavelmente esmagados?

— Por iniciativa do inteligente e erudito abade da vila, rev. Pedrosa, que se acoita atrás de uma invencivel modéstia, enquanto muitíssimas nulidades julgam roçar pelas estrêlas, pode ver-se na estrada de Santo Tirso a Famalicão um monumento, que comemora um encontro entre fôrças miguelistas e liberais; e Camilo na *Brasileira de Prazins*, livro preciosissimo para quem desejar conhecer a fundo a linguagem popular dos dois concelhos vizinhos, deixou acorrentado a um ridiculo eterno, talvez imerecido, um ataque de populares, acaudilhados por um miguelista, á vila de Santo Tirso.

— Acrescente-se a tudo isso a influência exterior, e poderá fazer-se um cálculo aproximado da colheita susceptivel de se fazer.

E' possivel, por exemplo, que viesse de fóra a seguinte crença, colhida na Palmeira:

— *Estar o pão com o debaixo para cima é sinal de ladrão ou pessoa perigosa á mesa.*

Segundo nos diz W. Scott nos *Tales of a Grand Father*, depois que o traidor Menteith entregou Wallace, voltando um pão com a base para cima, passou a considerar-se como prova de indelicadeza o voltar o pão assim, havendo entre os convivas uma pessoa chamada Menteith.

*

Na falta de — *O Ave* — resolvi recorrer á *Revista Lusitana* para nesta ir arquivando os materiais descobertos.

Não estabeleço programa. Tentou-me a principio o seguido pelo meu malogrado amigo e grande investigador Gomes Pereira (*Revista Lusitana* v. IX pag. 29).

---

(1) Emprego aqui esta designação por o povo ter consagrado com o nome de *Torre Alta* um lugar de Areias onde existiu um castelo. *Torre* é todo o edificio de altura respeitavel.

Mas para isso precisava demorar alguns anos a publicação das notas colhidas.

Preferi lançá-las um pouco desordenadamente ao papel. Depois talvez organize uma obra mais metódica e mais vasta.

Por feliz me darei se entre as notas publicadas aparecer alguma inédita, capaz de utilisar àqueles que mais trabalham pelo bem estar e pelo futuro da nossa pátria.

I

Ensalmos

Alguns padres movem guerra de morte aos ensalmadores.

Contou-me uma talhadeira de S. Martinho de Bougado que fôra obrigada a fazer confissão *gèral* rigorosíssima por ter manifestado no confessionário habilidade tão pecaminosa.

O susto foi tanto, que a pobre velha não tornou a talhar: As palavras desapareceram da sua memória, mas... a crença na virtude delas ficou.

Outros sacerdotes, mais condescendentes, não atribuem mal ás rezas, e, com os olhos postos na sentença — *a fé é que nos salva* — chegam a submeter os achaques próprios aos esconjuros milagrosos.

A crença não subsiste apenas nas massas ignorantes: Indivíduos relativamente ilustrados não duvidam recorrer aos feitiços: uns, porque acreditam na eficácia do remédio; outros, incrédulos, mas pouco seguros nas suas opiniões; e muitos para não abalar as esperanças de parentes e amigos.

Quando as ideas estão assim enraizadas, não ha proibições, divinas ou humanas, que possam destrui-las por completo e de pronto.

Nas minhas investigações depararam-se-me as fórmulas, que abaixo reproduzo, conservando algumas das quais o seu cunho antiquíssimo, vendo-se nelas palavras, que já não aparecem na linguagem comum.

Isto pode ter duas explicações: Ou as rezas não são de origem popular, ou as palavras desapareceram dos usos quotidianos.

Parece-nos ser a última a explicação verdadeira.

I

Para talhar o sol [1]

Quando o sol *se ferra* [2] na cabeça de alguem, pega-se num copo de água fria e *chapa-se* a bôca do copo num guardanapo *de olhos* dobrado. Põe-se o aparelho sobre a cabeça, ficando o copo com o fundo para o ar.

Se ha sol, a água começa a ferver.

E adei [3], fervendo a água a *scacholar*, reza-se três vezes e três por cada vez:

*

a) *Q'ando* S. Clemente andou pelo mundo
A talhar o sol,
Com que o talharia?
Com uma toalha *d'olhos*
E um copo *d'auga* fria,
Padre nosso, ave maria.

b) *Q'ando* S. Clemente andou pelo mundo,
Sol e vento soão [4] talharia
Com uma toalha *d'olhos*
E um copo *d'auga* fria.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,
E apóstolo *S. Selibestre* [5]
Tudo que eu fizer tudo preste,
Nosso Senhor *Jasu Cristo*, [6] seja aqui o verdadeiro mestre.

No fim reza-se um padre nosso e uma ave maria.

*

[1] Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 117 e *Trad. pop. de Port.* por Leite de Vasc., pag. 14. Porto. 1882.

[2] A minha informadora disse-me que a cabeça doia ás vezes por o sol a ter *cobrado*. Julgo que *cobrado* está por quebrado. Cfr. *cobrar* um cortiço — tirar os favos arrancando as *trancas*.

— Na *Farça dos Fisicos* de Gil Vicente diagnostica mestre Anrique:

«Tiene el sol en la cabeza
Del verano que pasó».

[3] E' vulgar ouvir-se: *E adei?* — então?, o que ha?; *e adei óspois*. . . — depois. . .

[4] Ao vento soão atribue o povo vários malefícios, como pode ver-se do provérbio: *Vento soão tira vinho e não dá pão* — Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 48.

[5] E' vulgar ouvir *Selibestre* por Silvestre.

[6] *Jasus* junto de Cristo soa *Jasu*. Fenómeno semelhante vem comentado em nota do *Crisfal* — ed. de Epif. da Silva Dias pag. 44. E' parece-me, um caso de dissimilação.

2

Para talhar o ar [1]

Depois de fazer o sinal da cruz, pega o talhador numas contas e passa-as por cima da cabeça do *arejado* três vezes, dizendo:

F. Deus te deu
E Deus te criou,
Deus te *desencanhe* [2]
Se alguem te *encanhou*.
Estás *arejado*,
Ou enfeitiçado,
Ou apertado,
Ou em mal olhado?
Eu te *desinfeitiço*,
Eu te *desinligo*,
Eu te desaperto.
Talho o ar de noite e de dia,
Ar de cima e ar de baixo.
Ar do norte e ar do sul,
Ar da chuva, ar de sol,
Ar de *lũa*, ar de vento,
Ar *scuro*, ar de *strèlas*,
Ar *bareiro* [3] ar *d'incríbelo* [4].
Tudo talho, degrado
P'r'ás ondas do mar coalhado
Onde não ouça galinha, nem galo.
Se é mal de inveja [5],
Se é *cieta* [6],
Ou corrimento,
Eu te talho e degrado

---

(1) Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 29. Uma mulher não pode estar fora da porta com um menino ao colo ao tocar das Trindades. E' preciso meter-se para dentro de casa ou entregar a criança a um homem, para impedir os ataques do ar ruim.

(2) O *Novo Dicion.* regista *encanhotado* — que tem enguiço —, e no *Dicion. de Moraes* (6.ª edição, única que tenho à mão) aparece — *encanho*, embaraço.

(3) Ar *bareiro* deve ser o que vem dos lados de Ovar. *Vareiros* são aquêles que vendem sardinhas de Ovar. O povo pronuncia — *do Bar*.

(4) O *Elucidário* de Viterbo contem o termo *encreo* — incrédulo, judeu, hereje — que agora se vê na segunda edição do *Novo Dicion.* sob a forma — *incrêu* — e com a nota de *ant.*.

Costuma pronunciar-se *incríble* por incrivel, e não me repugna crer que *incríbelo* seja um caso de etimologia popular por se ter obliterado o Vocabulo *in-crêu*, tanto mais que o ensalmo se refere tambem ao ar de excomungado.

(5) Um pobre da minha terra pedia assim: *Aqui está um pobresinho que padece de mal de inveja* . . .

(6) Deve ser sciática.

Para as ondas do mar coalhado
Onde não ouça galinha, nem galo.
Eu talho todos os males que estiverem em ti.
Talho ar de excomungado,
Onde não ouça galinha nem galo [1].

3

Para talhar a erisipela

Pode talhar-se a erisipela com um ramo de oliveira, com sempre-verde [2], com terra e água fria, e com silva.

a) *Com um ramo de oliveira:*

Q'ando Deus andou pelo mundo
Pedro Paulo [3] encontrou,
E o Senhor *le prèguntou:*
— Pedro Paulo, que vai por lá?
— Senhor, morre *muinta* gente
De *zipéla* [4] e *zipelão* [5].
— *Pedro Paulo* torna lá
Com três raminhos de oliveira
Qu'a zipela secará.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
E apóstolo S. Tiago
. . . . [6]

---

(1) Creio estarem condensadas aqui três fórmulas: uma para os ares, outra para as doenças e a terceira para os excomungados.

Nenhumas explicações puderam tirar-se da informadora, que tem mais de oitenta anos, acêrca do *aranzel*.

E' da mesma o dito picante:

Talhar o ar
Com palhas alhas
E *fremento* cru
Quem tiver diabo
Bota pelo c . . .

(2) O sempre-verde empregado é o sabugueiro.

(3) V. sobre a aliteração *Lições de Philologia Portuguesa* pelo Dr. J. Leite de Vasconcelos, pag. 315.

(4) Como se vê, o povo acentua correctamente a palavra.

(5) Lê-se na *Gaz. dos Hosp. do Porto*, IV ano, pag. 23: «Ainda hoje o povo do Minho pronuncia — erisipela — dando êsse nome a variadas dermatoses. Em geral a moléstia é *talhada* por uma mulher, mas ha casos que resistem à singular terapêutica. Trata-se então dum *erisipelão macho*, que só desaparece sendo talhado por um homem».

— Sabemos que a informação do redactor da *Gaz.* foi colhida em Santo Tirso.

(6) O resto como no ensalmo 1 (b).

b) *Com o sempre-verde* (1):

Sempre-verde venerado:
Na campa de nosso Senhor foste achado.
Nem foste *prantado*,
Nem *samiado*.
Sara-me esta *zipela*,
Este ruborado.
Pelo poder de Deus (2)...

c) *Com a hera e água fria:*

A zipéla foi *p'r'ó* monte
A chorar e a *brèdar* (3).
Quem *l'*acudiria?
Foi a hera
E a *auga* fria.
Pelo poder de Deus...

d) *Com silva:*

Eu talho a rosa vermelha,
Que come, *prói* (4) e dói,
Eu a talharia com sal do mar e *auga* da fonte,
Azeite de *oliva* (5) e erva do monte
E tudo quanto eu vir de fronte (6).
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,
Que me ensinou que eu nada sabia.
Pelo poder de Deus e de S. Silvestre (7),
Nosso Senhor é o verdadeiro mestre.

---

(1) Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 40 (versão de Famalicão) e 122.

(2) O resto como no antecedente.

(3) Cfr. *Prèguntou* no ensalmo 3 (a). Ouvimos a muitas pessoas: *gèral*, *gèração*, *gèradoiro* (=gravidez), etc.

(4) Naturalmente corrução de *prue*, provocada pelo som da palavra *dói*.
Não conheço outro caso de emprego popular do verbo *pruír*.
No *Auto da Barca do Purgatório* de Gil Vicente, diz um *lavrador*:

«Qu'a mim já me *pruem* os pés
Para me passar daqui.»

(5) Nunca ouvimos empregar *oliva* por azeitona ou por oliveira na linguagem popular de Santo Tirso.

(6) Entre os materiais não aparece a silva. Haverá lapso do informador?

(7) O informador era um alfaiate de Areias. Ora os alfaiates, embora muito satirizados pelo povo, como símbolos de cobardia, presumam em falar bem. Daí o emprego de Silvestre por *Selivestre*.

4

Para talhar um ruborado [1]

Sempre-verde, *mi* [2] honrado
Na campa de *Jèrusalem* foste *assinado*.
Talha-me êste fogo, êste ruborado,
Esta dada, êste ar,
Esta *zipela*, êste *zipelão*,
E livra-me de todos os males que aqui estão.
Pelo poder de Deus, de S. Pedro e S. Silvestre.
Nosso Senhor é o verdadeiro mestre.

5

Para talhar uma dada [3]

a) Deitam-se cinco bocados de vides de *lata* [4] numa malga com água e terra, dizendo-se:

Um *home bô* me deu pousada,
Mulher má me fez a cama,
Em vides, lôdo e lama,
Abaixa-te *dada* [5].

Mete-se a mão na água da malga e passa-se por cima do *peito* doente, enquanto se dizem aquelas palavras nove vezes da primeira, oito da segunda, sete da terceira e assim sucessivamente.

No fim passam-se umas contas [6] por cima do peito e diz-se: Jesus! Jesus! Jesus!

---

(1) Ruborado é qualquer vermelhidão.

(2) *Mui?* Não me lembro de ter ouvido ao povo *mui* por *muito*. Inclino-me para que *mi* esteja por *de mim*, a não ser que a forma não seja popular, mas sim popularizada. Devo dizer tambem que a palavra *assinado* não foi encontrada por mim como sentido de assinalado, fora dêste ensalmo.

(3) A dada é um abcesso nos *peitos* das mulheres, ou nas têtas dos animais. Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 178.

Para o *Novo Dicion.* a dada é apenas um abcesso no úbere das vacas.

(4) Latada, ramada.

(5) Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 208.

(6) Terço ou rosário.

b) Tambem ha quem talhe as dadas com um pente, empregando uma fórmula que termina:

. . . .
. . . sai-te desta mama [1]

6

Para os unheiros [2] nos olhos

a) S. João, S. José e Santa Luzia,
Talhai-me êste *unheiro* e esta *bolida*,
E o milagroso S. Vicente
Que nos dê vista corrente
E nos livre dêste mal para sempre.

b) Usam-se umas *contas da casa santa* [3].

Jasus, nome de *Jasus*,
Que é nome de toda a virtude,
Unheiro verde, seque em parede,
Tambem seca a quem o talhar,
Só a Virgem Nossa Senhora é que o poderá tirar.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria . . .
. . . .

7

Para talhar a bolida

Bastam três *greirinhos* de trigo e um copo *d'auga à beira*. Depois do sinal da cruz, pronunciam-se as palavras seguintes:

Jasus, nome de *Jasus*,
Qu'é nome de toda a virtude,
S. João e Santa Luzia,
Me *sare* esta *bolida*.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 116.

(2) Nem só ao abcesso na raiz das unhas chama o povo *unheiros*. Cfr. Gomes Pereira. *Ling. pop. de V. Real*, pag. 82. *Olheiro*, que não conhecemos, podia transformar-se em *unheiro*. Será um caso de etimologia popular?

(3) A minha informadora diz que o *unheiro* aparece poucas vezes. Mostrou-me um rosário de contas pretas, grandes, que eram das tais da casa santa.

8

Para talhar um treçogo [1]

Deitam-se num copo com *auga* nove *greiros* de trigo, talhando-se com um de cada vez.

S. José, Santa Ana, S. Joaquim e Santa Luzia,
Talho *unheiros* e rasgo *bolidas*.
Em louvor de S. Silvestre,
Tudo o que eu faço tudo preste.
Que Nosso Senhor seja o verdadeiro mestre.

9

Para talhar o pé aberto [2]

a) Deita-se água a ferver num *panelinho*, colocando-se êste de fundo para o ar. Se fôr o mal de *pé aberto*, o panêlo *assorbe a auga p'ra riba*.

Põe-se depois o pé em cima, e, pegando o ensalmador num novêlo e numa agulha, vae cosendo e preguntando:

— Eu que coso? [3]

Responde o paciente:

— Carne *cobrada*, fio *stroso* [4]
— E' isso mesmo que eu coso.
Pelo poder de Deus . . .
. . . .

[1] Treçol. Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 39 e 40. Tenho idea de ouvir na minha infância: «*Aque d'e'rei* quem acode *ó fogo* na casa do *treçogo!*»

[2] Fica o *pé aberto*, quando se dá um estorcegão, que deixa os fios desmentidos. O *Novo Dicion.* considera o *estorcegão* como um beliscão forte — sentido pelo menos insuficiente. No mesmo dicionário vem *desmentir* como *t. bras.*, quando se pode ver no *Dicion. de Morais* que se trata de um vocábulo clássico.

[3] Cfr. *Rev. Lus.* v. x, pag. 218.

[4] Variante: «Fio desmentido, *fio stroso*». *Stroso* deve ser palavra formada pela rima. Talvez estivesse no ensalmo — *estorço*. No *Dicion.* de Morais encontra-se o ditado: *Na barba do homem estroso, aprende o barbeiro novo*. Aqui estroso é sinónimo de tolo, tantó que em Santo Tirso se diz: *Nas barbas do tolo aprende o barbeiro novo*.

b) Põe-se um púcaro de água ao lume. Quando a água *está em cachão*, deita-se num alguidar, ficando o púcaro *emborcado* [1] de fundo *p'ra riba*. Coloca-se uma tesoura em cima do fundo e o membro doente sobre a tesoura. O talhador pega então numa maçaroca e numa agulha enfiada e vai cosendo pela maçaroca:

Eu que coso?
— Mão aberta, fio torto.
— Isso mesmo é que coso e recoso
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.
Apostolo S. Tiago,
Milagroso S. *Selibestre*
Tudo qu'eu faço . . .
. . . .

10

Para talhar as bichas [2]

a) Bichas,
Se comeis e não andais,
Graças a Deus não deis,
Sêcas, mirradas sejais.
Pelo poder de Deus . . .
. . . .

b) Talho bichas *lòrinas* [3]
De toda a nação,
Grandes e pequenas.
Em louvor de S. Silvestre . . .
. . . .

Começa-se por dizer o ensalmo nove vezes, seguindo-se depois a ordem do n.º 4 (a).

---

[1] Foi a primeira vez que ouvi empregar esta palavra pelo povo.

[2] O povo exagera muitíssimo os malefícios das *bichas*. Muitas crianças morrem por falta de tratamento conveniente, enquanto os pais e vizinhos vão repetindo: *São bichas* . . .

Prende-se a crença por certo às explicações das doenças, dadas pelos antigos charlatães.

[3] Esta fórmula não foi ouvida por mim e por isso não posso garantir que fosse *lòrinas* o termo empregado pela informadora. Mas creio que sim. Vejo até nessa paavra uma certa relação com *loris*.

11

Para talhar as impigens [1]

Impija, [2]
Rabija, [3]
Sai-te daqui,
Assim como eu hoje,
Não comi nem bebi.

12

Para talhar as inguas [4]

Vira-se a gente para uma estrêla pequenina. Chega-se o dedo á saliva e anda-se com êle á volta da ingua:

Strèla,
A minha ingua,
Diz que seques tu
E *alumeie* ela,
Eu digo que *alumeies* tu
E seque ela.

(Padre Nosso, Ave Maria).

13

Para talhar o bicho ou côbro [5]

Eu te talho,
Bicho, bichão,
Côbro, cobrão [6],

(1) Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 240.

(2) Pronuncia-se geralmente *impige*, *cage*, *saurbage* (selvagem), *home*, etc. No ensalmo aparece *impija* por influência de *rabija*.

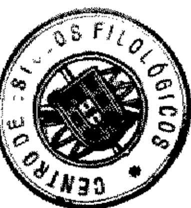
(3) Será a palavra *rabiga*, que aparece no conto popular — eu sou a formiga *rabiga* . . . — modificada em virtude da rima? Não me custa a acreditar tambem que de *rabiar* formasse o povo *rabija*, visto que as impigens costumam provocar um certo prurido.

(4) Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 29.

(5) Cfr. *Trad. pop. de Port.* pag. 122 e 142.

(6) O côbro é uma espécie de erisipela. Em S. Martinho do Bougado ouvi empregar os termos *cobrão* e *cibrão* como masculinos de *cobra* e *cibora*.

Aranha aranhão,
Sapo, sapão,
Centopeia, centopeião [1],
Largato, largata, largatão
E bicho de toda a nação.
E te talho e torno a talhar.
Em louvor de S. Silvestre . . .
. . . .



14

Para talhar o bichoco [2]

Deitam-se cinco raminhos de funcho em água com sal e cinza. Talha-se com um raminho de cada vez.

Pela ponte d'Este passei
E *Jasu Cristo* encontrei
E *le pròguntei* [3]:
O que se faz ó bicho, bichoco?
Vai *p'ra* casa e *talh'ó*
Com funcho, e cinza, e sal,
E água da *Fonte Pedral* [4],
Que *num* cresças, nem *peneças* [5]
E juntes os pés *co'a* cabeça.

(1) Ha uma repugnância especial pelas centopeias, afirmando-se que elas costumam meter-se pelos ouvidos.

(2) O bichoco nas crianças são as fezes de côr verde. Nos mêses de calor principalmente ha uma grande mortandade provocada pelas enterites. E o povo limita-se a talhar.

(3) Ouve-se *prèguntar*, *prògutar* e *preguntar*.

(4) Não conheço nenhuma fonte com êste nome. O ensalmo veio de fora por certo, talvez do Porto.

(5) Duma criança *enfezada* diz-se: *num cresce, nem penece*.

II

Medicina e cautelas supersticiosas

1 — As mulheres grávidas não podem cheirar flores. Se alguma o fizer, o filho aparecerá com rosetas pelo corpo (Areias) [1].

2 — Se uma mulher trouxer uma chave á cinta durante a gravidez, sairá a criança com o beiço rachado (Areias) [2].

3. — As crianças nascem com o cordão pelo pescoço, se as mães tiverem passado em estado de gravidez por baixo de corda ou de arame (Santo Tirso).

4 — Alcançando, não podem as mulheres coser a roupa no corpo.

Se o fizerem, a criança não nascerá enquanto a roupa não fôr descosida (Santo Tirso).

5 — E' indispensavel dar aos recêm-nascidos água do primeiro banho (Areias) [3].

6 — Para haver felicidade, é preciso deitar dinheiro na água do primeiro banho (Areias) [4].

7 — Enquanto os meninos não são baptizados, é preciso ter ao pé dêles uma luz a arder durante a noite (Areias).

8 — E' crença muito espalhada a de que as mulheres parem ás vezes bichos que saltam pelo quarto (Palmeira, Areias e Santo Tirso) [5].

---

(1) Cfr. Camilo, *O Esqueleto*, cap. IX, pag. 109, e *Trad. pop. de Port.* pag. 201.

(2) Cfr. *Rev. Lus.* v. X, pag. 303, e *Trad. pop.* cit. pag. 201.

(3) Chama-se a essa bebida *água do cû lavado*.

(4) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 202, e *Rev. Lus.* v. I, pag. 328.

(5) Recordo-me de encontrar a mesma crença em vários contos populares. Creio que a li nos contos de Fernandes Trancoso — V. *As duas irmãs invejosas*.

9 — Se a mulher que amamenta der o resto da caneca por onde bebeu a outra, o leite passa para esta ([1]).

10 — Estando uma mulher a criar, e deitando os restos da sua comida a uma gata nas mesmas condições, esta rouba-lhe o leite (Areias).

11 — Os lavradores costumam deitar água no leite. Não o fazem por fraude, dizem êles, mas sim para evitar que outro animal lamba o leite puro, tirando assim o leite das vacas (Areias, S. Martinho de Bougado).

12 — Fica sem leite a mãe que beber com a criança a mamar (Areias e Santo Tirso).

13 — Se o leite seca, o remédio é ir ao Espirito Santo, ou beber leite de mãe e filha (Santo Tirso).

14 — Bebendo-se com a criança ao peito, é preciso aplicar depois leite de mãe e filha para que a criança não venha a sofrer de gota (Areias).

15 — E' costume recorrer á pedra *leitar* de Requião (Areias) ([2]).

16 — As cobras costumam ir de noite aos peitos das mulheres, metendo o rabo na bôca das crianças para as calar (Palmeira).

17 — Beijando-se duas crianças que ainda não falam, ficarão mudas (Areias) ([3]).

18 — Se a criança não fala, vai o padrinho pedir com um fole. Recolhidas as esmolas, comem-se estas, e a criança começa logo a falar.

Com uma pessoa da familia do informador sucedeu êste caso: Quando estavam comendo as esmolas em cima duma fonte, uma das pessoas presentes tirou um piolho e pô-lo na palma da mão. O mudo gritou logo: *mata!* (Palmeira).

([1]) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 202.

([2]) Essa pedra fica na freguesia de Requião, Concelho de Famalicão. A ela se referem o P. Antonio Carvalho da Costa na *Corografia Portugueza*, 2.a ed., tomo I, pag. 228, e L. de Vasc. nas *Trad. pop* cit. pag. 92.

([3]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 203.

O menino é levado dentro dum fole e a pessoa que pede esmolas diz:

— Uma 'smolinha para a criança do fole
Que quere falar e não pode. —

A criança come das esmolas e bebe água da fonte (Areias).

19 — Para que as crianças não fiquem *ougadas*, deita-se bolo untado em azeite por debaixo da porta (Palmeira) ([1]).

20 — Quando a criança é rendida, racha-se um carvalho cerquinho.

Dum lado coloca-se a madrinha e do outro o padrinho, que passam o afilhado pela abertura um certo número de vezes, ao dar a meia noite (Areias) ([2]).

21 — Para que o *ar ruim* não entre nos meninos ao toque das Trindades, é preciso que as mães se recolham a casa com êles ou os passem para as mãos de um homem (Areias).

22 — A roupa dos meninos não deve estender-se na erva verde. Estendendo-se, vem o bichoco (Areias) ([3]).

23 — Quando as crianças brincam á noite com lume, urinam depois na cama (Areias) ([4]).

24 — Os meninos não crescem, se forem medidos (S. Martinho de Bougado).

25 — Enguiçando-se uma criança, esta não cresce mais. Os rapazes costumam passar uns por cima dos outros (*enguiçar*, dizem êles), empregando esta fórmula:

Eu te enguiço,
Pela porta do carriço
Para que não cresças mais que isso (Areias) ([5]).

([1]) Haverá alguma relação entre esta ceremónia e aquela que vem descrita nos *Fastos*. Versão de Castilho, v. I, pag. 140?

([2]) Cfr. *Rev. Lus.* v. I, pag. 181 e 266.

([3]) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 115 e L. de Vasc. — *Religiões da Lusitânia*, v. I, pag. 116.

([4]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 35.

([5]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 253 e 254.

26 — Comer castanhas cruas faz criar bichos na cabeça dos meninos (Areias).

27 — Quem quiser curar-se de dôres de ouvidos ha de levar a Santo Isidoro (1) uma telha roubada (Areias) (2).

28 — Para tirar uma cobra da garganta de alguem, põe-se leite ao pé da bôca. Como as cobras gostam muito de leite, são atraídas logo pelo cheiro (Palmeira) (3).

29 — Aplicando-se uma tenaz em brasa, e puxando-se rapidamente, a cobra abandona o estômago onde se tenha introduzido (Areias) (4).

30 — Urina de menino faz bem a uma doença qualquer (cancro?) (Palmeira). A urina emprega-se vulgarmente para curar feridas (Areias).

31 — Sobre as feridas é bom pôr teias de aranha (Areias).

32 — A tosse dos porcos cura-se com pele de cobra embrulhada em folhas de couve (Palmeira).

33 — Passando-se por um espolinhadoiro de burro, é preciso cuspir três vezes para não virem os *sete coiros* (Palmeira) (5).

34 — E' remédio seguro para anular a peçonha da vibora abrir um gato e colocar as carnes ainda palpitantes da vítima sobre a mordedura (Palmeira) (6).

35 — A dòninha ferra na pessoa que lhe chamar feia. A ferradela só se cura com o unto da própria dòninha (Areias).

(1) Na freguesia de Avidos, concelho de Famalicão.

(2) Ouvi a uma mulher de Vila Rial que, na ocasião do parto, alivia subir o marido a uma casa e arrancar uma telha com os dentes. Cfr. *Rev. Lus.*, v. x, pag. 217 e *Trad. pop.* cit. pag. 201 e 239.

(3) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 143 e 179. Castilho, *Geórgicas* III, pag. 191 e 201, e *Contos Populares Portuguêses*, coligidos por F. Adolfo Coelho, ed. de 1879, pag. 46.

(4) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 116.

(5) Os *sete coiros* são uma espécie de abcesso — um *bijaco*. Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 198.

(6) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 115. Lê-se em Bernardes — *Exercícios Espirituaes* — ed. de MDCCVI — T. I, pag. 480: «*Dizem* que a cabeça de vibora pizada cura da sua mesma mordedura.»

36 — As dores de cólica curam-se com chás de colmo [1], ou com fricções de casca de pepino (Areias).

37 — Chá precioso que cura a influenza e outras doenças: três folhas de laranjeira, três cabeças de *marcela*, e três bocados de cidreira [2]. E' preciso que o número seja sempre *prenão* [3]. A cidreira é para o nervoso, a laranjeira para as constipações e para atalhar a febre; e a *marcela* para as *hemorródias* (Areias).

38 — O doente de *bretoeja* deve embrulhar-se numa baeta vermelha (Areias). Para se curar depressa, despe-se o atacado de *bretoeja* numa corte de cevados e espolinha-se no *ninho*. No fim embrulha-se num saiote vermelho. *Esse remédio é aprovado, êsse sei eu* — afirmou-me categoricamente uma mulhersinha que o tinha aplicado a uma filha a quem o mal atacara á volta da feira de Santo Tirso (S. Martinho de Bougado) [4].

39 — Depois de se extrair um prego, que se tenha introduzido em qualquer parte do corpo, é preciso metê-lo numa cebola para o mal saír da carne (Areias) [5].

40 — E' bom meter mêdo á pessoa que tem soluços, ou bater-lhe nas costas (Areias) [6].

41 — Deve fazer-se uma cruz com *cuspe* em cima do pé dormente (Areias) [7].

42 — Quando uma pessoa deita sangue pelo nariz, faz-se uma cruz, e põe-se nas costas do doente (Areias) [8].

43 — O reumatismo cura-se com água de *calipe* [9] (S. Martinho de Bougado).

---

(1) A virtude existe principalmente no colmo da aveia.
(2) A cidreira é muito empregada para o flato.
(3) Corrução de parnão.
(4) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 173 e 239, e *Rev. Lus.*, v. IX, pag. 115.
(5) Cfr. *Religiões da Lusitânia*, v. I, pag. 115 e 117.
(6) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 239.
(7) Cfr. *Rev. Lus.*, v. IX, pag. 118.
(8) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 116.
(9) Corrução da palavra — *eucalipto*.

44 — A bexiga de porco é usada para certas doenças dos bois (Areias).

45 — Beber com uma luz na mão faz perder o juizo (Areias) [1].

46 — A lingua da raposa envenena. Quando aquêle animal fica ferido, morre fatalmente, porque vai lamber a ferida. Pelo contrário a lingua dos cães faz sarar (Areias) [2].

47 — O pão quente faz danar os gatos (Areias) [3].

48 — Falando-se em sapo, é preciso cuspir três vezes para que não cresçam sapinhos na bôca (Areias) [4].

49 — Abrindo-se a bôca a dois individuos ao mesmo tempo, ou serão compadres, ou morrerão no mesmo dia. Muitas vezes tenho visto fazer uma cruz com o dedo polegar, ao abrir-se a bôca (Areias) [5].

50 — Quem tiver sono pesado e quiser livrar-se dêsse defeito deve dar um abraço num gerico (Santo Tirso).

51 — As malvas são muito empregadas para lavagens dos dentes, ouvidos, etc. (Areias).

52 — A vários habilidosos ouvimos indicar o vinho branco, o chá de raizes de morango e de *barbas* de milho, em casos de inchação e dificuldades de urinar (Areias).

53 — Os agriões têm para alguns poder quase sobrenatural. A um velho já falecido, filho dum cirurgião, ouvimos contar êste caso: Um homem de Guimarães tinha o figado desfeito. Consultou um médico, e êste, por descargo de consciência, receitou os agriões ao doente. O remédio renovou o figado, e o médico, levado pelo espanto, apunhalou o cliente para o examinar bem.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* v. x, pag. 304, e *Trad. pop.* cit. pag. 41.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 115, e *Trad. pop.* cit. pag. 167.
(3) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 173.
(4) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 142.
(5) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 253 e 254, e *Rev. Lus.* v. XI, pag. 259.

O assassino foi perdoado, atendendo-se ás bôas intenções com que praticou o crime.

— Os agriões indicam-se ordinariamente a pessoas constipadas (Areias).

54 — A salva é usada para lavar os dentes (Areias).

55 — Empregam-se ás vezes os defumadoiros de cidreira e de outras plantas. Os individuos que querem ser beneficiados passam por cima (Areias).

56 — Untam-se com azeite as patas dos gatos que vem de novo para uma casa, para que êstes não fujam (Palmeira) (¹).

57 — Os gatos têm asma e pegam-na á gente (Areias) (²).

58 — Quando os rapazes bolem no ninho das aves, elas vão buscar trovisco e dão-no aos filhos para os envenenar (Areias).

59 — Um banho no dia de *S. Bertolameu* vale por sete (Palmeira) (³). Antes do banho é costume fazer o sinal da cruz (Areias) (⁴).

60 — Quando ha espinhela caida, vai-se ao *endireita* (Areias) (⁵).

61 — Para tirar o espinhaço das cobras, que, introduzindo-se numa parte do corpo, saem pela parte contrária, é óptimo remédio a lingua de *raposo macho*. A lingua seca-se e põe-se depois de môlho quando se quere aplicar ao sitio onde se introduziu o espinhaço.

(¹) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 171.

(²) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 171.

(³) No dia de S. Bartolomeu andam os diabos todos á solta (Areias).

(⁴) Se o povo não empregasse o sinal da cruz, sempre que possa haver probabilidades de perigo, haviamos de reconhecer nesta prática um vestigio do caracter sagrado dos rios — V. *Religiões da Lusitânia* vol. II, pag. 227.

(⁵) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 115.

III

Amuletos.—Bons e maus agouros

1 — Prendem-se vulgarmente figas ao pescoço das crianças. A mãe duma velhinha de S. Martinho de Bougado trazia uma figa, que numa ocasião estalou em dois pedaços, por ter recebido mau olhado ([1]).

2 — As figas estão a ser substituidas por medalhas e cruzes. Não indo as crianças ao colo dos pais, de noite, devem levar um terço (Areias) ([2]).

3 — Por causa do mau olhado, pregam-se muitas vezes ferraduras nas portas das casas (Areias, S. Martinho de Bougado) ([3]). E' bom encontrar ferraduras e levá-las para casa (Santo Tirso).

4 — Nos *portões da carreira* ([4]) de S. Martinho e S. Tiago de Bougado, encontrei muitos espelhos, encimados por uma *cruz*. Abaixo desta aparecem um ou dois *corações*. Ao fundo vêem-se duas ou quatro *meias luas*. No centro de alguns nota-se tambem um *disco*. Na aldrava, onde ha por vezes arabescos e outro *coração*, lê-se a data: Aqueles que vi iam desde 1830 a 1870. Os portões modernos não ostentam aqueles espelhos — obra de qualquer artista já falecido ([5]).

5 — Para que as bichas não abafem os meninos, deitam ao pescoço destes um colar de alhos ([6]). Nos pés do porco, depois de pendurado, colocam-se cabeças de alhos para afastar as más vistas (Areias) ([7]). Os alhos livram das bruxas e por isso usam

(1) A crença de que o mau olhado se concentra no amulêto vem tratada nas *Religiões da Lusitania*. Não me recordo agora do passo que se refere ao assunto.
(2) V. cap. II, n.º 21 dêste trabalho.
(3) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 183, e *Religiões da Lusitânia*, v. I, pag. 109, n.º 1.º.
(4) Chamam-se assim os portões dos eirados.
(5) Cfr. *Religiões da Lusitania* — v. III, pag. 596 e 604.
(6) Cfr. *Rev. Lus.* v. IX, pag. 116 e *Trad. pop.* cit. pag. 124.
(7) Cfr. *Rev. Lus.* v. I, pag. 118.

algumas pessoas *bolsos* dêles ao pescoço (S. Martinho de Bougado).

6 — Para os partos costuma ser pedido um rosário milagroso que, lançado ao pescoço das parturientes, facilita muito os trabalhos (Areias) ([1]).

7 — A arruda livra do bruxedo. Ouvi cantar esta quadra:

— Deste-me um ramo de arruda:
Fizeste de mim diabo.
Deixa vir o mês das rosas,
Que o ramo ha-de ser pago

(Areias) ([2]).

8 — A madeira de árvore, onde caíu raio, tem virtude (Areias).

9 — E' costume deitar ao lume na véspera do Natal um *canhoto*, que, ardendo um bocado todos os dias até aos Reis, serve depois para afastar as trovoadas. Onde chegar o fumo do canhoto não acontece perigo.

Na mesma noite assam-se pinhas, cujas cascas ficam tambem com aquela virtude (Areias) ([3]).

10 — Quando ha trovoadas acendem-se velas de cera que foram benzidas no dia dois de Fevereiro (Areias, S. Martinho de Bougado e Palmeira) ([4]). Para se descobrir um afogado, leva-se para o pé do rio uma vela benta. Se a vela se apaga, é sinal de que o cadaver não está; conservando-se acesa, o cadaver encontra-se perto (Santo Tirso).

11 — O trevo de quatro folhas dá felicidade a quem o achar (Crença geral) ([5]).

12 — O primeiro que vir uma espiga roxa nas esfolhadas é afortunado (Areias) ([6]).

([1]) Cfr. *Rev. Lus.* v. XI, pag. 257.
([2]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, cit. v. I, pag. 86.
([3]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 41, e *Religiões da Lusitania*, v. I, pag. 86.
([4]) Cfr. *Rev. Lus.*, v. I, pag. 187, e *Trad. pop.* cit., pag. 21.
([5]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. I, pag. 149, e *Trad. pop.* cit., pag. 114.
([6]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. I, pag. 149, e *Trad. pop.* cit., pag. 108 — Recordo-me de ver esta crença aproveitada por Júlio Dinis nas *Pupilas do Snr. Reitor*.

13 — Dizem-me que algumas pessoas colocam ao pescoço das crianças saquinhos com bocados de pedra de ara, arranjados não sei como, pois só os padres podem tocar aquelas pedras. Conheço uma mulher que ainda ha pouco tempo andou *embruxada*: Foram buscar a uma capela a pedra de ara, e levaram a doente á Snr.ª do Amparo — lugar muito concorrido pelos endemoninhados.

Ia tambem a mulher de virtude, afastando a cousa ruim para uma grande distância com água benta, e mandando-a para o rio em todas as pontes por onde passavam (Areias) [1].

14 — A hóstia consagrada serve tambem para qualquer cerimónia das bruxas. Uma mulherzinha foi receber o Senhor, e trouxe a hóstia embrulhada no *chaile*, que apareceu cheio de *sáingue* (S. Martinho do Bougado) [2].

15 — E' preciso pôr uma fita no rabo da vaca que tem a cria antes que alguem a veja (Areias) [3].

16 — As galinhas *riças* [4] livram de feitiçaria. Quando nos deitarem o feitiço, as penas da galinha caem: É o mal que deixa de nos empecer (Areias) [5].

17 — Quando se perde alguma cousa, pega-se numa galinha pelo lombo, leva-se á lareira, e arrasta-se para um e outro lado, de modo que se forme uma cruz, ao mesmo tempo que se pronunciam estas palavras:

Minha galinha,
Meu lar,
Quanto eu perder,
Que torne a achar.

(Palmeira) [6].

---

(1) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. 1.º, pag. 89 e 113, e *Trad. pop.* cit. pag. 92 e 93.

(2) Talvez haja aqui reminiscência de algum exemplo da Igreja — Sobre o aparecimento do sangue cp. esta tradição: Na sexta-feira santa e até aparecer a aleluia, não se pode cozer pão. O avô de um rapaz meu conhecido cozeu naquele dia, e o pão saiu do forno com umas *rajas* vermelhas (S. Martinho do Bougado).

(3) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 173, 175, 177 e 178.

(4) De penas encrespadas, erguidas para cima.

(5) Cfr. acima o n.º 1.

(6) O nosso informador explicava-se mal. Apesar de reproduzirmos escrupulosamente o que ouvimos, é possivel que a fórmula não seja usada para todas as espécies de cousas, mas só para as galinhas se não perderem. Cfr. nêste trabalho o cap. II n.º 54, e *Trad. pop.* cit., pag. 153.

18 — Quando numa casa aparece uma galinha que canta de galo, uma perua que se arma como um perú, ou qualquer outra anomalia assim, é mau agouro. Morre dentro de pouco tempo alguma pessoa nessa casa. Para que tal não suceda, é preciso matar o monstro sem demora (Areias) (1).

19 — Cantando um galo, ao recolher á capoeira, é agouro. É preciso matá-lo imediatamente, para não morrer uma pessoa da casa. Ainda não ha muito se viu um homem fugir a toda a pressa de ao pé da capoeira onde isso sucedeu, lamentando não ter um revólver para matar o galo. Citaram-me vários casos de morte após tal agouro (Areias) (2).

20 — Na quinta de Transportela uma porca pariu uma vez uns bácoros parecidos com cães. Os donos da porca, horrorizados, mataram-nos imediatamente (Palmeira) (3).

21 — Os galos velhos põem de sete em sete anos. Do ovo sai uma cobra. Como êsse caso é natural para aqueles que nêle acreditam, talvez não seja agouro (Areias) (4).

22 — As corujas e os mochos são aves de mau agouro. O seu canto é ouvido com terror por muita gente (Areias) (5).

23 — Cacarejar pêga á porta duma casa é anúncio de morte (Palmeira).

24 — Embora as andorinhas sejam odiadas pelos abelheiros, o povo em geral tem-lhes o maior respeito, poupando-lhes os ninhos, etc. Voando rasteiras, presagiam chuva. Tambem anuncia chuva o peto e o corvo (Areias e S. Martinho do Bougado) (6).

(1) Cfr. sobre perseguições feitas aos anormais — J. A. Pires de Lima — *Notas de Anatomia* IV, pag. 5 — Tip. da Enciclopédia Portuguesa — Essas *Notas* são uma *separata* da «*Gaz. dos Hosp. do Pôrto*, n.º 22 de 1912».

(2) Cfr. Castilho — *Fastos* I, pag. 49.

(3) Sobre monstros atravessados de homem e de outro animal, v. Le Double et Houssaye — *Les Velus*, pag. 228, ed. de Paris, 1912. Na *Hist. Trag. Marit.* (*Relação da viajem e sucesso que tiveram as naos Aguia e Garça* ... pelo Padre Manoel Barradas) fala-se de dois monstros "*filhos de um bugio e de uma negra*„ que Francisco Barreto quis trazer de Quiloa para oferecer a D. Sebastião.

(4) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 148.

(5) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 159 e 162, e *Religiões da Lusitania*, v. 1.º, pag. 162.

(6) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. I, pag. 347, *Trad. pop.* cit., pag. 163 e 156. — Os Romanos acreditavam que o gaio anunciava chuva: V. *Amores de Ovidio*. Elegia XII.

25 — Quem matar um gato desanda sempre na vida (Santo Tirso).

26 — A borboleta branca representa boas notícias (Santo Tirso).

27 — Andando uma mosca vareja em volta de nós, teremos visitas (Santo Tirso).

28 — A aranha preta é sinal de desgraça; a amarela sinal de dinheiro (Areias).

*

Estes exemplos e muitos outros que tenho em meu poder, e que irei publicando, levam-me á conclusão de que muitos dos meus conterráneos passam um verdadeiro martírio com o trabalho de evitar centenas de perigos, não podendo considerar-se muito acima dos habitantes da India a que se refere João de Barros nêste passo:

«*Pedralvares, por estar avisado que todo este gentio he subjecto a muitos agouros, e se atravessa huma palha ou qualquer cousa que se lhe antolha, leixa tudo, dizendo que não he boa hora pera negociar, principalmente quando lhe a elles não contenta*..» [1].

Temos, porêm, por certo que o autor das *Decadas* é um pouco injusto para com o gentio, e que muitas guerras poderiam ter sido evitadas, se os Portugueses conhecessem e respeitassem melhor as crenças dos habitantes das terras descobertas.

---

[1] *Dec.* 1.ª, livro V, cap. V, pag. 416, ed. de Lisboa, MDCCLXXVIII.

IV

Bruxas, feitiçaria e Mouras encantadas

1 — Contam os carreiros velhos que, no caminho do Porto, apareciam as bruxas, vestidas de branco.

Era preciso ter muita cautela, pois de contrário as malditas desapunham o carro, ficavam os pobres homens a dormir, e os bois *lá iam*... (Palmeira) ([1]).

2 — Alguns rapazes vinham de Ribeirão ([2]). Viram no meio duma bouça umas mulheres em volta duma fogueira. Ao aproximarem-se, receberam o seguinte conselho: «*Quando o lume se fôr a apagar, digam: Deita lenha ao lume, diabo!*» Na ausência das mulheres, os rapazes assim iam dizendo, e o lume, quase a extinguir-se, acendia-se de novo.

Até que por fim voltaram elas com comidas e fizeram um *bodório* (S. Martinho de Bougado).

3 — E' vulgaríssima a crença de que existem casas onde anda a feitiçaria.

Na quinta de Silvalde ([3]), antigamente dos fidalgos das Hortas, de Braga, e hoje de meu pai, houve em tempos um caseiro que não desejava sair. Para aterrar os rivais, segundo parece, começou a estabelecer o terror em volta da casa: Caiam ferraduras pela chaminé, etc.

Daí nasceu uma história, que foi publicada em folheto, passando depois para o «*Jornal de Santo Tirso*».

Eis a lenda resumida:

Um estudante dirigia-se para a vila de Santo Tirso, num dia de tempestade. A cheia do Ave não lhe consentiu a passagem.

Voltando para trás, bate á porta duma choupana e uma

([1]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 177.

Muitos aconselhavam como remédio deitar a fralda de fóra.

([2]) Freguesia do concelho de Famalicão, e que é separada de S. Martinho de Bougado pela ponte pensil.

([3]) A quinta de Silvalde fica na freguesia de Areias.

camponeza indica-lhe para dormida Silvalde, avisando porêm o estudante dos perigos que corriam os hóspedes da casa enfeitiçada.

O rapaz não treme: E' recebido pelo caseiro e entra no quarto, deitando-se depois de colocar sôbre a mesa duas pistolas.

Adormece profundamente e, noite alta, é acordado por um ruido formidavel, como que de correntes arrastando [1]. Salta da cama, e, pegando nas pistolas, precipita-se para o corredor. Na sua frente ha um vulto branco com um lampião enorme numa das mãos.

Parte o primeiro tiro, e uma bala vem cair aos pés do estudante, que ouve ao mesmo tempo estas palavras de escarnio: *Pega lá a bala!*

Com o segundo tiro sucede a mesma scena.

Então o rapaz lança-se ao fantasma, que, perdendo a serenidade, foge, indo refugiar-se na casa dos caseiros, a cuja porta é alcançado pelo perseguidor.

O miseravel, vendo-se perdido, conta então como tirou as balas ás pistolas e o segredo do processo que usava para arredar competidores [2].

4 — As bruxas costumavam soltar a presa das Caldinhas [3]. Um proprietário, já falecido, farto de perder a água, resolveu-se uma noite a ir tapar a presa.

No dia seguinte, uma comadre do proprietário pede-lhe um favor e aquele recusa. Então a mulher chama-lhe ingrato e con-

(1) Colhi na freguesia da Palmeira a tradição de um caseiro, que, apanhando um rato, lhe deitou um guiso ao pescoço, para espalhar o *mêdo*.

(2) O meu irmão Dr. Joaquim A. Pires de Lima assistiu em dezembro de 1913, no Porto, a uma fita cinematográfica, intitulada — *O Voto* — cujo enrêdo em parte era semelhante ao da lenda — *O Demónio de Silvalde*.

Um coronel, em virtude dum desarranjo de automovel, teve de hospedar-se numa taberna.

Vendo um castelo vizinho, foi lá pernoitar, não obstante as advertências do taberneiro sobre os fantasmas que apareciam no velho edifício.

Enquanto o espírito forte dormia, uma rapariga vestida com uma túnica branca retirou as balas da pistola deixada á cabeceira.

Pouco depois, o coronel acordou com o ruido provocado por moedeiros falsos, que arrastavam grossas correntes de ferro para atemorizar. Ao ver o fantasma, o coronel desfechou a pistola várias vezes, sem resultado, e enlouquece ao ver a impassibilidade do fantasma.

A fita era da casa Ambrosio de Turin.

— Cfr. Lesage, «*Le Diable boiteux*». Nouvelle édition MDCCLXXV — T. premier. Chap. VII, pag. 122.

(3) *Caldinhas* é o nome que o povo deu sempre ás magníficas águas sulfurosas, hoje conhecidas como — *Caldas da Saúde*. A nascente fica na freguesia de Areias.

ta-lhe o que se passara de noite: O compadre adormecera junto da fonte. As bruxas, que o tinham adormecido, quiseram arrastá-lo para o afogar, ao que obstou a intervenção da comadre.

Tinham pôsto no dedo do embruxado uma linha vermelha, e êsse testemunho convenceu-o de que realmente correra grande perigo [1].

5 — Querendo-se mal a alguem, cosem-se os olhos e a bôca dum sapo com retrós vermelho. A criatura inimiga e o sapo vão-se *esmirrando* ao mesmo tempo. O condenado ou qualquer parente, vendo o sapo, deve descosê-lo imediatamente, a ver se êle escapa (Areias) [2].

6 — O irmão duma tecedeira fazia namoro a uma mulher casada. A tecedeira revolta-se contra o caso, e um belo dia encontra a teia emaranhada de tal forma que a pobre já contava ver uns mil reis perdidos, porque a confusão resistia a todas as tentativas.

Os fios só se deslindaram depois que o pecador pediu a intervenção da mulher inquietada. Feito isso, a teia voltou ao antigo estado sem que ninguem lhe tivesse posto as mãos (S. Martinho de Bougado).

7 — Uma velhinha, mãe da mesma tecedeira, não acredita em bruxas, porque os padres não consentem. Mas... contou-me o seguinte facto: Uma noite, de sua casa, ouviu grande ruído de festa.

Saiu para o quintal. Subia o caminho em direcção ao monte de Paradela um grande grupo. Enquanto um vulto tocava, os outros cantavam e dançavam, caminhando sempre.

Convenceu-se de que era uma dança de bruxas, porque no dia seguinte, conversando com várias pessoas, ninguem lhe pôde dizer quem seriam os da festa.

Além disso, as dansas nunca se realizaram na aldeia nem naquele dia, que era de semana, nem àquela hora (S. Martinho de Bougado) [3].

---

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 270.

(2) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 141, e *Fastos*, t. I, pag. 140.

(3) Cfr. sobre espíritos que povoam a noite: *Religiões da Lusitania*, t. II, pag. 207 e 211.

8 — Numa casa *morrio* os filhos todos, e dizia-se que era bruxaria.

As bruxas aconselharam o pai a meter numa panela com água e cinza as roupas do primeiro filho que lhe morresse, pondo tudo a ferver ao lume.

O pai assim fez, e veio logo uma mulher a gritar: *Derrolha, Derrolha, Derrolha a panela.*

Ficou então a saber-se quem era a culpada do feitiço, a qual corria perigo se a panela não fosse destapada (S. Martinho do Bougado) (1).

9 — Um bruxo célebre — o Ferramenteiro — costumava benzer os doentes com *pinhos* dentro dum caco com *auga* e cinza. Se fosse feitiçaria, o *pinho* saia negro: Havia *invejidade*. Se saisse branco, não havia nada (S. Martinho de Bougado).

10 — Foram consultar um dia o mesmo Ferramenteiro por causa dum homem, que tinha no corpo uma alma do outro mundo. A alma tinha-se introduzido no corpo fraco do padecente numa certa ocasião ao meio dia, quando o sino tocava.

A alma penada pertencia a um padre, que, ao comungar na missa, baixou os olhos para uma mulher (S. Martinho de Bougado).

11 — Contaram-me muitos casos de ligações conseguidas por meio de beberagens, onde parece entrar o mênstruo da mulher que deseja prender alguem. A crença é quase geral e firme, e apontam-se nomes de pessoas vivas, que beberam pela garrafa fatal.

Muitos rapazes recusam-se a comer ou a beber cousa oferecida pelas namoradas.

Impressionou-me um caso em que figurava como principal personagem um indivíduo que eu conheci: Era artista e músico de nomeada. Apesar da sua posição modesta, quando chegasse a uma romaria, esfolhada ou dansa, *punha de banda* os grandes lavradores e *fidalgos* (2).

(1) As bruxas costumam a pedir uma camisa dos doentes.
Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 241.

(2) *Fidalgos* são todos aqueles que se distinguem do geral do povo pela riqueza, modo de vestir, etc.

Chegou a raptar uma lavradeira, que poderia trazer-lhe um bom dote, e que o deixou depois de convencida da leviandade do rapaz.

Podia escolher bem, e afinal veio a casar com uma pobre rapariga, que tinha jurado vencer as mais ricas, e esperou sempre confiadamente.

Antes do casamento, a vitima da beberagem, segundo a crença popular, jurou que *havia de ser o maior tratante que Deus ó mundo botou*.

Foi jogador, bêbado, abandonou a mulher e uma filha etc. Só não foi ladrão — dizia o desgraçado no fim da vida.

Tinha de ser — repete constantemente o povo, revelando o fundo acentuadamente fatalista (Areias) ([1]).

12 — Para perder uma pessoa basta rogar-lhe uma praga entre a hóstia e o cálice.

Uma mulher acusa outra de ter roubado umas flores. A acusada, na ocasião da missa, entre a hóstia e o cálice, roga a praga: *Entrevada sejas tu assim como eu roubei as flores*...

E a vitima cai logo de cama com uma grande *emprègação* (Areias) ([2]).

13 — Quando caem grandes gotas de chuva, havendo sol ao mesmo tempo, dizem que estão as bruxas a pentear-se (Areias) ([3]).

14 — Na ponte de Travassos, sôbre o rio Pele ([4]), aparecia *cousa ruim*.

([1]) Talvez nasça dessa crença o emprêgo do conhecido ditado — *Não bebas cousa que não vejas, nem assines carta que não leias.*

«Cfr. *Geórgicas*, versão de Castilho, pag. 179:

«Um virus crasso (o guarda, á propria o denomina,
hippómanes) se estila então da vulva equina.
Muito ruim madrasta a hippómanes mistura
herbas e phrases más... e eis morta a creatura.»

«Ouvi citar ao povo casos de loucura provocados pelo mênstruo.

Sobre comidas ou bebidas dadas para se «querer bem ou mal a outrem» v. *Const. do bisp. de Evora*, Const. 1, tit. 25, cit. por T. Braga na *Hist. da Poesia Pop.*, 1867, pag. 100.

([2]) Cfr. *Religiões da Lusitania* — II 165:

«A *devotio* era uma ceremonia religiosa que consistia em, por meio de formulas (*carmina, verba solemnia, verba certa*), pôr á disposição de divindades subterraneas ou infernaes... certos individuos a quem se queria mal.»

([3]) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 15. E' costume dizer-se tambem: *Stá a chover ea fazer sol na cama do rouxinol.*

([4]) A ponte de Travassos fica na freguesia de Landim, concelho de Vila Nova de Famalicão.

Um homem atirou-se á *cousa ruim*, e o barulho foi tal que a água subiu á altura dos *loirões* (1) (Palmeira).

15 — Tendo uma mãe sete filhas a seguir, a primeira tem de ser madrinha da sétima, se não esta vai *correr o fado* (Areias, Santo Tirso) (2).

16 — Eis a história de S. Cipriano, contada por uma mulhersinha de S. Martinho de Bougado:

S. Cipriano vendeu a alma ao Diabo para êste lhe ensinar tudo. Mas um dia o santo quis casar com uma *beata:* O Diabo confessou a beata, prometeu-lhe que iria para o ceu, ***mas não arranjou nada***. Foi dizer a Cipriano que ainda havia quem tivesse mais poder. Então S. Cipriano *caiu nas contas* e nunca mais andou com o Diabo.

17 — Os pesquisadores de tesouros escondidos levam o livro de S. Cipriano, procuram umas vezes um lugar onde haja uma *feta macha*, outros, sítios onde tenha aparecido qualquer *cousa de mouros*, fazem um círculo e metem-se lá dentro a rezar.

Começa uma scena tétrica com trovões e relâmpagos, e, se alguem mostrar médo, ou sair do circulo, fica tudo perdido (Areias, S. Martinho de Bougado) (3).

18 — Na freguesia de Areias há um lugar chamado Torre. O nome veio dum pequeno castelo, que existia outrora sobre um outeiro, e cuja pedra foi empregada na construção de uma ponte.

As mouras saiam as portas para ir ao rio Ave lavar cordões e meadas de ouro ao mesmo tempo que cantavam.

Uma mina punha em comunicação o castelo e o rio. Havia uma grade na entrada, e lá dentro grandes jardins e cavalos que vinham beber ao rio. Quem se atrevesse a entrar na mina avistava ao longe uma claridade, não podendo voltar para tras.

Um homem que andava a nadar, cometeu a imprudência de se meter na mina, e lá esteve um dia inteiro.

19 — Nem só nas ruinas dos castelos há mouras encantadas; aparecem tambem em muitas minas antigas.

(1) Dá-se o nome de *loirões* aos castanheiros bravos.
(2) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 204, e *Religiões da Lusitania* — I, pag. 190.
(3) Cfr. *Religiões da Lusitania* — III, pag. 570 n.º 2.

Os achados arqueológicos são considerados sempre como *cousas de Mouros*, e debaixo dêles coloca sempre a imaginação popular tesouros escondidos (Areias) [1].

V

Várias superstições

1 — Conheço dous casos de almas penadas, que voltaram a êste mundo. Uma pertencia a um *feirão de gado*, que morreu cheio de dívidas.

A alma, á noite, aparecia nas margens do rio Ave em forma de *cesto* [2], gritando: *Paga o que deves! paga o que deves!*

Foi uma época de terror para a gente da aldeia, que não se atrevia a pôr os pés fora da porta depois duma certa hora (Areias) [3].

2 — Quando morre uma pessoa duma familia, vai outra logo a seguir. Nunca pode ficar no outro mundo número *prenão* (Areias, S. Martinho de Bougado).

3 — Quando vai a sair um enterro, correm a levantar os animais e a dar-lhes de comer.

Ainda não há muito tempo tornou-se notada uma mulherzinha, que, ao levarem-lhe o cadaver do marido, corria para a corte dos porcos com um balde de lavagem.

Não se fazendo assim, morre-se mais depressa, explicaram-me (S. Martinho e S. Tiago de Bougado) [4].

---

(1) «Crêrão nossos Avós que appressados os Mouros a sahir de Portugal, enterrárão seus thesouros: hoje rondão seus mânes pelos jazigos daquelas talhas, em figura de vélhas, outras vêzes de douradas cóbras, que com assobios e gaifonas, engódão os intrépidos a certas condescendencias, preço do thesouro que promettem descobrir-lhe.»

Obras de Filinto Elysio, ed. de MDCCCXXXVI, t. II, pag. 44 n.º 21.

(2) *Cêsto* é um utensilio feito de varas para o transporte de uvas, cereaes, etc., ao passo que a *cesta* é mais pequena, tem um arco que vai de lado a lado, munido de um gancho para segurar nos arames das ramadas, etc. — Em S. Martinho de Bougado dá-se o nome de *cêsto* àquilo que em Areias se chama *cesta*, e chamam àquele *gigo*.

(3) Cfr. *Religiões da Lusitania* — I, pag. 202, e *Trad. pop.* cit. pag. 301.

Sôbre os espectros que, pela calada da noite, saem do sepulcro a lamentar-se v. *Fastos*, — I, pag. 137.

(4) Não sei se esta superstição estará ligada com o costume de se dar um banquete no dia do enterro e do ofertório — costume que indicarei adiante — ou se terá relações com os antigos sacrificios de animais.

Cfr. *Religiões da Lusitania* I — pag. 336, e *Trad. pop.* cit., pag. 243: *Quando passa um defunto devemos levantar-nos, senão morremos cedo.*

4 — Contra os conselhos da mulher, passou um lavrador com o gado antes do nascer do sol por um lugar, onde tinha passado um cadaver no dia antecedente.

Os bois levantaram-se, nunca mais servindo para o trabalho (Palmeira).

5 — A' passagem dos entêrros, devemos desviar-nos da sombra do caixão, *porque a sombra dêle assombra* (Palmeira).

6 — Passando um cadaver á porta de alguem, morrerá daí a pouco gente na casa (Palmeira).

7 — Quando se afoga um indivíduo no rio Ave, costuma dizer o povo:

O rio Ave hade comer um fôlego vivo por dia (Palmeira).

8 — Ao homem que lava não nasce o bigode (Santo Tirso) (1).

9 — Não pode haver treze pessoas á mesa, se não morre o mais velho (Santo Tirso) (2).

10 — Uma orelha quente é sinal de que estão a dizer mal de nós (Santo Tirso) (3).

11 — E' costume dizer-se de uma creança esperta e precoce: *Não vai a galheiro*, isto é, morrerá cedo (Areias) (4).

12 — Saem adivinhos os meninos que falam no ventre das mães, quando estas guardam segredo. Falaram no ventre das mães os *vedores*, que descobrem o ponto onde existe água.

Contava o prègador P. Figueiras, hoje adorado como Santo, que a avó o considerava *menino bento* por ter falado no ventre da mãe (Areias) (5).

---

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 256, e *Rev Lus.* 10, pag. 218.

(2) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 228.

(3) Cfr. *Rev. Lus.* X, pag. 215.

(4) Na tragédia de Shakespear *Richard* III, act. III, sc. 1.a, encontra-se esta frase: *So wise so young, they say, do never live long.* A frase é irónica, mas foi tirada decerto da tradição popular.

(5) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 209, e *Religiões da Lusitania* I, pag. 190.

O P. Manuel Bernardes — *Exercicios Espirituais*, t. I, pag. 393, refere-se á tradição dos meninos bentos:

Regra géral he que nenhum menino no ventre de sua mãy seja santificado, e tenha uso de rasão: e cõ tudo dispensou-se com Jeremias, e com o grande Bautista.

13 — Não é bom pôr os meninos em cima da mesa, ou passá-los por cima (Areias).

14 — As crianças não devem passar por baixo da mesa (Santo Tirso).

15 — Andar para trás é ensinar o caminho ao demónio (Areias) (1).

16 — Pondo-se a mão sobre o coração duma pessoa que dorme, ela revela os seus segredos (Areias) (2).

17 — E' pecado cuspir no lume (Areias) (3).

18 — Não se deve pôr dinheiro em cima da mesa (Areias).

19 — Sonhar com dentes é doença; com uvas brancas, lágrimas; com uvas tintas, letras; com o mar, felicidade; com cobras (4), gravidez (Santo Tirso).

20 — Virar tinta é sinal de morte (Santo Tirso).

21 — Virar vinho na toalha é sinal de alegria; virar água é sinal de tristeza. E' bom por isso deitar um pouco de vinho sobre a água (Areias).

22 — Quando troveja é Deus que está a ralhar (Areias).

23 — Os remoinhos são provocados pelo demónio. Para os afugentar fazem-se cruzes, ao mesmo tempo que se diz: *Cruz, santo nome de Jasus* (Areias) (5).

24 — O vento soão dana os cães (Santo Tirso) (6).

25 — Quando se olha para a lua nova, deve bater-se no bôlso (Santo Tirso).

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, pag. 216.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* XI, pag. 258.
(3) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 34, e *Rev. Lus.* x, pag. 216.
(4) Recordo-me de ver numa relação da *Hist. Trag. Marit.* casos de mulheres conceberem de cobras.
(5) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 46.
(6) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 48.

26 — Não pode fazer-se a vindima de modo que o vinho venha a ferver em duas *lũas*; se não o vinho ferverá nas pipas pela volta do *lũar* (Areias).

27 — Os ovos não devem ser deitados de modo que os pintainhos venham a nascer no *interlun*. De contrário a ninhada sai fraca e *morrugenta* (Areias).

28 — Os porcos são mortos pela lua velha. E' melhor um dia de lua velha do que dois de nova (Areias).

29 — Um circo em volta da lua é sinal de chuva (Areias).

30 — No dia de S. Vicente vão os moleiros e os abelheiros ao monte examinar de que lado estão os ventos. E pelo lado donde sopram ficam sabendo donde soprarão daí por deante (Palmeira) ([1]).

31 — Muita gente tira ainda *as sortes* para ficar sabendo se os meses do ano novo serão chuvosos ou não.

Contam-se doze dias no Natal, antes de Santa Luzia, e doze dias depois, e pelo aspecto desses dias se faz o prognóstico (Palmeira).

32 — Pode lavrar-se na tarde de sexta-feira santa, mas semear só depois de aparecer a aleluia (S. Martinho de Bougado).

33 — As sementeiras não devem ser começadas senão nas terças, quintas ou sábados (S. Martinho de Bougado).

34 — Melancias semeadas a oito de Maio não produzem (S. Martinho de Bougado).

35 — Os casamentos não devem realizar-se nem ás terças nem ás sextas-feiras (Areias) ([2]).

36 — Estar o pão com o *debaixo para cima* é sinal de ladrão ou pessoa perigosa á mesa (Palmeira).

([1]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 38.
([2]) V. *Fastos* — I, pag. 7 e 137, e II, pag. 45.

37 — Na sexta-feira santa e até aparecer a aleluia não se pode cozer pão (S. Martinho de Bougado).

38 — Para o pão levedar faz-se uma cruz e diz-se:

S. Vicente te acrescente,
S. Mamede te levede (Areias) [1].

39 — Quando se fecha a porta do forno diz-se:

Deus te abençoe,
Dentro do forno,
E fora do forno,
Assim como Deus andou pelo mundo todo,
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

40 — O pão quente faz danar os gatos (Areias).

41 — Partindo-se os bôlos quentes com faca, o pão sai do forno *incensado* [2] (Areias).

42 — Tapando-se a porta do forno com bosta, ficará o pão mais folhudo (Areias) [3].

43 — O porco levanta-se três vezes de noite para comer o dono (Palmeira).

44 — Gato *apresunhado* é bom, porque é caseiro, e os cães *apresunhados* não se danam (Palmeira).

45 — Para que o gato seja bom, é preciso que seja roubado (Palmeira).

Os gatos dados não são bons. E' preciso comprá-los por seis vintens, ou dar em troca uma franga (S. Martinho de Bougado).

46 — Para a carne de porco não criar bichos, passa-se por ela um gravêto a arder (Areias).

47 — Diz-se de alguem que, visitando a vila, fica a viver nela: «aquele bebeu da Fonte da Maria Velha» (Santo Tirso).

---

(1) Cfr. Júlio Dinis — *Fidalgos da Casa Mourisca*, 3.ª edição, pag 132, e *Rev. Lus.* x, pag. 233.

(2) Chama-se assim ao pão húmido, pesado e sem olhos.

(3) Cfr. *Trad. pop.* cit. pag. 178 e 232.

48 — Semeando-se as ervilhas em ocasião de lua, a coruja vê e come-as (Areias).

49 — Os porcos saem mais ou menos fortes, conforme mamam nesta ou naquela têta (Areias) (1).

50 — Chamam-se *formigas do Senhor* as de côr preta, e que andam á procura de grãos em grandes filas. As outras são *do inferno* (Areias) (2).

51 — Quando se fala em ninhos, é preciso dizer *sapinhos* e *pedrinhas,* senão vem o bicho. Fórmula para deitar o bicho:

Bichinho,
Vai àquelle ninho:
Se tiver ovinhas,
Come-lhe as geminhas
E deixa-lhe as casquinhas;
Se tiver *pardeijinhos,*
Come-lhe a carninha
E deixa-lhe os ossinhos.

No fim faz-se uma cruz sobre o cuspo que se deitou na mão e bate-se nêle, mandando-o: *para aqui, para ali, ou para acolá* (Areias) (3).

52 — Os galos velhos ao fim de sete anos põem um ovo, e dêle sai uma cobra (Areias) (4).

53 — Para encantar as cobras, reza-se um padre-nosso ou uma salve-rainha ás avessas (Areias) (5).

54 — Para desafiar os sardões, costumam os rapazes gritar:

Sardão, pão quente;
Eu com o pau,
E tu com o dente,
Vamos a ver
Quem é mais valente.

(Areias) (6).

---

(1) O P. Manuel Barradas na *Descrição da cidade de Colombo (Hist. Trag. Marit.),* falando, a propósito da força dos elefantes, nas têtas que as fêmeas tem nos peitos, escreve: «*se é verdade o que diz Aristóteles, que o cachorrinho que mama na teta do peito é mais animoso e forçoso do que os outros*».

(2) Cfr. *Religiões da Lusitania,* III, pag. 569, n.º (1).

(3) *Trad. pop.* cit., pag. 138 e 195.

(4) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 148.

(5) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 143.

(6) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 144.

55 — Os sardões são amigos dos homens e inimigos das mulheres. Com as cobras dá-se o contrário (Areias) (1).

56 — E' um perigo dar tiros nas cobras, não lhes acertando (Areias). Contaram a meu pai em Viana do Castelo que um caçador, não tendo alvejado bem uma cobra, fugiu a toda a pressa, perseguido por ela, e com tanta precipitação que deixou cair a espingarda. A cobra enrolou-se na arma e torceu-a.

57 — Se o primeiro fruto duma árvore fôr comido por uma mulher, ficará a árvore *aneira*, isto é, dando fruto ano sim, ano não (Areias) (2).

58 — Quando a nogueira chêga á grossura do lavrador que a plantou, êste morre (Palmeira).

* * *

Tenho a certeza de que é insignificante o número de superstições colhidas, relativamente ás que ainda observam não só os camponeses, mas até as classes ilustradas.

Ha pessoas que passam um verdadeiro martírio a desviar-se de perigos imaginários, e sentem verdadeiros remorsos não cumprindo êste ou aquele preceito supersticioso.

Não me parecem nada acima daquele gentio em que nos fala João de Barros (3).

Dos materiais colhidos, a maior parte encontra-se em quase todas as terras.

Algumas observações, porêm, são originais, creio eu, e revelam á evidência a origem pagã.

A essencia da alma portuguesa é eminentemente supersticiosa e fatalistica. Os espiritos mais independentes não podem furtar-se muitas vezes ás tendências adquiridas, e vingam-se... mudando o nome aos escrúpulos, ou repudiando uns para deixar subsistir outros da mesma fôrça.

E' curioso o exemplo do P. Manuel Bernardes, que combatia os agouros (4), depois de ter exaltado as virtudes do número sete (5).

(Continua).

Vila Real, 24 de Fevereiro de 1914.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* XI, pag. 262.

(2) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 115. Com os ovos das galinhas observam alguns o mesmo costume.

(3) *Dec.* I, Liv. V, cap. V, pag. 416.

(4) *Exerc. Espirit.* cit., t. I, pag. 485.

(5) Obra cit., pag. 300.

FALAS E TRADIÇÕES

DO

DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO

(Vid. REVISTA LUSITANA, XIII, 72; XV, 71)

III

a) Romances

Os *romances* que se seguem foram ouvidos a uma criada-de-servir do Bairro da Ribeira, desta cidade, — à excepção da segunda variante do *Lavrador da arada* e do *Conde das três Marias*, romances êstes de que adeante se indica quem os disse.

Qualquer deles foi ouvido muitas vezes, à mesma pessoa é certo, em ocasiões diversas.

D. Silvana

Andando D. Silvana
pelos corredores abaixo,
pelos corredores acima,
tocando seu cravo de ouro,
e que bem que o tangia!,
acordou seu pai da cama
co' o estrondo que fazia.
—Que fazes, D. Silvana,
que fazes, ó filha *mia?* [1]
—De sete manas que nós éramos
são casadas, tem família,
eu por ser a mais bonita
a um canto ficaria.
—Mas não há conde nem duque
com quem tu cases, ó filha!
—Há o conde de Montalvão,
o conde de Albergaria.
—O conde de Montalvão
é casado, tem família.
—Mande-o chamar meu pai
da sua parte e da *mia;*
mande-o matar a condessa
e que lhe deite a cabeça
nesta dourada bacia.

---

(1) *Ou*

—Tu que tens, D. Silvana,
tu que tens, ó filha *mia?*

(O pai de D. Silvana manda chamar o conde e diz-lhe):

— Ó conde de Montalvão,
ó conde de Albergaria,
manda matar a condessa
e deita-lhe a cabeça
nesta tam nobre bacia.
— A condessa não na mato,
que ela a morte não na mer'cia.
— Mata conde, mata conde
e deita-lhe a cabeça
nesta dourada bacia.

Chegou o conde a casa
para a sua escrevania,
mandou buscar o tinteiro
para fingir que escrevia;
as lágrimas eram tantas
que pela mesa *corria*.
Assentou-se à sua mesa
[*ou:* mandou pôr a sua mesa]
para fingir que comia,
o pranto era tanto
que pela mesa corria.

— Tu que tens, ó conde,
tu que tens, ó vida *mia?*
— O rei quer que te mate
p'ra casar com sua filha
e que te deite a cabeça
nesta maldita bacia.
Cal-te, conde, *cal-te*, conde, (1)
que isso remédio teria:
põe-me num monte descalça
e sôbre uma pedra fria,
como sou muito mimosa
eu depressa morreria.
— Mas o rei quer-te a cabeça
nesta maldita bacia.
— *Cal-te*, conde, *cal-te*, conde,
que isso remédio teria:
põe-me num convento
a pão e água fria,
eu que sou muito mimosa
eu depressa morreria.
— Mas o rei quer-te a cabeça
nesta maldita bacia.

— Mama, mama, meu menino,
êste leite de paixão,
que amanhã por estas horas
'stará tua mãe no caixão.
Mama, mama, meu menino,
êste leite de pesar,
que amanhã por estas horas
'stará tua mãe a enterrar.
Mama, mama, meu menino,
êste leite de amargura,
que amanhã por estas horas
'stá tua mãe na sepultura.

— Tocam os sinos na Sé.
Ai, Jesus! quem morreria?
— Foi a filha do Rei,
D. Silvana Maria.

(E a criança, tirando a bôca da mama, diz:)

— É bem feito, é bem feito!
que ela a morte merecia,
descasar os bem casados,
coisa que Deus não queria.

*

* *

Cfr.: — *Romanceiro Trasmontano*, REV. LUS. IX; n.º 79, «*Dona Silvaninha*», variante de Carviçais (p. 309-310), n.º 100 «*Silvana*», variante de Poiares (p. 322-323); — no 1.º romance fala-se no conde Alberto, no 2.º fala-se no conde de Alvar.

(1) *Cal'-te* por *cala-te*.

— Na REV. LUS. XIII, 99, vem uma variante da «*D. Silvana*», de Vila-Rial. Aí se fala no *condi-Arbel.*

— Regista a Sr.ª D. Maria Angélica Furtado de Mendonça outra variante da «*D. Silvana*» na REV. LUS. XIV, p. 6, colhida na Rapa, concelho de *Celorico-da-Beira.* Nesta variante fala-se no conde de Elvas.

— Com a epígrafe «*D. Maria*», publica a Snr.ª D. Maria da Conceição Dias uma variante da «*D. Silvana*» (na REV. LUS. XIV, 41), colhida em Ourique (Baixo-Alentejo). Nesta variante não se nomeia o *conde.* — Note-se que na variante por mim apontada se diz *D. Silvana Maria,* quási no fim.

D. Carlos de Montalvar

Estou velho, as guerras
se me acabarão;
de sete filhas que eu tenho
nenhuma me saiu varão.
Respondeu-lhe a mais velha
com toda a *discreção:*
— Dê-me cavalos e armas,
serei seu filho varão.
— Tendes os cabelos compridos,
filha, vos conhecerão;
— Deixai-me ver [1] uma tesoura
que êles caem já ao chão.
— Tendes os peitos mui altos,
filha, vos conhecerão;
— Meto-os dentro dum colete,
nunca dele sairão.
— Tendes os pés pequeninos,
filha, vos conhecerão;
— Meto-os dentro duns *butes,*
nunca deles sairão.
— Tendes as mãos pequeninas,
filha, vos conhecerão;
— Meto-as dentro dumas luvas,
nunca delas sairão.
Dê-me cavalos e armas,
diga-me como me hei-de chamar.
— *Hades-te* chamar D. Carlos,
D. Carlos de Montalvar.

— Ó senhora Mãe, eu morro,
eu morro do coração,
os olhinhos de D. Carlos
são de mulher, de homem não;
— Convidai-o vós, meu filho,
p'ra convosco ir feirar,
porque se êle mulher fôr
às fitas se há de pegar.
D. Carlos como discreto
se pôs logo a consid'rar,
passou pelas fitas todas
numa arma foi pegar:
— Oh que bela arma esta
para um homem atirar!
se eu não tivera a minha
esta havia de comprar.
— Ó senhora Mãe, eu morro,
eu morro do coração,
os olhinhos de D. Carlos
são de mulher, de homem não;
— Convidai-o vós, meu filho,
para convosco ir jantar,
porque se êle mulher fôr
num baixo se há de sentar.
D. Carlos como discreto
se pusera a consid'rar,
passou pelos baixos todos,
num alto se foi sentar:
— Ó que belo alto êste
par' um homem se sentar!
— Ó senhora Mãe, eu morro,
eu morro do coração,
os olhinhos de D. Carlos
são de mulher, de homem não;
— Convidai-o vós, meu filho,
p'ra convosco se ir deitar
porque se êle mulher fôr
disso se há de escusar.
D. Carlos como discreto
se pusera a consid'rar
. . . . [2]

[1] *Deixai-me ver* = dai-me. Também o povo diz *amostra-me* por *dá-me.*
[2] A rapariga não sabe esta parte.

—Ó senhora Mãe, eu morro,
eu morro do coração,
os olhinhos de D. Carlos
são de mulher, de homem não;
—Convidai-o vós, meu filho,
p'ra convosco ir nadar,
porque se êle mulher fôr
das ondas se há de retirar.
D. Carlos como discreto
se pusera a consid'rar;
ao descalçar das botas
pôs-se a ler e a chorar.
—Tu que tens, ó D. Carlos,
D. Carlos de Montalvar?
—É que minha mãe é morta,
meu pai 'stá a enterrar,
de sete manas que eu tenho
aqui as ouço chorar,
os sinos da minha aldeia
aqui os ouço tocar.

Sete anos andou na guerra
D. Carlos de Montalvar,
e outros sete andaria
se não fôsse o ir nadar.

*
* *

Cfr. *Romanceiro Trasmontano*, in REV. LUS. X: «*D. Martinho*» (p. 287), variante de Maçores; «*D. Martuchinho*» (p. 300-302), variante de Vinhais. Fala-se no conde de Mont'Alvar no romance «*A Palombinha*» (p. 298-299), colhido em Vinhais.

Cfr. ainda *Estudos sôbre o romanceiro peninsular, in* REV. LUS. II, 199.

O lavrador da arada

Vindo o lavrador da arada,
  Valha-me Deus!
encontrou o pobrezinho;
  Valha-me Deus
  e a Virgem Maria!
O pobrezinho lhe disse:
—Tenho fome e tenho frio,
lavrador, por Deus te peço,
leva-me no teu carrinho.
Leva-o o lavrador p'ra casa
p'rà melhor sala que tinha,
e mandou-lhe pôr a mesa
do melhor que nela havia,
mandou-lhe fazer a cama
da melhor roupa que tinha,
por baixo linho lavado,
por cima damasco fino.
Lá pela meia noite
[*ou:* Era meia noite dada],
o pobrezinho gemia.
Levantou-se o lavrador
p'ra ver o que o pobre tinha:
achou-o crucificado
numa cruz de prata fina:
—Ó Senhor, se eu tal soubera
quem na minha casa havia,
mandava-lhe preparar
do melhor que nela tinha.
—Cala-te aí, lavrador,
não fales com fantasia,
já tens no céu *reservado* (1)
cadeira de prata fina,
tua mulher a teu lado
que ela tambem o mer'cia.

O estribilho é, alternadamente, a seguir a cada verso:

Valha-me Deus!
e
Valha-me Deus
e a Virgem Maria!

(1) De umas vezes disse *reservado* e de outras vezes *preparado*.

Outra variante

Indo o lavrador no carro,
encontrou um pobrezinho;
o pobrezinho lhe disse:
deixa-me ir no teu carrinho;
o lavrador se desceu,
o pobrezinho subiu;
levou-o p'ra sua casa
p'rà melhor sala que tinha
e mandou-lhe pôr na mesa
do melhor manjar que tinha,
mandou-lhe fazer a cama
da melhor roupa que tinha,
por baixo linho lavado,
por cima cambraia fina;
tinha dado meia-noite
o pobrezinho gemia,
levantou-se o lavrador
foi ver o que o pobre tinha,
encontrou-o crucificado
numa cruz de prata fina.
— Se eu soubera, ó meu Deus!
que na minha casa vos tinha,
usaria doutros preparos
que a minha casa não tinha.
— Cala-te lá, lavrador,
que eu nada disso te qu'ria,
lá no reino da glória *(guelória)*
terás tua cadeirinha
p'ra ti e p'ra tua mulher.

De hora em hora bate a porta.
Vai ver lavrador quem é:
É Jesus que vem por ti
e mais p'la tua mulher.

A seguir a cada verso:

Ai, meu Jesus!
ai, meu Jesus!

Esta variante, disse-a, e cantou-a, uma rapariga de Ponte--do-Lima, que está a servir nesta cidade há tempo.

*
*

Cfr.: REV. LUS. XIV, 28 (da tradição oral da Rapa (Celorico-da-Beira);
— REV. LUS. XIV, 127, 128 e 129, três versões sob a epígrafe *Jesus pobrezinho.*
— REV. LUS. IX, 281 (versão de Açoreira) e 318-319 (versão de Vimioso).

O conde das três Marias

O conde das três Marias
por sêr o conde maior,
tinha êle duas filhas
mais bonitas do *q'ò* sol:
uma chamada Faustina
de quem êle suspirava,
pe*deu-le* (1) o braço direito,
jurou que não *lo* dava:

(1) Represento por *eu* o som especial do ditongo *iu* na fala do povo desta região. Em galego, tambem há pronúncia semelhante, registada até na literatura:

Outro sono non volvo á soñar
con mais vivo sentir que soñei,
solo certo saleu que espertei
para logo... volver traballar!!...

Remembranzas da terra, poesia de Domingo Vasquez, *in*-LITERATURA GALLEGA, de Aldao, Barcelona, 1911, p. 213.

— Sou sua filha, meu pai,
não sou sua namorada.
Mandou fazer uma tôrre
mais alta do *q'Agonia* (1)
p'ra meter Faustina dentro
séti-ános e um dia;
O pão era por *reçom*,
a carne era *maur cebada;* (2)
Faustina virou p'ra dentro,
no mesmo *palaço* estava,
encontrou a sua mana
numa cadeira assentada:
— Deus *le* salve, minha mana,
Deus *le deia* a *saurbaçom*, (3)
peço por amor de Deus
que me traga um copo *d'auga*.
— Como t'hei de dar a *i-auga*,
ó mana *amaurdeçoáda*,
o teu pai me jurou
com êste pau me matava.
Faustina virou p'ra dentro,
no mesmo palaço estava,
encontrou a sua mãe
a bordar numa *aurmofada:*
— Deus *le* salve, minha mãe,
Deus *le deia* a *saurbaçom*,
peço por amor de Deus
que me traga um copo *d'auga*.
— Como t'hei de dar a *i-auga*,
ó filha *amaurdeçoada*,
o teu pai me jurou
com êste pau me matava.
Faustina virou p'ra dentro,
no mesmo *palaço* estava,
encontrou o seu pai
assentado num sofá:
— Deus *le* salve, meu papá,
Deus *le deia* a *saurbaçom*,
peço por amor de Deus
que me traga um copo *d'auga*.
— Como t'hei de dar a *i-auga*,
ó filha *amaurdeçoada*,
pedi-te o braço direito
juraste que não mo davas.
— Dou-*le* o braço direito
intê le dou o esquerdo.
— Correi, Barcelos (4), correi,
vinde dar *auga* a Faustina.
Quando o *Barcelos* correu
já i-auga nu' éra precisa.

Ouvido a várias raparigas pequenas das ruas da cidade.

b) Cantigas

25

Algum dia p'ra te bêr
abri portas e janelas;
agóra p'ra te num bêr
num ábro nenhuma delas.

(Viana).

Cf. em galego:

Algun día por te ver
Abrin portas e ventanas;
Agora por non te ver
Todal-as teño fechadas (5).

(*Cantares populares de Galicia* in-Boletin de la Real Academia Gallega, VI, 70).

(1) Alusão à tôrre da igreja da S.ª da Agonia, nesta cidade.

(2) Com pouca gordura. A gente do povo aprecia a carne com gordura.

(3) Apenas figuro a pronúncia de algumas palavras. Assim, dizendo saurbaçom, compreende-se que haja dito *sáurbe* (salve).

(4) Por *vassalos*. É curioso como de *vassalos* fizeram *Barcelos*.

(5) Na Lit. gallega, de C. Aldao (Barcelona, 1911), pág. 186, vem esta quadra, tendo *pechadas* em vez de *fechadas*. A concorrência de *p* e *f* em galego é freqüente. Cf.: *pantasma* e *fantasma*; *pechadura* e *fechadura*...

26

Algum dia era i-eu
no teu prato milhor sôpa,
agora sou um benêno
rosalgar na tua bôca.

(Viana).

Çf. em galego:

En algun tempo era eu
Do teu prato a mellor sopa,
E agora sou un veneno
Nos beizos da tua boca.

(*Cantares populares de Galicia* in-**Boletin de la Real Academia Gallega**, VI, 274).

27

Ó Sinhôra d-Àgonia,
biradinha parò már,
qu' é p'ra bêr os sêus barquinhos
p'ra que bárra bom intrar [1].

(Areosa).

28

Ó Sinhôra d-Àgonia,
'stás biradinha p'rò már,
para bêr os marinheiros
por que bárra bom intrár [2].

29

O amôr é uma albárda
que se bóta a quéim quér béim;
quéim num quér sêr albardádo
num téim amôr a ninguéim.

30

O amôr é uma albárda
que se põe im quéim quér béim;
êu p'ra num sêr albardáda
num teinho amôr a ninguéim.

31

Aqui tèim êste raminho
de béim-me-queres e gôibos;
êsti-ano namorámos,
p'rò áno serêmos nôibos.

32

Quéim bai ò már sêmpre càça
ou camarões ou peixinhos;
quéim namora sêmpr' alcânça
ou abráços ou beijinhos.

33

Si-os beijos pusésse nódias,
cántas tinhas no têu rosto!
mas os beijos num põe' nódias
som dádos cum tôdo o gôsto.

34

Si-os beijinhos ispigássem
cum' ispigò-alecrim,
mũita menina trazia
a cara cum'um jardim.

35

Troquei os meus ólhos prêtos
p'los teus acastanhádos;
agóra tôdos me chámam
amôr dos ólhos trucádos.

36

Eu hei d'amar uma pedra,
deixar o teu coraçom,
porqu' a pedra num se queixa,
tu queixas-te séim razom.

---

[1] De 27 a 42 ouvidas a raparigas de Areosa (Viana).
[2] Há três barras em Viana.

37

Tôdà mulher que se casa
grânde castigo merece,
porque bai deitar-s'à cáma
c'um home que num conhêce.

38

Já dormi na tua cáma,
já os teus lençóis beijei;
já conhêço os teus carinhos
e outras coisas qu'eu sei.

39

Dá-me da pêra que comes,
da mação um bocadinho,
dos teus olhos uma séinha,
da tua bôc' um beijinho.

40

Tóma lá êste raminho,
léba no meio morangos;
taméim quéro que me digas
onde bámos dormir ambos.

41

Amar e sabêr amar,
amar e saber a quéim;
eu ámo o meu amor
e num ám' a mais ninguéim.

42

O brilho das istrelinhas
formam o céu béim composto,
assim som as bexiguinhas
na felôr dêsse teu rôsto.

(Areosa).

43

Deste-m' uma pêra bêrde
qu' habia d'amadurar;
o qu' é bêrde sêmpr' é bêrde,
num me queiras inganar. (1)

44

Lindos olhos téim na truita,
quéim me dér' àssim os meus!
qu'ria labar os meus olhos
onde a truita lábòs (lava os) seus.

45

Tendes dois olhos na cara,
parecem-me dois ladrões
passeándo nas istrádas
para roubar corações.

46

Esta noit' à meia-noite,
néim meia-noite seria,
dei uma bórta na cáma
birei-me para Maria.

47

Ó meu béim,
retruque, retruque,
bacalhau quér binho,
sardinhas açucre.

48

Algum dia era i-eu,
algum dia eras tu;
agora já num sou eu,
agora já num és tu.

(Viana).

49

Num posso comer séim dár-te,
neim beber séim dár a ti,
e num posso-istar na cáma
séim ser birada p'ra ti.

(Viana).

50

Num quéro que me dês nada
qu' êsse teu dár é pedir,
num quero daqui a pouco
que m'ándes a perseguir.

Castelo-do-Neiva (Viana).

(1) De 43 a 47 ouvidas a uma mulher de Correlhã (Ponte-do-Lima), que está a servir em Viana há muito tempo.

51

O dámo que dá à dáma
é de mũito béim querêr,
a dáma que dá ò dámo
é de mũito maur par'cer.
S.ta Maria-de-Arcozelo (P.-do-L.)

52

Bai-t'imbóra, paponzinho,
de cima dêsse telhádo,
deixa dormir o menino
o seu sôno descançádo.
Correlhã (Ponte).

Cfr. no artigo *Canções do Berço*, do snr. Dr. Leite de Vasconcelos (REV. LUS. X, 35), as cantigas subordinadas à epigrafe *Ninguem acorde o menino* (pag. 35), especialmente as que teem os n.os 87 a 96.

Com as cantigas n.os 98 e 99, do mesmo artigo, cf.:

53

Bai-t'imbóra, paponzinho,
de cima dêsse loureiro;
deixa dormir o menino
o soninho primeiro.
Correlhã (Ponte).

É curioso notar que os dois últimos versos da indicada cantiga n.º 99 (de Óbidos) são os mesmos, — o último errado:

deixa dormir o menino
o soninho primeiro.

Talvez devesse ser:

o seu soninho primeiro.

c) Jogos e rimas infantis

1

Passou por aqui um burriquinho
carregado de *avelães*,
elas podres, elas *sães*,
aquele que aqui falar
comerá o que o burriquinho largar,
fora eu que sou juiz
que vos faço no nariz,
fora eu que sou condessa
que vos faço na cabeça,
fora eu que sou rei
que não fala aqui mais ninguêm senão eu.

Variante:

. . . .
fora eu que sou juiz,
tira caca do nariz,
vou lavar ao chafariz,
. . . .

2

Peru qu' é velho,
que quer casar,
há de vir uma velha
qui-o há de matar.

3

—Gato pingado,
quem te pingou?
—Foi uma velha
que por aqui passou.
No tempo das uvas
chupai (*ou* enforcai) as ovelhas,
puxai, puxai
pelas nossas orelhas.

4

Toca, barroca,
p'ra ti quem toca,
fora o borrão
p'ra ti feijão *(palavra por que substituem* «c.......»)

5

Galinha pintada
que andou pela casa
pão bolor
p'ra ti fedor.

6

Aqui põe a galinha o ovo,
vem a menina e papa-o todo.

7

Sola, sapata,
rei, rainha,
foi ao mar
buscar sardinha
parà filha [*ou* p'rà mulher]
do juiz
que está presa
pelo nariz;
salta a pulga
na balança
que vai ter
ao rei de França:
os cavalos
a correr,
as meninas
àprender,
qual será
a mais bonita
que se há de
esconder?

8

Pico, pico, maçarico,
quem te deu tamanho bico?
foi a gata borralheira
que pôs ovos na manteiga:
lá pôs um, lá pôs dois,
là pôs três, lá pôs quatro,
lá pôs cinco, lá pôs seis,
que se torna em dezasseis.

9

Pico, pico, maçarico,
grão de milho eu achei,
fui moê-lo ao moinho,
o moinho mo moeu,
um ratinho mo comeu,
eu chamei por S. Tiago,
S. Tiago não ouviu,
ouviram os ladrões,
apalparam-me os calções,
eu cuidava que era graça,
era o vinho da minha cabaça.

10

Creio em Deus Padre,
todo poderoso,
a môça do abade
teve um raposo:
era bonito
mas era guloso.

11

Avè Maria,
eu comer qu'ria.

12

Pêlo sinal
do bico rial,
achei toucinho
no meu quintal,
se mais me dessem
mais comia,
adeus, meu pai,
até outro dia!

13

Padre nosso
comer não posso,
fui à caixa

achei um *ósso*,
se mais me desse
mais comia,
adeus, meu pai,
até outro dia!

14

Salvé Rainha
debaixo da vinha,
aí vem o dono
c' uma *bragastinha*.

15

Era uma vez um rei
conta a tua que eu já contei.

16

Era uma vez um bispo
não sei mais do que isto.

17

— Bichinha gata,
que papaste hoje?
— Sopinha de mel.
— Guardaste-me dela?
— Guardei.
— Com que a cobriste?
— C'o rabo do gato,
sape, sape, sape...

18

Joaninha, *aboa*, *aboa*,
vai a teu pai, a Lisboa,
que te dê pão e cebola
p'r' àmanhã p'rà tua boda.

19

Havia um macaco
chamado Pivête,
passava pelas môças,
tirava-*lhe* o barrete

20

Era uma vez um rei
e uma rainha,
entraram pela sala,
e saíram p'la cozinha.

21

Era uma menina
chamada Vitória;
morreu a menina,
acabou a história.

d) **Rimas, estribilhos e ditados**

26 — Vaca do monte
não tem boi certo.

Oleiros (Ponte-da-Barca).

Diz-se da mulher que dá à luz, havendo tido relações com mais de um homem, — quando se aventa que o pai da criança é êste ou aquêle.

27 — Quem cabritos vende
e cabras não tem
d'algures lhe vem.

Oleiros (Ponte da Barca).

Em galego:

O que come carbito
e cabra non ten,
d'algures lle ven [1].

28 — Porco de um ano,
cabrito de um mês,
mulher dos dezóito ao vinte e três.
Oleiros (Ponte-da-Barca).

29 — No Santo Esp'rito
cada ponto, cada grito.
Beiral (Ponte do Lima).

No dia do Espirito Santo não se deve coser.

30 — Nunca bai má têmpo
senão q'ándo bai bénto.
Beiral (Ponte do Lima).

Cfr. o ditado galego:

Cando non fai vento non fai mal tempo.

31 — Galinha que canta de galo
quer *cêdo* seu amo no adro.
Oleiros (Ponte da Barca).

Isto é: quando uma galinha canta de galo, é sinal de morte do amo (entêrro *no adro)*: e para impedir que êle morra, mata-se logo a galinha.

32 — Já no artigo antecedente (XV, 83) registei o ditado

Não há carne como a do carneiro, ‖ *nem amor como o primeiro.*

em que se apregoa a excelência da carne de carneiro que para o povo serve de termo de comparação.

Notem-se mais êstes ditados:

Os escalos em Janeiro
teem o sabor do carneiro.
(Monção).

[1] Os ditados galegos, que não levam indicação de proveniência, são de um *Refranero gallego* em preparação, do snr. Eugénio Carré Aldao, que teve a fidalga gentileza de me deixar ver a parte preparada.

A pescada em Janeiro
vale carneiro.



(in-*Calendario Rural*, do snr. A. Tomás Pires, p. 12).

A pescada em Janeiro
vale carne de carneiro.

(*Rev. Lus.* XIV, 179).

Em galego, tambêm há:

En Xaneiro a raya val carneiro.
En Xaneiro, berza vella val carneiro.
A pescada de Xaneiro val un carneiro.

No livro *Sentences, maximes et proverbes mantchoux et mongols*, de Luís Rochet (Paris, 1875), encontro um ditado manchu e outro mongol nos quais tambêm a carne de carneiro é apreciada:

Manchu (pronúncia figurada em francês):

Khonin deberen oudou amtangga bitchibe geren i angga de atchabourengge mangga.

Tradução:

Quoique le mouton ait bon goût, il sera difficilement agréable à la bouche de tous.

(Pág. 69, N.º 148).

Ditado mongol, semelhante:

Khonin ou mikha kedui amtan djokistai bolbasou berkhamouk olos oun amtan dour kurkuye berke.

Tradução:

Bien que la viande de moutou soit d'une saveur convenable, elle est difficilement du goût de tout le monde.

(Pág. 131, N.º 148).

33 — Dás-me um beijo?
— Não que me aleijo.

Ou

34 — Dás-me um bico?
— Não que me pico.

35 — Fraco, fraquelas,
emprenha cadelas:
no tempo das uvas
emprenha viúvas,
no tempo dos nabos
emprenha diabos.
Perre (Viana).

36 — Eu qu'ria...
— Quem cria dá leite.

37 — É o que se conta sem ser dinheiro.

38 — Arrieiros sêmos, na estrada
nos encontraremos.

Cfr. em galego:

Arrieiros somos e no camiño da feira nos atoparemos.

39 — (A quem boceja:)
¿Isso é fome, sono,
ou manha do dono?

40 — Quem se gaba,
suja-se que nunca mais se lava.
(Areosa).

Cfr.:

— Chi si loda s'imbroda.
— Qui se loue s'emboue.
— Selfpraise is no recommendation.
— Eigenlob stinkt.

(Provérbios citados por Sessa na DOTTRINA POPOLARE, Milão, 1891, — pág. 196-197).

41 — Diga...
— Diga, diga,
de que lado lhe dói a barriga,
se é de baixo, se é de riba.

42 — Mariquinhas,
abra-me a porta,
que vou de gatinhas.

43 — Boniteza
não se põe na mesa.

44 — De pai mau
um filho *bô*,
lá birá neto
que sai ò abô.

45 — Pisca-me o direito (ôlho)
que o esquerdo não tem jeito.

46 — Gaba-te cêsta
que vais à vindima.

47 — ... Maria.
— Pega na roca e fia.

48 — Venha o diabo donde vier,
venha a Viana encontra mulher.

49 — Quem dá o seu a quem no entende,
não no dá, bem no vende.
(Perre).

50 — Lágrimas de sermão
e chuva de trovoada
cai na terra
não vale nada.
(Perre).

51 — Até aos quarenta
ou vai ou arrebenta.

52 — Desde que morreu o Ciranda
tudo assim anda.

53—S. Benedito
nem come nem bebe
e está tam gordito
(Monção).

54—Valha-nos S. Silvestre
e a camisa que êle veste.
(Monção).

55—Nossa Senhora do Ó
não nos deixes ir dêste mundo só.
(Monção).

56—Rabeia,
qu' é cão d'aldeia.

Diz-se de quem se zanga muito.

57—Mãos quentes, coração frio

e

Mãos frias, coração quente.

M. Quitard no seu livro PROVERBES SUR LES FEMMES.. (Paris, s. d. *nouvelle édition*, p. 283) diz:

«*Froides mains, chaudes amours.*

Nous disons encore: *Il a les mains fraîches, il doit être fidèle*, et cela en vertu d'un axiome de chiromancie d'après lequel les mains froides ou fraîches sont le signe caractéristique d'un tempérament amoureux, parce que la chaleur du sang ne les quitte qu' afin de se concentrer dans le cœur, regardé comme le principal organe de la passion. Nous avons aussi ce proverbe corrélatif: *chaudes mains, froides amours.*»

Em alemão:

Kalte Hände, warme Liebe.

58—Mais vale um toma que dois te darei.

Ditado de uso geral. Não carece de explicação. É paralelo a *mais vale um pássaro na mão que dois a voar.*

Na REV. LUS. XII, 174, transcreve o snr. A. Tomás Pires um trecho da NOVA FLORESTA (tômo III, pp. 37 e 383), no qual, entre outros adágios, se encontra:

Mays val hum toma, que dous te darey.

Outra forma, antiga, do ditado é:

Mais vale um áveche que dois te darei. [Vid. REV. LUS. IX, 184-185].

No PETIT RECUEIL DES PROVERBES FRANÇAIS, de L. Martel (Paris, s. d.), menciona-se (pág. 287):

Un tiens vaut mieux que deux tu l'auras.

E a par dêste adágio estoutro se cita:

Un moineau dans la main vaut mieux qu' une grue qui vole.

«La *grue*, — explica L. Martel — chez les anciens et au moyen âge, était un oiseau dont les gourmands faisaient autant de cas qu' on en fait aujourd' hui de la poularde ou de la dinde.»

Êste adágio corresponde ao português que acima citei e que de modo idêntico principia.

LA FONTAINE terminou assim a fábula III do livro V:

Un tiens vaut, ce dit-on, mieux que deux tu l'auras:
L'un est sûr, l'autre ne l'est pas.
(FABLES de *La Fontaine*, Tours, 1860, p. 142).

Ainda em francês há um provérbio que o mesmo diz:

Un oeuf aujourd'hui vaut mieux qu'un poulet demain.

Giuseppe Sessa cita êste adágio na sua DOTTRINA POPOLARE *in quattro lingue* (Milão, 1891, 2.ª ed.) e cita mais (pag. 210-211):

— *Meglio oggi l'uovo che domani la gallina.*

— *An egg to-day is better than a pullet to-morrow.*

— *Besser heut' ein Ei, als morgen ihrer drei.*

*

Na REV. LUS. X, 111, artigo *Folk-lore ceilonense*, menciona-se:

Hum pastro ne man tem mais bom do que dôs ne mato.

*

Em galego há:

Mais val un toma que dous che darei.

e

Mais val paxaro na man que cento voando (ou *no aire*).

59 — Nódoa de gordura é alma que cai no inferno.
(Santa Marta-de-Portuzelo, Viana).

60 — Quem canta antes de almôço não chega ao sol pôsto.
(ibidem)

61 — Canta o corvo, vento certo.
(ibidem)

62 — Arremenda o teu pano
que chega *té* ao ano,
torna a arremendar
que torna a chegar.
(ibidem)

63 — Tam ladrão é o que vai ao nabal como o que fica ao portal.
(ibidem)

64 — (Das couves:)
Se me qu'reis apanhar aos braçados
cavai-me todos os sábados.
(ibidem)

65 — O lavrador para ser bom deve ter o porco, no S. João, meão; se estiver meão, pode continuar, se estiver mais de meão, tem de acanhar a ração.
(ibidem)

Isto é: No S. João, o lavrador deve ter o porco meio comido: se comeu mais de metade, precisa de apoucar a ração para lhe chegar até à matança do outro porco.

66 — Comidas apimentadas fazem borbulhas às carradas.
(ibidem)

67 — Quem quiser ver a *calidade* ao bom doutor, procure-lhe o *iscurtor*.
(ibidem)

O «escultor» é o pai.

68 — O cão rabeia no inverno com a sêde que passa no verão.
(ibidem)

69 — Sardinha sem pão é comer de ladrão.
(ibidem)

70 — O lavrador honrado no inverno prepara o carro.
(ibidem)

71 — Fraco é o padeiro que diz mal do seu pão.
(ibidem)

72 — Não há amor mais firme do que é a pomba p'rò pombo.
(ibidem)

73 — Não faças *escarne* do animal, que não sabes se serás outro tal.
(ibidem)

e) **Frases do povo**

10 — *Crescer água na bôca*

É sabida a significação desta frase, de emprêgo geral. As comidas boas, apetitosas, fazem *crescer água na bôca* ou fazem *vir água à bôca.*

É um fenómeno fisiológico, provocado por via nervosa reflexa.

«— Les influences psychiques (na secreção salivar) ont été signalées depuis longtemp. Tout le monde sait que la vue ou l'odeur des aliments, ou même l'idée d'un bon repas, suffit parfois pour faire venir «*l'eau à la bouche*». — »

(L. Fredericq e J. P. Nuel, *Elem. de Physiologie Humaine,* 5.ª ed. Gand-Paris, 1904, pág. 233).

Além da expressão francesa correspondente, cita G. Sessa na *Dottrina Popol.* (Milão, 1891), pág. 2-3, mais:

Em italiano: *Far venire l'acqua in bocca.*

Em inglês: *It made my mouth water.*

Em alemão: *Das Wasser ist mir im Munde zusammengelaufen.*

L. Martel, no *Petit Recueil des Prov. français,* pág. 13, regista, ao lado da expressão francesa, a latina: *salivam movere.*

11 — *Diabo do inferno.*

«Parecia o Diabo do inferno, Deus me perdôe! — accrescentou a criada, benzendo-se.»

Camilo, O Demónio do Ouro, Lisboa, 1874, II, pág. 121.

12 — *de corpo bem feito* (= «em corpo», sem abrigo).

Cfr. em espanhol:

«¿Quieres ir de capa ó á cuerpo gentil?»

António Flores, *Ayer, Hoy y Mañana,* I, pág. 55.

13 — *Uma cousa de nada*

É como se indica o motivo fútil. *Disputar, ralhar, bater, por uma coisa de nada.*

G. Sessa menciona *(Dott. Popol.,* pág. 8-9):

— *Disputare per una bagatella*

— *Discuter sur la pointe d'une aiguille.*

— *To dispute about a trifle. To split hairs.*

— *Viel Lärm um Nichts machen. Um des Kaisers Bart streiten. Um ein Linsengericht streiten.*

L. Martel, na obra cit., p. 24, regista:

«*Disputer sur la pointe d'une aiguille.*

Discuter sur une chose petite, sans importance, qui n'en vaut pas la peine.

Les grecs disaient: *Disputer sur l'ombre d'un âne.* Une historiette racontée aux Atheniens par Démosthène avait été l'origine de cette expression».

E conta a historia da *ombre de l'âne.*

Em português tambêm se diz: *por uma coisa que não vale* (ou *não valia) a pêna.*

E o povo, aqui, diz ainda: *por uma coisa que não paga a pêna.*

14 — *quanto mais antes.*

Um meu aluno de portugês (3.ª classe) pôs num seu trabalho escrito:

... «vou-lhe pedir o favor de ma remeter *quanto mais antes*»...

O aluno é de S. Gregório (Melgaço) e assegurou-me que assim se dizia lá.

A frase quere dizer: *o mais breve possível.*

Ouvi-a depois tambêm a um rapaz de Valença.

15 — *Não ter onde cair morto. Não ter nada de seu. Não ter eira nem beira.*

G. Sessa (obra cit., pág. 18-19) menciona:

— *Non aver nè casa, nè tetto.*

— *N'avoir ni feu, ni lieu.*

— *To have neither house nor home.*

— *Weder Dach noch Fach haben. Nicht haben wo man sein Haupt hinlege.*

Acêrca da frase *ter de seu,* vid. Rev. Lus. XI, 176.

16 — *fazer espécie.*

«Foi Alvaro, de vontade sua, passar alguns dias a casa. Fez especie em Manoel Teixeira a extraordinaria vivacidade do moço».

Camilo, O Romance de um Homem rico, Pôrto, 1890, pág. 85.

Fazer espécie a ... é mais usado.

17 — *fazer figuras.*

O mesmo que *fazer partes, andar com partes.*

18 — *ser bom a alguém* (irón.) = fazer-lhe mal.

19 — *fazer o pranto.*

Quando alguém está para morrer, e depois da sua morte, *faz-se o pranto.* A família e a vezinhança choram, eriçando o alto chôro com exclamações de pesar.

Se durou muito tempo, diz-se que *o pranto foi bem feito;* de contrário, dizem que *foi mal feito.* — [Oleiros (Ponte-da-Barca)].

20 — *andar-se embora.*

Por influência de *ir-se* ou *vir-se embora.*

21 — *uma beleza* = muito bem, admirávelmente, «que é uma beleza».

Exemplos (colhidos da bôca do povo):

«A música está a tocar uma beleza!»

«Vou comprar a farinha a F. porque êle mede uma beleza».

22 — *dar conta* = *dar cabo.*

Ex.: «As galinhas deram conta do milho» = comeram o milho.

«As galinhas deram conta das flores» = estragaram-nas.

23 — *ter pêlos no coração.*

De quem é duro, cruel, diz-se que tem *pêlos no coração,* — modo de dizer de uso geral.

Supunham os antigos que as pessoas más tinham, realmente, pêlos no coração, — havendo anatomistas que tal facto declararam ter observado nas suas necrópsias.

Ora veja-se o que diz o célebre doutor D. Martin Martinez na sua Anatomia completa del Hombre (Madrid, 1745), pág. 253-254:

«Tambien se ha observado varias vezes el Corazon cubierto de pelos, lo qual se cree indicio de fortaleza, y ossadia: pues del Griego Aristomenes Mesenio cuenta Plinio, y Valerio Maximo, que èl solo ponia en fuga los Esquadrones enteros de los Lacedemonios, y en una ocasion matò 300. de ellos: este fue herido, y preso dos vezes, las quales escapò con singular industria; pero à la tercera, abriendole sus enemigos el Pecho por curiosidad, le hallaron el corazon peludo, señal de su rara fortaleza. Otro famoso Ladron, condenado à muerte por sus execrables delitos,

quitandole del suplicio yà por muerto, sucediò, que estaba vivo, y cuidandole convaleciò; pero inclinado por su depravado genio à reincidir, fue segunda vez preso, y ahorcado, en cuyo cadaver dissecado se hallò el Corazon todo belloso, segun observò Benivenio. En Ferrara hizo Amato disseccion de otro insigne Ladron facinoroso, cuyo Corazon se hallò tambien hirsuto. De otro Ajusticiado en Venecia hace mencion Mureto, en quien se viò el Corazon lleno de pelos. Sculteto cuenta de otro Noble Polaco, que aviendo estudiado en Italia, dexò à Minerva por Marte; y muerto en una funcion, se expuso en la Losa Anatomica, donde se hallò su Corazon por todos lados belloso, en señal de su feròz, y belicosa inclinacion».

Este *corazon belloso* não é mais do que um coração com pericardite de copioso exsudato fibrinoso.

O aspecto de tal coração justifica o parecer dos antigos: ainda hoje é conhecido por *cor villosum*, como afinal lhe chamou o afamado anatomista espanhol.

Sôbre êste coração patológico, veja-se, por exemplo, o que diz o excelente tratado anátomo-patológico do Dr. Ziegler:

«Se l'infiammazione *(do pericárdio)* è alquanto più intensa *(do que na «pericardite sero-fibrinosa»)*, formasi anche una maggiore quantità di fibrina sulla superficie. Qua e là appariscono masse fibrinose alquanto grosse, prominenti, biancastre, tenaci, talvolta anche rossastre, per fuoriuscita di corpuscoli rossi. Gli strati di queste masse, verso la cavità pericardiale, sono in parte villosi ed in parte disposti a rete, od a strie e rilievi, ed hanno fatto dare al cuore il nome di *cor villosum*».

[ERNESTO ZIEGLER, *Trattato di Anatomia Patologica*, ultima edizione tedesca .. tradotta dal Dr. Luciano Armanni. Terza ediz. italiana. Nápoles, 1898; II, 46.].

*
* *

Concebe-se fácilmente que se haja suposto terem as pessoas fortes ou crueis pêlos no coração.

Aos pêlos alia o povo, e a sciência, idea de fortaleza, — e possui-los no órgão, que é crença ser a sede dos sentimentos, por certo seria sinal de grande ruindade.

«Un systhème pileux abondamment developpé, sur le corps indique *virum fortem aut libidinosum aut tuberculosum*».

[J. BOUGLÉ e A. CAVASSE, *Le Premier Livre de Médecine*, Paris, 1897, pág. 7].

f) Comparações populares

36 — *Leve como um caniço* (Afife).

O *caniço* é uma espécie de cancela, na expressão mais simples. Duas tábuas horizontais e uma em diagonal, que se abrem e fecham com enorme facilidade. (Afife).

37 — *Justo como uma luva.*

Registada nas *Setecentas comparações alentejanas* de A. Tomás Pires, (Esposende, 1892).

Cfr. em francês: « — L'épithète si americaine de «smart» va à Tom Sawier comme un gant. — » *La Revue du Mois* (Paris), 5.º ano, p. 436.

Em italiano: «Calza come un guanto».

38 — *Aos pares, como os frades.*

Comparação generalizada. Mencionada pelo Snr. A. Gomes Pereira no art. *Tradições pop. e linguagem de Vila-Rial* (REV. LUS. X, 232): «São aos pares como os frades», e pelo Snr. A. Tomás Pires nas *Comparações populares alentejanas* (REV. LUS. XII, 77): «Aos pares como os frades».

Em espanhol: «A pares, como los frailes», — que se pode ver como epígrafe do *cuadro tercero* (p. 35-I) da obra AYER, HOY E MAÑANA de A. Flores.

Em galego:

A pares, como os frades.

39 — *Alto como um pinheiro.*

De uso geral. A. Tomás Pires cita a comparação como usada no Alentejo *(Setec. Comp.* p. 9) e: *más alto que un pino, más alto que una torre.*

Em galego:

«e mais longo que un pino,
c'unha veste sangrenta, que da medo» ...

[MARTELO PAUMAN, *Os afillados do Demo, in* LIT. GALLEGA, p. 397].

Também se diz:

40 — *alto como uma tôrre.*

41 — Do maldizente, diz-se que a lingua dele *corta como navalha.*

Cf. esta cantiga galega (*in*-BOLETIN DE LA REAL ACADEMIA GALL., VI, 256):

Marica, si vas ao baile
Levarás roupa que valla,
Porque a lengua de algus homes
Corta como unha navalla.

42 — *Escuro como bôca de lôbo.*

Cfr.

«y ¡que noche hacía!, !que noche! obscura como boca de lobo,»...

[ANTONIO FLORES, *Ayer, Hoy y Mañana*, I, 20.]

«A noite estaba escura
como boca de lobo; non se vía
nin a punta d'un dedo,»...

[FRANCISCO AÑON, *a Pantasma*, poesia inserta *in-Literatura gallega, de* EUGÉNIO CARRÉ ALDAO, Barcelona, 1911, p. 315].

Também se diz:

43 — *escuro como breu* e

44 — *escuro como prego,*
frases já citadas nas *Setecentas Comp. alentejanas,* do Snr. A. Tomás Pires, p. 22.

45 — *Abanar como um berço.*
Ex.: «Esta casa, quando passa um carro na rua, abana como um berço».

46 — *Chorar como uma criança.*
Diz-se, como se sabe, de quem chora muito: *como uma criança.*

Em italiano, diz-se

Piangere come un bambino.

G. Sessa cita ainda as correspondentes comparações em francês, inglês e alemão (Dottrina Pop., pág. 74-75):
— *Pleurer comme un veau.*
— *To cry like a baby.*
— *Wie ein Schlosshund heulen.*

47 — *Surdo como uma porta.*
Nas *Set. Comp. Alentej.*, do Snr. A. T. Pires, vem mencionada esta comparação (pág. 44).

Cfr.:

— *Sordo come una talpa.*
— *Sourd comme un pot.*
— *Deaf as a post.*
— *Er ist stocktaub.*
in-Dottrina Pop., de G. Sessa, pág. 92-93.

48 — *Ser como (a) unha e carne.*
Equivalente a *serem muito amigos, muito íntimos.*
Ex.: «F. e C. são como unha e carne».

49 — *Fazer diferença como a água do vinho.*

g) Vocabulário

acarrejar—carrejão—Nas *Apostilas*, I, 9, diz o Snr. G. Viana que *acarrejar* «em Caminha tem o sentido especial de «fazer fretes».—Chamam-se **carrejões** os individuos que **acarrejam**; fem. **carrejona**. Muito usados os vocábulos por aqui. Nas estações do caminho de ferro há os **carregadores** que **carregam** os carros ou vagões do combóio. Já o snr. dr. Alves da Cunha registara: «*Acarrejar*, v.—transportar cargas às costas ou à cabeça». *Alves da Cunha*, **Paredes de Coura**; Porto, 1909, pág. 300. O característico do *carrejão* é, efectivamente, transportar às costas ou à cabeça, particularmente às costas. Nos **Dialectos Interamnenses, X-Palavras e frases de Melgaço**, do snr. Dr. Leite de Vasconcelos (Lisboa, 1903), pág. 9, vem: «**Carrejão**,—homem que acarreta às costas» e **acarrejar**,—acarretar por qualquer modo».

acha—Vid. **raxão**.

anda!—Interj. usada em variadas acepções; exprime súplica, ameaça, ira, ironia, impaciência, gôzo com o mal de outrem, etc., conforme a entoação. Vem no Dicionário de Fonseca Roquete (Paris, 1878), e o seu emprêgo deve ser geral no país.

anda lá!—Expressão designando ameaça ou aviso. Frases populares:

Anda lá à tua vontade!
Anda lá com a tua vida!

andolas—O mesmo que *andas*: pernas de pau do feitio conhecido.

anjinho—Criancinha morta. «**Anjinho**. Na passada terça-feira faleceu um filhinho do nosso amigo... Sentindo a morte do inocente»... *Vida Nova* (Viana), de 8 de Junho de 1912. Supõem que as criancitas vão para o céu, e daí chamarem-lhes *anjinhos*. *Ir para os anjinhos* é *morrer*.

anteira—tento—N-*O Regional*, de 12 de Novembro de 1905, o snr. António de Pinho escreveu: «**Anteira**—grande pedra oblonga que se colloca de espaço a espaço nos muros, para os alinhar, ou nas extremas de propriedades para affirmar a respectiva posse. «... porque na parte que confronta com a estrada de Valença ... tem (um terreno) pedras grandes que com o nome de anteiras ou tentos costumam servir para alinhar ou defender a plantação das sebes vivas com que costumam fazer-se as vedações que são da natureza das d'esta quinta.» (Processo judicial arquivado no cartório do primeiro officio, Civel, maço ... n.º 19, fls. 50 v.) «... no terreno contestado existem umas pedras que não são vestígios de antiga vedação, mas que... indicam serem tentos para por elles se fazer vedação...» (*Ibidem*, fls. 52). «... «se junto ás pedras a que dá o nome de tentos ou anteiras...» (*Ibidem*, fls. 55 v.) «... estas pedras, assim collocadas na extrema de terrenos, costumam servir para por ellas se alinhar a vedação e muitas vezes até para indicar posse do terreno.» (*Ibidem*, fls. 58.) «... as pedras fixas a que se referiram são vulgarmente conhecidas por tentos ou anteiras, que servem para indicar que o terreno pertence a particulares ... (*Ibidem*, fls. 92 v. a 93.)»

aparadeira—Vocábulo já registado nas *Apostilas*, I, 76: bandejinha que apara os pingos da vela, no casti-

çal». *Bobéche* em francês. Usado não só nesta região como ainda na Galiza.

aparas de carpinteiro, ou só **aparas**. — Cavacos, sarrafos e fitas.

argaço — Vid. **fenelho** neste artigo, e nota 1 da pág. 84 da **Revista Lus.** XIII.

arjão, arjoada, arjoar. — No **Regional**, periódico de Monção, registou o snr. António de Pinho: «ARJÃO — pau, em geral fino e alto, e em regra obtido de ramos de arvores, que se espeta no solo para amparar plantas herbáceas, arbustos ou árvores que, por sua natureza ou pelo seu pouco desenvolvimento, não teem a consistência necessária para se manterem na posição favorável á sua regular vegetação. Registado, mas com significado mais restrito: na *Encyclopedia portugueza illustrada*, vol. I, («ARJÃO *s. m. Prov. minh. pau com que se empa a vinha*»); nas *Palavras e frases de Melgaço*, pags. 8, (ARJOENS, — *paos em que se atão as videiras*») no *Novo Diccionario da lingua portuguesa*, de CANDIDO DE FIGUEIREDO, (ARJÃO, m. (*prov. minh.*) *pau em que se empa a videira.*») no *Vocabulário de alguns termos... de significação peculiar a diversas regiões empregados*... na *Viticultura prática portuguesa* por M. RODRIGUES DE MORAES, págs. 236, («arjoada — No Minho, é a latada feita com arjões, que são ramos de arvores, tambem chamados minhoteiros»). Corresponde ao *estacão* da Beira. ARJOADA — série de arjões colocada a amparar uma plantação. «ARJOADA, f. *videiras empadas em arjão,*» *Diccion.* cit. (CANDIDO DE FIGUEIREDO;) ARJOADAS, — *as videiras atadas a paos*» (*Palavras e frases* cits. págs. 8); «ARJOADA *s. f. videiras empadas em arjão*» (*Encyclopedia cit.*, vol. I). *Cfr. Arjão*. Não é só para empar videiras a *arjoada;* mas, quando se diz simplesmente *arjoada*, com efeito se entende a latada vertical que em outros pontos do Minho se diz *beirada, bardo* no Douro *cordão* e *corrimão* em outros sítios. *Cif.* MORAES, *Viticultura* cit., págs. 96 e *vbs. Arjoada, Bardo e Beirada* no respectivo *Vocabulário*. ARJOAR — colocar os arjões para constituirem a arjoada». Não cito o n.º do *Regional*, por não ter mais do que o recorte do periódico. As **Palavras e frases de Melgaço** citadas são o opúsculo X (vem lá impresso IX) dos **Dialectos Interammenses** do Snr. Dr. Leite de Vasconcelos.

arjoada — Vid. **arjão**.

arjoar — Vid. **arjão**.

asneirada — Mencionado êste vocábulo em o **Novo Dic.** como prov. alg. Usado aqui, a par de **palavrada**. «Devia a polícia pôr termo ás perseguições que movem a certa louca... que, quando espicaçada por certos ditos, berra as peores asneiradas.» *o Povo* (Viana), de 27 de Agosto de 1908.

avelão — Vid. **mação**.

banqueta — *passeio*, das ruas. Além de *banqueta* e *passeio*, usa-se *calçada*.

bardo — Vid. **latada**.

borboleta — fio-de-contas — coração — cordão — brincos-à-rainha. — ... «A Manuel..., de Villa de Punhe, levaram-lhe os gatunos 1 cordão com «borboleta»... um fio de contas com «coração»... outro fio de contas lavradas com cruz... ... A Domingos..., de S.ta Martha, roubaram o seguinte, de uma gaveta: um cordão de ouro... um par de brincos «á Rainha»... *o Povo* (Viana do C.), de 3 de Set. de 908. São nomes de adornos de ouro para mulheres. A *borboleta* é uma lámina recortada como as

copas das cartas de jogar. É um coração chato, de muito pouca espessura. Os *brincos-à-rainha* são de um feitio especial, móveis, rendilhados. O *cordão* é uma corrente prêsa ao pescoço e muito comprida. Vid. **Fieira.** O *fio-de-contas* é bem conhecido. Vid. **lábia,** na **Rev. Lus.** XIII, 75.

borrão — Livro de escrituração comercial. Não vem mencionado êste significado em o **Novo Dic.** — «Borrão», porêm, deve ser de uso geral. «Dos doze annos em diante, Jeronyma, habil em escripta e contabilidade, ajudava o pai na escripturação, e lançava os borrões ao livro mestre...» *Camilo,* **As três irmãs,** Pôrto, 1882, pág. 56. Na mesma página, encontra-se a seguinte nota de Camilo: «Para elucidar a phrase ambigua, notem os desentendidos que *borrões,* n'este caso, são os cadernos ordinarios em que o commerciante faz os seus assentos e apontamentos, que depois traslada para livro especial, e principal em seus balanços. O ser necessario a nota a poucos, não é causa a rirem d'ella os muitos que a dispensam».

brinco — Chama-se assim o anel que se põe no focinho dos porcos.— Vid. **borboleta.**

caibrada — Vid. **latada.**

caibro — Vid. **latada.**

calçada — Vid. **banqueta.**

canhota, canhoto — Vid. **rachão.**

canté! cantés! — O **Novo Dic.** regista esta interjeição como antiga e prov(incialismo), beir(ão). Nos **Dialectos Interam. Lingoagem de Ponte-do-Lima,** já o snr. dr. Leite de Vasconcelos registou: «**canté,** oxalá. De *quanto é*».. Tambêm por aqui é usadíssima, por toda a gente. Em galego tambêm:

> Se che digo que fora meu encanto
> vivir sempre ond'á ti, (¹) xuntos morrer,
> terás dito que sintes outro tanto
> con escramar: «¡canté!»

O Falar das fadas, poesia de **Lamas Carvajal,** *in*-**Literat gall.,** de Aldao, pág. 378.

Canté e *cantés.* Cf. *indas* (ainda), *sós, sómentes* (só, sómente), etc. Em galego: *solamentes, seicas* (seica) etc.

carrejão — Vid. **acarrejar.**

chamadoiro ou *chamadouro* — «Que grandissimo.. franquista! não há chamadoiro mais calhado».**O Povo** (Viana), de 27 — Agôsto — 908.

coração — Vid. **borboleta.**

cordão — Vid. **borboleta** e **fieira.**

corriqueiro — Nas *Apostilas,* I, 330, diz o snr. G. Viana: «No Minho.. chama-se *corriqueira* à pessoa que sai de casa freqüentemente». E como a pessoa que anda a *corricar* fala com uns e com outros, tambêm **corriqueiro** quere dizer *intriguista,* que *anda com contos.*

carabunho — Vid. **carunho.**

cardenho — Casa ordinária e acanhada. ...«encarregou-o de enviar todos os dias ao cardenho da filha do doutor Negro um almoço e jantar». **Camilo,** *A Filha do Doutor Negro,* Pôrto, 1864, pág. 289.

carunho, carunha — Carôço. O snr. Gonçalves Viana (**Apostilas,** I, 250) registou *carunho,* que o snr. C. de Figueiredo incluiu em o **Novo Dic.** como vocábulo de Trás-os-Montes. Diz-se tambêm *carabunho.* No **Regional,** de Monção, n.º de 10 de Setembro de 1905, no artigo «Materiaes para um registo dos provincialismos usados no concelho de Monção», cita o seu autor: «*carunha* — o

(¹) Modo de dizer tambêm minhoto. Estar *onde a alguêm* = estar junto de alguêm.

mesmo que *carabunha*». Nas **Palavras e Phrases de Melgaço (Dial. Interam.)**, pág. 9: «**crabunhas,** — caroços da fruta». Cfr. *garavato* e *gravato*. Em galego, também *carunha* e *carunho*. (Tui).

dala — Diz o snr. G. Viana *(Apostilas*, I, 350) que *dala* é no Pôrto: «mesa de cozinha, com tabuleiro de pedra, ou lousa». A *dala* pode ser de lousa ou de cimento, mas é em geral uma pedra quadrangular, escavada de maneira a ficar um rebordo na periferia. Serve para a lavagem das louças, talheres, tachos, etc. Chamam *dala* especialmente à pedra ou tabuleiro de lousa. Há-as fixas à parede, sem mesa. Em galego chama-se *vertedeiro* (Tui). É certamente o francez *dalle*, «laje», como nota o snr. Gonçalves Viana.

ei! — Interj. para fazer andar os bois ou os animar na marcha. Também usada pelos galegos: — *Arco rayante, ei boi, pra adiante* (ditado).

— «¡Afellas, os bois baixaron
desque na feira os comprei!
Ben os pobres traballaron
¡*Ei, boi, ei!*»

O arador, poesia de *Yañez Gonzales*, *in* **Literatura Gallega,** de Aldao, pág. 284.

ensarranhar — Como se diz nas *Apostilas*, I, 393, quere dizer «enfarruscar», isto é: sujar com *sarranho*. Já o snr. dr. Alves da Cunha registara: «*Sarranho*... negro de fumo; pó muito negro na paranheira do forno». — **Paredes de Coura.** Pôrto, 1909, pág. 319.

escrivar — Passar no crivo. — Oleiros (Ponte-da-Barca).

faxina — Vid. **rachão.**

fenelho, folhelho, frangulho, garapalha, marruchos — N-*O Regional*, de 20 de Agôsto de 1905, num artigo do snr. António de Pinho [«Materiaes para um registo dos provincialismos usados no concelho de Monção»], encontro sinónimos de **gravalha,** alguns dos quais não incluí ainda nestes meus artigos. Menciona-se no referido jornal: «**Fasco**... Synonimos locaes: **argaço, faúla, fenêlho, folhêlho, frangulho, garapalha, garavalha, marruchos**». E acrescenta: ... «**mundilho** (Celorico de Basto)». Na **Rev. Lus.** XII, 312, vem **carumba,** Penedono (Viseu).

fieira — «... queixou-se à polícia de que deu ha dias, para compôr, um fio de contas, uma fieira e uma medalha, tudo de ouro...» *A Aurora do Lima* (Viana), de 16 de Setembro de 1907. *Fieira* é uma corrente fina de pôr ao pescoço, a modo de colar, podendo chegar ao peito. O **cordão** é muito comprido e dá várias voltas ao pescoço.

fio-de-contas — Vid. **borboleta.**

fitas ou **fitas-de-carpinteiro** — Tiras de madeira tiradas pela plaina ou ferramenta equivalente. — Com os cinematógrafos veio o vocábulo *fita* ou *pelicula*. ... «revestira as tintas d'uma visita a um cinematografo em que tivesse ficado perdida uma fita antiga». **Jornal de Notícias** (Pôrto), 30—Junho—907. «Estreia de duas pelliculas, «Carnaval em Nice» e «Historia d'umas calças», nas seis sessões»... **O Primeiro de Janeiro** (Pôrto), 29-9-907. Ha ainda uma corrida de bicicletas (em que por sinal se não *corre*) chamada *corrida de fitas*. Os ciclistas teem que tirar, sem desmontar, fitas de seda, ou coisa que o valha, suspensas de onde a onde por cima da pista, enfiando um ponteirozito numa argola que essas fitas teem na ponta solta. «**Corrida de fitas.** — Na farmacia do nosso amigo snr. José Mendes da Costa Junior, está ha dias aberta a inscrição para uma corrida de fitas que se projecta levar a efeito num dos ultimos domingos

do próximo julho, na Avenida 5 de Outubro, desta vila. Já se acham inscritos 10 ciclistas». **O Comércio do Lima** (Ponte-do-Lima), de 29 de Junho de 1912. —Também se chama *fita* a *gravata de fazer,* que é de fórma de tira. Expressão que ouvi a uma aldeã que, numa ouriveazria, aconselhou o marido a não comprar um alfinete para gravata: «Num merques alfenête p'rà fita: num há tolaria mauor».

folhato — Vid. **folhelho.**

folhelho, folhato — (colectivo): as fôlhas que envolvem as espigas do milho. Vid. outro significado de *folhelho* no art. **fenelho.**

frangulho — Vid. **fenelho.**

fugidor — Que foge. «sendo distribuidos os seguintes prémios...: ...ao cavalo ou égua mais fugidor, 1$000 réis». **Folha de Viana,** 25—Julho —912.

funileiro — No Pôrto *picheleiro;* — o que trabalha em fôlha-de-Flandres, a que vulgarmente se chama *lata.* Freqüente a metátese: *fulineiro.*

garapalha — Vid. **fenelho.**

graça — Nome. *João é a minha graça. Como é a sua graça, menina?* «Simão ordenava que lhe apparelhassem o *Relampago.* Relampago era a graça do cavallo»... **Camilo,** *A Filha do doutor Negro,* Pôrto, 1864, 137.

gramilo e **gramilho** — fecho especial da porta. Em galego: *gramil* e *pestillo* (Tui). Vid. **Apostilas,** 1, 517.

graxa — Gordura. Ex.: «A graxa das sardinhas». Já mencionado nas **Palavras e Phrases de Melgaço,** do snr. dr. Leite de Vasconcelos, pág. 10. Também se chama **graxa** a uma pasta com que se *lustra* o calçado. O que *engraxa* calçado chama-se *engràxador* ou sòmente **engraxa.** Por extensão, dar *graxa* ou **manteiga** é o acto de adular, lisonjear. Vid. **graxa,** *in*-**Apostilas,** 1, 518.

imitante — Parecido. «Eu queria uma chita imitante a esta»; «estas flores são imitantes».

julgar — Ver, distinguir, divisar. Ex.: «Nesta fotografia não se julga bem a tua cara». — «Não julgo nada para o outro lado do rio».

lamageiro, lamagem — O que é *lamageiro* depreende-se fácilmente desta transcrição: — «Na nossa notícia ultima sobre o caso (greve dos auxiliares de pilotagem), empregamos repetidas vezes a expressão *lamageiro,* ignorando o significado menos correcto que a essa palavra se liga — às vezes. O «Povo»... nunca poderia tê-la empregado senão no significado de «auxiliares do serviço de pilotagem». —**O Povo** (Viana do Castelo), de 5 de Novembro de 1908. — *Lamageiro* é, pois, o auxiliar do serviço de pilotagem. Às vezes, emprega-se como nome depreciativo, como insulto. O serviço dos *lamageiros* é a *lamagem.* — «... chamamos a atenção... para o facto abusivo e iminentemente perigoso de, nas *lamagens,* as catraias dos pilotos que orientam os navios que demandam o nosso porto, comportarem tripulações exageradíssimas—70 pessoas ás vezes, como sucedeu com a *lamagem* do Santa Luzia entrado em 24 de Setembro. ...uma lista dos homens que costumam entregar-se às *lamagens*»... — **O Povo** (Viana), de 1 de Novembro de 1908.

lamparão, lapa — «Aquilo já está agarrado a alguma tábua — não é homem, é um lamparão». *Lapa* ou *lamparão:* molusco que vive preso aos penedos. Também se chama chulamente **lamparão** ao *escarro,* porque se prende como o molusco.

lata — Vid. **funileiro** e **latada.**

latada, lata — Sinónimos: *lateiro, parreira, ramada, vinha.* Em galego: *lata, parra, vinha* (Tui). As *vinhas* teem uns suportes de pedra a que chamam *esteios.* Os barrotes que transversalmente formam a vinha são *caibros* ou *latos.* Assim, a expressão popular: *dar* ou *levar com um lato* não deve ser, como alguns pretendem, mudada em *d.* ou *l. com um látego.* **Lato** é, nessa expressão, sinónimo de *pau.* E *latada* é pancada com *lato* (ou com *lata*). É vulgar dizer-se: *houve muita latada:* isto é: *houve muita paulada.* Semelhantemente: *caibrada* < *caibro.* A **bardo,** *vinha em bardo,* me referi já na *Aurora do Lima,* de 14 de Outubro de 1907. É uma vinha num plano vertical. Em galego, chamam-lhe **ispalher** (Tui). «Esta aplicação da palavra *bardo...* resulta da significação de *sebe* que os lexicógrafos dão a êste termo», como disse o snr. Júlio Moreira. Vid. **Rev. Lus.** IX, 126. Vid. outras acepções de *bardo:* **Rev. Lus.** II, 30 (linguagem do Alandroal); **Rev. Lus.** II, 244, onde, a respeito de **aprisco,** se diz: «*Bardo* é... um recinto formado de caniços ou cancellas entretecidas de matto onde pernoita todo o gado miudo, cabras ou ovelhas, vazio e alavão» (linguagem de Santa Margarida, B. Baixa), e ainda: **Rev. Lus.** XI, 149 e 294. — **Lata** vem já nas **Palavras e Phrases de Melgaço,** pág. 10: «**lata** — latada ou parreiral».

lateiro — Vid. **latada.**

lato — Vid. **latada.**

mação, avelão — O povo diz *mação, avelão;* o *ão* como em *sacristão, mão.* Plural: *mações* e *avelões.*

manteiga — Vid. **graxa.**

masseira — É a *artesa* que o snr. G. Viana (*Apostilas,* I, 95-96) define «caixote de quatro faces iguais, que vai estreitando para o fundo e serve para amassadouro de pão», com a diferença de que as faces não são iguais: o fundo é um rectângulo. Por extensão, chama-se **masseira** ao que tenha igual forma: *a)* embarcação. Em espanhol chamam-lhe *artesa* ou *batea* (Dic. do Toro y Gómez). De *batea* se deve aproximar *batela,* a que se refere o snr. Gonçalves Viana nas *Apostilas,* I, 134. O **Dic. Enciclopédico Hispano-americano,** que várias vezes tenho citado, e que deriva *batea* de «igual voz ár., cuya significación es la de *escudilla*», define assim o vocábulo: «Embarcación de figura rectangular, ó cuyos costados, popa, proa y fondo son superficies planas»... *b)* tabuleiro para as uvas a que se refere o snr. Oscar de Pratt na **Rev. Lus.** XIV, 161. — Há em Paredes-de-Coura o adjectivo **masseiro,** que o snr. dr. Narciso Alves da Cunha regista no seu livro **Paredes de Coura,** pág. 314: «lorpa, estúpido».

masseiro — Vid. **masseira.**

marchante — O que vende a carne no *talho.* Também lhe chamam: *cortador de carnes verdes.*

marruchos — Vid **fenelho.**

mentideiro — mentiroso.

> «Diz por cá gente lamecha,
> Mentideira e que faz mal,
> Que a *Brasileira* que fecha...
> É pêta. Não fecha tal!»

Folha de Viana, 18 de Julho de 1912.

namorada — Mulher solteira que teve ou tem relações com homem. *Namorar* alguma mulher é ter relações sexuais com ela. — *Fulana foi namorada por Cicrano,* Oleiros (Ponte-da-Barca). «Encontraram-se na sala de espera do palacête de Simães cinco raparigas, todas bem parecidas, mas da especie de umas que o povo, por ignominia, chama «namoradas».

Em grande parte do Minho, *namoradas* são as desacreditadas, as repulsas do rancho, das festas, da convivência das honestas, ou das que o parecem». *Camilo,* **O Demónio do Ouro,** 1874, II, 58.

pandôreo — É como chamam ao *endireita*, em Oleiros (Ponte-da-Barca).

parreira — Vid. **latada.**

patêlo, patilado, patilau, pilado — Êstes são os nomes do *mexoalho*, nome que também se usa. *Mexoalho* e *pilado* veem nos dicionários. O **Novo Dic.** traz também patêlo. Já registei êstes vocábulos (que são colectivos) na *Aurora do Lima* (Viana-do-Castelo) de 2 de Outubro de 1907. A apanha do *pilado*... faz-se com *barcos do pilado*... Acêrca de caranguejos, vid. o meu art. na **Rev. Lus.** XIII (pág. 82).

patilado, patilau — Vid. **patelo.**

peteiro — Mealheiro. Em galego: *peto.*

pilado — Vid. **patelo.**

rascos — «Os pescadores de Ancora, aproveitando os dias de bom tempo que atraz houve, foram ao mar lançar redes — «rascos» como eles dizem». **Folha de Viana,** 21 de Março de 1912.

rachão — O mesmo que *acha, faxina, canhota. Faxina* pode ser também colectivo, sinónimo de *lenha*, quando a *lenha* for um conjunto de *achas*. Diz-se *rachar* ou *partir a lenha*. Os fragmentos resultantes também se chamam *achas* ou *canhotas*. Chamam-se também *canhotas* ou *canhôtos* os pedaços tôscos, irregulares, nodosos, em que desfazem a machado os troncos geralmente de carvalho. Por extensão, como notei na *Aurora do Lima*, de 4 de Outubro de 1907: objecto de forma tosca, ou pessoa desajeitada e estúpida. Daí a palavra *acanhotado*, que já o snr. dr. Alves da Cunha incluíra *in* **Paredes-de-Coura,** pág. 300: «de formas tôscas; um tanto estúpido». Acêrca de **faxina,** vid. *Apostilas*, I, 442. Em galego também *raxón* e *achas*.

ripe — Ripa. Há umas *ripes* especiais que servem para *enchimento* das paredes.

sarranho — Vid. **ensarranhar.**

tato — Tartamudo, tatibitate.

tento — Vid. **anteira.**

tirar por — *Tirar por* alguém = *meter-se com* alguém, *puxar por* alguém.

tônho — *desajeitado*, parvo, lorpa.

trabalheira — Grande trabalho.

vinha — Vid. **latada.**

Viana-do-Castelo, Julho de 1912.

CLÁUDIO BASTO.

NOTA — Entre os erros que escaparam no artigo que publiquei na **Rev. Lus.** XV, 71-102, convém notar os seguintes:

Pág. 72, quási ao fim da 1.ª col.: o verso galego é: — *Ay, Maruxiña, por Dios, dam' un bico.*

Pág. 75 (s. v. *tapo*): saiu *redondo, que* em vez de *redondoque*.

Pág. 92, leia-se:

— *Clamores mudos?*

— *«Clamores mudos», sim senhor. «Béim p'rài em bándo* etc.

Pág. 102: Os trechos entre comas são de pontos-escritos de alunos meus.

C. B.

Contos populares de Évora

(Vid. REVISTA LUSITANA, XV, 325)

II

A velha da cabaça

Era duma vez uma velha e a velha tinha uma filha. E a filha, um dia, casou-se e couvidou a mãe para ir às bodas. A velha foi, mas quando ia lá pelo meio do campo encontra um lôbo que ia para a comer:

— ãe, velha, que te como!

A velha, com o mêdo, do que se havia de lembrar?

— ai, senhor lôbo, não me coma agora que levo a barriga despejada, que eu vou ao casamento da minha filha e venho de lá mais gorda por causa dos ensopados e então é melhor: o senhor lôbo espera aqui por mim, que eu hei-de por aqui passar e ao depois come-me então.

E o lôbo ouviu aquilo e deixou-a ir.

E a velha foi às bodas; ora, comeu, bebeu, muita festa, mas depois, no fim de tudo, diz para a filha:

— ai filha, como há-de ser isto agora, que eu se vou para casa vem um lôbo e come-me!

E contou à filha tudo que se tinha passado. Diz-lhe a filha:

— ôlhe, mãe, não lhe dê feses, pegue lá nesta cabaça e leve-a e quando for a chegar lá ao pé do sitio aonde está o lôbo, meta-se dentro, que êle não a vê.

Dito e feito, e a velha lá abalou para casa mais a cabaça.

Foi andando, andando e quando já lá ia a chegar aonde havia de estar o lôbo, meteu-se dentro da cabaça e foi à reboleta por ali adeante.

Lá o lobo estava à espera a ver quando a velha vinha; nisto,

quando êle vê por ali passar aquela cabaça e vai e pergunta-lhe:

—ó cabacinha,
tu não viste por aí uma velhinha?

E a velha sempre a rebolar:

—eu cá não vi
nem velhinha, nem velhão;
curre, curre, cabacinha,
curre, curre, cabação.

Colhido em Évora (Agôsto de 1912).

III

A feira de Brabina

Era um mercador e tinha um filho e o mercador todos os anos costumava ir à feira de Brabina. E como já estava muito velho e naquele ano e disse à mulher que mandava o filho à feira que o filho já estava crescido. Lá souberam desses vizinhos que também iam à feira e o rapaz foi na companhia deles. Assim que lá chegaram, o rapaz quando êle vê um velho que tocava violino e como era muito encigueirado por música, ali ficou pasmado a ouvir o velho e não foi com a mais companhia. E o velho gostou logo muito dele e levou-o a casa e passaram-se os três dias de feira e os companheiros como êle não aparecia e vieram-se embora. E o rapaz também teve de se vir embora e deu o dinheiro todo que levava ao velho e o velho deu-lhe um caixão de ossos para êle levar para casa.

O pai, quando êle chegou a casa zangou-se muito e deu-lhe muita pancada por êle não trazer a fazenda e dar o dinheiro todo por um caixão de ossos. Mas mesmo sem a fazenda o mercador naquele ano não ficou mais pobre mas até parece que lhe aumentava a riqueza. No outro ano o mesmo: o mercador mandou o rapaz à feira mais os vizinhos. Mas o rapaz assim que lá chegou quando êle vê outra vez o velho que tocava violino, fiicou a ouvir a música e os companheiros vieram-se embora.

Como da outra vez, o velho levou-o a casa dele e no fim de três dias acabou-se a feira e o velho vai então e diz-lhe assim:

— ôlhe, menino, alêm em frente há um palácio e naquele palácio quem lá mora é um gigante. E o menino vai lá e bate à porta e há-de-lhe aparecer o gigante e o menino pede-lhe para êle lhe deixar ver o palácio. E o gigante há-de deixá-lo ver o palácio. Primeiro êle há-de-lhe amostrar uma sala muito grande toda batida a cobre e toda cheia de gaiolas de cobre com passarinhos a cantar e êle há-de preguntar ao menino se quer alguma gaiola daquelas, mas o menino diz que não. Ao depois êle ha-de-lhe amostrar outra sala ainda maior, toda batida a prata e toda cheia de gaiolas de prata com passarinhos a cantar, e êle há-de preguntar ao menino se quer alguma gaiola daquelas, mas o menino diz que não. Ao depois êle ha-de-lhe amostrar outra sala, ainda maior, toda batida a ouro e toda cheia de gaiolas de ouro com passarinhos a cantar, e êle há-de preguntar ao menino se quer alguma gaiola daquelas, mas o menino diz que não. Depois ha-de haver assim uma porta fechada, e o menino pede-lhe para êle a abrir, e o gigante não há-de querer abrir a porta, mas o menino pede-lhe muito que êle abre a porta. E depois há-de haver uma casa e nessa casa há-de haver muitas gaiolas com passarinhos todos muito tristes; e o menino pede-lhe uma gaiola com uma pombinha que lá há-de estar e êle não lh'a há-de querer dar, mas o menino pede-lhe muito e êle há-de lh'a dar. E deixe.

E assim foi. O rapaz foi bater à porta do palácio, nisto quando lhe aparece aquele gigante a preguntar o que é que êle queria; o rapaz, já se vê, pediu-lhe para ver o palácio como o velho lhe havia ensinado. O gigante mandou-o entrar. Primeiro amostrou-lhe a sala de cobre e preguntou-lhe se êle queria alguma gaiola daquelas, e êle disse que não. Ao depois amostrou-lhe a sala de prata e preguntou-lhe se êle queria alguma gaiola daquelas, e êle disse que não. Ao depois levou-o à sala de ouro e preguntou-lhe se êle queria alguma gaiola daquelas, e êle disse que não. Depois viu logo uma porta e pediu ao gigante para a abrir. E o gigante não a queria abrir, mas êle tanto pediu, tanto, tanto, que o gigante abriu a porta. E depois, havia uma casa e na casa havia muitas gaiolas com passarinhos todos muito tristes. E êle viu logo a pombinha e disse-lhe:

— Tem-me oferecido tanta prenda, então dê-me aquela pombinha.

E o gigante não lh'a queria dar, mas êle tanto lhe pediu, tanto, tanto, que êle deu-lhe a pombinha. E o rapaz abalou para casa mais a gaiola.

Assim que chegou a casa, o pai deu-lhe uma grande sova por êle não trazer a fazenda e gastar o dinheiro e fechou-o num quarto para castigo. E êle levou a gaiola com êle para o quarto e todos os dias lhe iam levar de comer. E êle estava muito contente e comia tudo quanto lhe levavam. E o pai um dia mandou-o soltar e êle disse que não, que tinha estado prêso até ali e que podia continuar como dantes. E a mãe desconfiou daquilo e uma noite pegou na luz e foi à espreita e viu duas cabeças, o rapaz e uma menina muito bonita que estavam a dormir. E pôs-se a ameudar, e sem querer e deixou cair um pingo de cera na cara da menina. E a menina acordou e formou-se logo numa pomba e disse assim:

— Quebrou-se o meu encanto, se me quiseres vêr vai à Tôrre do Ouro.

E fugiu.

E o rapaz depois e ficou muito triste e abalou à procura da Tôrre do Ouro. Foi andando, andando, quando êle vê três galegos a fazerem uma grande algazarra:

— Ó senhor, o nosso pai tinha tres prendas: uma era um gabão, quem o veste não tem calma nem frio; a outra era um chapéu que quando se põe na cabeça ninguêm nos vê; e a outra eram umas castanholas, em se dizendo: «castanholas adiante do vento» a gente aparece adonde quer; e o nosso pai morreu e nós todos queremos as prendas.

Diz-lhe êle:

— Ólhem, eu vou alêm acima daquele outeiro e avento uma pedra: quem primeiro a apanhar é quem fica com as prendas.

E pegou no gabão e no chapéu e nas castanholas e subiu acima do outeiro; põe o chapéu na cabeça e pronto ninguêm mais o viu.

Ao depois foi andando, andando, quando êle vê uma casinha. Foi lá e bateu à porta. Apareceu uma velhinha:

— Ó minha senhora, sabe-me dizer aonde é a Tôrre do Ouro?

— Eu cá não sei, mas olhe o meu filho é o sol, e como êle anda por todo o mundo talvez êle lhe saiba dizer. Ele à noitinha vem para casa, mas o melhor é o senhor ir-se embora porque êle não gosta de ver cá ninguêm e pode-se zangar.

— Ora, minha senhora, eu posso ficar porque tenho um chapéu, em o pondo na cabeça ninguêm me vê.

E lá ficou. Á noitinha veio o sol para casa. Assim que êle chegou, o rapaz vai e pôs o chapéu na cabeça, e pronto ninguêm o via.

O sol assim que entrou diz para a mãe:

— Ó mãe, cheira-me aqui a sangue humano.

— Ora, filho, foi um homemzinho que vinha à procura da Tôrre do Ouro e como tu não gostas cá de ninguêm e foi-se embora.

— A Tôrre do Ouro? Não sei adonde é.

Bem, o rapaz agradeceu muito à velha e foi-se embora.

Ao depois foi andando, andando quando êle vê outra casinha.

Foi lá e bateu à porta. Apareceu uma velhinha:

— Ó minha senhora, sabe-me dizer adonde é a Tôrre do Ouro?

— Eu cá não sei, mas olhe a minha filha é a lua, e como ela anda por todo o mundo, talvez ela lhe saiba dizer. Ela pela manhã vem para casa, mas é melhor o senhor ir-se embora, porque ela não gosta de ver cá ninguêm, e pode-se zangar.

— Ora, minha senhora, eu posso ficar porque tenho um chapéu, em o pondo na cabeça ninguem me vê.

E lá ficou. De manhã veio a lua para casa. Assim que ela chegou, o rapaz vai e pôs o chapeu na cabeça, e pronto ninguêm o via. A lua assim qus entrou diz para a mãe:

— Ó mãe, cheira-me aqui a sangue humano.

— Ora filha, foi um homemzinho que vinha á procura da Tôrre do Ouro, e como tu não gostas cá de ninguêm e foi-se embora.

— A Tôrre do Ouro? Não sei adonde é.

Bem, o rapaz agradeceu muito à velha, e foi-se embora.

Ao depois foi andando, andando quando êle vê outra casinha.

Foi lá e bateu à porta. Apareceu uma velhinha.

— Ó minha senhora, sabe-me dizer adonde é a Tôrre do Ouro?

— Eu cá não sei, mas ôlhe, o meu filho é o vento, e como êle anda por todo o mundo e entra por toda a parte, êle é que lhe ha-de poder dizer. Ele vem muitas vezes a casa, e não deve tardar, mas é melhor o senhor ir-se embora, porque êle não gosta de ver cá ninguêm, e pode-se zangar.

— Ora, minha senhora, eu posso ficar, porque tenho um chapéu, em o pondo na cabeça ninguem me vê.

E lá ficou. Daí a migalinha, quando êle ouve um grande barulho: era o vento que vinha para casa.

O rapaz pôs logo o chapéu na cabeça, e meteu-se atrás da porta. O vento entrou às rabanadas por ali a dentro.

— Ó mãe, cheira-me aqui a sangue humano.

— Ora filho, foi um homemzinho que vinha á procura da Tôrre do Ouro e como tu não gostas cá de ninguêm e foi-se embora.

— A Tôrre do Ouro? Ora de lá venho eu agora.

O rapaz assim que ouviu isto tirou logo o chapéu e pediu ao vento para lhe ensinar adonde era a Tôrre do Ouro. O vento disse-lhe assim:

— Ora, aquilo anda lá tudo em festas. É a princesa que vai casar. E eu então entro por ali a dentro e as moças põem-se a arremeter contra mim: diabo do vento que derriba tudo!

— Eu gostava muito de lá ir.

Diz-lhe o vento:

— Ólhe que é muito longe e você não é capaz de me acompanhar.

Bem, abalaram. O rapaz pega nas castanholas:

— Castanholas adiante do vento.

Pronto, ia sempre adiante do vento.

O vento olha para trás:

— Então amigo, adonde vem você?

Diz-lhe o rapaz lá da frente:

— Eu já cá vou para diante.

Diz o vento:

— Olá, que êste corre mais do que eu.

Daí a bocado o vento olha para trás:

— Então amigo?

— Eu já ca vou para diante.

Até que lá chegaram.

O vento entrou por ali a dentro. O rapaz pôs o chapéu na cabeça, e pronto, ninguêm o via. Andou a ver tudo. Estava a princesa e mais as aias a compôr-se; no outro dia era o casamento. Á noite a princesa foi deitar-se e êle vai e meteu-se no quarto da princesa e tira o chapéu. Ora a princesa começou a gritar:

— Ai, que está aqui um homem no meu quarto.

Ele vai pôs o chapéu na cabeça. Veio o rei, veio a côrte toda, buscou-se tudo e não viram ninguêm. Disseram-lhe que aquilo tinha sido mêdo e foram-se embora.

Ele assim que sossegou tudo tirou outra vez o chapéu. Ora a princesa começa outra vez a gritar:

— Ai, que está aqui um homem.

Ele pôs outra vez o chapéu.

Lá se levantou tudo, veio o rei, veio a côrte toda, revistou-se o palácio todo e não viram ninguêm. O pai ficou muito zangado e disse-lhe que se ela tornasse a gritar que a mandava degolar. E foram-se embora. Ele assim que sossegou tudo, tornou outra vez a pôr o chapéu.

A princesa bem queria gritar, mas tinha mêdo de ir a degolar e ficou-se. Ele então disse-lhe se ela já não o conhecia e contou-lhe tudo. Ela conheceu-o então, e no outro dia mandou-lhe fazer um fato e disse-lhe para vestir o fato e adonde êle havia de estar na igreja quando fôsse o casamento.

Veio o principe que estava para casar com ela, os convidados, a côrte toda e ao depois o padre preguntou à princesa se era de sua vontade casar com aquele principe.

Ela disse logo:

— Não senhor.

— Então com quem?

— Com aquele senhor que está alêm.

Ficou tudo muito admirado.

O padre, já se vê, disse:

— Bem, então que se chegue.

E o rapaz veio, e lá casaram, e pronto, e ainda lá estão hoje.

Colhido em Évora (Agôsto de 1912).

IV

Duma maçã fui gerada

Era uma vez uma mulher e era casada e tinha muita pena de não ter filhos. E tinha uma pobrezinha a quem dava esmola. E o marido bateu-lhe e ela estava a chorar quando a pobrezinha veio à porta.

E a pobrezinha preguntou-lhe porque é que ela estava a chorar, e ela disse-lhe:

— Ora, é o meu marido que me bate por eu não ter filhos.

— Olhe, pegue lá esta maçã e coma-a sózinha e não dê nada ao seu homem.

E foi-se embora.

E ela quando o marido veio para casa, contou-lhe tudo e deu-lhe metade da maçã e comeram ambos.

E daí a tempos teve ela uma menina e êle teve outra. E êle disse-lhe:

— Olha, a tua menina cria-se e a minha deita-se para as brenhas.

E ela meteu a menina num lenço encarnado e deitou-a para as brenhas. E passou uma águia e viu aquele lenço encarnado e levou-o para o ninho em cima duma árvore. E levava todos os dias bichinhos à menina e ela assim se criou. E passou por ali um príncipe e quando êle vê aquela menina e pôs-se a chamá-la.

— Anda, menina.

— Não senhor, por amor da minha mãe águia.

E a menina não queria ir, porque estava nua e tinha vergonha. E êle atirou-lhe o capote. E ela, tanto, tanto, e desceu da árvore e foi com êle. E o príncipe levou-a para o palácio e meteu-a no quarto e ao depois nunca mais de lá saía.

E diziam todos:

— O que terá o senhor príncipe, que nunca mais saiu do quarto?

E foram dizer à rainha. E a rainha lá combinou para convidarem o príncipe para uma caçaria. E o príncipe foi. E a rainha mandou abrir o quarto e deu com a menina assentada a bordar. E a rainha tinha uma criada velha e disse-lhe:

— Leve esta menina e vá mostrar-lhe o palácio e o jardim.

E a velha levou a menina e açoitou-a e atirou-a para dentro do poço. E ela lá ficou. Passaram umas fadas e as fadas uma fadou-a para sair do poço, a outra fadou-a para que fôsse a menina mais bonita que houvesse, e a outra deu-lhe uma varinha de condão. E ao depois o príncipe veio procurá-la e nada, não achou.

E a menina disse:

— Varinha de condão, pelo condão que Deus te deu forma-me já aqui um palácio que tape a vista ao palácio do príncipe.

E formou-se logo um grande palácio. E o príncipe quando viu aquele palácio e ficou muito admirado e mandou um criado preguntar de quem era aquele palácio.

E o criado foi e ela disse-lhe:

— Olhe que eu só digo uma vez, agora tome sentido:

«Duma maçã fui gerada,
Numas brenhas fui deitada
Uma águia me criou,
Um mancebo me furtou,

Uma velha me açoitou,
E num poço me deitou,
E três fadas me fadaram:
Sou a mesma que aqui estou».

Agora vá lá dizer isto ao senhor principe.

E o criado veio e não foi capaz de dar o recado. E o principe mandou-o lá outra vez e o criado foi e ela diz-lhe:

— Então eu não lhe disse que só lhe dizia uma vez?

«Tisoirinha, tisoirinha,
Corta-lhe a ponta da abinha».

E vai com uma tesoura e cortou-lhe a lingua. E o criado veio para casa e não podia falar. E o principe mandou-lhe outro criado.

Aconteceu o mesmo.

Ela disse-lhe:

— Olhe que eu só digo uma vez:

«Duma maçã fui gerada
. . . .

E o criado veio para casa e não foi capaz de dar o recado, e o principe tornou a mandá-lo lá e ela.

— Então eu não lhe disse?

«Tisoirinha, tisoirinha,
Corta-lhe a ponta da abinha».

Corta-lhe a ponta da lingua. E por fim foi o principe:

— Manda-me aqui sua alteza para saber de quem é êste palácio.

E ela disse-lhe tambêm:

— Tome sentido:

«Duma maçã foi gerada
. . . .

Foi então que êle soube quem ela era, e casaram-se então, e ainda lá estão hoje: e bendito e louvado, está o conto acabado.

Colhido em Évora (Agôsto de 1912).

V

O príncipe e o alfaiate

Era um rei e uma rainha, e a rainha teve um filho. E defronte morava um alfaiate que tambêm era casado, e tinha um menino muito gordo. E a rainha quis que o filho fôsse criado pela mulher do alfaiate. E a mulher do alfaiate veio para o palácio e trouxe o filho; e criaram-se juntos e ao depois eram muito amigos o príncipe e o filho do alfaiate.

E o rei um dia disse:

— Isto assim não pode continuar, o filho do alfaiate tem de se ir embora.

E êles ouviram isto e combinaram fugir. E depois fugiram. Enquanto tiveram dinheiro gastaram, mas o dinheiro acabou-se.

E já andavam muito cansados, e o príncipe, com fome, assentou-se numa pedra, e o alfaiate viu um monte e foi lá, e apareceu-lhe uma velhinha, e êle pediu-lhe esmola. E a velha deu-lhe uma bilha de leite e pão de centeio. E quando êle cá chegou ao pé do príncipe já êle estava morto. E êle levou outra vez o pão e o leite à velha e contou-lhe tudo o que lhe tinha sucedido. E a velha vai e disse-lhe assim:

— Tome lá êste frasquinho e vá e chegue-o ao pé do nariz do príncipe que êle logo se põe bom. E leve o leite e o pão para êle comer. E olhe, além naquela pedra há uma entrada e para se abrir é preciso dizer: «ai de mim». E se quiser vá lá e ha-de estar um lião com umas chaves na boca. E se o lião estiver com os olhos abertos é porque está a dormir e se estiver com êles fechados é porque está acordado. E se êle estiver a dormir tire-lhe as chaves da boca e abra uma porta que está fechada que é lá que está uma menina encantada.

E êle fez tudo que a velha lhe ensinou. E chegou o frasquinho ao nariz do príncipe e o príncipe tornou logo a dar acôrdo de si. Depois deu-lhe o pão de centeio e o leite e contou-lhe tudo o que a velha lhe tinha dito. E foi ao pé da pedra e disse:

— Ai de mim.

E a pedra abriu-se. E estava um lião com as chaves na boca e o lião estava com os olhos abertos. E êles tiraram-lhes as chaves e abriram uma porta e nisto estava uma menina muito bonita:

— Ai senhores fujam por amor da minha guarda.

E êles não fizeram caso e trousseram a menina e fojiram. E ao depois foram andando e anoiteceu. E o principe e a menina deixaram-se dormir debaixo de uma árvore, mas o alfaiate não. E as andorinhas vieram recolher-se e diziam umas para as outras:

— Ai que lindo casal.

E uma disse assim:

— Ora, não hão-de durar muito.

— Mas então porquê?

Preguntaram outras.

Uma então disse assim:

— Ora porque a princesa:
Por uma pereira há-de passar,
As pêras há-de desejar,
As pêras há-de comer,
As pêras a hão-de matar.

E quem isto ouvir e contar,
Em pedra mármore se há-de formar.

E se desta escapar,
A uma fonte há-de passar,
A água há-de desejar,
A água há-de beber,
A água a há-de matar.

E quem isto ouvir e contar,
Em pedra mármore se há-de formar.

E se desta escapar,
Na noite dos seus esposórios
Uma serpente no quarto há-de entrar.
A serpente a há-de ver,
A serpente a há-de matar.

E quem isto ouvir e contar,
Em pedra mármore se há-de formar.

E o alfaiate ouviu isto tudo. E amanheceu e abalaram. E passaram por uma pereira e a menina apeteceu-lhe uma pêra. E êle foi logo buscar uma pêra e esburacou-a e deitou-lhe terra e bichos e trouxe-a e a menina não a quis por estar bichosa. E foram andando e passaram por uma fonte e êla quis água. E êle foi-lhe buscar água mas apanhou água çuja do chão e trousse-lh'a e a menina não quis a água por estar çuja E chegaram

ao palácio do principe e o principe contou ao rei tudo o que lhe tinha acontecido. E o rei ficou muito contente e tratou-se logo do casamento do príncipe mais a menina. E o rei queria dar grandes honras ao filho do alfaiate, mas êle disse que não queria honras nenhumas e que queria só uma cousa que era ficar no quarto do príncipe na noite do casamento. E todos se admiraram muito do filho do alfaiate querer ficar no quarto do príncipe mas fizeram-lhe a vontade.

E êle armou-se com a sua lança e ficou no quarto do príncipe. E lá pela noite adiante entrou pela janela uma grande serpente e êle matou-a com a lança. E quando matou a serpente, o sangue espirrou e caíu uma pinga na cara da menina. E êle foi com o lenço e limpou a pinga do sangue. E a menina acordou e começou a gritar que o filho do alfaiate que lhe tinha dado um beijo.

E veio o rei e a rainha e os grandes todos e disseram logo que o filho do alfaiate tinha de ir a morrer. E o filho do alfaiate começou então a contar tudo o que tinha ouvido às andorinhas e começou-se logo a formar em pedra mármore. E o príncipe e o rei, assim que viram aquilo, já não queriam que êle contasse mais, mas êle ia dizendo e ia-se formando em pedra mármore até que ficou todo em pedra mármore. E o principe e a princesa tiveram um grande desgosto e puseram o filho do alfaiate no salão. E depois de aí a tempos a princesa teve um menino. E o príncipe uma noite teve um sonho, que se matasse o menino e com o sangue dele lavasse a pedra mármore, que o alfaiate tornava outra vez a si. E pela manhã pegou no menino e degolou-o e com o sangue lavou a pedra mármore e o filho do alfaiate ficou outra vez vivo. E quis logo saber como tinha aquilo sido, e contaram-lhe tudo, e êle preguntou aonde estava o menino. E disseram-lhe que o menino estava enterrado no jardim e o filho do alfaiate foi e desenterrou o menino e chegou-lhe ao nariz o frasquinho que a velha lhe tinha dado e o menino ficou logo bom e vivo e ainda lá estão hoje todos muito contentes. E bendito e louvado, está o conto acabado

Colhido em Évora (Setembro, 1912).

VI

A tôrre da Má-hora

Era um rachador de lenha e tinha três irmãs. E um dia foi ao mato apanhar lenha. E quando ia a começar a partir a lenha quando êle vê um grande cepo:

— óh que rico madeiro!

E vai para lhe deitar o machado e quando ouve dizer:

— Alto lá, não me partas.

Ele ficou-se.

— então para que me partes?

E como não via ninguêm ficou com muito mêdo e entendeu que era o cepo que lhe falava e disse-lhe:

— ora, eu ando a apanhar lenha para vender para me governar a mim e às minhas irmãs.

— ôlha aqui tens êste talêgo de dinheiro para gastares e toma lá êstes çapatos em dizendo: «çapatinhas de três chinelas, põe-me aqui, põe-me acolá», apareces adonde queres; e amanhã tens de me trazer uma das tuas irmãs, senão morres.

E apareceu-lhe em cima do cepo o talêgo de dinheiro e os çapatos.

E o homem foi para casa muito triste com o dinheiro mais os çapatos e contou às irmãs o que lhe tinha acontecido.

As irmãs com mêdo não queriam ir, mas a mais velha disse assim:

— ora, eu cá não quero que o nosso mano morra por nossa causa, deixá-lo, vou eu, se morrer paciência.

E foi. Chegaram lá o cepo abriu-se, ela desceu, o cepo tornou logo a fechar-se outra vez e pronto e lá ficou.

Cá êles foram gastando do dinheiro até que se acabou e o homem ao depois não teve mais remédio senão ir outra vez ao mato buscar lenha.

E foi a outro sitio; quando êle vê um grande cepo. Vai para lhe deitar o machado:

— alto lá não me partas.

Ele ficou-se.

— aqui tens êste talogo de dinheiro para gastares e toma lá êste chapêu em o pondo na cabeça ninguém te vê e amanhã tens de me trazer uma das tuas irmãs, senão morres.

Ele foi para casa muito triste com o dinheiro mais o chapéu e contou às irmãs o que lhe tinha acontecido.

As irmãs com mêdo não queriam ir, mas a do meio lá se resolveu.

Chegaram lá, o cepo abriu-se e pronto e lá ficou.

Cá êles foram gastando do dinheiro até que se acabou e o homem ao depois não teve mais remédio senão ir outra vez ao mato buscar lenha.

E foi a outro sitio; quando êle vê um grande cepo. Vai para lhe deitar o machado:

— alto lá não me partas; aqui tens êste talego de dinheiro e amanhã tens de me trazer a tua irmã, senão morres.

Ele foi para casa muito triste, porque já tinha só aquela irmã e contou-lhe tudo; diz-lhe ela:

— ora, deixá-lo! já lá estão as minhas irmãs, vou eu também.

Ela foi e lá ficou da mesma maneira.

Ele foi gastando, gastando e por fim, acabou-se-lhe o dinheiro.

Pega nos çapatos:

— çapatinhas de três chinelas põe-me em casa da minha irmã mais velha.

Ora apareceu logo num grande palácio. A irmã assim que o viu:

— ai, mano, quem o trousse aqui!

E ficou muito satisfeita e andou a mostrar-lhe o palácio todo:

— agora tem de se ir embora por causa do meu marido; o meu marido é um principe encantado e daqui a migalhinha aparece êle; vem formado num grande touro e vem a correr daquele jardim e salta para dentro do lago e sai um príncipe; e êle pode não gostar de o ver aqui.

— ora, eu cá tenho um chapéu em o pondo na cabeça ninguém me vê.

E deixou-se ficar.

Dai a migalhinha quando vem aquele grande touro a correr, saltou para dentro do lago, lavou-se todo, espanafrou-se e saiu um príncipe muito bonito.

Ele pôs logo o chapéu na cabeça.

Bem, o principe assentou-se à mesa e ela fez-se muito triste; diz-lhe o príncipe:

— mas o que é que tu tens, que estás tam triste?

— ora, tem-me lembrado hoje tanto do meu irmão! há tanto tempo que o não vejo!

—então, êle está muito lonje.

—ora, tu mesmo que êle cá pudesse vir, tu naturalmente não o querias cá ver.

—isso não, havia de tratá-lo como teu irmão e cunhado meu.

—pois olha, êle está cá.

E êle tirou o chapeu e esteve a falar ao príncipe que o tratou muito bem. E o príncipe disse-lhe assim:

—deixe-se estar cá três dias e no terceiro dia quando eu vier e saltar para o lago veja se me arranca um cabelo do rabo e guarde-o e em se vendo nalguma aflição pegue no cabelo e brade por mim:

—valha-me aqui o meu cunhado rei dos touros; e deixe.

E assim foi.

Ele ao terceiro dia pôs-se ao pé do lago e quando o touro ia a saltar apanhou-lhe um cabelo do rabo e guardou-o.

E despediu-se e foi-se embora.

Pega nos çapatos:

—çapatinhas de três chinelas, põe-me em casa da minha irmã do meio.

Ora apareceu logo num grande palácio. Se o primeiro palácio era bonito, êste ainda era melhor.

A irmã assim que o viu:

—ai, mano, quem o trouxe aqui!

E ficou muito satisfeita e andou a mostrar-lhe o palácio todo:

—agora tem de se ir embora por causa do meu marido; o meu marido é um príncipe encantado e daqui a migalhinha aparece êle; vem formado num grande pássaro e vem a voar daquele jardim e salta para dentro do lago e sai um príncipe; e êle pode não gostar de o ver aqui.

—ora, eu cá tenho um chapéu em o pondo na cabeça ninguém me vê.

E deixou-se ficar.

Daí a migalhinha quando vem aquele grande pássaro a voar, saltou para dentro do lago, lavou-se todo, espanafrou-se e saiu um príncipe ainda mais bonito.

Ele pôs logo o chapéu na cabeça.

Bem, o príncipe assentou-se à mesa e ela fez-se muito triste; diz-lhe o príncipe:

—mas o que é que tu tens que estás tam triste?

—ora, tem-me lembrado hoje tanto do meu irmão! há tanto tempo que o não vejo!

— então, êle está muito lonje.

— ora, tu mesmo que êle cá pudesse vir, tu naturalmente não o querias cá vêr.

— isso não, havia de tratá-lo como teu irmão e cunhado meu.

— pois olha, êle está cá.

E êle tirou o chapéu e esteve a falar ao príncipe que o tratou muito bem. E o príncipe disse-lhe assim:

— deixe-se agora estar cá três dias e no terceiro dia quando eu vier a saltar para o lago veja se me arranca uma pena do rabo e guarde-a, e em se vendo nalguma aflição pegue na pena e brade por mim:

— valha-me aqui o meu cunhado rei dos passarinhos; e deixe.

E assim foi.

Ele ao terceiro dia pôs-se ao pé do lago e quando o pássaro ia a saltar apanhou-lhe uma pena do rabo e guardou-a.

E despediu-se e foi-se embora.

Pega nos sapatos:

— çapatinhas de três chinelas, põe-me em casa de minha irmã mais nova.

Ora apareceu logo num grande palácio. Se o outro palácio era bonito, êste ainda era melhor.

A irmã assim que o viu:

— ai, mano, quem o trouxe aqui!

E ficou muito satisfeita e andou a mostrar-lhe o palácio todo:

— agora tem de se ir embora por causa do meu marido; o meu marido é um príncipe encantado e daqui a migalhinha aparece êle; vem formado num grande peixe e vem daquêle rio e salta para dentro do lago e sai um príncipe; e êle pode não gostar de o ver aqui.

— ora, eu cá tenho um chapéu em o pondo na cabeça ninguém me vê.

E deixou-se ficar.

Daí a migalhinha quando vem aquele grande peixe, saltou para dentro do lago, lavou-se todo, espanafrou-se e saiu um príncipe ainda muito mais bonito.

Ele pôs logo o chapéu na cabeça.

Bem, o príncipe assentou-se à mesa e ela fez-se muito triste; diz-lhe o príncipe:

— mas o que é que tu tens que estás tam triste?

— ora, tem-me lembrado hoje tanto o meu irmão! há tanto tempo que o não vejo!

— então, ele está muito lonje.

— ora, tu mesmo que êle cá pudesse vir, tu naturalmente não o querias cá ver.

— isso não, havia de tratá-lo como teu irmão e cunhado meu.

— pois olha êle está cá.

E êle tirou o chapéu e esteve a falar ao principe que o tratou muito bem. E o príncipe disse-lhe assim:

— deixe-se agora estar cá três dias e no terceiro dia quando eu vier e saltar para o lago veja se me arranca uma escama do rabo e guarde-a, e em se vendo nalguma aflição pegue na escama e brade por mim:

— valha-me aqui o meu cunhado rei dos peixes; e deixe.

E assim foi.

Ele ao terceiro dia pôs-se ao pé do lago e quando o peixe ia a saltar apanhou-lhe uma escama do rabo e guardou-a.

E estava para se ir embora e quando êle vê lá muito ao longe uma grande tôrre:

— ó mana, o que é além aquela tôrre.

— ai mano, além é a tôrre da Má-hora, quem lá vai não torna.

— ora, hei-de eu lá ir e hei-de tornar.

Pega nos çapatos:

— çapatinhas de três chinelas, põe-me na tôrre da Má-hora.

Apareceu na tôrre da Má-hora.

Estava uma menina sentada a bordar:

— ai senhor, pelo amor de Deus vá-se embora, senão vem a minha guarda e mata-o.

— ora, eu cá não tenho mêdo da sua guarda, tenho um chapéu em o pondo na cabeça ninguém me vê.

E nisto aparece um grande gigante e êle pôs o chapéu e ninguém o via. E quando o gigante abalou êle tirou outra vez o chapéu e esteve a falar com a menina. E a menina contou-lhe que estava ali roubada por aquele gigante que matava toda a gente que lá ia e que ninguém era capaz de o matar. E êle prometeu-lhe que a havia de tirar dali, mas que visse ela se sabia como é que se podia matar o gigante.

E à tarde o gigante veio para o palácio. E deitou-se. E a menina começou a catá-lo e a conversar com éle e preguntou-lhe se êle nunca morria. E o gigante disse-lhe assim:

— eu cá tenho a minha vida muito segura.

E a menina pediu-lhe para êle lhe dizer como era que a vida dele estava tam segura.

— nada, que tu podes-me ser falsa.

— mas então como? Eu não falo com pessoa nenhuma!

— olha, a minha vida está segura no fundo do mar; para eu morrer era preciso ir ao fundo do mar buscar uma grande bola de ferro que lá está, e ninguém lá pode ir, e era preciso trazer essa bola e parti-la, e ninguém a pode partir, e dentro dessa bola está um novelo de linhas e era preciso desempeçar êsse novelo, e ninguém o pode desempeçar, e dentro dêsse novelo está um ovo e batendo-me com êsse ovo na testa é que eu morro.

Ora êle não quis ouvir mais nada:

— çapatinhas de três chinelas põe-me à borda do mar.

Apareceu logo à borda do mar.

Puxa da escama:

— valha-me aqui o meu cunhado rei dos peixes.

Apareceu-lhe logo um grande peixe com muitos peixes atrás:

— então o que é que tu queres, homem?

— quero que me tragas uma bola de ferro que está no fundo do mar.

O peixe foi logo com os outros peixes todos, para irem buscar a bola. Deram logo com ela. Um puxa dum lado, outro empurra do outro, até que trousseram a bola.

Cá o gigante sentiu-se logo mal.

— ai que tu foste-me falsa!

— mas como? se eu não sai daqui!

Ele cá assim que apanhou a bola puxa do cabelo:

— valha-me aqui o meu cunhado rei dos touros.

Apareceu-lhe logo um grande touro com muitos touros atrás:

— então o que é que tu queres homem?

— quero esta bola partida.

Ora aquilo foi logo. Marrada dum lado, marrada do outro, até que partiram a bola.

Cá o gigante cada vez pior:

— ai que tu foste-me falsa!

— mas como? se eu não falei com pessoa nenhuma!

Ele cá assim que apanhou a bola partida puxa da pena:

— valha-me aqui o meu cunhado rei dos passarinhos.

Apareceu logo um grande pássaro com muitos passarinhos atrás:

— então o que é que tu queres, homem?

— quero êste novelo desempeçado.

Os passarinhos um pega numa ponta, outro pega noutra ponta, pronto, até que desempeçaram o novelo.

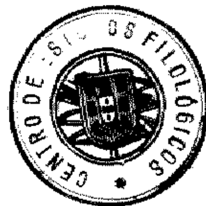
Cá o gigante já nem podia abrir os olhos.

— çapatinhas de três chinelas, põe-me na tôrre da Má-hora.

Apareceu logo lá.

Atirou com o ovo à testa do gigante e matou-o, depois casou com a menina e ficou senhor da tôrre da Má-hora. E bendito louvado, está o conto acabado.

Colhido em Évora (Setembro de 1912).



VII

Santo António

Era um homem e uma mulher e tinham muitos filhos.

E nasceu uma filha e já não tinham padrinhos. E o homem muito apoquentado foi ver se encontrava padrinho e encontrou um pobrezinho. E convidou o pobrezinho para padrinho. E o pobre pôs por nome à menina Antónia, e ao depois nunca mais apareceu.

E um dia andava a menina pelo campo a chorar com fome e encontrou o pobre e o pobre deu-lhe um pão:

— toma êste pão; do miolo faz um fatinho e da côdea uma açordinha.

E a menina foi a partir o pão e dentro tinha dinheiro.

E no outro dia apareceu o pobre e quis a menina. E levou-a. E vestiu-a de menino e ensinou-lhe que dissesse que era António.

E ficou sendo o António. E levou-o a casa do rei para se empregar lá.

E o António era muito bonito. E a rainha entrou a gostar muito dele. E convidava-o para o quarto dela. E êle não queria ir. E a rainha para se vingar atirou com o anel que trazia no dedo para dentro do mar; e foi dizer ao rei:

— sabes o que disse o António? que era capaz de ir buscar o anel ao fundo do mar.

— sim, o António disse isso?

Foi chamado o António.

— então tu disseste que eras capaz de ir buscar o anel da rainha ao fundo do mar?

— diria, não diria, a mim não me lembra.

— pois tens de ir buscar o anel, senão vais a morrer.

Ele foi a chorar. Apareceu-lhe o padrinho:

— então o que é que tens?

— ora, há isto assim e assim.

— não chores; amanhã é sexta-feira e há-de vir pescada, pede tu para a escamar e dentro da pescada há-de estar o anel.

Assim foi; o António pediu para arranjar a pescada, escamou-a, abriu-a e viu o anel. Foi levar o anel à rainha. A rainha ficou desesperada.

No outro dia a rainha foi dizer ao rei:

— sabes o que disse o António? que era capaz de separar um moio de trigo, dum moio de tremês em vinte e quatro horas.

— sim, o António disse isso?

Foi chamado o António.

— então tu disseste que eras capaz de separar um moio de trigo dum moio de tremês em vinte e quatro horas?

— diria, não diria, a mim não me lembra.

— pois tens de separar o trigo do tremês, senão vais a morrer.

Ele foi a chorar. Apareceu-lhe o padrinho:

— então o que é que tens?

— ora, há isto assim e assim.

— não chores, amanhã começa a apartar o trigo e deixa.

No outro dia foi a rainha a ver e estava o trigo apartado do tremês até ao último grãozinho.

A rainha ficou desesperada.

E o rei e a rainha tinham uma filha na Mourama, que a tinham cativado os Mouros, e a menina não tinha fala.

E a rainha foi dizer ao rei:

— sabes o que disse o António? que era capaz de ir buscar a princesa à Mourama e dar-lhe fala.

— sim, o António disse isso?

Foi chamado o António.

— então tu disseste que eras capaz de ir buscar a princesa à Mourama e de lhe dar fala?

— diria, não diria, a mim não me lembra.

— pois tens de a ir buscar senão vais a morrer.

Ele foi a chorar. Apareceu-lhe o padrinho:

— então o que é que tens?

— ora, há isto assim e assim.

— não chores, diz-lhe que te dê um bom cavalo e leva uma varinha e vai caminho da Mourama, que o cavalo lá te há-de le-

var. Tu hás-de ver a princesa e pede-lhe por açanos um copo de água. Pega-lhe na mão e puxa-a para cima do cavalo, e quando fores a sair da Mourama dá-lhe uma varada e quando vieres no meio do caminho dá-lhe outra varada e quando vieres a entrar no palácio dá-lhe outra e cada varada que tu lhe deres há-de ela dar um ai, e há-de haver um jantar em palácio e tu pregunta-lhe o que queriam dizer aqueles ais.

E o António assim fêz.

Pediu que lhe dessem um bom cavalo e foi a caminho da Mourama. Chegou lá, viu a menina logo; pediu-lhe por açanos um copo de água, puxou-a para cima do cavalo e veio-se embora. E quando vinha a sair da Mourama e deu-lhe uma varada e a menina deu um ai, e quando vinha no meio do caminho deu-lhe outra varada e a princesa deu outro ai e quando vinha a entrar no palácio deu-lhe outra varada e a princesa tornou a dar outro ai.

Houve um grande jantar para festejar a chegada da princesa. E no fim do jantar o António preguntou à princesa:

— para que deste aquele ai á saida da Mourama?

E a princesa começou a falar e disse:

— porque a rainha queria dormir contigo na cama.

E o António tornou-lhe a preguntar:

— para que deste aquele ai no meio do caminho?

— Santo António é teu padrinho.

E o António tornou-lhe a preguntar:

— para que deste aquele ai à entrada do palácio?

— tu és fémea e não és macho.

Foi então que o rei ficou sabendo tudo, a rainha foi a morrer, e o rei casou com a Antónia e lá ficou tudo em palácio.

Colhido em Évora (Setembro de 1912).

VIII

O conto dos coelhinhos

Era duma vez um rei e tinha uma filha. E a princesa todos as dias à tarde ia bordar para o jardim. E uma tarde ouviu um passarinho a cantar e o passarinho veio pousar mesmo ao pé dela e vai e roubou-lhe a tesoira de ouro que ela tinha e levou-a.

E a princesa achou muita graça ao passarinho.

—ai que graça, a passarinho levou-me a tesoura!

E ao outro dia pôs-se outra vez a bordar e veio outra vez o passarinho a cantar e veio pousar-lhe ao pé dela e levou-lhe o dedal.

E a princesa achou muita graça ao passarinho.

—mas que graça!

No outro dia o passarinho tornou a vir e levou-lhe a agulha com a linha.

E no dia seguinte não voltou. E nunca mais voltou. E a princesa pôs-se muito triste com uma grande paixão e não comia nem bebia e não havia nada que a distraísse.

E o rei deitou um pregão que quem dissesse qualquer cousa que fizesse rir a princesa, se fôsse homem, casava com ela e se fôsse mulher, dava-lhe uma grande riqueza. E uma velha andava a pedir e ouviu o pregão.

—ora, eu vou lá, sempre hei-de dizer alguma cousa à senhora princesa que a faça rir e deixo de andar à pida.

E meteu-se a caminho do palácio. E chegou a um sítio com sêde e assentou-se numa fonte. Nisto quando ela vê sair duma lapa dois coelhinhos cada um com o seu caldeiranito, encheram-no de água e marcharam e meteram-se na lapa. E a velha deu-lhe aquilo que fazer. E vai e meteu-se pela lapa abaixo e quando viu um palácio com um grande jardim e um lago.

Entrou. Não se viam senão coelhos a fazer o serviço. Andou a ver tudo; foi à cozinha estavam os coelhos a fazer o comer, foi à casa do jantar, estava a mesa posta e tudo preparado e como não via ninguém e estava com vontade de comer e vai a querer meter a mão para tirar e ouviu uma voz:

—não mexas, velha, que não é para ti.

Ela ficou-se.

Nisto quando vem um grande coelho e deitou-se ao lago, espojou-se, espanafrou-se e ficou um príncipe. Foi para a mesa. Trazia uma caixinha de ouro, abriu-a, tirou uma tesourinha de ouro e diz assim:

—tisoira, tisoirinha,
tisoirinha dela reina,
quem me dera ver a dona,
ai que dor, ai que pena!

E começou a jantar. No meio do jantar tirou um dedal de ouro e diz:

— didal, didalinho,
didalinho dela reina,
quem me dera ver a dona,
ai que dor, ai que pena!

E no fim de jantar tira uma agulha com a linha e diz:

— agulha, agulhinha,
agulhinha dela reina,
quem me dera ver a dona,
ai que dor, ai que pena!

E levantou-se e foi-se embora.

E a velha ficou muito admirada e diz:

— ai, já tenho que contar à senhora princesa.

E foi a caminho do palácio. E pediu para falar à princesa.

— ai, vocemecê vai-se rir com o que lhe vou contar.

E começou-lhe a contar tudo, que tinha visto uns coelhinhos e que foi pela lapa abaixo e que viu um palácio e que depois apareceu um coelho e deitou-se ao lago e ficou um príncipe e que depois foi para a mesa e que puxou duma caixinha de ouro e que tirou uma tesoura . . .

E a princesa começou a achar muita graça e a rir:

— ai velha, conta lá, e depois?

E a velha contou-lhe tudo.

E o rei muito admirado de ver a princesa contente e a princesa:

— ó velha tu sabes ondè é a lapa?

E a velha disse-lhe que sim e a princesa disse ao pai que queria ir na seje com a velha para ver o que a velha contava.

E lá foram. Assentaram-se na fonte; começaram a aparecer os coelhinhos a encher os caldeiranitos. Meteu-se a princesa e mais a velha pela lapa abaixo. E andaram a ver tudo. A princesa ia a mexer, quando ouviu uma voz:

— come, come, que é para ti.

Ela ficou-se, com vergonha. Nisto aparece a coelho grande, saltou para dentro do lago, lavou-se, espojou-se, espanafrou-se e ficou um príncipe. Foi para a mesa. Puxou pela caixa e tirou a tesoira. Ora ela canheceu logo que era a tesoira dela.

— tisoira, tisoirinha,
tisoirinha dela reina
. . . .

Ela bem teve vontade de dizer que era ela, mas com vergonha teve-se.

No meio do jantar o mesmo com o dedal. Ela conheceu-o logo.

—didal, didalinho,
. . . .

No fim do jantar puxou da agulha:

—agulha, agulhinha,
agulhinha dela reina,
quem me dera ver a dona,
ai que dor, ai que pena!

—a dona sou eu—disse a princesa.

Ele então foi logo pedi-la para casar e casaram, e a velha ficou riquíssima, e ainda lá estão hoje.

Colhido em Évora (Setembro de 1912).

IX

O Pés-de-asno

Era um rei e tinha um filho. E mandou-lhe ensinar toda a sabedoria quanta havia. E o príncipe já não lhe faltava aprender senão a arte mágica. E foi para casa de um mestre para aprender a arte mágica. E o mestre teve de sair para fora da terra e entregou-lhe um molho de chaves e disse-lhe assim:

—o menino abra o que quiser, menos aquelas duas portas.

E o príncipe andou a ver tudo, assim que êle abalou. E morto de curiosidade e foi e abriu uma porta. E viu uma casa e havia um tanque. E êle meteu o dedo e ficou-lhe dourado. Meteu a cabeça e ficou com os cabelos dourados. E foi e abriu a outra porta. E havia uma cavalariça com três cavalos muito magros, um preto, um branco e outro ruço. E os cavalos tinham o freio posto; e pegou nêles e levou-as a um tanque a beber e tirou os freios aos cavalos. E os cavalos fizeram-se em três príncipes.

E êles contaram-lhe o seu encanto e agradeceram-lhe muito e disseram-lhe que quando se visse nalguma aflição bradasse por êles:

— valha-me aqui o meu cavalo preto.
— valha-me aqui o meu cavalo branco.
— valha-me aqui o meu cavalo ruço.

E fojiram e cada um foi para o seu reino. E o príncipe dos cabelos doirados fojiu também. E encontrou um pastor e trocou o fato dele pelas peles do pastor. E comprou-lhe uma bexiga duma rês e pôs a bexiga na cabeça e parecia careca e pôs os çafões e o çamarro e abalou. E foi ter ao palácio do rei e pediu que fazer.

Foi levado à presença do rei:
— então como te chamas?
— Pés-de-asno.

E fez-se muito alarve.

E o rei, por o ver assim esparvoado, mandou-o para ajuda do jardineiro.

E o rei tinha três filhas. E o jardineiro mandou-lhe fazer três ramos para as princesas.

E as princesas vieram ao jardim:
— adeus, Pés-de-asno.
— guarde-as Deus a vocemecês, tenham muito bons dias.

E pegou nos ramos:
— pegue você, pegue você, pegue você.

E deu os ramos ás princesas e o mais bonito deu-o à mais nova.

E ela gostou logo muito do Pés-de-asno. E as princesas foram para palácio e a mais nova dizia às irmãs:
— ôlhem que o pés-de-asno não é quem se quer.

E as irmãs riam-se dela e faziam muita chacota por amor disso.

E o rei determinou casar as filhas e deitou um pregão.

E havia de haver grandes festas e cavalhadas.

E o rei mandou fazer três pêras de ouro e deu uma a cada uma para elas atirarem ao príncipe do seu agrado.

E as princesas haviam de assistir às festas.

E a mais nova foi ter com o Pés-de-asno:
— ó Pés-de-asno, vai às cavalhadas.
— quem, eu? eu cá vou mas é para a caça.

E não quis ir.

Ela foi muito triste mas não teve mais remédio senão ir; e dizia sempre às irmãs:
— ôlhem que o Pés-de-asno não é quem se quer.

E as irmãs riam-se dela.

E êle, assim que haviam de começar as cavalhadas:

— valha-me aqui o meu cavalo preto.

Apareceu-lhe logo o cavalo preto:

— o que queres, homem?

— quero um fato de principe e um bom cavalo.

Apareceu-lhe logo um fato de príncipe, muito rico e um cavalo preto muito bonito.

Ele despiu as peles, tirou a bexiga da cabeça, lavou-se, penteou-se, vestiu-se, montou a cavalo e êle aqui vai para as cavalhadas.

Ora quando êle entrou já estavam os príncipes dos outros reinos todos e que tinham sido convidados e toda a gente preguntava:

— mas quem será aquele príncipe?

Porque era êle quem tinha mais bonita figura. E ninguém sabia quem êle era. Antes de se acabarem as cavalhadas mete esporas ao cavalo e pronto, foi-se embora.

Veio para o seu quarto, tornou a pôr a bexiga, vestiu as peles e quando acabaram as cavalhadas já êle estava cá no jardim.

Vem a princesa:

— ai, Pés-de-asno, não quiseste ir, se tu visses, apareceu lá um príncipe de cabelos dourados, num cavalo preto!

— eu não quero cá saber disso.

— ôlha, Pés-de-asno, já que não quiseste ir hoje, vai amanhã ver as cavalhadas.

— eu vou mas é para a caça.

— mas que caça é a tua que não aparece?

— deixe que você a verá.

E ela foi muito triste e dizia sempre para as irmãs:

— ôlhem que o Pés-de-asno não é quem se quer.

E no outro dia teve também de ir ás cavalhadas. O mesmo: êle assim que haviam de começar as cavalhadas:

— valha-me aqui o meu cavalo branco.

Apareceu-lhe logo o cavalo branco.

— o que queres, homem?

— quero um fato de príncipe e um bom cavalo.

Apareceu-lhe logo um fato de príncipe ainda mais rico e um cavalo branco ainda mais bonito que o outro.

Ele despiu as peles, tirou a bexiga, arranjou-se, montou a cavalo e êle aqui vai para as cavalhadas.

Qundo êle entrou era outra vez tudo:

— lá vem o príncipe dos cabelos dourados; mas quem será aquele príncipe?

E ninguém sabia quem êle era.

Antes de se acabarem as cavalhadas, mete esporas ao cavalo e pronto, foi-se embora.

Veio para o seu quarto, tornou a vestir as peles e quando acabaram as cavalhadas já êle estava cá no jardim.

Vem a princesa:

— ai Pés-de-asno, se tu visses, apareceu outra vez o príncipe dos cabelos dourados, hoje ia num cavalo branco!

— ôlhe, vá lá para o príncipe dos cabelos dourados e deixe-me cá a mim.

— ôlha, Pés-de-asno, já que não quiseste ir hoje, vai amanhã ver as cavalhadas, que é o último dia.

— eu vou mas é para a caça.

E não quis ir. E ela foi muito triste e dizia sempre às irmãs:

— ôlhem que o Pés-de-asno não é quem se quer.

E no outro dia o mesmo: assim que haviam de começar as cavalhadas:

— valha-me aqui o meu cavalo ruço.

Apareceu logo o cavalo ruço:

— o que queres, homem?

— quero um fato de príncipe e um bom cavalo.

Apareceu-lhe logo um fato de príncipe, se os outros eram ricos, êste ainda era mais rico, e um cavalo ruço, se os outros eram bonitos, êste ainda era mais bonito.

Ele despiu as peles, tirou a bexiga, vestiu-se, arranjou-se montou a cavalo e pronto foi para as cavalhadas.

Quando êle entrou, o mesmo: era tudo:

— lá vem o príncipe dos cabelos dourados; mas quem será aquele príncipe?

E ninguém era capaz de saber quem êle era.

Antes de acabarem as cavalhadas, mete esporas ao cavalo e foi-se embora.

Veio para o seu quarto, tornou a pôr a bexiga, vestiu as peles e quando se acabaram as cavalhadas já êle estava cá no jardim.

E no outro dia havia de haver um grande jantar e estavam os principes todos convidados.

Vem a princesa:

— ó Pés-de-asno vai amanhã ao jantar.

— quem, eu?

— sim, vai e fica a uma porta que eu atiro a pêra de ouro para ti.

— quem, você? ora sempre quero ver isso.

E êle foi e ficou lá a uma porta. E o principe dos cabelos, dourados também tinha sido convidado e não apareceu.

E no fim do jantar as princesas atiraram a pêra de ouro lá aos principes do seu agrado delas e a mais nova atirou a pêra de ouro ao Pés-de-asno.

E o Pés-de-asno apanhou-a.

E todos olharam para ver a quem a princesa tinha atirado a pêra de ouro. E viram que tinha sido ao Pés-de-asno.

E houve um grande murmurinho.

No outro dia, outro jantar e ficou o Pés-de-asno convidado para ir ao jantar.

E o Pés-de-asno não apareceu ao jantar e veio o principe dos cabelos dourados e pediu muita desculpa de não ter vindo ao outro jantar.

E no fim do jantar o principe dos cabelos dourados pediu licença ao rei para desabotoar a farda e caiu-lhe a pêra de ouro no chão e todos conheceram a pêra de ouro.

E êle ia a dizer:

— esta pêra era dum careca...

E a princesa ia já a desmaiar e êle disse-lhe então que o careca era êle é que era o Pés-de-asno. Contou-lhe tudo e então é que as irmãs viram que o Pés-de-asno não era quem se quêria. E casaram-se e houve grandes festas e um grande jantar: só de lebres guisadas, trinta mil carradas, perdizes, perdigotos, e mosquitos e gafanhotos isso então nem tinham conta.

BERNARDINO BARBOSA.

Toponymia Portuguesa

(ESBOÇOS)

(Continuação)

10. **Anadia**

Formosa vila, séde de concelho e centro da região vinícola da Bairrada, no distrito de Aveiro.

A mais antiga forma conhecida dêste nome é *Nadia* num doc. de 1082 [1].

Falando das confrontações da herdade de *Mozarros* (hoje *Monçarros*, a 3 km. de Anadia), diz aquele documento:

> «... dividit cum Quintanela et per *illa Nadia* et inde per illa ecclesia Sancti Martini... Dividit de alia parte cum Villanova».

Ora *Quintanela* é hoje Quintela da Igreja, bairro do lugar e freg. da Moita; a *ecclesia* de S. Martinho é a capela da mesma invocação, perto de Monçarros; e *Villanova* é Vila Nova de Monçarros, a curta distância.

Assim *illa Nadia* não pode deixar de ser *Anadia* (isto é, *a Nadia*).

Na carta de couto de Aguim de 1140, que citamos no respectivo artigo do vol. precedente desta *Revista*, aparece já a forma actual *Anadia*.

Nadia representa sem dúvida o lat. n a t i v a (sc. *aqua* ou *fons*) tomado substantivamente [2] e significativo de «nascente,

---

(1) P. M. H., *Dipl. et Ch.* n.º 605.

(2) Substantivamente são usados também entre o povo os adjectivos *nascediço* (na Bairrada), *nascedio* e *nascido* (P.e Cardoso, *Dic. Geogr.* I, 376; II, 351 e 405), próximos parentes de *nativa* e que significam «fontinha, manancial, arroio».

No galego existe ainda o adjectivo *nadío* e no ant. port., gal. e cast. usou-se *natio* com o sentido de nativo, natural, nascediço (Cfr. G. de Diego, *Elem. de Gram. Hist. Gal.*, 37 e 168; Cortesão, *Subsídios* e Cuveiro Piñol, *Dic. Gallego*, s. v. *natio*).

Nos doc. portugueses dos séc. X a XIII emprega-se muito em designações topográficas o adj. *nadivo*, *nativo*, junto aos vocábulos *penedo*, *pedra*, etc.

fonte natural, expontânea» com referência ao exuberantíssimo manancial das *Fontes*, que brota á entrada da vila, do lado norte. O *a* inicial de *Anadia* resultou da prósthese do artigo definido femenino.

Verifica-se assim quão crassamente errada é a pretenciosa e ridícula maneira de dizer de alguns alfacinhas: — *vou para a Anadia, veio da Anadia, esteve na Anadia* — maneira que, há anos para cá, se vulgarizou nas gazetas da capital (1).

Tal coisa não se ouve ao mais ignorante dos filhos da região, salvo algum contagiado — e causa extranheza igual à que causariam frases como: — *vim da Lisboa, estive no Aveiro, houve festas na Braga*, e quejandas, se alguem as proferisse.

Em Portugal não há senão uma outra *Anadia*, quinta do conc. de Loures, que creio ter pertencido aos condes de Anadia; no Brasil existem uma pov. e uma vila de *Anadia*, certamente fundadas por algum natural da homónyma vila portuguesa.

Temos porêm alguns toponymos afins, como são *Nascedios* (9 casais) *Nascentes*, e *Nasce-Agua* (5 casais).

Na Espanha goda houve no séc. VI, perto de Eliberis, uma pov. de nome *Nativola* (2), que parece deminutivo de n a t i v a.

11. **Mòdivas**

Pov. e freg. do conc. de Vila do Conde.

A pronúncia local dêste nome é com *o* átono aberto, como lá averiguei em Setembro de 1910. O povo diz *Mòdibes*.

As suas formas antigas são: — *Mola de olibas* em doc. de 1033; e *Mola Olivarum, Moo dolivas, Moa d'oivas, Moodoyvas* em documentos do séc. XIII (3).

A interpretação não oferece dúvidas; é o lat. m o l a d e o l i v a s, moinho de azeitonas, ou lagar de azeite, como diriamos hoje.

O termo *oliva* usou-se no port. arch. por azeitona (4),

(1) Facto semelhante se observa com o toponymo *Luzo*, a que os lisboetas sempre antepoem o artigo definido dizendo — *o Luzo, no Luzo*, etc. coisa que não fazem os naturais nem os vizinhos.

(2) Hubner, *Inscript. Hisp. Christ.*, n.º 115.

(3) Port. Mon. Hist., *Dipl. et Ch.* n.º 281, *Inquisit.*, pp. 480 e 486; *Nova Malta*, I, 371 e II, 92-3; *Corpus Codicum* da câmara do Pôrto, pp. 10, 12 e 152.

(4) *Elucidar.*, *Dic.* de Morais, e *Subsídios* de Cortesão s. v.; *Livro de D. João de Portel*, p. 81.

e usa-se ainda no termo de Elvas; no cast. é corrente (1).

A propósito da redução fonética de *olivas* a *oivas*, nas formas archaicas *Moa d'oivas* e *Moodoyvas*, ocorre-me mais o vocábulo *Oyveiras* (oliveiras) que designa um dos pontos de confrontação do antigo termo de Covelinhas (Pêso da Régua) no seu foral de 1195 (2); e o toponymo *Oivela*, reguengo da Terra da Feira no séc. XIII (3).

Tambêm existiu e existe ainda em Portugal o apelido *Oliva*, de importação hespanhola, que os geneológicos fazem provir da pov. de *Oliva*, na Navarra, onde houve um mosteiro afamado (4).

Do nome deste mosteiro ou do apelido citado derivarão por ventura os seguintes toponymos nossos:

Oliva, lugar da freg. de S. Martinho de Sintra no séc. XIII (5).

N. S.ª da Oliva, ant. convento no lugar do Tojal, freg. de Vila da Igreja (Çâtam) fundado pelo Dr. Feliciano de Oliva e Sousa no séc. XVII (6)

Mendoliva ou *Mendo Oliva*, ant. nome de um sítio, hoje chamado S. Brás, 2 km. a O. de Setúbal, onde um beato assim chamado fundou no séc. XVI um oratório (7).

Peroliva, pov. da freg. da Caridade (Reguengos de Monsaraz) chamada, no séc. XIII, *Pedro Oliva* e *Pedro de Oliva* (8).

12. Aguada

É o n. de duas povoações e freguesias do conc. de Águeda: — *Aguada de Baixo* (S. Martinho de ~) e *Aguada de Cima* (Santa Eulália de ~).

Na linguagem popular diz-se *Augada*.

Tem tambêm o nome de *Aguada* o ribeiro que atravessa as duas freguesias e aflue ao Cértima pela margem direita (9).

(1) Por traslação dá-se em Alcanena o nome de *olivas* e *olivias* ao tesorelho ou parotidite humana e às escrófulas enfartadas, e no resto do país à parotidite das cavalgaduras, porque inflamando certas glândulas e gânglios dão êstes ao tacto a impressão de *azeitonas*.

(2) *Foralia*, 493.

(3) Franklin, *Mem.* cit., p. 276. O étymo será o lat. *olivella*, oliveirinha.

(4) Dic. *Portugal*, s. v.

(5) *Livro de D. João de Portel*, p. 84.

(6) F. de Almeida, *Hist. da Igreja em Port.*, III, 401.

(7) Carvalho, *Corogr. Port.*, III, 304; A. Pimentel, *Mem. sôbre... Setúbal*, 214.

(8) *Livro de D. João de Portel*, 43.

(9) P. M. H., *Dipl. et Ch.*, n.º 73; Cardoso, *Dic. Geogr.* s. v.

Aguada de Cima é chamada *Sancta Eolalia* em doc. de 957; *Aguada de Baixo* e o ribeiro indicado recebem nesse mesmo doc., e noutro de 961 e ainda na carta de couto dada a Barrô em 1132, os nomes de *Aqualada, Aqualata, Agualata, Agulata* (1).

Em face destas formas resulta transparente que o étymo do toponymo é o lat. a q u a l a t a, isto é, «ribeiro largo».

No lat. vulgar a q u a, como no port. arch. *água*, tiveram alem doutros o significado de «rio, ribeiro» (2).

O deminutivo *Aqüella* lê-se como designação locativa em um doc. de 922 (3).

Quanto ao adj. *lato, lata*, aparece em bastantes toponymos antigos de Portugal, como são *Petra Lata* no ambito da freg. de Vilarinho (Santo Tirso) séc. XI; *Petra Lata*, pov. ou casal na freg. de Covide (Terras de Bouro) séc. XIII; *Olarca Lata*, em local incerto, no litoral do antigo «território portugalense», séc. XI; *Lagôa Lada, Valle Lato*, no Norte, séc. XIII; etc. (4).

Os documentos dos séc. X a XII dão-nos ainda conhecimento de uma ribeira e de uma «villa» chamadas *Aqualata* e *Aqualada*, perto e ao norte de Coimbra (5).

A ribeira chama-se hoje *de Fornos* ou *do Botão*, e aflue ao Mondego pela Vala Real do Norte; a «villa», hoje extinta, existiu na sua margem, junto ao lugar dos Fornos, freg. de Trouxemil.

Uma parte ou bairro do lugar de Aguada de Baixo tem o n. de *Águadella*, bem como um ribeirinho que aí passa e vai ter ao rio Cértima. A forma des e nome no séc. X é *Aqualadela* (6), deminutivo toponymico da sobredita *Aqualada*.

Na freg. de S. Cruz da Maia havia tambem no séc. XIII um casal de *Aqua lada* (7).

---

(1) P. M. H., *Dipl. et Ch.* n.os 73 e 84; *Livro Preto* da Sé de Coimbra (cópia cit.) I, 145 v.

(2) Du Cange, *Glos. med. et inf. latin.* explica *aqua* por «alveus, rivus, fluvius, flumen».

(3) P. M. H., *Dipl. et Ch.*, n.º 25. Tenho êste diminutivo como étymo do toponymo *Ouguella*, no Alemtejo. Este n. cujas formas no séc. XIII são *Ouguella*, *Ougela* e *Ugela* (ge=gue) designava não só a vila actual, mas também o rio que lhe passa ao pé, chamado hoje Abrilongo (*Nova Malta*, III, 32-3; *Foralia*, 607). *Aqüella* deu *Ouguella*, como o lat. a q u a r i u deu *Ougueiro*, fórma que no falar do povo concorre com *Augueiro* para nomear um bairro do lugar de Parâmos (Feira). Cfr. carta chorogr. de Portugal na escala $\frac{1}{100:000}$, folha 7.

(4) P. M. H., *Dipl. et Ch.* n.º 952 e 602; *Inquisit.* pp. 98, 316 e 514.

(5) *Dipl. et Ch.* n.os 95 e 809; *Livro Preto* (cópia cit.) I, 507, II, 507, v.; *Benedictina Lus.* I, 341.

(6) *Dipl. et Ch.* n.º 73.

(7) *Corpus Codicum* cit., 235 e 255.

13. Melgaço

Antiga vila do distrito de Viana do Castelo, sôbre o rio Minho.

As formas mais antigas que se me deparam dêste toponymo são *Melgacio* no foral de 1181 e *Melgazo* no de 1258 [1].

O étymo não oferece dúvida.

Melgaço, derivado de *melga* nome de planta, mediante o sufixo — *aço*, significa «campo ou sítio em que abundam as melgas».

Melga é nome comum de uma planta forraginea, também conhecida por *alfafa,* e modernamente por *luzerna* (*medicago* dos botânicos) [2]. Em cast. chama-se à mesma planta *mielga,* em catalão *melga,* em aragonês *mielca,* vocábulos que provêm, como o português, do lat. *medica* [3].

Na toponymia portuguesa, são vulgares os nomes derivados de vegetais com o sufixo — *aço,* — *aça.* Cfr. *Gestaço, Milhaço, Gramaço, Louraço, Cadraço* (por *Cardaço*), respectivamente derivados de *gesta* (ou *giesta*), *milho, grama, louro, cardo,* etc.

Em Portugal, alêm da vila citada, há mais um casal de nome *Melgaço,* na freg. da Cela (Alcobaça) e uma herdade de *Melgares* no Alemtejo [4]. Em Espanha há três povoações com o n. *Melgasa,* uma com o de *Melgueiras* (Corunha) e vários *Melgar* e *Melgares.*

14. Bouro

Nome genérico de um ant. e grande conc. do Minho, hoje reduzido ao que se chama *de Terras de Bouro.*

Desde o séc. XIII, pelo menos, não lhe serve de centro pov. alguma com o n. de *Bouro.* Cuido que êste seria o nome de algum castelo, há muito desaparecido, que primitivamente existisse nas imediações do velho mosteiro de *Santa Maria de Bouro.*

---

(1) *Foralia*, pp. 422 e 684.

(2) Alem de figurar em vários tratados especiais de botânica, êste vocábulo aparece na 6.ª edição do *Dicion.* de Morais, no chamado de Fr. Domingos Vieira, no *Vocabulário português das plantas*, publicado no antigo *Jornal de Coimbra* (vol. X a XVI), no vol. n.º 145 da *Bibliot. do Povo e das Escolas*, p. 39.

Usa-se ainda no Minho, e por indicação minha, foi também incluído na 2.ª edição do *Novo Dic.* do sr. Cândido de Figueiredo.

(3) Simonet, *Glosário de las voces ... usadas entre los mozarabes*, s. v. *mielca* e *amencon.*

(4) Baptista, *Chor. Mod.*, VII, 807.

Na verdade as inquirições de 1220 falam repetidas vezes de um *castelo* no termo de Bouro, sem lhe indicarem a situação ([1]); e por outro lado todos os antigos municípios portugueses, cujas denominações não correspondem, desde bastantes séc., a pov. alguma do seu âmbito (concelhos que eram ainda em grande número no começo do sec. XIX) ([2]), herdaram essas denominações de extintos castelos medievais, que lhes serviram de cabeça.

Ao mosteiro de *Santa Maria de Burio* se refere já um doc. de 883 ([3]); nos séc. XII e XIII a forma dêste nome é *Burio, Borio, Buiro* e *Boiro* ([4]).

Suponho que o étymo dêste toponymo está num vocábulo do lat. vulgar b u r i u, talvez na acepção de «abegoaría, granja ou cabana», do ant. alto alemão *bur*, construcção, edificio, casa.

Nos dialectos da França há *bur, bure* (Normandia) cabana, casebre; *buron* (Auvergne) idem; *borio, borie, bourie, bouria* (Languedoc e Provença), granja, casa agrícola.

Do b. lat. consigna o *Glossarium* de Du-Cange os vocábulos *boria*, casal rústico, *burum*, recinto cerrado, *bura* e *buria*, abegoaria, que creio se relacionam com os indicados.

Meyer-Lûbke, no *Romanisches Etym. Wb.*, n.º 1408, cita o germánico b u r i a, que deu o fr. ant. *buiron*, mod. *buron*, «cabana pastoril».

Em Portugal há, alêm de vários lugares, a que pertence o vocábulo *Bouro* como sobrenome (Santa Marta de *Bouro*, Parada de *Bouro*, Vale de *Bouro*, etc.), mais dez povoações com o nome de *Bouro*, uma serra de *Bouro* (no conc. de Obidos), um casal de *Bouros* e outro do *Boureiro*.

Em Espanha teem o n. de *Bouro* duas povoações da Galiza (Oviedo e Corunha).

15. **Mortágua**

Antigo castro e vila, séde de um conc. no distrito de Viseu, sôbre uma ribeira do mesmo nome, afluente do Mondego.

As mais antigas formas que conheço deste toponymo são: — *castro de Mortalago* e *ribulo Mortalago* em doc. de 985; *cas-*

([1]) *Inquisitiones*, p. 91 e seg.

([2]) Cito, entre outros, Anóbrega, Azurara, Baião, Besteiros, Cambra, Çatam, Lafões, Maia, Panoias, Vieira, Terra de Santa Maria, etc.

([3]) Brandão, *Mon. Lusit.*, P. 3.ª, L. 11, cap. 12.

([4]) Ribeiro, *Dissert. Chron. e Crit.*, IV, P. 1.ª, 188; Rev. de Guimarães, VI, 76; *Inquisit.*, 18, 91, 176, 220.

tro de Mortalaga e *ribulo Mortalago* em doc. de 986; *Sancta Christina de Mortalago* em doc. de 1064; e ainda *Mortalago* no séc. XII ([1]).

No fim dêste séc. e durante o seguinte aparecem as grafias *Mortua aqua*, *Morta agua*, *Mortaagua* e *Mortaaga* ([2]) onde, pelo menos nas duas primeiras, transparece o malogrado intento dos escribas de recompôr a forma original do toponymo pela sua pronúncia vulgar, que seria já então, como hoje, *Mòrtágua*.

A falsidade desta reconstrução serodia é, porêm, palpável em face das formas mais antigas *Mortalago*, *Mortalaga* e ainda do seu deminutivo toponymico *Mortalazelio*, que no referido doc. de 985 designa um lugarejo ao N. de Mortágua, chamado hoje *Mortàzel*. Estas formas postulam irrevogavelmente como étymo o lat. m o r t a l e a q u a, «água que mata», para explicar o *l* intermédio, e não *mortua aqua*, «agua morta».

É claro que a denominação seria dada primitivamente ao ribeiro de Mortágua, por virtude das suas águas doentias e do ribeiro passaria ao castro e à povoação.

Na nomenclatura fluvial portuguesa há os nomes *Agua Má* e *Rio Mau*, da mesma origem ideológica.

16. Povos

Antiga povoação acastelada, séde de freg. no conc. de Vila Franca de Xira.

O castelo de *Poboos* teve foral em 1195 ([3]); *Poboos* é ainda a forma empregada no séc. XIV nos *Livros de Linhagens* ([4]).

Mas outros doc. da 1.ª metade do séc. XIII denunciam a forma primitiva *Pópulos* nos seguintes passos: «In *Populis* — Ecclesia Sancte Marie»; «Ecclesia Sancta Maria de *Populis*» ([5]).

O étymo deve, pois, ser o acusativo plural do vocábulo latino p o p u l u s, choupo, o qual deu em cast. *pobo*, bable *poveda* (mediante o sufixo — *eda*) catalão *popul*, ant. ital. *puovulo*.

([1]) P. M. H., *Dipl. et Ch.* n.os 148, 154 e 444; *Livro Preto* (original, na T. do Tombo) fl. 2 v. e 31.

([2]) *Nova Malta*, I, 398, II, 201; *Foralia*, 482; Ms. da T. do Tombo, Gav. 19, Maço 14, n.º 7; *Mortaagua* in *Rev. Lusit.* IX, pag. 136.

([3]) *Foralia*, 491.

([4]) *Scriptores*, 319.

([5]) Ribeiro, *Memórias para a hist. das Inquir*, Doc., p. 96; Ms. da T. do Tombo, Gav. 19, Maço 14, n.º 7.

Do mesmo vocábulo como radical provirá também o toponymo *Povolide*, freg. do conc. de Viseu, nos séc. XII e XIII *Povelide*, *Pubelide* e *Pubelidi*, que corresponde ao lat. populeti (sc. *villa*), isto é, «quinta do choupal»; mas a manutenção do *l* não se explica bem. Na *Rev. Lusitana*, XII, 325, cita-se o toponymo *Povarede*, que me é desconhecido.

Quanto aos toponymos *Pobral*, *Povoral*, *Pobraes* e *Povoraes*, nomes de povoações portuguesas, deverão provir da mesma fonte mediante o sufixo *—al* = *—ar*, isto é, de populare—, no sentido aproximado de *populetu*—. A esta família pertencem na Espanha os toponymos *Poboleda*, *Poblet*, *Poblete*, *Pobleta*, *Povar*, *Poboeiros*, *Poveda* e *Povedal*.

Ao lado de *populus* existiu no lat. vulgar, para designar a mesma árvore, o vocábulo ploppus, donde deriva directamente o port. *choupo* ou *chopo* (cast. *chopo*, catalão *clop*, ital. *chioppo* e *pioppo*, ant. ital. *pluppo*), igualmente com representação na toponymia nacional.

Em cast. há ainda *chopico*, «vergontea de choupo, choupo novo» (3), que devia ter correspondente em port., pois dêle derivam, além dos nomes de lugares *Choupico* e *Choupica*, o de *Choupiqueira*, sitio em que existe uma mina de manganês na freg. de Vila Nova de Monçarros (Anadia).

17. **Cambra**

Com êste nome há em Portugal um ant. castro e duas povoações. O respectivo étymo é, porêm, diverso, conforme se trata daquele ou destas.

Chamou-se *Cambra* um ant. castelo de que nem já ruinas

(1) Ribeiro, *Memórias* cit. Doc. pp. 2 e 17; *Nova Malta*, II, 129.

(2) Cp. o ant. port. *pobra*, *pobrar*, *povorar*, *povoração* do lat. *popula*, *populare*, *populatione*—. Quanto ao sufixo *—al* = *—ar*, vid. Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições* cit. 161 e 478.

A par de *Pobral* temos a metátese *Proval*, n. de um sitio na Serra de Santo Antonio, Alcanena.

No conc. de Alijó há uma freg. com o nome de *Pópulo* que nada tem com o vocábulo do texto e provêm da invocação de um ant. templo dedicado a *N. Snr.ª do Pópulo*. Esta invocação, de origem italiana, é dada a uma imagem célebre venerada em Roma, e de là passou a Portugal dando nome, alêm daquela freg., a uma quinta, um convento e vários templos. V. *Port. Ant. e Mod.* s. v. *Pópulo*. Creio que êste *Pópulo* não é senão o ital. *popolo*, povo.

(3) *Dic. Encicl. Esp.-Americano*, s. v. *olmo*.

restam, situado sôbre uma altura mesmo junto à vila de Macieira de Cambra, que tem hoje o nome de *Crasto* ([1]).

Esta *Cambra*, que legou o sobrenome ao formosíssimo e fertil Vale de *Cambra*, regado pelo Vigues, afluente do rio Caima, e à referida vila, herdeira dos seus pergaminhos municipais, foi a cabeça da antiquissima *terra* ou *concelho* de Cambra, que existiu até ao advento da monarquia constitucional.

A forma dêste nome nos doc. do séc. XI é sempre *Calambria* ([2]); nos séc. XII e XIII aparecem *Caambria*, *Caambraha*, *Caambra*, *Caumbria* e *Kalumbriae* (genitivo) ([3]).

Creio que as duas sílabas finaes de *Calambria* contêm o elemento celtico —*briga* «altura fortificada, castro», muito vulgar na toponymia archaica da Península ([4]). Por via de regra, da terminação —*briga* resultou nos toponymos que chegaram até à idade média —*bria*. Assim Conimbriga deu *Colimbria*, Langobriga deu *Langobria*, Arcobriga deu *Alcobria*, Seliobriga deu *Seliobria*, etc. ([5]).

De primitivos nomes terminados em —*briga* provirão por ventura, na maxima parte senão todos, os seguintes toponymos portugueses que acabam em —*bra* = —*bria*:

Anobra, freg. do conc. de Condeixa chamada nos doc. dos séc. XI-XII *Anlubria*, *Anlobria*, *Annubria*, *Anubria*, *Anovria* e *Anhovra* ([6]).

Sesimbra, vila ao sul do Tejo, nos séc. XI e XII chamada *Sesimbria* e *Sisimbria* ([7]).

([1]) Dic. *Portugal*, VI, 668. Eu mesmo em 1906, estando em Oliveira de Azemeis, lho ouvi chamar *Crasto de Cambra*.

([2]) P. M. H., *Dipl. et Ch.* n.os 241, 850 e 877; *Livro Preto* (original na T. do Tombo) fl. 247. O 1.º daqueles documentos é do ano 1019.

([3]) *Nova Malta*, I, 388, II, 137, 141, 343; *Scriptores* 4 e 200; Ribeiro, *Dissert. Chron. e Crit.* V, 86 e 93; *Elucidário*, s. v. *Arruniado*; *Livro Preto* (original cit.) fl. 2 v.

Nas duas últimas formas apontadas deve haver êrro de escrita ou impressão de *u* por *a*.

([4]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusit.* II, p. 57 e seg., e em especial a nota 2 a p. 59.

([5]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões*, II, 34, nota 2, e *Lições* cit., p. 335 e 338.

([6]) *Dipl. et Ch.*, n.os 658 e 692; *Foralia*, 733; Ms. da T. do Tombo, Gav. 3, Maço 10, n.º 17. *Livro Preto* (copia cit.) I fl. 155 e 222 v.

No alto de um monte empinadissimo, 2 km. a S. E. de S. Priz (Ponte da Barca) existio o velho castelo da *Nóbrega*, de que já não restam ruinas, cabeça de um conc. medieval. Este nome, que tem nos documentos dos sec. XI a XIII as formas *Annofrice* (genitivo) *Anofrica*, *Agnofrica*, *Anobrega*, *Anovrega* e *Anhovrega*, se bem que semelhante ao de que trato no texto, parece nada ter de comum com êle. Na carta corográfica de $\frac{1}{100:000}$ chama-se ao sitio do castro da Nóbrega *Castelo de Aboim*.

([7]) Herculano, *Hist. de Port.* II, 89 (5.ª ed.) *Foralia*, 253 e 515. O sr. Dr. Leite de Vasconcelos tem porêm o greco-lat. sisymbria = *sisymbrium*, agrião, rinchão (plantas) como etymo de *Sesimbra* (Cfr. *Lições* cit., 373).

Senabria, nome que no séc. XI tinha um território na parte ocidental do moderno conc. de Cinfães, entre os rios Paiva e Douro ([1]).

Caliabria, velho ópido, séde episcopal no séc. VII e talvez no VIII; em um códice espanhol do séc. IX chamado *Calabria* e igualmente *Calabria* num foral português do séc. XIII. É hoje o monte de *Calabre* com vestígios de fortificações antigas sôbre o rio Aguiar, 5^{km}. ao E. N. E. de Almendra, a cuja freg. pertence ([2]).

Boidobra, freg do conc. e perto da Covilhã. Tem a mesma grafia já no séc. XIII ou XIV ([3]). Comparo êste nome a *Bodobrica* ou *Boudobriga*, ópido germânico sôbre o Rheno na época romana ([4]).

Outros toponymos temos ainda que poderão pertencer à mesma família: — *Nixebra*, duas pov. nas freg. de Alviubeira e Maçans de D. Maria, cuja forma no censo de 1527 é *Nixiebra* ([5]); *Imbibra* ([6]), pov. da freg. de Açafarge (Coimbra); *Sobra* ([7]), pov. na freg. de Paçô (Vila Verde); *Guinobra*, pov. da freg. de S. Martinho d'Anta (Sabrosa); *Vembra*, casal da freg. de Pousada (Braga); *Embra*, pov. da freg. da Marinha Grande (Leiria) etc., mas falta-me a seu respeito documentação antiga.

---

(1) Parece ser o mesmo território que em outros doc. se chama *Sancto Felice* (hoje *Sanfins*). A forma original do nome é talvez *Senabriga*, «castelo velho» em céltico. Em Espanha houve também um castro de *Senabria*, próximo, segundo creio, da actual Puebla de Sanábria, (Zamora) a que alude um doc. de 1122, e na Galiza no séc. X o seu deminutivo toponymico *Senabregio* (Sauto de —) Cfr. Herculano, *Hist. de Port.*, I, 491 (5.ª ed., e *Dipl. et Ch.* n.º 61.

De *Senabria* provêm o nosso apelido *Seabra*.

(2) *Elucidário* s. v. *Caliabria*; Simonet, *Hist. de los Mozar.* 808, 809 e 815; *Foralia*, 424; Cardoso, *Dic. Geogr.* I, 335; *Port. Ant. e Mod.* IX, 113 e seg. Caliabria não era no termo de Cidade Rodrigo, como, fundando-se em Florez, diz o sr. Dr. Leite de Vasconcelos nas *Religiões*, III, 581 nota 4. Cfr. ainda Pujol, *Hist. de las instit. sociales de la Esp. goda*, II, 46 nota 2. Nas actas do concílio de Lugo de 569 lê-se a forma *Caliábrica* (F. de Almeida, *Hist. da Igr. em Port.* I, 137).

(3) Perdi a referência da respectiva fonte.

(4) A primeira parte dêste toponymo contêm talvez os nomes pessoais célticos *Boduus* ou *Boudius*, que figuram nas inscrições (Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões*, II, 62; Belloguet, *Glossaire Gaulois*, 193 e 353).

(5) *Archivo Hist. Port.*, VI, 269. A situação dêstes dois lugares é a de verdadeiros castros, conforme me informaram.

(6) Esta é a pronúncia local. Cardoso, *Dic. Geogr.* I, 632 escreve *Embibera*; a carta corográfica de $\frac{1}{100:000}$ folha 13, trás *Embibre*; a *Chor. Mod.* e o *Dic. Postal e Chor.* dizem *Invibora*.

(7) Na Galiza (Pontevedra) há *Zobra*, que foi também apelido port. de origem geográfica (*Scriptores*, 365).

*

Outra *Cambra* é hoje freg. do conc. de Vouzela, sôbre o curso superior do rio Alfusqueiro e cuja matriz tem por orago S. Julião.

A forma do seu nome é *Cámbar* em muitos doc. dos séc. XI a XIV ([1]).

O étymo é, quanto a mim, *Camari* (sc. *villa*) — «quinta de Cámaro».

Nas inscripções latinas da Península, que conheço, não figura o nome pessoal *Camarus*, mas só os gentilícios *Camerius* e *Camurius*; encontra-se todavia *Camarus* e o seu gentilício *Camarius* (variantes *Cammarus* e *Cammarius*) em inscrições latinas da França e Italia ([2]).

Nos doc. portugueses do séc. XI aparece o nome pessoal *Camariz* ([3]), que talvez com aquele se relacione e que explica o toponymo *Cambres*, freg. do conc. de Lamego, chamada nos séc. XII-XIII *Cambares*, *Kambres* e *Cambres* ([4]).

Ao rio Alfusqueiro, um dos que formam o Águeda afluente do Vouga, dá-se, em documentos dos séc. XI-XII respeitantes às aldeias de Cercosa e Reigoso (Oliveira de Frades) nas suas margens, o mesmo nome de *Cámbar* ([5]), certamente por passar na sobredita freguesia de *Cambra*, junto à matriz.

Nas margens dêste rio existem ainda a pov. de *Cambarinho*, que é um deminutivo toponymico de *Cambar rio*; e a pov. de *Cambra* junto à célebre ponte do Alfusqueiro (freg. do Préstimo) no séc. XVI *Cámbara* ([6]), no sec. XIII *Camvar* ([7]), que se deve

---

([1]) *Elucidário*, s. v. *deo-vota*; Ribeiro *Diss. Chron. e Crit.*, II, 228, v. 27; Max. de Aragão, *Viseu*, II, 39, 45-6; F. de Almeida, *Hist. da Igr. em Port.* II, 662.

([2]) Jubainville, *Rech. sur l'origine de la proprieté* etc. 171 e 512.

([3]) *Dipl. et Ch.* n.os 255 e 432.

([4]) Ms. da T. do Tombo, Gav. 19, Maço 14, n.º 7; *Elucidário* s. v. *deo-vota* e *rebora*.

([5]) *Dipl. et Ch.* n.º 190; *Livro Preto* (original na T. do Tombo) fl. 86.

([6]) *Livro da Fazenda* no arquivo da Universidade de Coimbra, Ms. de 1570, fl. 79.

([7]) Ms. da T. do Tombo, Gav. 3, Maço 10, n.º 17.

Na Beira, 3 km. ao sul do Fundão, entre a capela da Snr.ª do Seixo ou Miradoiro, o Carvalhal da Gardunha e o Souto da Casa houve no sec. XIV uma importante mata chamada Souto de *Alcambar* (Ribeiro, *Mem.s para a hist. das inquir.*, 139-140, nota). Ao vale e ribeira que ai começa e se dirige ao Zêzere por Lavacolhos chama-se ainda hoje *do Alcambár* (*Ilustração Portuguesa* do «Seculo», 1913, série II, pp. 641-45).

Este nome, que parece de origem arábica, nenhum parentesco deve ter com o estudado no texto.

considerar uma simples reprodução do nome do mesmo rio ou do da freguesia sobredita.

Em Espanha encontro os toponymos *Cambra* e *Cambariña* (Pontevedra) no mesmo ayuntamiento; e duas *Cambre* (Corunha).

18. Pedralva

Pov. e freg. do conc. de Braga, sède de um antigo couto.

O que se dá com êste toponymo e com o já analisado de *Mortágua* é prova clara de como são falíveis as interpretações de nomes corográficos sem o auxílio das suas formas archaicas.

Pedralva parece á primeira vista um simples nome composto do substantivo *pedra* e do adjectivo *alva*.

Tal não é, porêm.

As grafias dêste toponymo são nos sec. X-XI *Pratu Alvari, Prato Álvar, Prato Álvari, Prádo Álvar* (1), no sec. XIII *Prad'alvar, Pedrálvar* (2), mas no fim dêste sec. já se dizia também *Pedralva* (3).

Daquelas formas resulta evidente que o verdadeiro étymo é o lat. p r a t u (m) *Alvari*, «prado de Álvaro». O *r* final em sílaba átona da forma *Pedrálvar* caiu como no ant. port. *alfánjar* (4), que deu *alfanje*.

19. Padroso

Pov. da freg. de Margaride, conc. de Felgueiras.

Em doc. dos sec. X-XI é chamada *Platanoso* e *Pradanoso* (5); no séc. XIII *Pradaoso, Padraoso* e *Padruooso* (6).

O seu ètymo é claramente o lat. p l a t a n o s u s (sc. *locus* ou *fundus*) «sítio ou propriedade abundante em plátanos».

São muito vulgares em Portugal os toponymos formados com nomes de árvores ou plantas mediante o sufixo — *oso*, — *osa*. Cfr. *Cardoso, Teixoso, Louroso, Ervedoso, Giestoso, Carvalhosa, Sobrosa*, etc.

O lat. p l a t a n u s não se conservou na linguagem popular;

(1) *Dipl. et Ch.* n.os 76, 223 e 420.
(2) *Inquisitiones*, pp. 59, 149, 199 e 248.
(3) Ribeiro, *Memórias para a hist. das inquir.*, 80 e 89 e Doc. p. 50.
(4) Cortesão, *Subsídios*, s. v.
(5) *Dipl. et Ch.* n.os 76 e 420.
(6) *Inquisitiones*, pp. 166, 208 e notas.

mas uma variedade desta árvore — o *acer pseudo-platanus* dos botánicos — é ainda chamada no Minho *pàdreiro* [1], vocábulo que provem do lat. vulgar platanariu-.

Derivados do nome da mesma árvore com sufixos diversos são também os seguintes toponymos portugueses:

Padroso, pov. da freg. de Lemenhe (Vila Nova de Famalicão) no séc. XIII *Pradanoso* e *Pradaoso* [2].

Padroso, freg. do conc. de Arcos de Vale-de-Vez, no séc. XIII *Padraoso* [3].

Platanosa, pov. extinta que no sec. XI existiu perto de *Burgalanes* (Burgães) conc. de Santo Tirso [4].

Padreiro (S. Salvador de -) freg. do conc. de Arcos deVale-de-Vez, no séc. XIII *Pradeneiro, Pradaeiro, Pradeeiro, Padraeiro* [5].

Padrenda, pov. da freg. de Azías, (Ponte da Barca) no sec. XIII chamada *Pradaneda* [6].

Pedraído, freg. do conc. de Fafe, no séc. XIII *Pradaindo* e *Padraindo* [7].

Padraído, pov. extinta da ant. freg. do Couto da Várzea, hoje de Rio Côvo (Barcelos) no séc. XIII [8].

Padrós, pov. do conc. de Espozende; do lat. vulgar *platanolas*, pequenos plátanos.

O plátano, que está hoje muito espalhado em todo o país não produziu toponymos conhecidos ao sul do Douro.

Em Espanha há muitas povoações que dêste radical devem derivar seus nomes, v. g. *Padreda, Padreiro, Padrenda, Pradeda, Pradedo, Pradeira, Padroso* — na Galliza; *Prádanos* (Burgos e Palencia) *Padrera* (Oviedo) etc.

20. Ribeiradío — Agravo

Ribeiradío é hoje freg. do conc. de Oliveira de Frades (e foi-o antigamente do conc. de Lafões) cuja matriz tem a invocação de S. Miguel.

(1) Assim ouvi pronunciar no Gerez. Cfr. Tude de Sousa, *Serra do Gerez*, Pôrto 1909, p. 103.
(2) Inquisit., pp. 33, 201 e nota.
(3) *Nova Malta*, I, 514 nota.
(4) *Dipl. et Ch.* n.º 864.
(5) *Inquisit.*, pp. 359, 392 e 406; Ms. da T. do Tombo, Gav. 19, Maço 14, n.º 7.
(6) *Inquisit.*, p. 293.
(7) *Nova Malta*, I, 314.
(8) *Inquisit.*, pp. 33 e 383.

No sec. XII dizia-se apenas «*S. Michaelis de Ribeira* in Alafone» ([1]). No sec. XIII já se dizia *Ribeira Dio* ([2]).

Donde lhe proveio êste adminiculo?

Vejamos.

Um doc. do ano 964 ([3]), respeitante a uma *villa Pinitello*, tem o seguinte passo:

> «... et est ipsa villa *(Pinitello)* inter villa de Ceterina et villa de *Idolo*, subtus mons Gabro secus rivulo Vauga territorio visense».

Território visense é a diocese de Viseu; *Pinitello*, chamado em outro doc. de 1018 ([4]) *Spinitello*, é a pov. de Espindelo na freg. de Ribeiradio; *Ceterina* ([5]) é hoje Cedrim, a dois passos dessa freg.; de *Gabro*, hoje serra do Agravo, sobranceira a Ribeiradio, falo adiante.

Desta forma a *villa de Idolo* não pode deixar de ser Ribeiradio ou aí muito perto, e conclúo assim que êste toponymo *Ribeiradio* se deve decompôr em *Ribeira d'Io*, sendo êste *Io* a última redução fonética daquele vocábulo *Ídolo*. Cp. o ant. port. *increo* do lat. *incredulu-* e *ereo* do lat. *haeredulu-*.

Outro caso idêntico se deu, segundo creio, com o toponymo *Portèlladio* ([6]), pov. da freg. da Facha (Ponte do Lima) chamada no sec. XIII *Portella Dyu* ([7]), isto é, «portella do idolo».

No baixo-lat. empregou-se o vocábulo *idolu* ([8]) (pronunciado com acento tónico no *i*) no sentido de «imago, effigies», isto é, estátua, vulto; mas nos toponymos indicados é também possível que se trate simplesmente de algum penedo antropomórfico ([9]).

Entre as demarcações do couto de Midões (Táboa), menciona-se num doc. do séc. XII ([10]) um padrão ou marco «com semelhança de homem, a modo de ídolo»:

---

(1) *Elucidário*, s. v. *Garda*.

(2) Idem, s. v. *familiares*: *Scriptores*, 347 e 351. Nêstes últimos lê-se a forma *Ribeira Diom*, cujo *m* final é meramente ornamental (Cfr. *Elucidário*, s. v. *milhom*).

(3) *Dipl. et Ch.*, n.º 87.

(4) Idem, n.º 234.

(5) Também se encontra a grafia *Cedarim*, nos sec. XI-XIII (*Dipl. et Ch.*, n.º 378; *Nova Malta*, I, 376, II, 141).

(6) Baptista, *Chor. Mod.*, II, 143.

(7) *Inquisitiones*, 343.

(8) Du Cange, *Glossar.* cit., s. v.

(9) Sobranceiro e ao sul de Pinheiro (Aguiar da Beira) há um monte chamado *Penedo do Homem*, certamente devido a alguma pedra antropomórfica.

Também na costa da Corunha, defronte do cabo Falcoeiro e ilhota de Sagres há um leixão chamado *Home de Sagres*, por se parecer a um homem sem braços. (*Enciclopédia Espano-Americana*, s. v.).

(10) *Livro Preto* (original na T. do Tombo) fl. 29.

> «... et ferit in illos alios duos cautos qui sunt insimul fixi juxta stratam. Quorum unus lapis incompositus videtur; alter vero *similitudine hominis* habere videtur *in modum idoli*».

Outra referência há a *idolos* na descripção dos limites do velho concelho de Bemposta do Douro (Mogadouro) no séc. XIII (1).

> «... Pala de Zebras e dí aa Cabeça Carrascosa e dí aos *Idollos* e dí ao Penedo do ffim do Vale de Gemundi ...»

Em Braga há também uma propriedade já desde o sec. XVIII chamada *Quintal do Idolo* (o povo diz *Idro*), porque nela existe uma pedra com inscrição romana, onde se vê, de alto relêvo, uma *figura humana*, que foi tomada como ídolo (2).

*

Quanto ao *mons Gabro*, a que se fez referência, fica entre os rios Vouga e Alfusqueiro, no conc. de Oliveira de Frades, nas freguesias de Arcozelo das Maias e Ribeiradío, sobranceiro a esta última pov.

A forma dêste nome era ainda no sec. XVIII *Gravo* (3) e actualmente *Agravo* (serra do -) (4). Outras denominações populares da mesma serra são *Caramadoiro* e *Ladairo*, esta derivada do nome de uma aldeiazinha, que existe no seu cume (5).

Alêm do referido, outros doc. antigos fazem menção do monte *Gabro*. Um do ano 1002 (6) diz:

> «... villa Cercosa subtus *mons Gabro* discurrente rivulo Cambar território Alaphoen».

Refere-se à pov. de Cercosa, freg. de Campia, conc. de Oliveira de Frades.

Em outro doc. de 1192 (7), fala-se de um prédio sito

---

(1) *Nova Malta*, II, 369.

(2) Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões*, II, 239 e seg.

(3) P.e Luís Cardoso, *Dic. Geogr.*, s. v. *Arcozello*, p. 533.

(4) Baptista, *Chorogr. Mod.*, I, 206.

(5) Joaquim Baptista, *Mem. estadist. sôbre o conc. de Lafões* nos «Anaes da Socied. Promotora da Indústria Nac., Lisboa 1822, I, 208; Baptista, *Chorogr.* cit. I, 206.

Caramadoiro por *cramadoiro* (lat. *clamatoriu*) e *Ladairo* ou *Ladario* (lat. *litanariu*- de *litania*) são vozes populares sinónimas, que significam «procissão de preces, romaria de penitência, círio». Uma pov. da Beira do nome *Ladario* chamou-se no séc. XIII *Ledaairo* (*Port. Ant. e Mod.* IV, 10).

Nas inquirições do séc. XIII ocorre também já o toponymo *Clamatoriu* (Inquisit., 658).

(6) *Dipl. et Ch.* n.º 190.

(7) *Livro Preto* (original na T. do Tombo) fl. 86.

«... in Raigoso et in termino de Alafones sub *monte Gravo* discurrente rivulo Cambar».

Raigoso (1) é hoje Reigoso, freg. do conc. de Oliveira de Frades.

Ignoro o étymo de *Gabro*, que a titulo precário comparo ao vocábulo celta *gabro-s* (=lat. *capru-*) cabrão, bode, chibo (2).

Em Portugal há vários toponymos derivados do nome desse animal: — *Cabrão, Cabrões, Cabruelo* (3), *Cabra, Cabras, Cabrito, Bode, Chibos,* etc. Em Espanha sucede o mesmo.

O lat. g l a b r u —, pelado, calvo, liso, que podia ocorrer para explicar *Gravo*, já não explica *Gabro* que é a forma mais antiga; e além de não ser apropriado ao monte de que falo, que é áspero e abundante de pastos e arbustos, o qualificativo de *glabru-s* sucede que o *g* do grupo *gl* nos vocábulos latinos que passaram ao romance português cai sempre. Cfr. *lande, lândoa, leira, leirão* (rato dos campos), *lovêlo* (novelo), *latir, leiva, luto* respectivamente derivados do lat. *glande—, glandula, glarea, glirione—, globellu—, glattire, gleba, gluttu*—(em Bento Pereira, *Pros. Lat.*) (4).

Só em época recente e em vocábulos de origem literária aparece a transformação do grupo *gl* em *gr*, como em *grória* por *gloria*, *grosa* por *glosa*, etc. (5).

21. Lanhoso

É o n. de um velho castelo medieval, sôbre um alto morro ou «acervo de penhascos» (6), 1^{km}, ao norte da moderna vila de *Póvoa de Lanhoso*, a que deu o sobrenome.

O castelo de *Lanhoso*, hoje desmantelado, é afamado nos primeiros séculos da nossa história, e figura muito nos *Livros de Linhagens*.

---

(1) O étymo dêste nome é o lat. *radicosus* (sc. *locus*), «raizal, cepal, sitio onde se cortaram as árvores ou arbustos ficando apenas as cepas ou raizes. Em doc. do ano 960 menciona-se nas margens do Cávado uma *villa de Radigoso* (*Dipl. et Ch.* n. 81), que tem perfeitamente a mesma origem do toponymo supra.

(2) Jubainville, *Recherches* cit., pp. 153 e 436. Na Espanha romana (Bética) existiu um municipio com o nome de *Igabro* ou *Egabro* (var. *Ipagro, Epagro*?) que poderá talvez relacionar-se com êste. Na geografia ant. e medieval há vários toponymos derivados do indicado vocábulo céltico:—*Gabromagus, Gabrosentum, Gabriacum, Gavre* (Cf. Jubainville, *obra* cit., 153 e 436).

(3) Pov. da freg. de Capela (Penafiel) chamada em documentos do sec. XI *Capronello* e *Cabronello*, no séc. XIII *Cabroelo* (V. Cortesão, *Onom. Mediev.*, s. v.). O povo diz *Carbuélo.*

(4) Apenas *grude* (lat. *glutine*) parece fugir a esta regra, talvez por ser vocábulo recente ou de proveniência estranjeira. Cp. o cast. *engrudo.*

(5) Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições* cit., p. 298.

(6) *Port. Ant. e Mod.*, IV, 47. «Áspera e eminente penha» lhe chama o P.e Carvalho (*Corogr. Port.* I, 161)

A forma gráfica dêste nome é, no séc. XI *Lagenoso* e *Laginoso* [1], nos séc. XII e XIII *Lanioso, Lanoso, Laioso e Layoso* [2]. No séc. XV a forma corrente é já *Lanhoso* [3].

As duas primeiras formas postulam como étymo irrecusável o lat. vulgar l a g e n o s u — (de *lágena*, laja, pedra grande) «penhascoso, pedregoso» e tal é, como acima disse, o sitio do castelo em questão.

A transformação fonética que se deu de *Lagenoso* para *Lanhoso* é a mesma que houve do lat. r u b i g i n o s u s para *ravinhoso*.

Em Portugal há mais um casal com o nome de *Lanhosa*, na freg. de Ervões, outro com o de *Lanhoso* na freg. de Lordelo (Guimarães) e uma pov. com o de *Alanhosa* (com próstese do artigo definido) na freg. de Nogueira da Montanha.

Derivam tambêm do mesmo radical — *lágena* — os seguintes toponymos portugueses:

Lanhas, pov. e freg. do conc. de Vila Verde, chamada no séc XIII *Laynas, Laias, Lãyas Lañas* [4].

Lanhas, nome que ouvi dar a uns grandes penhascos da nossa costa, pouco ao norte do Pôrto de Leixões.

As formas de ambos êstes nomes devem ter sido primitivamente *Lagenas*.

Lanhellas, pov. e freg. do conc. de Caminha, limítrofe de Vilar de Mouros, «na falda do monte de Goios» [5]. É chamada no séc. X *Lagenellas* [6], no séc. XIII *Laynellas, Laycllas* e *Lanielas* [7].

Aquele monte de Goios, ramo da serra de Sam Paio, é chamado em doc. do séc. XI *monte Gaudiosu* [8].

De *Lanheses* falaremos depois.

---

(1) *Dipl. et Ch.* n.º 420; *Port. Ant. e Mod.* s. v. *Laginoso.* Na «Vida de S. Geraldo», que é do séc. XI, cita-se um «castellum quod *Lagenosa* dicitur», que me parece ser Lanhoso. Cfr. *Scriptores*, 56.

(2) Ribeiro, *Mem. para a hist. das inquir.* 20, 23 e 129 nota e *Dissert. Chron. e Crit.*, I, 165, III, P. 1.ª, 73; *Foralia*, 616; *Inquisit.*, 55, 143 e 196.

(3) *Scriptores.* 143, 191, 206, 300 e *passim.*

(4) *Inquisit.*, 19, 63, 429; *Livro de D. João de Portel*, 23 e 138.

(5) *Port. Ant. e Mod.*, XI, 1247.

(6) *Dipl. et Ch.* n.º 778.

(7) *Inquisit.*, 350; *Port. Ant. e Mod.* IX, 606; Ms. da T. do Tombo, Gav. 19, Maço 14, n.º 7.

(8) *Dipl. et Ch.* n.ºs 494 e 778. Estes nomes *Goios* e *Gaudiosu* terão alguma relação entre si, ou com os montículos de pequenas pedras ou seixos (*godos* e *goios* dizem no Minho) que os fieis cristãos costumavam ir lançando para o sopé da cruz levantada no sítio onde mataram ou casualmente morreu alguêm, montículos que se chamavam *fieis de Deus* ou *montes gaudios*? Sôbre êstes nomes e usança cfr. *Elucidário*, s. v. *fieis de Deus*, nota e Dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 567 nota 2 e respectivas referências. O vb.º *goio* lê-se em Bluteau, *Vocáb.*, P. II, p. 501 e na *Rev. de Guimarães*, I, 2 e 9. Em galego há *coyo* ou *croyo*, seixo, calhau.

22. Assilhó

Antiquíssima pov. da freg. e conc. de Albergaria a Velha, ½ quilómetro ao sul desta vila.

Ao povo ouve-se também pronunciar *Asselhó*. As formas do séc. XII são *Osselola* e *Osseloa* (acento tónico no segundo *o*) em documentos de 1117 e 1129 (¹).

Em parte da *villa* de S. Pedro de *Osselola* instituiu a rainha D. Theresa em 1117 um couto, e uma albergaria, que posteriormente se chamou *Albergaria Vetera de Meigonfrio* e serviu de núcleo à moderna vila de Albergaria a Velha (²).

Um doc. de 1271 abaixo citado em nota, e outros dos séc. XIII e XIV existentes no arquivo da Universidade de Coimbra, dão as grafias *Osseloo* e *Oselloo* (³). No censo da Extremadura de 1527 escreve-se já, porêm, *Asylho,* isto é, *Assilhó,* como actualmente (⁴).

Asselola, forma mais antiga de *Assilhó*, é um deminutivo to-

---

(¹) Ribeiro, *Eissert. Chron. e Crit.* I, 251, III, P. 1.ª 70 e 96.

(²) No *Port. Ant. e Mod.* XII, 1983-86, pretende-se com insistência, mas sem nenhum fundamento, que esta *Osselóla* é a actual freg. de *Ossella*, conc. d'Oliveira d'Azemeis e não *Assilhó*.

Sôbre a nossa identificação não pode, porêm, haver dúvidas. *Osselola* ficava no termo da velha «terra de Vouga» como se vê das referências da carta de couto de 1117, já citada, ao *burgo de Vauga*, ao *terminum de Vaga* (sic.), ao *forum Vaugam*, aos *homines Vauguenses*. Na mesma se diz que o couto era atravessado pela estrada velha do Pôrto a Coimbra *(strada que curril de Portugal)* e confinava ao norte *cum terram Sancte Marie*, de cujo âmbito ficava por isso fóra.

Um doc. de 1271 referindo-se a uma herdade chamada das *Forcadas* sitúa esta «in termino Vauge in canto de Arbergaria Vetera et in Oselloo» (Ms. n.º 636 da Bibliot. da Universidade de Coimbra, fl. 174 v.). E' concludente.

Ora *Ossella* não era do termo de Vouga: ficava dentro e não fora da terra de Santa Maria, como se vê do foral da Feira de 1514 e do censo de 1527; e a estrada velha do Pôrto passava-lhe mais de uma légua ao poente. Não pode por isso ser *Osselola*.

Quanto a *Meigonfrio*, chamado *Meison Frido* em doc. de 981 (*Dipl. et Ch.* n.º 132) e *Meiçom frio* em outro citado no *Elucidário* (s. v. *cidade* III) talvez seja o Alto dos Covões na freg. de S. João de Loure. O étymo dêste n., como o da vila de Mesão Frio, é o lat. vulgar *masione-frigida*, onde *masio* (=lat. *mansio*, estancia, pousada) era masculino. Cfr. cast. *meson*, ital. *magione*.

(³) Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições* cit., 235. A forma *Osselós*, que aí se indica, por *Osseloo*, é um dos muitos erros que abundam no trabalho de Gabriel Pereira, onde foi colhida.

(⁴) *Arch. Hist. Port.*, VI, 278. No séc. XVIII o P.º Carvalho, na *Cor. Port.*, II, 140, escreveu *Silho*.

ponymico de *Ossella* [1], nome de um lugar e castro antigo, que lhe fica 3 léguas ao norte, no conc. de Oliveira de Azemeis, sobre o rio Caima que vem tambêm passar perto de *Assilhó*.

O sufixo *—ola* do lat. vulgar deu em port. *—ó*. Cp. *Neviola*, *Ecclesiola*, *Morariola*, *Ficariola*, formas antigas de que provieram respectivamente os actuais toponymos *Navió*, *Grijó*, *Moreiró*, *Figueiró*, e cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 90.

O *o* inicial de *Osselóla* passou a *a* como em *arrepiar*, *afogar*, *assediar*, do lat. horripilare, offocare, obsidiare, etc. Outros exemplos toponymicos podem ver-se no artigo seguinte.

Quanto à palatização da lingual, talvez o sufixo *—ola* esteja por *—iola*, isto é, Osseliola, onde *—liola* dava *—lhó* sem dificuldade.

23. **Alhastro**

É o nome de um monte situado 1 quilómetro a N. E. da pov. e freg. de Souzelas, conc. de Coimbra [2].

O povo diz tambêm *Ilhastro*.

Nos sec. X e XI chamava-se-lhe *Oleaster* e *Oleastro* [3], do lat. *oleaster = oleastru—*, «azambujeiro, oliveira brava».

Tambêm nos campos do Mondego, perto e na freg. da Carapinheira (Monte Mor o Velho) há outra pov. de nome *Alhastro*, no séc. XIII *Olastro* [4], e ai perto existiu no séc. X uma *villa Oleastrelo* [5], cujo nome é um deminutivo toponymico do da antecedente pov.

---

(1) Este toponymo tem as formas *Usella*, *Osella*, *Ossela* e *Ossella* nos séc. X e XI (*Dipl. et Ch.*, n.os 25, 137, 169, 327 e 506). Sôbre o seu étymo vid. Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições* cit., 235.

Três léguas ao N. de Ossella fica o lugarejo de *Ossa*, freg. d'Escariz (Arouca) e mais 2 léguas ao N. o monte d'*Ossa* sôbre o rio Inha, nas freg. de Canedo (Feira) e Lomba (Gondomar). Cfr. *Port. Ant. e Mod.* VI, 298. De qualquer dêstes poderia ser já *Ossella* simples diminutivo toponymico e não derivar directamente dum deminutivo do nome comum *osa* ou *ossa*, como indica o ilustre mestre. O caso é que parece hoje inaveriguavel.

Entre as confrontações do couto de Osselola figura uma *Mata da Ussa*. Em Espanha há *Oseja* ou *Osera* (séc. XII *Oselia*, séc. XIII *Osella* e *Oseia*; cfr. Vignau, *Indice de Sahagun*, p. 662) pov. da freg. de Sexambre (Leon) e *Oseja* (Zaragoza), bem como *Osa* (Cuenca) e *Ossa* (Albacete).

(2) Carta chorográfica de $\frac{1}{100:000}$, folha 13.

(3) *Dipl. et Ch.* n.os 230, 240 e 727. Na Espanha romana houve pelo menos três pov. com o nome de *Oleastrum*.

(4) Franklin, *Mem. para servir de indice dos foraes*, 276.

(5) *Dipl. et Ch.* n.º 68.

Oleastro deu *Alhastro* pela transformação do *o* inicial em *a*, fenómeno que já observamos no artigo anterior, e que se dá também com os toponymos *Amezio* [1], nome de um ribeiro afluente do rio Sousa, no séc. XVIII *o Mezio* [2], no séc. XIII *Omezio* [3]; e *Azurêm*, no séc. XIII *Azorei* [4], no séc. X *Asoredi (villa –)* [5] que está evidentemente por *Osoredi*, genitivo possessivo do nome pessoal *Osoredu*, vulgarissimo nos séc. IX-XII [6].

24. Alviela

Nome de um rio do distrito de Santarem, afluente do Tejo pela margem direita.

A sua forma no séc. XII é *Alvenela* [7], no séc. XIII e XV *Alveela* e *Alvchela* [8], no séc. XIV *Alvella* [9].

É sem dúvida um nome mozarábico, composto com o artigo arábico *al* e o vocábulo lat. venella, deminutivo de vena «veia ou corrente de água, ribeiro» [10]. Nos forais antigos dos séc. XII e XIII e nos documentos dos séc. IX-XI publicados nos *Portugaliae Monumenta Historica*, aparece muitas vezes *vena* no sentido de rio ou ribeiro. Junto da minha aldeia natal, Fogueira (freg. de Sangalhos) corre um pequeno ribeiro, que tem mesmo o nome de *Veia*.

Em Portugal abundam os toponymos hibridos desta espécie, não sendo o distrito de Santarem dos mais escassos neles: cfr. *Almoster, Alcobertas, Alfeijoeiros, Alporão, Alcanede* — para não citar senão os de mais fácil análise.

---

(1) *Port. Ant. e Mod.*, s. v. *Beire, Bilarães, Casaes* (2.ª) e *Lustosa*.

(2) Cardoso, *Dic. Geogr.*, s. v. *Beire*.

(3) No séc XIII chamava-se também ao ribeiro de Moura Morta, afluente do Paiva, *rio d'Omezio (Nova Malta*, II, 142-3) por passar na pov. de Mezio, que no séc. XII se chamava *Omizio (Elucidário*, s. v. ferros). No ant. caminho de Villa Real a Chaves havia igualmente uma estação chamada *Amezio*, segundo indica Castro no *Mapa de Portugal*, III, 350, (2.ª edição).

O étymo é o lat. homicidiu, port. arch. *omezio, omizio* «morte violenta». Comparáveis a êste são os toponymos Quinta da Morte (na freg. e conc. d'Oliveira do Bairro) Mulher Morta, Homem Morto, Moura Morta, Morta, etc.

(4) *Inquisit.*, 9, 172 e 723.

(5) *Dipl. et Ch.* n.ºs 76, 407 e 426.

(6) Variantes *Osoreto, Ossoredo, Oseredo, Osoreo, Usureu*. Cfr. *Dipl. et Ch.* n.º 222 e *Onomast. Medieval*, s. v. Um doc. de 977 (n.º 120 daquela colecção) menciona uma *villa Osorei*, situada entre Anta e Silvalde, no conc. da Feira.

(7) Costa, *Hist. da militar, ordem de N. S. Jesus Christo*, 202.

(8) *Nova Malta*, I, 193-4; *O Archeol. Port.* VII, 22 nota.

(9) *Scriptores*, 159.

(10) Sôbre semilhantes formações vocabulares vid. David Lopes, *Toponymia ar. de Port.*, 12-13; Simonet, *Glosar.* cit., introd. p. 78-9 e 125-6.

25. Avintes

Pov. e freg. do conc. de Vila Nova de Gaia, à beira do rio Douro.

A forma do seu nome no séc. IX é *villa Abientes*, segundo um doc. do ano 897 (1).

No séc. XIII escrevia-se já *Avijntes, Avjntes, Avintes* (2).

O étymo é, segundo me parece, o lat. a d v e n i e n t e s, adventícios forasteiros, do verbo *advenire*, advir, chegar de fóra.

Um doc. castelhano do séc. X, citado por Herculano, emprega o vocábulo *avenientes* por «colonos forasteiros, trabalhadores adventícios» (3).

O lat. *advenientes* daria *Abientes* > *Avintes*, como *advenire* > ant. port. *aviir, avir;* como *veniente* > ant. port. *viinte* e *vinte*, partícipio presente de *vir;* como *audiente* > port. *ouvinte*.

Em Portugal há mais um casal chamado *Quinta do Avinte*, freg. e conc. de Táboa.

(Segue).

JOAQUIM DA SILVEIRA.

---

(1) *Port. Mon. Hist., Dipl. et Ch.* n.º 12.

(2) *Corpus Codicum* da Câmara do Pôrto, p. 102 e 177; Cortesão, *Onomastico Medieval* s. v.

(3) *Hist. de Port.* (5.ª edição) t. III, p. 288.

Subsídios para o Cancioneiro do arquipélago da Madeira

Tradições populares e Vocábulos do arquipélago da Madeira

As poesias, ensalmos e vocábulos que adiante publicamos, coligimo-los da tradição oral, esforçando-nos sempre por conservar com todo o seu sabor nativo o cunho do génio popular que os produziu. Orientado por êsse critério, entregamo-los à publicidade com todas as deturpações e incorrecções que são inerentes ao falar comum do povo.

Com êste trabalho damos o primeiro passo para uma obra que de há muito nos tem tentado — a compilação do tesouro tradicional e lexicológico do arquipélago da Madeira, que, sendo de riqueza e variedade notáveis, ainda não encontrou quem com desvêlo e completamente o aproveitasse. Poucos trabalhos há na realidade sôbre tal assunto; dentre êles avulta o *Romanceiro do Arquipélago da Madeira,* coligido e publicado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, que, com ser obra valiosa, tem, no entanto, defeitos notáveis, v. g. a obsessão do arcaísmo que o leva á restauração do artigo *lo, la, los, las,* que já se não encontrava na língua popular na época em que Rodrigues de Azevedo coligiu os materiais da sua obra [1].

I

Nossa Senhora do Monte

Iniciamos o nosso trabalho com as trovas em louvor de Nossa Senhora do Monte, pela importância que tal Senhora tem para o nosso intuito. Com efeito, a Senhora do Monte, protectora da

---

[1] Cfr. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos.*

cidade do Funchal, tem uma história algo curiosa, que memoraremos rápidamente, reproduzindo na íntegra os dizeres de uma estampa mui conhecida na ilha, que representa a Senhora, e em cujo reverso se narram com brevidade e precisão os motivos do fervoroso culto que usam prestar-lhe.

— «Há mais de 300 anos, no Terreiro da Luta, cerca de 1 quilómetro acima da igreja de Nossa Senhora do Monte, uma menina de tarde brincou com certa pastorinha e deu-lhe merenda. Esta, cheia de júbilo, refere o facto à sua família, que lhe não deu crédito, por lhe parecer impossível que naquela mata, erma e tão arredada da povoação, aparecesse uma Menina. Na tarde seguinte reiterou-se o facto, e a pastorinha o recontou. No dia imediato, à hora indicada pela pastorinha, o pai desta ocultamente foi observar a scena, e viu sôbre uma pedra uma pequena imagem de Maria Santíssima, e à frente desta a inocente pastorinha que a seu pai inopinadamente aparecído afirmava ser aquela Imagem a Menina de que lhe falara. O pastor admirado não ousou tocar a Imagem e participou à autoridade que mandou colocá-la na capela da Encarnação, próxima da actual igreja de Nossa Senhora do Monte, nome que desde então foi dado áquela veneranda imagem. — A sua festa é celebrada aos 15 de Agôsto, sempre com grande concorrência».

Como se deduz do documento que transcrevemos, passa a Senhora por milagrosa. Na verdade tem em circunstâncias difíceis influído notávelmente, segundo a crendice popular, para afastar da cidade perigos tremendos: tais como a expulsão dos corsários franceses, e a cessação do desenvolvimento da epidemia da cólera-morbus que em 1856 grassou com grande violência, e chegou a dizimar cêrca de sete mil pessoas.

Costuma ser venerada com toda a pompa no dia 15 de Agôsto de cada ano. A essa festividade acorrem milhares de romeiros de todos os pontos da Ilha, para irem render seu preito à miraculosa Virgem, cumprindo assim algum voto que porventura fizessem, ou ainda para lhe pedirem a intercessão afim de fazer regressar breve algum filho do Brasil, sossegar alguma alma penada. É uma das romarias mais concorridas de toda a Ilha; nos dois dias que precedem o da festa, a cidade está completamente pejada de imensa multidão constituída por núcleos ou ranchos de pessoas do *casal* É então curioso o aspecto babilónico da cidade, que, como dona medieval, tão austera e recatada costuma ser. Por toda a parte se vêm *romarias* que alegram com os desafinados acordes das suas violas e harmónios

(*orgos* como lá lhes chamam) a vida monótona da parte baixa da cidade, que é onde se nota maior azáfama; pode dizer-se que é um prelúdio da festa da Senhora.

Depois de os romeiros terem feito uma rápida estação na cidade, ei-los lá vão caminho do Monte; o seu primeiro cuidado, quando aí chegam, é visitar a igreja cuja escadaria alguns mais devotos sobem de joelhos e empunhando um círio. Em descantes e bailaricos passam o resto do dia e boa parte da noite. De madrugada, e durante o dia pròpriamente da festa, é a debandada de toda aquela fervorosa multidão.

É na passagem pela cidade e durante a sua permanência no local da festividade que é um dos pontos mais belos da Madeira — o Monte, a que com propriedade se tem chamado *Sintra Madeirense,* que se podem recolher grande número de trovas de carácter não sòmente religioso mas tambêm profano; as trovas que publicamos, foram em grande parte assim recolhidas.

Ditas estas palavras, como necessário comentário às trovas em louvor da Senhora do Monte, damos por concluído o nosso modesto preâmbulo.

Trovas em louvor de Nossa Senhora do Monte

Nossa Senhora do Monte,
Aquela que está lá dentro,
Há-de ser minha madrinha
No dia do casamento.

Nossa Senhora do Monte
É alvinha como a neve;
Se eu nasci para a desgraça,
Nossa Senhora me leve!

Nossa Senhora do Monte
Tem um moínho de mão
Para moer as mentiras
Dos romeiros que lá vão.

Nossa Senhora do Monte
Tem um filho serrador
Para serrar a madeira
P'rá capela do Senhor.

Nossa Senhora do Monte
É alva como uma pombinha:
Venha cá baixo à cidade
Para ser minha madrinha.

Nossa Senhora do Monte
Tem um *cedreiro* à beira;
Se ela me désse um raminho
Saria sua romeira.

— Nossa Senhora do Monte,
Que dais aos vossos romeiros?
— «Dou-lhes água da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros».

Nossa Senhora do Monte,
No vosso adro vos digo:
Não voltarei outro ano
Sem trazer noivo comigo.

Se m'aperta as soidades,
Eu vou-me à Virgem do Monte,
Só p'lo gosto que tenho
De pôr a boca na fonte.

Nossa Senhora do Monte,
A minha gente lá vai;
Tamem vou, se Deus quiser,
Com licença de mê pai.

Nossa Senhora do Monte
Tem agulha e tem didal,
P'ra fazer as camisinhas
Da Senhora do Faial.

Nossa Senhora do Monte
Tá na sua janelinha,
C'o seu menino nos braços
Fiando na sua ròquinha.

A ròquinha era d'ouro,
E o fuso de prata fina,
E o linho que a Virgem fiava
Era da gloria divina.

E o pano gue tecia
As freiras lh'o vinham comprar,
P'ra camisas p'r'ó menino
E toalhinhas p'r'ó altar.

Nossa Senhora do Monte
Tá sentada na varanda,
Aceitando as ofertas
Que o bom Jesus lhe manda.

Trovas populares

Eu já vi o sol nacer
Na ponta de um guardanapo;
O sol era pequeninho,
Fugiu por um buraco.

Lá vêm os Inglêses
C'a bandeira a meio pau,
Preguntando ós Madeirenses
Cuma vende o bacalhau.

O preto vai na tumba
C'o seu dente arreganhado;
Padre cura vai dizendo:
—«Saca fora, cão danado».

Fui à fonte beber água,
Bubi tanta cuma terra;
De riba da fortaleza
Fincaram-me com uma perda [1].

Não quero Pedro, que é pedra,
Nem quero João, que é chão;
Eu quero José qu'é joia,
Qu'é joia do coração.

Franchiquinho me namora,
Lá por trás do seu bardinho,
Quem me dera *'tar* agora
Onde *'tá* o Franchiquinho!

Zabelinha tecedeira
Tece num tear *dórado:*
Vem o vento da ribeira
Embaráça-lhe o fiado.

Zabelinha tecedeira
Tece num tear de vidro;
Vem o vento da ribeira,
Embaráça-lhe o sintido.

Eu vou por'qui abaixo
C'o meu machete [2], trás, trás:
Ó que linda rapariga,
Para mim, que sou rapaz!

Vou por'qui abaixo
Ver se a Penha tem ovos.
A Penha não tem cabeça
Cuma pode ter miolos?

Eu vou por'qui abaixo,
Tocando no meu rajão,
Fazendo fosquinhas
Ao preto João.

Eu vou por'qui abaixo
Cuma quem não quer a coisa;
Quem toca na verdizela [3]
Fica debaixo da loisa.

---

(1) Pedra.
(2) «Machete» ou «rajão» — Instrumento musical de 5 cordas de que há um exemplar no Museu Etnológico de Lisboa.
(3) *Verdizela*, armadilha para pássaros.

Salto paredes,
E dêço barrancas,
Tenho uma laranjeira
Com laranjas brancas.

Salto barrancas
E dêço paredes,
Tenho uma laranjeira
Com laranjas verdes.

Lá fora na barra
Passou um morcego,
Tirar leite à vaca,
Soltar o bezerro.

Pelo mar abaixo
Vai uma panela,
Se ela leva caldo,
Vamos atrás dela.

Pelo mar abaixo
Vai um taboleiro;
Se ele leva pão
Leva o meu brindeiro (1).

Pelo mar abaixo
Vai uma *tintonegra*,
Abanando o rabo,
Fazendo água negra.

Pelo mar abaixo
Vai um tintilhão,
Abanando o rabo,
Dizendo que não.

S. João do norte,
S. José do sul,
A barra amarela
Faz o céu azul.

Pelo mar abaixo
Vai uma cabaça;
Se ela leva vinho,
Leva *anda* a graça.

Pelo mar abaixo
Vai um garrafão;
Se êle leva vinho,
Leva o meu quinhão.

Mê pai já morreu,
Tá na boa-aventurança;
Trabalhou *maí'la* mulher
P'r'ós filhos *miter* (2) na pança.

Esta noite que *passua* (3),
Fiz um *picado* mortal:
Roibei a filha de mê sogro
Pela porta do quintal.

Dizes que te vais embora,
Isso era o que eu queria;
As pedras do meu torreiro
Saltario d'alegria.

O arrais do barco
Maí'la sua companha
Fizer' um ajuste:
Fôro à serra à lenha.
Nem a gente perdem
Nem o hôme ganha.

O diabo leve os hômes
Enfiados num cordel:
O prumeiro seja Antóino,
O sigundo Manuel.

O diabo leve os hômes
Enfiados numa linha,
Deitados p'lo mar fora
P'ra ingodo da sardinha.

Tenho uma dôr na cabeça
Que me responde à fressura.
A gente vão cantar ambos,
Que sêmos da mêma altura.

Lá no cabo do calhau
Anda uma velha às ervilhas;
Quando as velhas se quer casar,
Que fará as raparigas!

Lá no cabo do calhau
Onde a flor da murta assiste,
Se eu não lograr os teus olhos,
Toda a vida andarei triste.

(1) *Pão brindeiro*, pequeno, feito dos restos da amassadura.
(2) «Meterem». O sujeito da oração é *filhos*.
(3) «Passou».

No meio daquele mar
'Tá uma grande pomenteira,
P'ra te esfregar na boca,
Refinada chocalheira.

No meio daquele mar
'Tá uma linda pomenteira,
Onde o meu amor se encosta
Quando olha p'rá Madeira.

No meio daquele mar
'Tá uma pedra roliça,
Onde o meu amor s'assanta,
Quando vai e vem da missa.

No meio daquele mar
'Tá uma casa palhaça (¹);
O sol dá-lhe pela porta
E a lua pela vidraça.

No meio daquele mar
'Tá uma latadinha de uvas:
Se não há faca qu'as apanhe,
Lá se perdem de maduras!

No meio daquele mar
'Tá uma cadeira de vidro,
Onde o meu amor s'assanta,
Quando quer falar comigo.

No meio daquele mar
'Tá uma vela branca acesa:
Hei-de mandá-la apagar
Com beijinhos à francesa.

Abana, casaco, abana,
E abana para mim só;
Eu tinha sete jaleques
Que me deixou minha avó.

Minha avó, mulher decente,
M'ensinou certa cantiga,
S'Amecê quer que lhe diga,
Nã dava ponta sem nó (²).

Um dia encontrou-me só,
Puxou-me pela jaqueta:
—«Nã te cases, minha neta,
Que o casar é pêta».

Melro preto 'tá cantando,
Na jinela do doutor,
Preguntando a quem passa
Se lhe viro o seu amor.

Eu bem no vi, bem no vi
Na loja do mercador,
Comprando rendas e fitas
Para dar ao seu amor.

O melro preto é vadio,
Vai cantar aonde quer:
É como rapaz solteiro,
Enquanto nã tem mulher.

O melro preto é vadio,
Tem o cantar solitário:
Nã pode ter amor firme
Quem toda a vida foi vário.

Melro preto deu as asas
Do Faial para Sant'Ana,
C'uma lanceta no bico,
P'ra sangrar a Mariana.

As meninas da Camacha (³)
Não comem senão *abobora*
P'ra poiparem dinheiro
P'ra fazerem fatos da moda.

As meninas da Camacha
São bonitas, bailham bem.
Quando chegam a casar,
É o dote que também tem.

As meninas da Camacha,
Quando não tem que fazer,
Vão à serra buscar lenha
P'ra irem à cidade vender.

(¹) Freguesias do C. do Funchal. Os habitantes chamam-se *Camacheiros*.
(²) *Casa palhaça* é a casa cujo telhado é de colmo. Também se diz *casa palhoça*.
(³) Rimam só os vv 2 e 3.

O Seixal dá semilhas (1),
S. Vicente dá feijão.
Estas meninas d'agora
São feitas de papelão.

Estas meninas d'agora
Não *falo* senão em casar
Põem a panelinha ao lume,
Não na sabem temperar.

Cantiguinhas que eu sabia,
Tudo o vento me levou;
Só a do meu amorzinho
Na memória me ficou.

Chamaste-me feia, feia;
Eu por feia não casei.
Casa agora, qu'és bonita,
Com um amor qu'engeitei.

Os meus olhos são dois rios,
Fecham numa lagoa;
Choram de noite e de dia
Por uma certa pessoa.

Mandei buscar à botica
Um frasquinho d'água-raz,
Para dar à Mariquinhas
Que 'tá mai'lo seu rapaz.

Mandei buscar à botica
Um remédio p'ra a ausência.
Mandaram-me dois suspiros,
Que tivesse paciência.

Já lá vai o sol abaixo
C'o a Maria pela mão;
Venha o vinho p'rá cabaça,
Qu'o dinheiro está na mão.

A cabra vai pela vinha,
Vai berrando que tem fôme:
Grande castigo merece
Quem dá confiança a um hôme!

A cabra vai pela vinha,
Foge que desaparece;
Quem dá confiança a um hôme,
Grande castigo merece!

Da minha janela à tua
Vai um passinho d'amoreira;
Eu hei-de casar comtigo,
Inda que tê pai nã queira.

Inda que te pai nã queira
E tu' mãe diga que não;
A gente háde ir à igreja
Dar o nó que tôdi (2) dão.

Na rua do meu amor
Não se pode namorar:
De dia, velhas à porta,
De noite, cães a ladrar.

Minha mãe mandou-me à fonte
C'um pucarinho na mão;
Eu cobrei o pucarinho
Á porta de meu irmão.

Ia ajuntando (3) os caquinhos
Cuma quem ajunta flores;
Fui deitá-los em seguida
Á porta dos meus amores.

Os olhos do meu amor
São duas azeitoninhas:
Fechados, são dois botões,
Abertos, duas rosinhas.

O meu amor não está cá.
Onde êle está bem eu sei.
—Está lá fora no castelo,
Fazendo serviço ao rei.

Fui à fonte p'ra te ver,
Fui ao rio p'ra te falar;
Nem na fonte nem no rio,
Nunca te pude encontrar.

---

(1) Batatas.
(2) Todos. Também se diz *mai* por «mais». Vide adiante pag. 145.
(3) Apanhando. O vérbo *ajuntar* tem na Madeira esta acepção.

Assubi-me áquele louro
Dos mais altos que há na serra,
Para ver correr as águas
Da Ribeira da Janela (1).

Aprantei manjaricão
Chegadinho à beira-mar;
Os meus olhos se obrigam
A dar água p'r'ós regar.

Minha mãe não quer que eu vá
Ao Lombinho às azedas;
Mas, se eu teimar, heide ir,
Á noite pelas estrelas.

Fui ao Senhor Jesus
Pela beirinha do mar;
Fui solteira e vim casada.
Quem me dera lá tornar!

Minha mãe mandou-me à lenha,
Eu fui-me p'rá rocha ao feno.
Cheguei a casa, malhou-me,
Coitado de quem é pequeno!

Abaixa-te, pico alto,
Que eu quero ver a Fajã;
Quero ver o meu amor
Na sombra da hortelã.

Minha bela menina,
Sois da minha condição;
Sois amiga de pedir,
Mas, amiga de dar, não.

Eu vou-me por'qui abaixo
C'o meu chapéu na cabeça;
Vou em busca de St. Antóino,
St. Antóino m'apareça!

'Tava para casar, furtaram-me,
Furtaram-me o meu rapaz.
Paciência, nã m'importa,
Que pelo mundo há mais.

'Tava para casar, furtaram-me,
Furtaram-me a rapariga:
Paciência, nã m'importa,
Perde mais quem perde a vida.

Menina, dai-me uma fala
Ao pessegueiro da horta:
Para não perderes o tempo
Vem fiando na tu'roca.

Sapato, que me não serve
Fora do pé o deitei;
Nã me importo que outro logre
Amores que eu engeitei.

Deu-me sêde, fui bober
Debaixo da flor da murta,
Só p'ra lograr os teus olhos,
A sêde não era muita.

Eu não sei que significa
O olhar pelas paredes;
Significa saudades
Que do meu amor tenho às vezes.

Meu anel de pedra verde,
Meu anel, minha alegria,
Quem m'o deu, não me era nada,
Mas alguem bem me queria.

A simente do balanco
Deu-lhe o vento, avoou;
A simente foi-se embora,
Mas o balanco ficou.

O trabalho 'tá feito,
Vejo o dono mal contente,
Se não ficou do seu gosto,
P'ra o ano chame outra gente.

O trabalho 'tá aviado,
Feito ao nosso bem querer;
Viva o dono do trabalho,
Que nos vai dar de bober!

(1) Freguesia do Norte da Ilha.

— Rosa branca desmaiada,
Dize-me quem te desmaiou;
— Foi o cravo almirante
Que pela rua passou.

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desmaiada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca não é nada.

Olha-me p'r'aquele andar,
P'r'aquele pôr de chapéu:
Ele para mim se vem rindo.
Ah! meu anjinho do céu!

Já lá vem o meu amor,
Pelo andar eu conheço;
Vem com a carapucinha
E o jalequinho do avesso.

Fui-me casar ao norte,
À fama de muito vinho;
Não encontrei senão balseiros
E gente de mau focinho.

Que lindo botão de rosa
Aquela roseira tem!
Debaixo ninguêm lhe chega,
Acima não vai ninguêm.

Mariquinhas é pequeninha,
Vai fugindo à sua mãe;
E a triste com uma varinha,
Corre, corre, mas não vai bem.

Hei de tomar uns amores,
P'ra mim não, qu'eu já tenho;
É p'ra uma amiga minha,
Que me pede com engenho.

Chamaste-me encumiada.
Jesus! Que nome tão feio!
Encumiada é a serra
Onde poisa o navoeiro.

Assubi à amendoeira,
Pús o pé na cantaria;
Já me está querendo bem
Quem tanto mal me queria.

Cantas bem; não cantas mal,
Garganta de marfim [1];
Eu dava um grito às armas,
Se o meu cantar fosse assim.

Guitarra, minha guitarra,
Guitarra, minha defesa,
Traz-me aqui as cinco chagas
Da bandeira portuguesa.

Péga-me nessas cantigas,
Passa lá por água morna;
As minhas são de guitarra,
As tuas são de viola.

Péga-me nessas cantigas,
Passa lá por água quente;
As minhas são estudadas,
As tuas são de repente.

Adeus, casa de meu pai,
Adeus, poço d'água fria,
Onde eu lavava o mê rosto
Todas as horas do dia.

És o sol, eu sou a lua.
Qual é o que se estima mais?
As rosas pelas janelas,
Os cravos pelos quintais.

Adeus, Cabo do Calhau,
Rua de Santa Maria,
Onde o meu amor passeia
Todas as horas do dia.

Adeus, rua de Santa Maria,
Cabo do Calhau branco,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

---

[1] Talvez *marafim*, como diz o povo e pede a medida.

Fui à beira da rocha
Ver o mar como bolia;
Valeu-me que eu era moça;
Se era velha, lá ia (¹).

Lembra-me a fonte da rocha
Qu'eu nela água bebia;
Também m'alembra coisinhas.
Qu'o meu amor me dizia.

Esta noite vai dar vento;
As rosas vão avoar;
Vou-me pôr na janela,
Algumas hei de apanhar.

Oh! minha mãe, minha mãe,
Oh! minha mãe da minh'alma,
Quem tem uma mãe, tem tudo;
Quem não tem mãe, não tem nada.

Se quiseres que eu te ame
Por fora como por dentro,
Primeiro has de deitar fora
Quem tu tens no pensamento.

Adeus, que me vou embora,
Já me estou aviando.
Quem me não quis até'gora,
É bem que fique chorando.

Menina, se qués saber
Se te quero bem ou não,
Manda-me fazer uma chave;
Fecha-me da tua mão.

Menina, se qués saber
Se te tenho lialdade,
Fecha-me da tua mão,
Logo sabes a verdade.

Minha mãe me deu um colete
De baleia de marfim;
O colete não me serve,
Não foi feito cá p'ra mim.

Já na serra não há lenha,
Senão mangirona aos molhos.
Oh! Que bonito rapaz
Para a vista dos mês olhos!

Sé é por cantigas, eu canto,
Se é por trovas, vou-me embora,
Que a minha voz é baixinha,
Não chega à vez (²) da viola.

Já me dói o céu da boca
E os mê dentinhos queixais;
O rapaz reinou (³) comigo
Agora nã canta mais.

As mulheres são diabos,
Algumas são faticeiras,
Que fazem andar os hômes
Por caboucos e ribeiras.

Os melros comem no trigo;
Quem paga são nos pardais:
Há tanto que não te vejo,
Minha rosa, cuma estás?

Eu tenho para te dar
Um pente para o topete;
Já tornei a maginar
Quem te logra, que t'o merque.

Chamaste-me rosa branca,
Mangericão em flôr;
Se sou rosa, não sou tua,
Sou rosa do meu amor.

Quem me dera pôr a mão,
(Se eu punha, não levantava!)
Em cima do coração,
Do peito da minha amada!

Debaixo da pomenteira
Não chove, nem corre vento.
O meu amor não 'tá 'qui,
'Tá p'ao seu devertimento.

(¹) Talvez ... *lá não ia.*
(²) Será êrro por *voz?*
(³) Zangou-se.

A menina, de briosa,
Encostou-se à caniçada;
Metêro-lhe a mão no seio,
Calou-se, não dixe nada.

Se tu sabes onde eu môro,
Fico no pico da Achada.
Cá nas minhas cantigas
Ê mêmo sou descarada.

Cantigas ao desafio
Para mim são escusadas,
Eu vou-te botar a pique
Com duzentas imbaixadas.

Toca-me nessa viola,
Nessas cordinhas de atilho;
Se tu qués cantar, eu canto,
Se tu qués brilhar, eu brilho.

Se tu qués comer pão mole,
Chega-te a cá (1) da padeira:
Cantiguinhas bonitinhas
Vão da ilha da Madeira.

Esta ilha da Madeira,
Que lindo jardim de flôres!
Que todos *ui* (2) namorados
Vesito ui sés amores.

Já morreu a cóxa velha,
Foi-se enterrar a Viseu;
Olha o diabo da cóxa,
Em vez de ganhar perdeu!

Já morreu a coxa velha
Foi-se enterrar ao Loreto;
Era mais de trinta coxas
Todas vestidas de preto.

Maria, alovanta a saia,
Nã deixes a renda xujar;
A renda custa dinheiro,
O dinheiro custa a ganhar.

Os rapazes da Madeira
São proves, nenhum tem Dom;
Tudo o que vai da Madeira
Numa cestinha, é bom.

Já me dão uma Maria,
Uma Maria me dão;
O nome de uma Maria
Alegra-me o coração.

Põe-se o sol, nasce a luma (3),
Reverdecem as flôres;
Só eu vim a êste mundo
P'ra dar honra aos mês amores.

Estrela do ceu brilhante,
Tende de mim piedade;
Perdi a minha vintura
Na flôr da minha idade.

Raparigas do mé tempo,
Rapazes da minha idade,
Não esqueça o mé pedido!
Não ha de esquecer, não ha de.

I

Romances

Sou o pastor *mai* rico
Que há nesta terra,
De v'rão e de inverno
Sempre pela serra.

Tenho vinte vacas
E trinta carneiros,
Duzentas ovelhas
E muitos cordeiros.

(1) Deve ser o arc. *cas* (hoje *casa*) sob influência de próclise.
(2) «Os» Usa-se *ui* «os» antes de consoante: *ui rapazes*, *ui chapeus*.
(3) Lua. Pronuncia-se *lu-ma*, que rima com *verruma*.

Tenho a minha casa,
Tenho o mê palheiro [1],
Tenho muito oiro
E muito dinheiro.

Das pastorinhas
Que há nesta aldeia,
A mais bonitinha
Chama-se Dorotêa.

Um dia, no campo,
Fiz-lhe uma gaifona,
Ela agradeceu-me
Com uma tapona.

Um dia na serra
Recitei-lhe umas *quardas*,
Ela agradeceu-me
Com umas pedradas.

II

Menina de saia branca

Menina de saia branca,
Que fazeis nesse quintal?
— «'Tou lavando o mê lencinho
Para a Noite de Natal».

Menina, aviai dopressa,
Não vos ponhas a brincar,
Se qués ver a barca nova
Que se deita hoje ao mar.

Nossa Senhera vai nela
E os anjinhos a remar.
Se vinte e quatro remos,
Outros tantos remadores.

Como vai acompanhada,
Nossa Senhora das Flores!

Nossa Senhora das Flores,
Despejai esta *maria* [2]
P'ra eu ir a vossa casa
Mai'lo Senhor *S. Jusía* [3].
S. Jusía anda de uoite
Cuma quem anda de dia.

Os lançois da sua cama
Eram de esguião bem fino
E o breço do seu menino
Era d'ouro e de latão.
E aqui acaba, Senhora,
Esta santa oração.

III

História da D. Infante

'Tava na minha jinela,
Casada de treze dias
E passou um pombo branco
Ah! que novas me trazia!

— «Eu vos trago novas tristes,
Novas tristes de chorar.
Vosso marido é morto
Em terras de Portugal».

---

(1) Construção muito simples coberta de colmo, onde no campo recolhem o gado.
(2) Maré.
(3) S. José.

Saltou a D. Infante,
Saltou de caminhar,
Com sete damas atrás
Sem nenhum [1] a alcançar.

«Donde vindes, mulher minha,
Pá m'acabar de matar!
Ainda sois menina moça
Ainda vos podeis casar».

— «Não me torno a casar
Sem lograr o meu perdido.
S'eu me torno a casar
Não acho tão bom marido».

Chama-me aquele barbeiro
Que passa naquela rua,
Que eu lhe quero preguntar
Se mal d'amor tem cura.

Males d'amor não tem cura,
Não se interra em sagrado,
Interra-se em campo verde
Donde vai pastar o gado.

Deixa-se um braço de fora
Com letreiro retratado,
Para quem passar dezer:
Aqui morreu um coitado.

Não morreu de calastia
Nem de mal que lhe era dado.
Só morreu do mal d'amores
Que era um mal desesperado.

IV

D. Aninhas

Levantai-vos, D. Aninhas,
Do vosso estado [2] real,
Se queres ouvir sereias
Que estão no mar a cantar.

— «Senhor pai, não são sereias
Nem o seu doce cantar.
Senhor pai, é D. Bernardo
Que comigo quer casar».

Se eu soubera disso ser
Eu o mandava matar;
As cordas da sua viola
Serviam de o amarrar;

O rabo do seu cavalo
Serviam de o açoitar;
As abas do seu capote
Serviam de o amortalhar.

Quando D. Bernardo tal soube
A longes terras foi parar.
D. Aninhas com pena
Logo o foi procurar.
Sete anos pela serra,
Sete anos pelo mar,
Andando de vila em vila,
De lugar em lugar,
Nem preguntava por missa
Nem clerigo no altar;
Preguntava por D. Bernardo
Da sua terra natural.
Quando chegou lá ao longe,
Ao pé de um laranjal,
Avistou tres donzelas
Assantadas a bordar.
— «Diga-me à senhora do meio
Que eu com ela quero falar
E lhe quero preguntar
Se D. Bernardo está ai».
D. Bernardo não está aqui
Foi para a serra caçar,
Se a pressa não é muita,
Eu o mandava chamar.

[1] Deve ter a significação de *ninguém*, como na antiga lingua, a não ser que esteja *nenhuma* por *nenhuma a*.

[2] Deve estar por *estrado*.

—«A pressa não é muita
Nem tão pouco devagar,
Que eu deixei a mesa posta
A meu pai para jantar».
Palavras não eram ditas,
D. Bernardo á porta estava.
—«Que fazes por'qui, Aninhas
Da minha terra natural?»
—São as vossa saudades
Que por'qui me faz andar.
—«Tambêm as vossas palavras
Me fizeram ausentar;
Dai-me lecença, senhora,
Que eu a quero abraçar».
A lecença vós a tendes
Se a quiseres tomar,
Dai-lhe abraço, cavalheiro,
Se é de amôr, hade tornar
—«Darei-lhe um, darei-lhe dois»
Já acabou de expirar;
Morreu um, morreu outro;
Ambos foram a interrar;
A cova de D. Aninhas
Foi ao pé do altar;
E a cova de D. Bernardo
Foi na porta principal.
Na cova de D. Aninhas
Naceu uma arvore real,
Na cova de D. Bernardo
Naceu um fresco laranjal.
Cresceu uma, cresceu outra,
No ceu se iam ajuntar;
As folhinhas que caíam
No chão se punham a brincar.
D. Infante com inveja,
Logo as mandou cortar;
Correu dois rios de sangue
Que se foram juntar ao mar.
«Não me chamem D. Infante
Nem D. Guiomar.
Chamem-me cão carniceiro,
Carniceiro de matar,
Que desfez um casamento
Que no céu se ia juntar.

V

Adivinhas

Qual é a coisa, qual é ela
Alto como pinho,
Verde como linho,
Amargo como fel,
Doce como mel?
(Banana).

É branco, não é papel,
É verde, não é limão,
É encarnado, não é lacre,
É preto, não é carvão.
(Amora).

Qual é a coisa, qual é ela,
Está no alto pendente,
Abre a boca, cai-lhe o dente?
(Ouriço).

Uma mãe tem cem filhas,
Cem filhas uma mãe tem,
Não se podem ver as filhas,
Sem primeiro matar a mãe.
(Moganga).

Qual é a coisa, qual é ela?
Tem três capas de inverno:
A primeira mete medo,
A segunda é lustrosa,
A terceira é amargosa.
(Castanha).

Qual é a coisa, qual é ela?
É uma arca
Bem fechada,
Bem carapintada,
Que o carapinteiro
Nã na sabe fazer,
Só Nosso Senhor
C'o seu divino poder.
(Noz).

Qual é a coisa, qual é ela,
Do feitio dum barrilinho,
Nã tem arco nem arquinho?
(Ovo).

Sou filho de pais cantantes,
Minha mãe não tinha dentes,
Nem nenhum de meus parentes:
Meu coração é amarelo,
E o meu rosto é alvo e belo.
(Ovo).

Qual é a coisa, qual é ela,
Do feitio de uma bolota,
Que enche a casa até à porta?
(Luz do candieiro).

Qual é a coisa, qual é ela?
Terra branca,
Semente preta,
Cinco bois à laboreta [1].
(Acção de escrever).

Fui femea do natural,
Macho me quiseram fazer:
Vou-me deitar a afogar,
P'ra femea tornar a ser. *(Sal).*

Qual é a coisa, qual é ela?
Quem a faz não a goza,
Quem a goza não a vê.
Quem a vê não a deseja,
Por mais pobre que seja.
(A cova).

Qual é a coisa, qual é ela,
Que no mato cresce,
E no mato se cria,
Quando vem p'ra fora
É uma berraria? *(O caixão).*

Eu em quatro pés andei,
E agora só em dois ando:
Mil gentes em eu falando,
Me obedecem como rei;
Eu mesmo procuro a lei
Que põe os homens emfim,
Só se atreve contra mim
Um vilão de mão alçada,
Que me dá muita pancada
Sendo êle um vilão ruim [2].
(É o bombo ou tambor).

Ás facadas me apertaram [3]
De que me 'tava criando:
Á roda de mim bailando
Me tornaram a ajuntar
Para levar e trazer,
Para trazer e guardar.
(O vime).

Qual é a coisa, qual é ela
Que chega à serra, dá um berro?
(O machado).

Qual é a coisa, qual é ela,
Que chega à serra e se estende?
(A corda).

Qual é a coisa, qual é ela,
Que chega à serra e se abica?
(A água).

Sou teatro de prazeres
Mas de imensas aflições;
A velhice e a mocidade
Comigo afogam paixões;
O rico a mim se chega,
De tudo que tem se esquece;
O pobre tem refrigério
Nos tormentos que padece;
De noite gente de bem
Busca a minha companhia;
Só ladrões e vadios
É que me buscam de dia.
(A cama).

---

(1) Palavra só usada aqui, por causa da rima.

(2) Tem, como se vê, a forma de décima, esta forma não tem, porêm, uso geral, só a quadra.

(3) Deve estar por *apartaram* da que...

VI

Benzeduras

1. Curar de olhado

Se a cura é feita com água, deita-se nela um pingo de azeite e, se êste se dissolve, é sinal certo de olhado. A pessoa que cura pode fazê-lo de duas formas: — ou fazendo cruzes com a mão sôbre um pires com água, ou fazendo cruzes com dois ramos de alecrim sôbre a pessoa que está doente, recitando ao mesmo tempo esta oração, que é rimada em parte:

«Maria (ou outro nome qualquer) nome que te puseram na pia ||. Eu te curo em nome de Deus e da Virgem Maria || e das três pessoas da Santíssima Trindade || — Padre, Filho, Espírito Santo; Deus te ponha a sua caridade ||; a Virgem encarnou e ha de encarnar e ha de vir a sua encarnação || em louvor de S. João ||; olhos maus para ti olharam com má intenção ||, ou foi homem ou foi mulher || que te deu no comer ou no beber || ou no rir || ou no vestir || ou no calçar || ou no zombar || ou no labutar da vida. Deus te queira tirar ||; quem te deu, não te torne a dar ||. Arrebenta, cão; vai-te p'ra o inferno, ar de morto e ar de vivo e ar de caminho e ar de igreja. Alecrim verde, nado no campo || tirai êste olhado, se êle é quebranto ||. Padre, Filho, Espírito Santo ||; quem te deu, não te torne a dar; homem bom, mulher má, casa aguada por baixo, aguas por cima, palhas por onde êste mal entrou por ai saias».

2. Bucho encostado ou infustado

(A pessoa que cura vai aplicando massagens sôbre o ventre da pessoa curada).

«F.... eu te curo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Onde eu te ponha as minhas mãos, Deus ponha a sua santidade. Sant'Ana pariu a Virgem; a Virgem pariu Jesus Cristo; Santa Isabel pariu S. João Baptista. Assim como estas palavras são verdades, Deus queira pôr êste ventre ao seu lugar. Bucho, tens em ti como a Virgem Maria teve em si; bucho, torna a teu lugar, que a Virgem Maria te manda curar. Murteirinha, abre e

fecha, que Nossa Senhora quer entrar. Se é bucho ou coelheira, torna a sair do teu lugar».

Estas palavras ou orações que eu aqui rezei, sejam oferecidas e apresentadas a Nossa Senhora da Conceição. Se êste bucho está pôdre ou rachado, Nossa Senhora o queira pôr são; e, ao santo servo de Deus, se não houver quem cure, cura-se pelo amor de Deus.

3. Curar de aberto

A pessoa que cura, vai cosendo num novelo de linhas que tem em cima uma tesoura e vai dizendo o que segue:

P. S. Filipe virtuoso, em que coso?

R. Carne quebrada, aberta e desmintida e nervo torto e veia acavalgada.

Isso mesmo coso com a Virgem Sagrada; se é carne quebrada, vá p'ra sua casa; se é veia torcida ou nervo torto, que vá a seu soldo; assim como eu coso neste novelo fôfo, esta carne una a êste osso; assim como eu te ponho a mão, Jesus Cristo te ponha são com todos os santos que na côrte do céu estão.

4. Curar de impigem

A pessoa que cura não deve ter comido nem bebido nem saído de casa antes de fazer a cura. Para isso põe-se a esfregar a impigem com o dedo molhado em saliva e cinza e vai dizendo:

«Impinja rabinja, quero-te curar com *escupo* da boca e cinza do lar; assim tu medres; ai *cuma* já hoje comi e *bubi* e já fui à serra e já vim e já fui ao mar e já estou aqui».

VII

Vocabulário

A

abananar. — Espantar.
abicar-se. — Atirar-se.
abis. — Abdomen de mulher.
ablidade. — Debilidade.
acaçapar. — Bifar, furtar.
acaje. — Quási.
açúcre. — Açúcar.
açudada. — Açude.
adanar. — Nadar.
afenafe. — Meio bêbedo (do ing. *half and half*).
afiambrado. — Zangado.
agrivado. — Ofendido.
aguajada. — Comida que se usa na Boaventura, freguesia do norte da ilha, e na qual entram inhame, feijão, hortelã, segurelha e mangerona.
agulhetar. — Em S. Vicente (norte da ilha) costuma dizer-se do feijão quando está tenro, *que está agulhetando*.
ajativa. — Arranjar, preparar.
ajuntar. — Apanhar.
alanternado. — Meio ébrio.
alcipreste. — Cipreste.
aldrube. — Impostor.
aldrabão. — Impostor.
alfario. — Bravo.
alimal. — Animal.
almenos. — Ao menos.
almérica. — América.
almerroidas. — Hemorroidas.
alporcas. — Doença na língua das vacas.
alriada. — Confusão de vozes.
altorizar. — Autorizar.
ambra e **âmbria.** — Fome (do hesp. *hambre*).
amecê. — V.ª M.cê
amizidade. — Amizade.
ancra. — Ancora.
anidade. — Asneira.
antão. — Então.
antonces. — Então.
Antoino. — Antonio.
ant'onte. — Ante-ontem.
ao depois. — Há pouco tempo.
apalavrado. — Ajustado de casamento.
apastorar. — Preparar.
apazinar. — Apaziguar.
apilhar. — Alcançar, agarrar.
aprantar. — Plantar.
a propoche. — A propósito.
aquidade. — Desconsideração. «V. sempre me fez uma aquidade!»
asservado. — Ajuizado, ponderado.
asservar. — Chegar-se á razão: «Êle acabou por asservar». E abrandar: A dor asservou-me mais».
argência. — Agência.
assantar. — Sentar.
atazanar. — Atenazar, dar massada.
atrapolho. — O mesmo que *embrulho*, «obstáculo».
atripar. — Trepar.
atremar. — Perceber.
augua. — Água.
azoado. — Estonteado.
azoigar. — Morrer.

B

babuge. — Superfície: «Á *babuge* de água».
badalhoca. — Fartum.
bajas. — Vagens.
bajinha. — Feijão carrapato.
balancé. — Reùnião.
balcão. — Mirante.
banano. — Cousa grande.
bandulho. — Estômago.
banzaburro. — Grosso e alto.
barba. — Queixo.
bárbela. — Bárbara.

barejenta. — Mósca.
batume. — Graxa de botas.
bebesto. — Bebido: part. de *beber*. Diz-se especialmente do gado.
bêco do lameiro. — Rua de prostitutas.
bedeira, bêbeda. — Bebedeira.
beiça. — Ponta de cigarro.
belfas. — Cara. «Fui-lhe ás belfas (gíria).
benanço. — Venâncio.
bezuarte. — Cousa grande. «É um bezuarte».
biguane. — Grande (ing. *bigone*).
biguaneira. — Grande (ing. *bigone*).
bisenes. — Dinheiro (gíria).
bombote. — Comércio com vapores.
bomboteiro. — Indivíduo que faz *bombote*.
borracheiro. — Homem que acarreta vinho em pele de cabrito.
briosa. — Bebedeira.
broquilho. — Bruto, mal trajado.
borrabotas. — Mal arranjado.
bubida. — Bebida.
bubrage. — Beberagem para o porco.
burgêsso. — Bruto.
burjaca. — Estómago; como adj. significa «mal trajado».
buseira. — Poia, montículo v. g. *uma buseira de lameiro*.
busico. — Pequeno (crianças, animais). «É um *busico*».
búsio! — Silêncio! (interjeição).
buzinar. — Maçar.

C

cabouco.
cabrita. — Canôa.
cabronista, calbernista, culbernista. — Calvinista; serve para designar todos os não católicos.
caçapinho. — Murganho.
cacharuleta. — Bebidas misturadas.
cacholeta. — Sopapo.
calhardas. — Sem brio.
calhau. — Praia.
camalhão. — Divisão dos regos no campo.
cambra. — Câmara.
cambulhada. — Porção. Ex.: «uma cambulhada de peixe».
cando. — Quando.
cangalha. — Carreta quadrangular sôbre a qual se depositam os caixões.
canzana. — Cão grande.
caqués? — Que queres?
carepa. — Diabo.
carrapato. — Que não dejecta. Ex.: «há já tempo que está feito carrapato».
carrolo. — Pescoço.
caseira. — Rêgo largo no campo.
caseiro. — Colmo.
catonto. — tonto.
catrapiscar. — namorar.
catrimane. — Polícia.
cenoilhas. — Cenouras.
chachar. — sachar.
chanelos. — Chinelos.
charangado. — Meio bêbedo (Pôrto Santo).
charôto. — Charuto.
cherume. — Molho, suco.
chimbante. — Chibante.
chiolas. — «Fui de chiolas» — caí.
chofrete. — Descompostura.
chuletas. — Nada (gíria).
chumbeira. — Bebedeira.
chumeca. — *Do ing. shoemaker;* diz-se do indivíduo que tem o nariz roído. Em princípios do séc. XIX, durante o período em que os ingleses ocuparam a Madeira, havia um sapateiro com aquela deformidade que fazia o calçado para a tropa. Como era chamado *shoemaker*, sapateiro, no espírito do povo radicou-se a ideia de que aquele termo novo correspondia ao defeito físico do homem, e daí resultou o empregar-se nestas circunstâncias.
churrica. — Disenteria.
churriar. — O mesmo que *fazer churriada*. Quando um barco deslisa à vela, pela água do mar, percebe-se um ruído caracteristico, e diz-se então que o barco *está churriando, faz churriada*.

cisqueira. — Estrumeira.
colégio. — Quartel.
comesto. — Comido; é part. do verbo *comer*. Usa-se como *bobesto*.
compeçar. — Começar.
conca. Trapalhão.
concença. — Consciência.
constão. — Congestão.
contrapé. — Pontapé.
cornisol. — Miriápode do género *Iulus* a que também se dá o nome de *bicho da frieza*.
corredor. — Latada.
corropiosinho. — Pequenino.
craca. — Crustáceo cirripede. É o *Balanus tintinabulum*.
cramar. — Murmurar, clamar.
cramujo. — Marisco; *trochocochlea colubrinus*.
cravalheiro. — Carvalho.
cravalho. — Bolota.
criança. — Rapazito.
criz. — Quis.
cubrar. — Quebrar.
cuma. — Como.

D

danar. — Nadar.
debiqueiro. — Que come pouco.
deboche. — Desgosto.
derreigado. — Ondeado.
desaustinado. — Traquinas.
descabaçar. — Desflorar.
desemborro. — Enxurro.
desencurvinhar. — Endireitar a roupa.
desfrancelhada. — Com o cabelo em desalinho.
desinfeliz. — Infeliz.
desinquieto ou **traquinas**. — Inquieto (falando especialmente de crianças).
destornado. — Transtornado.
destrocar. — Trocar.
diacho, danho, dianho. — Diabo.
digosto. — Desgosto.
digrácia. — Desgraça.
dispois. — Depois.
dixe, disque. — Disse.
dois tões. — Dois tostões.

E

eita! — Safa!
embrulho. — Obstáculo.
embuchar. — Calar-se.
empanzinar. — Bater.
empeçar. — Impedir.
em pia. — Em pé.
empena ou casa de empeno. — Casa construída ordinàriamente de madeira em que o telhado se continua com as paredes, isto é, pròpriamente não tem telhado; tem apróximadamente o feitio de um ângulo diedro com a aresta para o ar.
encancilhar. — Incomodar.
engrazar. — Iludir.
enxurricar-se. — Amuar-se.
enorme. — Estupefacto; v. g. «Fiquei enorme».
enxofrado. — Melindrado.
esborralhar. — Parir.
escramelado. — Arranhado.
escrapiada. — Bolo de cevada (Pôrto Santo).
escupir. — Cuspir.
escupo. — Cuspo.
esgamoado. — Esfomeado.
esmoer. — Digerir.
espiche. — *Ing. speech*; discurso.
espinhaço. — Espinha dorsal.
espincalho. — Espinafre.
esprito. — Espírito.
espurinho. — Escasso.
esquarda. — Esquadra.
estalecer. — Dorir de dentes.
estâmago, estâmego, estôngomo, estrampalho. — Estômago.
estamagado. — Mal disposto.
estampar. — Bater.
estância. — Distância.
estapor. — Estupor.
estar varado. — Sem dinheiro (giria).
estar embeiçado. — Sem dinheiro.
estepilha! — Interj.
esterçoar. — Partir, dividir.
esternoitado. — Que tem perdido muitas noites.
esteplésse. — Ataque apoplético.

estragar. — Digerir.
estralo. — Estalo.
estrampar. — Achar-se sem fôrças. Por ex.: «Estou estrampado».
estropéla ou traquinas. — O mesmo que «desinquieto».
estripanço. — Susto.
estrinval. — Transvaal.

F

faceira. — Cara (depreciativamente): «Chego-te na *faceira*».
fagulho. — Pequeno.
fajã. — Terreno proveniente da desagregação de rochas escarpadas e que se forma geralmente sôbre praias de calhau rolado. Mais tarde formou-se nome próprio; v. g. Fajã dos Padres, Fajã dos Asnos, para designar certas localidades.
fajôco. — Pedra escarificada.
fanfar. — Gabar-se.
fanfão. — Basófia.
faniquito. — Desmaio.
fisgar. — Namórar.
forrêta. — Avarento.
frangolho. — Papa de farinha de trigo.
freima. — Desgôsto.
freimaço. — Grande desgôsto.
freimão. — Inchaço.
frávica. — Fábrica.
freve. — Febre.
fuminé. — Chaminé.

G

galatrixa. — Lagartixa.
galezia. — Façanha. «Ah! forte galezia».
galfarro. — Espécie de coleóptero.
galo. — Ferida.
galrapa. — Pedante. «Aquele galrapa da vila».
gamberneiro. — Caloteiro.
gamelão. — Objecto onde se deita o comer para o porco.
ganança. — Lucro.
gansa. — Leviana.
garita. — Guarita.
garulha. — Falastrão.
gasguita. — Mulher magra, delgada.
gavina. — Viva, esperta. Ex.: «É muito gavina». Diz-se das crianças do sexo feminino.
gebia. — Gingebia, cerveja de gengibre.
gerno. — Nada (giria).
golipar. — Comer sôfregamente.
goneciante. — Negociante.
gougar. — Pronunciar palavras indistintas.
grade. — Cão: «Tenho um *grade* que me guarda a casa».
graxa. — Banha.
grazinar. — Fazer barulho.
guina. — Mulher ou rapariga estouvada.
gumitar. — Vomitar.
gúmito. — Vómito. No continente diz-se *gómito* e *gometar*.

I

imentes. — Enquanto.
imistelcer. — Embrutecer.
imundiça. — Imundície.
imparador. — Festeiro do Espírito Santo.
impiçalhado. — Atrapalhado (empecilhado).
improvido. — Proibido.
incelência. — Excelência.
indevida. — Mulher.
indiota. — Idiota.
indrómina. — Bebedeira.
indrominado. — Bêbedo.
inspritaI. — Hospital.
intupir. — Enterrar um animal. Há também a forma *atupir*.
inzolado. — Com o estómago vazio: emprega-se nesta acepção sómente com relação aos animais.
inzona. — Onzeneiro.
isópia. — Hissope (planta).

J

jacasso. — Desengonçado.
jaja. — Bucha, bocado, ferida. Ex.: «Tens uma jaja na cabeça».

jaleco. — Vestimenta.
japona. — Vestimenta.
jambrum. — Mal arranjado; aplica-se de preferência às mulheres.
jamplangana. — Desengonçado.
jaqueira. — Desengonçado.
jásus. — Jesus.
jasuino. — Genuíno.

L

labrosca. — Bruto.
lambança. — Barulho.
lambareiro. — Incapaz de guardar segrêdo.
lambida. — Bisca de três (jôgo de cartas).
lambaz. — Comilão.
lambuja. — Pasto.
lambujar. — Pastar.
lampana. — Mentira.
lapinha. — Presépio.
lé! — Interj.: «Menino, lé!»
linho. — Ninho.
litego. — Liquido.
livél. — Nível.
lôpra. — Lôrpa.
lũa. — Lua.
luma. — Lua.
luvadeiro. — Homem que faz a distribuição das águas da levada.

M

mãizana. — Porca com bácoros.
malcatrefe. — Pessoa de mau carácter.
mal de pléssia. — Ataque apoplético. O mesmo que *esteplesse*.
manata. — Estudante.
manel. — Manuel.
manicome. — Gramofone.
maneiro. — Pequeno.
manôno. — Indolente.
manta. — Rêgo largo. O espaço entre dois *camalhões* chama-se *caixa do rêgo*.
maracote. — Certa qualidade de terra.
marapijo. — Qualidade de tecido.
maria. — Maré; porção.
marina. — Pôça.
marosca. — Manha.
mártel. — Mártir.
mártela. — Marta.
massapez. — Terra argilosa.
matafome. — Gramofone.
matinada. — Barulho.
meistão. — Meio tostão.
meitade. — Metade.
mel reis. — Mil reis.
mendinha. — Falsas costelas.
minga. — «*Não faz minga*». Não importa.
mingar. — Faltar.
mirela. — (Torto) estrábico.
mistel. — Mister.
molanqueiro. — Mandrião.
molenga. — Mole: «é um molenga» (falando de homem fraco, mole).
mondongo. — Roupa velha.
mónzere. — Indolente.
moquenco. — Manhoso.
morrão. — Borrão.
mostro. — Mosto.
murico. — Corêto.

N

nanja. — Não já. Ex.: «Nanja eu, p'á salvação».
nica. — Pedaço.
nicar-se. — Ficar burlado.
nojença. — Cousa que infunde nojo.
noruega. — Tempestade com chuva e vento.
nueza. — Frio. Ex.: «Tenho grande nueza»; falta v. g. «Tenho grande nueza de fato».

O

oirar. — Entontecer.
orives. — Fino.
ordes. — Ordens.

P

pá. — Omoplata.
palhaça. — Casa com tecto de colmo. Tanto se diz *casa palhaça* como *casa palhóça*.

palhete. — Fósforo.
pancume. — Pancadaria.
panquiço. — Pancadaria.
parafita. — Carreira.
paspalhão. — Espantadiço.
passarinho. — Baço.
patamal. — Muito bruto.
pé de inhame. — Bruto.
pé de porco. — Usurário.
pedreiro. — Canhão pequeno.
peneira. — Fome.
penso. — Pensamento.
pernil. — Canto do fundo dos sacos.
pêssago. — Pêssego.
picaria. — Montaria.
pirar-se. — Fugir (gíria).
pirralho. — Homem pequeno.
pirrulas ou **pirlas.** — Pílulas.
pisar. — Magoar.
pitrole. — Petróleo.
pertole. — Petróleo.
pofia. — arrogância.
poipanço. — Economia.
polca. — Corpête.
policarto. — Policarpo.
poncha. — Bebida que consta de cinco ingredientes: águardente, vinho, água, açúcar e limão. De *punch*.
porqueira. — Porcaria.
povidume. — Multidão.
poviço. — Aglomeração de povo.
precepiço. — Provocação. *Tirar precepiço com alguem*: provocar.
pregana. — Maçador.
preganar. — Maçar.
prove. — Pobre.
puxadeira. — Suspensório.
pumenta. — Pimenta.
punhava. — Punha; imperf. do v. *pôr*.

Q

quatro à moeda. — Catorze por dez reis. Diz-se dos frutos *que estão quatro à moeda*, isto é, que se vendem a catorze por dez reis. *Quatro* será abreviatura de *catorze*.
queijo. — Chapéu de côco.
quéto. — Quieto.
quico. — Chapéu de côco.

R

rabalhusco. — Intratavel.
rabuçar. — Vomitar.
racha. — — de lenha — acha.
rachado. — Madeirense que tendo emigrado para Demerara, de lá volta com meios de fortuna.
ragafa. — Garrafa.
rajão. — Instrumento musical de 4 cordas.
raspar-se. — Fugir.
raz. — Raios (em próclise). Ex.: «Má raz me partam se...».
ratão. — raia (peixe).
recruta. — Cigarro (gíria).
reina. — Zanga.
reinar. — Zangar-se. Ex.: «*êle reinou* ou *teve uma reina comigo*».
reinol. — De mau génio. Ex.: «Os hômes c'a bubida todos são reinois».
relaxado. — Doente.
relampo. — Relampago.
renhim. — Impertinente.
requesta. — Orquestra.
resmate. — Reumatismo.
resondar. — Descompôr.
resondatório. — Descompostura.
riba. — Cima. *Ir arriba dos pés*: dejectar. Nesta acepção também se emprega o verbo *desistir*.
ril. — Rim.
roibo. — Roubo.
romanso. — Ajuda. «Dê-me um romanso para levantar êste peso».
rubeca. — Rebeca.
rubeira. — Ribeira.
rupente. — Repente.
ruma. — Grande quantidade.

S

safanão. — Sopapo, comilão.
salafate. — Sulfato.
salão. — Qualidade de terra.
samuchar. — Chamuscar.
sandaricar. — Dansaricar.
sapaca. — Ordinário.
sarrafar. — Esfregar.
savinisca. — Pequeno bocado.

semecê. — Vossemecê.
semilha. — Batata.
sepio. — Chapeu alto.
serafim [1]. — Criança que durou pouco tempo, não chegando a mamar, mas foi baptizada.
serguilha. — Qualidade de tecido.
serinha. — Pomba.
socancra. — Manhoso.
soidade. — Saudade.
somitego. — Sumítico.
sonaipe. — Copo de vinho (gíria).
soría. — Senhoría em «Vossoria».
sovéla. — Importuno (gíria).
sovento. — Sujo (por *sebento*).
sufana. — Pulga.
surra. — Pancada.
surrar. — Esfregar.
suterno. — Soturno.

T

tá. — Está.
tabefe. — Tapona.
tabanca. — Homem forte.
tambras. — Tamaras.
tamem. — Também.
tardoz. — Cauda.
tarangalhão. — Muito alto.
tarraço. — Bêbedo.
tarugo. — Alto.
temperalho. — Umbigo de porco.
tentareu. — Provocante.
tons. — Tostões.
tosseira. — Muita tosse.
trabunaco. — Movel alto (de *tribuna*).
tramela. — Falador.
tramoço. — Tremoço.
trezilha. — Somenos.
triato. — Teatro.
trinque. — Chave da porta.
trompicar. — Tropeçar.
trouve. — Trouxe.
truco. — Turco.

U

Uana. — Ana.
urjamanta e **jamanta.** — Animal marinho.
uspois. — Ao depois.

V

vaia. — Vá ou vai.
vai daí. — Então.
vapor. — Estupor: «ah seu grande *vapor!*» *Tintura a vapor:* tintura de iodo.
vassuria. — V. S.ª
vazar. — Parir.
vazola. — Mentiroso.
varejar. — Espairecer.
venda. — Tenda.
verona. — E também *Brôna:* aspecto «eu tenho boa *verona*». (De *verónica*).
vilão. — Homem do campo.
vingala. — Bengala.
voguerno. — Governo.
vomecê. — V.ª M.cê
vrido. — Vidro.
vrige. — Virgem.
vua. — Vou.

X

xifarotes. — Nada (gíria).

Z

zaralho. — Homem mal vestido.
zenebre. — Genebra.
zinebre. — Azebre. No continente *zenabre*.
zipla. — Erísipela.
zonzo. — Pateta.

URBANO CANUTO SOARES.

---

[1] Na Madeira corre a lenda de que a mão do *serafim*, previamente cortada, sendo colocada na *pedra de ara* para ser benzida, fica com virtudes maravilhosas.

Investigações etnográficas

I

Estrépito contra malefícios

«Faziam (os gentios) na hora da agonia tocar junto do leito do moribundo huma corneta de montaria, e huma trombeta, instrumentos de metal, e de som estrepitoso. Não ha muito tempo que sabemos esta singularidade por tres baixos relevos de marmore, publicados, e declarados nas *Observações literarias*, tomo 1, e no *Museo Veronense*, pag. 420, aonde se veem representados os que espiravam. Era sem duvida o motivo desta estranha ceremonia o julgarem que desta maneira affugentavam as phantasmas, as quaes, segundo elles entendiam, *ouvindo estrepito de ferro, ou de metal, fogem*. Desta opinião do vulgo, fala Luciano, *in Philops*. Criam ser o estrepito hum grande remedio contra os maleficios, e faziam por esta causa grande estrondo para soccorrer a Lua. Eram as Diras, especie de Furias, mui temidas: suppunha-se que andavam pelos ares; e escreve Plinio que *quoties ipsæ Diræ obstrepentes nocuerint*: ordenavam, que defronte dellas se tocasse a trombeta, *tubicinem canere*, para que se não ouvissem as suas imprecações, e não tivessem effeito por esta razão. Entendiam que tornavam com isto, nas ultimas mortaes doenças, vãos, e inuteis os maleficios, *quibus creditur animas numinibus infernis sacrari*, e pelos quaes era inevitavel, e certa a morte (*Tacito, Annaes l. 2*). Lemos em Eusebio, que affugentavam os demonios com o som dos tambores. Vê-se o tambor em um dos marmores do *Museo Veronense*. Confirma tudo isto a popular ignorancia, de que nascia tudo quanto tinha apparencia de Magia, e procedia das gentilicas imaginações».

Arte Mágica Aniquilada, do Marquês Francisco Scipião Maffeo. Tradução de José Dias Pereira. — Lisboa, 1783, fl. 162.

II

Magia

«De Ammiano se colhe quão detestada, e escarnecida fosse a Magia. Escreve este Auctor, que era delicto grave tudo quanto della parecia participar. Nos tempos de Valentiniano, e Valente, bastava a qualquer trazer algumas palavras ao pescoço, em ordem a livrar-se das quartãas para ser castigado de morte. Mandou-se matar uma velha simples *anum quamdam simplicem*, por usar de versos de encanto contra as febres intermittentes; e o mesmo succedeo a hum mancebo por ter praticado varios gestos magicos em o banho, crendo este miseravel que o alliviariam das dores do estomago. (Ammiano, l. 19 c. 12. t. 29 c. 2.). Esta era a causa porque os iniquos delatores accusavam os seus inimigos por estarem *artibus interdictis imbutos;* e trabalhavam para que se lhe achassem nas casas *incatamenta quædam anilia, vel ludibriosa subderent amatoria*».

Ibidem, fl. 108.

III

Superstições

Os nomes também figuraram muito nas cerimónias mágicas. Tácito, quando fala da morte de Germanicus, diz que foi achado o nome dêste Príncipe escrito em chapas de cobre, entre os malefícios que se atribuíram feitos por Pisão, para votar êste joven herói às Divindades infernais.

Os Concílios e as Pastorais dos Bispos estão cheios de exemplos que provam quanto esta superstição se tem reproduzido sob várias formas. Thiers cita algumas bem curiosas no seu *Tratado das superstições*.

1.º Para evitar que os escorpiões façam mal aos pombos, escrever o nome *Adão* nos quatro ângulos do pombal.

2.º Escrever com o seu sangue no rosto, em a noite dos Reis, os nomes dos três Reis Gaspar, Melchior e Baltazar, ir ver-se a um espelho, e acreditar que está vendo como há-de ficar na hora da morte, o género da morte, e porque modo deve ter lugar.

3.º Tomar doze grãos de trigo na noite de Natal; dar a

cada um o nome dos doze meses; colocá-los em linha sôbre uma pá que esteja quente, começando por Janeiro e seguindo a ordem dos outros meses; e predizer os meses em que o trigo há-de estar caro, ou barato, conforme o movimento que os ditos grãos fizerem.

4.° Para conhecer entre três ou quatro pessoas qual é a que nos ama com preferência, tomar três ou quatro alcachofras, cortar-lhes as pontas, e depois de dar a cada uma das alcachofras o nome das mesmas pessoas metê-las debaixo da cama; aquela que apresentar um renôvo indica a pessoa de quem somos mais estimados.

Ensaio histórico sôbre os nomes próprios entre os povos antigos e modernos. Trasladado para a lingua portuguesa por J. M. da Silva Vieira — Lisboa, 1845, fol. 240.

IV

Amuletos

«Los dientes del lobo, atados encima de los niños, les quita el espanto, que tienen durmiendo, y sirve mucho en hacerles venir los dientes; y por esto se vé, que muchos tienen costumbre de atar al cuello de los niños ciertos diges, hechos de plata, en los quales atan algunos dientes de lobos; y assi jugando los chiquillos, llevan estas cosas à la boca, fregandose las encias, que es causa que los dientes salgan mas facilmente e con menos dolor».

Fr. Miguel Agustin. *Libro de los secretos de agricultura.* Madrid, 1767. Fol. 508.

V

O rito da provocação da chuva

«Aos sinco dias do mes de Abril de mil setecentos e trinta e coatro annos nesta Cidade de Elvas e sanchristia da nossa Irmand.e das Chagas os Senhores mordomos abaxo asignados em meza que pera a mesma foram comvocados lhe foi perposta por mim escriuão que no referido dia asima me tinha buscado o

reuerendo mestre escolla Manoel Thomas e que como prizidente do Ilustricimo Cabbido Sede vacante ẽ nome deste me pedia comvocase esta meza e lhe perpuzese que o dito Ilustricimo Cabido mandaua pedir e perpor que tinha detreminado fazer huma prociçam publica leuando a Senhora da Soledá pera o Santo Caluario e deste trazer a Senhora da Nazaré pera a Santa Sé donde se lhe hauia de fazer nouena noue dias e no fim delles ser restetuida ao mesmo Santo Caluario cuia acçom hera pra o bem comũu pera todos pla grande estrelidade que há de faltas de agua, e que a mesma Irmand.e acompanhace e que a dita Snr.a tanto a do Calvario como a da Sé tinham devoçam de a leuarem coatro reuerendos capitulares e que esperaua o dito Ilustricimo Cabbido esta acçom.

E sendo uista a perposta plos ditos Senhores mordomos foi detreminado que respondece ao ilustricimo Cabbido pla pesoa de seu prizidente que esta meza compararía *(sic.)* com a detriminaçam do mesmo em que se fizese a prociçam e premuta da Senhora da Nazaré pera a Santa Sé e a Snr.a da Soledá pera o Santo Caluario e que consentia por esta só uês leuaçem os r.dos capitulares a Snr.a e que a nosa Irmand.e fose suparada com sua crus e no seo lugar costomado conforme a sua antigidade dando sera aos nosos Irmaos e que estes fosem comuocados pera o dia da prociçam a companharem. E outro sim que coando a Senhora da Nazaré vier pera a Sé venha giando a prociçam a nosa crus por vir prizidindo a mesma Senhora e que nesta forma tinhão detreminado de que mandaram fazer este termo que asignarom comigo escriuão José Freyre da Ponte, que o escreui. Joseph Freyre da Ponte — Antonio Lopes Durão — Manoel Vaas Carretto — Francisco Luis — João de Deos».

Livro das eleições e acordãos da Irmandade das Chagas de Jezus, em Elvas, fl. 48.

VI

Alcachofras e fogueiras da noite de S. João

«*Chrommiomancia* he a que em distintas cebolas pertende averiguar a certeza do marido futuro, escrevendo nellas os nomes dos que provavelmente o pódem ser. Feyjó tom. 2. *Theatr. critic.* discurs. 3 n. 35 & 44. diz, que esta espécie de adevinhação ainda

hoje se pratica entre as donzellas de Alemanha. Aqui he escusado meter escrupulo onde o não hà acerca das alcachofras da noyte de S. João; porque nòs bem sabemos, que a experiencia de se queimarem á fogoeira, para ver se pela manhã estão reverdecidas, como usão nossas donzellas Portuguezas, he cousa que não topa mais que em mera zombaria; nem ellas são tão credulas, que alli fundem as asperanças de suas intenções, inda que as queymassem com este, ou aquele sentido; pois sabem que sempre as acharão reverdecidas pela manhã, queymando-as em outra qualquer noyte».

. . . .

«Hũa cousa he para advertir, que supposto o mencionado Delris *(Disquis, magicar.* lib. 4. cap. 2. q. 7. sect. 1. n. 3) se queixe dos Alemaens, porque nas fogueyras da noyte de S. João saltão tantas vezes por sima dellas; a cuja cerimonia chama reliquias, ou vislumbres da antiga expiação paganica; não he isso o mesmo para attribuirmos a vicio aquelle sincero uso inveterado, que a mocidade Portuguesa tem de saltar pelas fogueyras da mesma noyte (as quaes fogueiras são commutadas em lugar da idolatria dos Caldeos &Egypcios, como diz Delrio) porque como todos sabem, aqui não intervem mais que o motivo de hum singelo divertimenro, para verem se naquelas subitas passagens desmentem os pés a alguem, & cahe dentro; para servir então de materia ao rizo».

João Baptista de Castro. *Recreaçam Proveytosa.* Segunda parte. — Lisboa 1729. — Eol. 92 e 102.

VII

Pedras de corisco

a)

«*Bruno.* A mim jà me disserão, que a causa de cahir o rayo, era porque trazia comsigo a pedra de corisco; a qual como corpo grave, o fazia propender.

Felix. A pedra de corisco he distinta do rayo; não obstante cahir juntamente com elle da nuvem; porque entre as exhalações secas, de que o rayo se forma, sóbem tambem algũas particulas

de materia terrestre & viscosa, as quais pelo vigor do fogo se accendem, & se tornão em massa empedernida, combatida ao depois pelo vigor do frio. Toma ella varias fórmas segundo a diversidade da nuvem em que se fórma; porque ou he da figura da piramide, ou de ovo, ou de cunha, ou tambem redonda. As que ordinariamente se vem, & são tidas por pedras de corisco, são do feityo de huma pequena cunha, lizas, & de cor verde escura: O Abbade Ferretiere, & Calmet nas *Dissertac Bibl.* tom. 1 pag. 152, as tem por fabulosas. Plinio diz no liv. 2 cap. 55, que o rayo não penetra mais pela terra adentro, que sinco pès. *Nec unquam quinque altius pedibus descendit in terram.* E por isso diz Cardano, que não há melhor remedio contra os rayos que hũa cova profunda.

. . . .

Os outros remedios são falliveis, porque a pele do vitulo marinho & o loureiro, & a pedra jacinto, & ainda a mesma pedra de outro corisco tem-se experimentado que não resiste ao rayo. Sem embargo que Plinio, lib. 2 cap. 55, diga que antigamente se costumavão fazer as barracas de pelles do vitulo marinho, as quaes tinhão virtude para não serem feridas dos rayos».

Ibidem, fl. 335.

b)

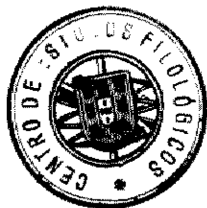
«Los que están en la comum aprehension, de que en el Rayo baxa una piedra pontiaguda y cortada á muchas caras, á quien por esto llman *Piedra de el Rayo*, facilmente concebirán, que el Rayo es pesado. Pero de esta comun, aprehension se rien los mejores Philosophos. No hai mas razon para atribuir un origen, digamoslo assi, misterioso á las piedras de esta determinada figura, que á las de figura oval, cilindrica, prismatica, cubica, y esferica, que se encuentran en muchas partes. Y quien no ve, que baxando el Rayo con tanto impetu, essa piedra se havia de hacer pedazos, ó por lo menos deformarse mucho al herir en qualquiera cuerpo?

. . . .

«Monsieur Jussieu, de la Academia Real de las Ciencias, dió en el pensamiento, de que estas piedras se hicieron á mano, y con estudio, en aquellos Antiquissimos siglos en que los hombres

de varias Naciones no conocian aun el uso de el hierro, para servirse de ellas como instrumentos para diferentes operaciones mechanicas. Excitole este pensamiento, ó le confirmó en'el, el saber, que los Salvages de algunas Naciones Americanas, por la misma razon de carecer de hierro, labran piedras de la misma figura, ó poco diferente, ya para cuñas, ya para las puntas de las flechas; y tienen su especie de comercio con ellas, vendiendolas de unas Poblaciones, y Provincias à otras. No se puede razonablemente dudar, que huvo tiempo en que los habitadores de España, Italia, Francia &c. fueron tan Selvages, esto es, ignoraran tanto las Artes Mechanicas, como oy las ignoran los Americanos de que hablamos. Entonces, faltandoles el conocimiento de la fabrica de el hierro, no les ocurria otra materia, ni otro modo de preparar algunos instrumentos mechanicos, que conformar en dicha figura algunas piedras, con la prolixa tarea de rosar, y labrar unas con otras».

Fr. Benito Geronimo Feijoo. *Theatro Critico Universal*. Tomo 8.º, fol. 192. Madrid, 1739.



VIII

Pedras com virtude

«Para que he hir tão longe, se aqui nas prayas de Santos os velhos por dia dos Santos Mártyres Verissimo, Maxima & Julia apparecem humas pedrinhas roliças com hũa Cruz impressa; & alguas com pingas de sangue (eu tenho hũa destas perfeytissima) em memoria, de que morrerão alli apedrejados aquelles heroycos & valerosissimos Atletas pela Fé de Jesu Christo, segundo consta de um Hymno antiquissimo, que allega o Padre Frei Agostinho de S. Maria (diligente explorador das antiguidades da Lusitania) na *Histor. Tripartita*, trat. 1 f. 71:

Fracti sunt laqueis, saxa per aspera
Exculpsit fluidus sanguis imaginem;
Non vi, nec manibus, sed cruce fulgida
testantur lapides fidem.

E o Alferes Francisco de Segura no *Romanceyro dos Reys de Portugal*, part. 1. Rom. 16 acrescenta mais a virtude destas pedras, dizendo de Lisboa

Ay en ti piedras redondas
de las quales Plinio escrive,
cerca de Sanctos el Viejo
que una cruz a todas ciñe.
Que metidas em la massa
sí es que brevidad se pide,
sazonan al punto el pan
y dellas suelen servirse.»

João Baptista de Castro *Recreaçam Provcytosa*, fol. 237.

IX

Quebranto

«Com gravíssimos argumentos acerca disto me tem atordido, & quebrantado a paciencia os meus vizinhos Fisicos, atribuindo este effeito de fascinação, conforme a doutrina de Avicena, à potencia imaginativa, cousa que a experiencia nega, & a olhos vistos contradiz; pois muytos sem que rezem dão olhado, pela maligna afluencia que lhe sahe dos olhos, & não unicamẽte dos rayos vizuaes; porque estes são passivos, & não activos: onde são para notar os casos neste particular allegados pelo Padre Nieremberg, part. 2. liv. 1 da *Filosofia occulta* desde os cap. 28 até 39: pelo citado Padre Mendoça (*Veridario*, liv. 4. probl. 11. n. 60): pelo Padre Delrio *Disquis. Magicar.* liv. 3, quest. 4. sect 1. pelo Padre Bluteau. *Vocab. Portug.* tom. 7 verbo *Quebranto*.

Ibidem fol. 210.

X

Cantigas populares

Entre as cantigas populares portuguesas é esta uma das mais celebradas:

Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar, podes,
Olha que estás dentro d'elle,
E, se o matas, tambem morres.

Nas *Comedias Portuguesas*, de Symam Machado, (Lisboa, 1631), por três vezes nos apparece o conceito desta cantiga, e nos seguintes versos a ff. 51, 60 a 92 v.:

Dorotea, más cruel
Que osso, tigre, ni leon,
Mira el triste coraçon,
Y pues estás dentro nel,
Duelete de su passion

Silvio: Ó coraçam mais cruel
Que de hũ tigre. *(Alfea):* Esso le viene
De ti que estás dentro en el,
Y si ay culpa el no la tiene.

Que si con daga cruel
Abres mi pecho, advierte
Que está Silvio dentro en el,
Contentate con mi muerte,
Y no que le mates a el.

XI

Folk-lore de Symão Machado

(Comedias Portuguesas. — Lisboa (segunda impressão) 1631)

. . . .

São tantos como mosquitos.
Fol. 2.
Cortam nelles como em nabos.
Ibidem.
São testos como os diabos.
Ibidem.
Quem me dera azas nos pés.
Fol. 3.
Não me curo antes de enfermo.
Fol. 7.
Sou de dizer que haja buz,
Se quereis viver em paz.
Fol. 8.
Chantemoslhe hũ esconjuro,
Que isto he alma pecadora. Fol. 15.

Quem quer qués eu te esconjuro
Alma a recoua te vay.

Ibidem.

Quem cõ aquelle for ós figos
Nõ se ha de achar muy ganhado.

Fol. 21.

O pilouro quando sae
Não vay dizendo agoa vay.

Ibidem.

Cudastes quera eu molar,
Sou durazio.

Fol. 30.

. . . . . doume hũa figa
la que não merci mais.

Fol. 31.

Entregaivos ha ventura,
Que tras tempo, tempo vem.

Ibidem.

Senhora justiça digo,
Que a todos pareceis bem,
Mas ninguem vos quer consigo.

Fol. 31.

Basta naci para pobre,
Ei de morrer em palheiro.

Ibidem.

O canàs hia por laã,
E achouse trosquiado.

Ibidem.

Som boltas que dà o mundo.

Ibidem.

Que quem quer estripar cõ ferro,
Com ferro seja estripado. Ibidem.
. . . . apostarei
Que he logo o arco da velha.

Fol. 32.

Dizei rogouolo aquellas tres
Que sonificação tem?
. . . .
São as tres sidras do amor.

Ibidem.

Azev. A do bueno por aqui.
Per. Aliuio a meus males dando.

Azev. Como me cantais por hi
Namorado andais Fernando.
. . . .
Per. Sois muy certo vedor d'agoas,
Azev. Pois outra cousa vos noto.
Que em cõtardes vossas magoas
Sois amador sesto roto.

Fol. 35.

Primeiro ande lutar com elles
Sobre quem leua a fogaça.

Fol. 36.

Se o Governador queria
Fazer do ladrão fiel.

Fol. 45.

Puxar pezar de mey pay,
Ou dou ao demo a canalha.

Fol. 46.

Alto cantiga na mão,
Co trabalho com cantar,
He de melhor desistão.

Ibidem.

De dous males o menor
Se a de escolher.

Fol. 46.

Ajá a hi muita vinhaça,
Que agoa he para os bois.

Ibidem.

Que em fim bom he calar,
Que al bom callar llaman sancho.

Fol. 50.

Tanto ó pauão me pareço,
Que em ver vossa formosura
Me alegro & entristeço.

Fol. 54.

Não dou por ti nem migalha,
Todo o teu patornear
Não val comigo hũa palha.

Calar era mà calar,
Descreo de teu auo torto,
Se torno outra a ti
Se te não deixo por morto. Fol. 56.

Eilhe duntar os ilhais
Com olio de zambugeiro.

Ibidem.

Não dou por quantas aquellas
Me dizes, Tomé, hum figo.

Fol. 58.

Gon. Pela alma da benzedeira,
Que em santa recoua seja,
Inha dona. *To,* a lagarteira,
E essa no portal da ergreja,
Nom joue por feiticeira.

Fol. 59.

Ben. Gan rumor siento par diego
Ou lá as de villa diego.

Fol. 63.

Sil. Vos trocereis a orelha,
Pois despresais meu conselho.

Fol. 66.

Gil. Daruosei muita pancada
Des na cabeça té os pês.
Pay. Se he este o da mão furada.

Fol. 68.

Derão tanta cacheirada,
Em mi como em boi lâdrão.

Fol. 69.

Chora, chora, Caterina,
Pois tão cachopa, & minina,
Ficas esparrago no monte,
Nam auera quem me conte.

Fol. 79.

Pay. O homem que oje primeiro
Vistes, per dita era torto.
Gil. A prepostolo trexoeiro,
Pay. Falastes com algum morto,
Algum bruxo o feiticeiro.

Fol. 79.

Mad. Perque, perque quer que seja,
Cegue elle antes que tal veja,
Pay. Se quer vos nam digais tal,
Mad. Nam vou com tal enxoval,
Com esse a porta da igreja.

Fol. 86.

E por seres tensoeira,
E nam tomar meu conselho,
Lá verás de que maneira
Te chanta Pero botelho
Na sua infernal caldeira. (1)

XII

Chiquiteiras

«Resolução sobre as Chiquiteiras poderem fazer as suas obras, não obstante o Requerimento dos Çapateiros. — Varios Mestres e Officiaes do Officio de Çapateiro dirigirão ao Soberano Congresso um Requerimento, em que pedião providencias, para que as mulheres denominadas *Chiquiteiras*, não fação, nem vendão, ou mandem vender as obras, que costumão fazer, em seu prejuizo, e que para esse effeito fossem condemnadas em alguma pena pecuniaria, procedendo-se contra ellas por via de denuncia. Cujo Requerimento remettido á Commissão de Artes e Manufacturas, na Sessão de 6 de Abril de 1821 (pag. 476 do *Diario das Cortes*), deo o seu Parecer, regeitando o Requerimento dos Çapateiros, com cujo Parecer se conformou o Soberano Congresso (2).

Collecção dos Decretos, Resoluções e Ordens das Côrtes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza desde a sua installação em 26 de Janeiro de 1821. Parte 1. Coimbra 1822. Fol. 41.

XIII

As rendeiras de Villa de Conde

«Ordem de Côrtes á Regencia. Para o Conde de Sampaio. Ill.mo e Ex.mo Senhor = As Côrtes Geraes e Extraordinarias da Nação Portugueza, Tomando em consideração a inclusa Representação de José de Azevedo Gomes Mendanha, Negociante em

(1) Como se vê, Symão Machado tomou pelo inferno a *caldeira de Pero Botelho*, desconhecendo, por certo, a origem da locução; a qual origem nos dá Tomé Pinheiro da Veiga, a fol. 290 da *Fastiginia*.

(2) (Na provincia do Algarve chamam *chiquito* a um sapatinho de criança).

Villa de Conde, na Provincia do Minho, sobre a protecção, que exigem as rendas de linha fabricadas naquella villa: E attendendo a que não só estas, mas todas as mais manufacturas de linho deste Reino merecem uma particular consideração, reduzindo-se os direitos de saidas, e os de entradas nas Provincias do Brazil, quanto seja possivel: Approvando o Parecer junto da Commissão das Artes e Manufacturas, Mandão remettel-o com o mesmo Requerimento á Regencia do Reino, para que na sua conformidade se faça tomar em contemplação pelas Commissões encarregadas da formação das Pautas da Alfandega. O que Vossa Excellencia fará presente na Regencia, para que assim se execute. Deus Guarde a Vossa Excellencia. Paço das Côrtes em 24 de Abril de 1821. João Baptista Felgueiras.»

«Ao Soberano Congresso expoz o dito Negociante José de Azevedo, que a Fabrica de rendas de linha estabelecida naquella Villa se achava em tal extensão, e adiantamento, que nella se occupão constantemente duas mil mulheres, e que são muito procuradas nos Portos do Brazil, onde tem o seu ordinario consumo: Que este seria muito maior, se fossem isentas dos direitos de sete por cento do seu valor, que pagão de exportação, alem de treze por cento, que pagão de entrada nos Portos do Brazil. Que este ramo de industria he muito vantajoso á Nação, por que sendo a materia prima, de que as ditas rendas se fabricão, de um preço muito pequeno relativamente ao seu valor, vem quasi todo elle a ficar em pagamento da mão d'obra. Cujo Requerimento remettido á Commissão das Artes e Manufacturas, na Sessão de 24 de Abril de 1821 (pag. 661 do *Diario das Côrtes*) deo o seu Parecer, que foi approvado, e se expedio aquella Ordem.»

Hidem, fol. 52.

XIV

Casas de «sortes bregeiras»

«Ordem das Côrtes á Regencia. Para o Conde de Sampaio. Ill.mo e Ex.mo Sonhor. As Côrtes Geraes e Extraordinarias da Nação Portugueza sendo-lhes presente a inclusa Represençâo de um Pai de familias ácerca dos inconvenientes e prejuizos, que das Casas de Sortes resultão ao Particular e ao publico: Mandão remetter a mesma Representação á Regencia do Reino, para tomar sobre este objecto as mais promptas e efficazes providencias.

O que V. Excellencia fará presente na Regencia, para que assim se execute. Deos guarde a V. Excellencia. Paço das Côrtes em 4 de Junho de 1821. João Baptista Felgueiras.»

«Um Pai de familias representou ao Soberano Congresso, e pedio, que se não tolerassem as Sortes, commumente chamadas *bregeiras*, que são o engodo dos filhos familias. Sobre a qual Representação a Commissão de Legislação (pag. 1.104 do *Diario das Côrtes*) deo o seu Parecer que deveria ser remettido á Regencia, se não bastasse o poder Judiciario para fazer executar as Leis respectivas.»

Hidem, fol. 87.

XV

Os pescadores da Villa da Povoa de Varzim

«Ordem das Côrtes á Regencia. Para o Conde de Sampaio. Ill.mo e Ex.mo Senhor: As Côrtes Geraes e Extraordinarias da Nação Portugueza, tomando em Consideração o incluso Requerimento dos Pescadores e Negociantes do pescado da Villa da Povoa de Varzim, Comarca do Porto, queixando-se dos enormes e diversos direitos, a que são obrigados, e dos vexames, que lhes fazem os Rendeiros das differentes rendas, impostas em suas pescarias: Conformando-se com o Parecer incluso da Commissão das Pescarias; Ordenão que fique á eleição dos Pescadores o tirar para seu conducto, antes do dizimar-se, um peixe, por cabeça, de todo o que pescarem: tendo igual liberdade de escolha naquellas occasiões, em que indo elles á sardinha, pescarem juntamente com ella outro qualquer peixe: Que sejão alliviados daquelles impostos, que costumão pagar na Foz do Lima, em Viana, e na do Ave, em Villa do Conde, quando por tormenta no mar precisão alli entrar, á excepção dos vinte por cento, que devem por ora ficar subsistindo, em quanto se não regular esta materia segundo o Plano geral, bem como do direito do Consulado, em quanto permanecer o contracto: Que porém quando taes impostos tenhão por fundamento titulo legitimo, nunca os Pescadores satisfarão as Pensões, sem que lhes fique e reste outro tanto peixe, quanto o que são obrigados a pagar: E que finalmente sejão postos em plena e exacta observancia, tanto o Foral, pelo qual o Senhor Rei D. Manoel sómente reservou para si certos peixes, chamados *Reaes*, como o Alvará de 3 de Junho de 1815, que isempta de todo e qualquer direito o peixe destinado

para salga, ou sécca. O que tudo V. Excellencia fará presente na Regencia do Reino, para que assim se publique, e faça executar. Deos guarde a V. Excellencia. Paço das Côrtes em 25 de Junho de 1821. João Baptista Felgueiras.»

Os Pescadores e Negociantes do Pescado da Villa da Povoa do Varzim, Comarca do Porto, queixarão-se ao Soberano Congresso de que: = 1.º Sendo livre aos Pescadores o tirarem um peixe, por cabeça, de todo o que pescarem, antes de dizimar-se, segundo o Foral de d'El Rei D. Manoel, os Rendeiros lhes obstão á escolha do peixe; querendo que sempre tirem do peixe mais inferior. 2.º Que quando os pescadores vão á sardinha, e juntamente com ella pescão outro qualquer peixe, são obrigados pelos Rendeiros a tirarem daquella, e não deste, o seu conducto, com o pretexto de que o destino dos Pescadores era o de pescarem sardinha. 3.º Que quando, obrigados por tormentas no mar, entrão os Pescadores na Foz do Lima, ou Viana, elles pagão, alem de vinte por cento, um peixe para o General, outro para cada Almotacé, outro para o direito do Consulado. Se na Foz do Ave, em Villa do Conde, paga um peixe para o Governador, outro para as religiosas Claras, as quaes prestações são tiradas de todo o monte; succedendo, que sendo o peixe muito pouco, ficão os Pescadores sem nada. 4.º Que pelo Foral sobredito reservou para si ElRei D. Manoel certos peixes, chamados *Reaes*, mas que a Alfandega, estendendo este nome a qualquer peixe, que lhe convem, o toma como Real, e o paga aos Pescadores como lhe parece; e que assim como este Foral não tem a execução devida, tambem a não tem o Alvará de 3 de Julho de 1815, ou isempta de qualquer direito o peixe para salga on sécca».

Ibidem, fol. 105.

XVI

Derrama, ou imposto, chamado "ferrolho„

Ordem das Côrtes. Para Ignacio da Costa Quintella. Ill.mo e Ex.mo Senhor. As Côrtes Geraes e Extraordinarias da Nação Portugueza, tomando em consideração o incluso Requerimento da Camera e Juiz do Povo da villa de Santarem; Ordenão provisoriamente, que pelo cofre das Imposições daquella villa, se empreste a quantia de 3.845$ reis, para perfazer a importancia do cabeção das Sizas, que aliás não poderia preencher-se sem

um violento ferrolho. E que seja restituida a seu pleno vigor a avença, feita por aquelles Povos com ElRei D. Sebastião, confirmada por Alvará de 24 de Abril de 1733, etc. etc.

«A Camera e Juiz do Povo da villa de Santarem exposerão ao Soberano Congresso a conhecida impossibilidade de preencher o computo do encabeçamento das Sizas pela falta do seu rendimento, e por isso nos termos de soffrerem uma derrama assaz violenta nas actuaes circunstancias, supplicando por isso: 1.º Que auctorisasse o Cofre das Imposições daquella villa a emprestar 3:845$000 reis, e se perfazer por esta quantia o computo, a que o cabeção he obrigado, etc. etc.

Ibidem, fol. 145.

XVII

Danças, folias, chacotas e encamisadas

«Entrãdo no arcebispado, que começa na Põte de Lagoncinhos, lhe tinhão os lauradores aleuantado, na mesma ponte, hum gracioso arco triumphal, alto & bem feyto, tecido todo de ramos verdes, de carualho & castanheiro; ao modo d'aquelle, que Iosepho diz aleuãtou Saul, em o Carmélo, tecido de oliueira & palmas verdes, pera com elle celebrar a victoria de Amalech: & como se aquillo tambem fosse vitoria que o Arcebispado alcançara ẽ ter tal Prelado: para a celebrar tinha Ioão Baptista de Carualho, homem nobre desta cidade, no mesmo lugar, alegres danças camponesas, e hũa bem ordenada folia, cõ cantigas inuentadas, ao modo rustico, pera aquele effeito, com que, grandemente, alegrarão a sua Illustrissima, & aos demais.

. . . .

E posto (o Arcebispo) a cauallo proseguio o caminho, sendo o acompanhamento cadaues mais numeroso, & tãbem mais alegre, por quanto vinhão saindõ da Cidade, em grande copia, muytas, & bem ordenadas danças, & cada hũa per si em chegando dançaua diante do Illustrissimo, o q̃ todas fazião escolhidamente, por quanto a gente de entre Douro & Minho tem tal inclinação, & graça para esta arte, que de seu natural a aprendem sem dar muyto trabalho a quem os ouver de ensayar.»

. . . .

«Hião diãte de tudo as bãdeiras da Cidade, as quaes erão leuadas por homẽs escolhidos, cada hum dos quaes hia ricamente vestido, aqual melhor, & como ellas são muytas, & varias em cores, & sedas, & guarnecidas de grossos franjoes de ouro, & retros, com insignias bẽ pintadas a oleo, não podião deixar de parecer muy bem; em especial, que por todo o espaço que occupauão (que era grande) discorrião muytas folias, chacotas, & outras musicas populares, & festiuaes, que récreauão a todos: cantando sempre ao som de varios instrumentos; elles alegres, & as toadas aprazíueis: às quaes fazião companhia muytas, & varias danças, que tinhão assás q̃ ver, assi na riqueza dos vestidos, cadeas, joyas, toucas, & turbantes, como nas mysteriosas insignias, & varias inuenções que leuauão, tocando varios instrumentos a cuja concertada melodia dançauão . . . . .

. . . .

«O Ceo tambem nesta alegre noyte quis pôr suas luminarias, acompanhando as que em Braga auia . . . . acrecentando hũas, & outras, as tochas que os nobres esta noute acenderão, põdo-se a cauallo, & fazendo hũa fermosa encamisada, leuando diante hũ grande tropel de varios instrumentos, que ordenadamente se hião tocando. Sahio esta encamisada a tão bõ tẽpo, & achou a gẽte tão alegre, & cõtẽte; & toda em si vinha tão lustrosa, varia, & aprasiuel, assi em copioso numeró de caualleyros, como em librés, & guarnições, q̃ quando aquelle dia não ouvera outra festa mais que esta, ella só era bastante para o allegrar & deixar a todos satisfeitos.

. . . .

«Não se falla aqui nas chacotas, & folias por ser cousa ordinaria, entre as quaes auía hũa q̃ os Regedores fizerão vir de Villareal, pera andar neste outauario na Cidade alegrando o pouo: na qual era notauel a destresa do que tocaua tambor, & muyto mais era para ver, as abelidades que hum delles fazia com dous pandeiros, tocandoos com grande variedade, & destresa, ao som dum descante, de tal sorte que trasendoos quasi sempre no ar, não perdia nos repiques que lhes daua ás pancados da viola, polo que foy julgado de todos por cousa extraordinaria.»

Relação do recebimento, e festas que se fizerão, na Augusta Cidade de Braga, á entrada do Illustrissimo, & Reuerendissimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha, Arcebispo, & Senhor della, Primás das Hespanhas. Braga 1627.

XVIII

Varas para o levantamento da excomunhão

Na relação da magnificencia e ornato com que em Lisboa se celebrou a procissão do Corpo de Deus em o anno de 1719, relação que vem no livro segundo da *Historia critica da Procissão de Corpus,* do dr. Ignacio Barbosa Machado, lê-se, a fol. 191:

«A' Cruz Patriarcal se seguiaõ dous capellães com cotas, ou sobrepelizes, e cada hum hia com huma vara levantada, que sostinha com ambas as mãos, pelos pés, que erão adornados com molhos de cravos: symbolisavão estas duas varas levantadas em alto o poder da Igreja, para absolver das Censuras, e reconciliar os separados da Communhão Catholica. Por esta causa se seguião a estes dous capellães doze Confessores da Santa Igreja Patriarcal».

Sôbre semelhantes varas, para o levantamento da excommunhão, vejam-se as noticias que transcrevi a pag. 81 do vol. XII e a pag. 37 do vol. XIII desta *Revista.*

Bandeiras dos ofícios

«Começou pois esta tão luzida, como assombrosa Procissão [de *Corpus,* em Lisboa, no anno de 1719], ou Triumfo do Sacramento pelas bandeiras dos officios mecanicos, que são á maneira de grandes paineis suspensos por cordões de seda, e ouro, e varas compridas com remates, e pontas de ouro, de que pendem muitas, e grandes borlas do mesmo metal. Estas bandeiras sendo muitas em numero, erão sem igual no rico de que eraõ fabricadas, e no artificio com que se viaõ bordadas, sendo humas de damasco, outras de brocado, e muitas de bordadura de ouro; sobre o mesmo ouro, representavão em preciosas tarjas, e circulos de ouro as Imagens dos Santos, que na vida exercitaraõ os seus officios mecanicos, ou de outros Santos, a quem escolheo a sua devoção para seus singulares protectores. Erão levadas por homens vestidos com opas, ou tunicas talares perfiladas de galão de prata; e algumas erão tão grandes e tão pezadas pelo muito ouro de suas guarnições, franjas e bordadura, que para se moverem necessitavaõ das forças de tres, ou quatro homens, que de quando em quando se revezavão para tolerar o trabalho que

tinhaõ em levallas. Vestião estes de encarnado com perfil de galão de prata, vendo-se em todas o capricho dos Officiaes de Lisboa. A preeminencia do lugar em hião, mostrava a ordem da sua antiguidade, seguindo-se a cada huma de dous em dous os officiaes da bandeira que ievavaõ».

Historia critica da Procissão de Corpus, pelo dr. Ignacio Barbosa Machado. Lisboa, 1759. Fol. 167.

O Demonio meridiano

«*Qual seja o demonio meridiano, de que fala David no Psalmo 90 n. 6.* = Neste Psalmo dis o Real Profeta que quem estiver debayxo da protecção Divina, não temerá os enganos dos inimigos palliados, e escondidos, que se significam pelos fantasmas nocturnos, nem os assaltos improvisos, e descubertos, que ferem á maneyra de settas, nem terá medo do demonio meridiano. Alguns Authores dizem que estes demonios são os que habitam nos desertos lugares, que por isso Palladio na vida de S. Macario afirma ser grande a copia, que havia delles ferocissimos nas solidões, onde estavam as sepulturas dos dous famozos Magicos Jannes e Mambres. Dion Chrysostomo dis em huma Oração que as Lamias, as quaes são demonios, habitavam nos dezertos de Africa; e S. Cyrillo sobre Isaias com Procopio sente que os infernaes espiritos gostam muyto de lugares solitarios, e sylvestres: por onde S. Rafael no dezerto ligou ao demonio, e este tambem no dezerto tentou ao Salvador. Chama-lhes pois David demonios meridianos, porquanto os paises dezertos, e solitarios a respeito de Jerusalem, onde estava o Santo Rey, ficam ao Meyo-dia, e por isso na frase da Escritura tanto val dizer da parte do dezerto, como da parte meridional. No cap. 1 de Job se refere que aos filhos deste Santo Paciente sepultaram as ruinas do edificio occasionadas por hum vento saindo do dezerto, onde costumavam assistir, tomaram a fórma para causarem aquella ruina. Outros Authores disseram que haviam duas castas de demonios, huns que tentam de noyte, e se chamam na lingua Hebrea *Keteb*, e outros, que tentam, e damnificam ao meyo dia, chamados *Deber*. Destes ultimos parece seria aquelle, de quem conta Gregorio Tolosano, *lib. 12. Republ.* c. 20. que na Russia Oriental ao tempo de se recolher o trigo ao meyo dia era visto em habito de viuva chorosa, e quebrava os braços aos segadores, se se não prostra-

vam de bruços em terra para o venerarem tanto que apparecia.

Porêm, como a palavra Hebrea *Deber* tambem significa *Peste*, alguns são de opinião que o demonio meridiano, de quem fala David naquelle Psalmo, em que está a mesma palavra, não he outra cousa, que uma certa doença pestilente, causada pelo demonio com o ardor do meyo dia, e assim parece insinuallo Maldonado, quando explica a qualidade de demonios, que da Magdalena foram expellidos pelo Senhor. O Escoliastes Grego de Aristofanes commentando a Comedia *Ranae* dis que os demonios meridianos são aquelles, a quem os Gregos chamam *Empreza*, isto he, demonios, que para atemorizarem, tomam varias fórmas, de boy, de leão, de serpente, &, as quaes monstruosas fantasmas, dis o Santo Rey, não temerá o Justo, que estiver defendido com a Divina protecção. Finalmente S. Basilio Reg. 37. e S. Nilo Abbade *de octo vitios, cog. cap. de Acedia* julgam serem demonios meridianos os que tentam ao meyo dia, quando o homem depois de jantar està menos habil para as funções devotas, mais solto na lingua, mais propenso ao sono, e à priguiça, e mais dispasto a receber impressões de lascivos pensamentos, como succedeu ao mesmo David, que no tempo do meyo dia foy tentado com a vista de Bersabee, e se rendeu à sua deshonesta concupiscencia. Veja-se o Padre Le Blanc sobre o Psalmo 90. n. 6 onde àlem destas aponta, e exemplifica mysticamente outras especies de demonios meridianos».

P.e Manoel Conciencia. *Academia Universal de varia erudição sagrada e profana*, Lisboa, 1732. Fol. 89.—A'cerca do *demonio meridiano*, vid. Adolpho Coelho, a fol. 32 do seu valiosissimo trabalho. *De algumas tradições de Hispanha e Portugal a proposito de Estantigua*. Paris, 1900; e *Vocabulario*, de Viterbo, Supplemento, II parte, pag. 18.

A pedra Bazar

«A pedra Bazar, que hoje he muy conhecida, usada nas mais infirmidades, e se crê ter grande virtude contra o veneno, gera-se no bucho de certas cabras Indianas. O Padre Paulo Sherlogo sobre os Cantares Vestig. 21. propõe huma duvida, se teve Salomão noticia desta pedra, e resolve provavelmente que a teve, e

dos mais animaes, que a geram. Porque a Armada deste Rey hia em certos tempos ás Indias Orientaes, e assim he crivel que entre as outras estimaveis drogas que daqui lhe trasia, não deyxaria de lhe traser esta pedra de tantas virtudes e estimação.»

P.e Manoel Conciencia. *Ibidem*, fol. 214.

Carne de lebre

«Os Antigos diziam por zombaria que quem comia carne de lebre era fermozo por huma semana inteira. Equivocavam a palavra *Lepus, leporis*, que com a penultima breve significa a lebre, e a palavra *Lepus, leporis*, que com a mesma syllaba longa significa a graça, ou a genttleza. A esta opinião alludio Martial no seu Epigramma 30. ad Gelliam lib. 5.

Quum leporem mittis semper mihi, Gellia, mandas:
Septem formosus, Marce, diebus eris.
Si verum dicis, si verum, Gellia, mandas,
Edisti nunquam, Gellia, tu leporem».

Ibidem, fol. 430.

As negras dos tremoços

«Entre os Romanos erão as Favas tidas por impuras & abominaveis, & ao seu summo Sacerdote não era licito tocar Favas. Offereciaõ-nas aos deoses do inferno, & nas ezequias dos seus defuntos faziaõ hum manjar de Favas para comerem os mesmos que imaginavaõ estar em companhia dos deoses infernaes. Na flor da Fava pódem advertir os curiosos, que se representa hum nojo. & luto triste. O significarem demandas, nasceo de hum proverbio, que Suidas declara, o qual diz: *Neque allium comedendum, nec fabas*. E queria dizer, que não havião os homens de comer Favas, nem alho, entendendo, que havião os homens de fugir de demandas, & guerras, porque o alho he symbolo da guerra por ser comer commum aos soldados, & as Favas symbolo das demandas, porque commummente as comiaõ os que estavaõ ouvindo causas, & demandas, para não adormecerem, & estarem attento; & diz Pierio, que se mudou este costume em Roma nos jogos de Amphitheatro, aonde para senão enfadarem os Romanos em quanto tardavaõ as festas, costumavaõ os judeus

andar vendendo tramoços cortidos em agoas pelos assentos, & estancias do Amfitheatro, & que delles passou este costume ás negras, que hoje os andão vendendo pelas ruas, que até este genero de mercancia manou desta gente, que inventou todo o genero de trato, de que pudesse viver, & enriquecer».

Tratado das significaçoens das plantas, flores e frutos, pelo Padre Fr. Isidoro, de Barreyra. Lisboa, 16 98. Fol. 450.

Avaliação de vario mobiliario no anno de 1803

Bens moveis pertencentes á herança de D. Thomazia Maria Sardinha (casada com o capitão Felix José de Apparicio) moradora que foi em Elvas.

Hum adereço de topazios cravados em prata, e dourado, em	30:400
Outro adereço pequeno de topazios cravados em prata, em	9:000
Huns botoins de ouro para pulços, com pedras encarnadas, em	3:200
Huma Commenda de Malta de ouro, em.	2:000
Huma venera de ouro do Santo Officio, em	1:200
Hum anel de ouro cravado em pingos de agoa, em. .	3:200
Huns botoins de prata para pulços com pedras brancas, em.	2:000
Humas fivellas de prata com pedras brancas, de calção, em.	2:400
Huma fivella de prata, de gravata, em	450
Hum par de esporas de prata com fivellas, em . . .	3:600
Huma fivella de prata de laços, em	420
Hum espadim de prata abrilhantado, em.	9:600
Hum traçado de prata com folha azulada, em. . . .	4:000
Hum espadim de prata chamado Alfinete, em. . . .	3:200
Tres vingallas, em	4:800
Hum par de castiçais de prata, em.	15:350
Huma salva de prata lavrada de tres pés, em	17:150
Huma salva de prata redonda com pés redondos e abertos em	7:200
Huma salvá de prata de pé alto, em	15:300

Hum talher de prata, em	41:500
Hum faqueiro de prata de meia duzia com aparelhos para chá e colher de sopa, em	38:900
Humas fivellas de prata oitavadas para çapatos, em	2:800
Humas fivellas de prata redondas para çapatos, em	3:200
Huma meza de meia laranja, em	7:200
Seis cadeiras com assento de tripe teem as costilhas abertas, em	11:400
Huma meza dobradiça com pés de cabra e duas gavetas, em	3:600
Tres tamboretes de couro, em	2:100
Huma arca incourada de couro de cavallo, em	4:800
Huma cacha de serviço, em	800
Huma comoda ovada, em	14:400
Seis tripeças com costas em	1:800
Quatro cadeiras de costas altas de palhinha, em	800
Huma cama de nogueira para duas peçoas, em	12:000
Hum caixão grande de páo fino, em	8:000
Huma arca mais pequena de couro de cavallo, em	2:000
Huma tripeça de amaçar, em	240
Hum catre de nogueira lizo, em	7:200
Huma arca de feira, velha, em	300
Outra arca de feira, em	800
Huma caixa de frasqueira, em	600
Duas bandejas de bandejar trigo, em	200
Huma escada de potes, em	900
Ensinhos, forquilhas, forcados e paz, em	1:020
Tres páos de S. João, em	900
Quinze páos de S. João, de refugo, em	1:500
Dois aguieros, em	900
Sete paviollas, em	1:800
Huma alteza piquena, em	800
Hum catre pintado, em	2:400
Huma caldeira de cobre para estillar agoardente, em	12:800
Quatro cantaros de cobre, em	19:200
Huma bacia de cobre de medír azeite, em	600
Huma panella de cobre, em	1:300
Huma marmita de cobre, em	600
Huma certaã de cobre, em	480
Duas xiculateiras piquenas, em	960
Um tacho amarello grande, em	2:600
Huma bacia amarella de sangrar, em	800

Huma bacia amarella de fartes, em.	1:000
Hum almofariz com sua mão, em	400
Huma frigideira amarella, em	300
Hma caldeirinha amarella para beber agoa, em . . .	160
Huma escomadeira amarella, em	100
Tres xaringas de metal amarello, velhas, em	1:200
Hum candieiro de quatro luzes, grande, em	800
Hm candieiro de tres luzes em bom uzo, em	1:000
Hum candieiro de quatro luzes, antigo, em.	430
Seis pratos de estanho de meia cozinha, em	4:000
Hum prato de estanho covo, em	600
Duas planganas de estanho, em.	800
Tres tigellas de estanho com tampa, em.	360
Doze pratos de estanho de guardanapo em bom uzo, em	2:200
Doze pratos de estanho de guardanapo novos, em . .	2:700
Dous pratos de estanho de guardanapo covos, em . .	300
Hum talher de estanho de trempe em bom uzo, em. .	750
Huma bacia de estanho com seu gomil, em	750
Hum cobertor de damasco carmezim forrado de panico, e guarnecido de renda de prata, em.	15:600
Hum cobertor de damasco azul claro forrado de panico amarello, com franja desta côr, em	10:000
Hum cortinado de porta de damasco carmezim com sanefa e transa, em	8:000
Hum dito piqueno de seda de primavera verde com sanefa e custaneira, em	3:200
Hum cobertor de primavera de seda encarnada, em. .	6:000
Duas cobertas de pano de linho bordadas de seda, em	9:600
Duas ditas de algodão bordadas de seda, em	8:000
Huma coberta de xita forrada de malvaisco, em . . .	3:200
Duas ditas de xita da India de huma peçoa, em . . .	1:500
Huma dita coberta de cotonada, em	1:800
Hum rodapé de pano de linho bordado de laã, em . .	600
Huma opa de serafina, encarnada, em	1:660
Hum lençol de cavallim de dous ramos e meio com folhas de caça de listras miudas com huma fronha e travesseiro e duas almofadinhas, tudo em. . . .	5:120
Dous lençois de cavallim de dous ramos e meio com folhas de talargaça, em	5:000
Oito ditos de pano de linho de tres ramos, em . . .	15:360
Um dito de pano de linho fino já uzado de dous ramos e meio com entremeio de renda, em.	1:600

Dois ditos de pano de linho de dois ramos com folhos de bertanha, em.	4:000
Quatro fronhas de Bertanha para travesseiros com folhas do mesmo, em	2:400
Sete ditas de pano Rey com folhos do mesmo para almofadinhas, em	1:680
Hum penteador de cavallim com toalhas irmãs tudo guarnecido com folhas de caça listada, em . . .	3:200
Duas toalhas de droga de vara e quarta guarnecidas de renda de França, em	2:000
Huma costaneira de caça liza guarnecida de franginha e entremiado de renda, em	1:600
Hum rodapé de pano de linho com franja e entremiado de renda, em.	800
Huma toalha de pano de linho para meza com doze guardanapos irmãos com franja feita na tecedeira, em.	3:400
Huma cazaca de pano inglez cor de tabaco forrada de tafetá, em	6:000
Huma dita de lemiste preto com collete irmão forrada de tafetá em	7:200
Huma dita de seragoça, em	4:000
Huma dita de pano azul, em	4:000
Huma dita com collete de droguete azul, em	2:400
Hum collete de pano escarlate, em	1:200
Hum dito de quartos de veludo, em	1:800
Hum dito de polução forrado de serafina, em	700
Hum calção de veludo preto riscado, em	1:200
Hum dito preto de pano de Londres, em	1:800
Hum republicano de baetão com cercadura de polução preto, em	4:000

(Papel avulso da minha collecção de mss. antigos).

Abada, gonda

No *Vocabulario em Idioma Bengalla e Portuguez*, de Fr. Manoel da Assumpçam (Lisboa, 1743), vem o vocabulo *Gondda (sic)* com a significação de *Abada*, a fl. 126 e 307.

Superstições, crenças e usos populares

Quem mexe o lume da braseira e faz nele uma cova ao centro, abre a sua sepultura.

Duas luzes na mesma mesa é mau, porque perde a fortuna o dono da casa; e três luzes é sinal de casamento.

A cama dos noivos não deve ser feita nem nas terças nem nas sextas-feiras; assim como nesses dias ninguem deve casar.

A poupa quando canta diz: *poupa pão, poupa pão*...

Em Freixedas, (Beira Baixa) efectua-se no dia 17 de Janeiro de cada ano, a expensas dos lavradores, uma grande festividade a Santo Antão (que o povo denomina Santo Antonio), advogado contra a erisipela e patrono dos almocreves, atafoneiros e porqueiros.

Em frente da porta da igreja armam uma espécie de árvore do natal, e dela dependuram as numerosas ofertas, provenientes do cumprimento de promessas feitas, durante o ano que decorreu, ao santo, para livrar de molêstias os gados; objectos que são naquelle mesmo dia vendidos em leilão, e que na sua maior parte constam de várias peças de carne fresca e de carne ensacada. Os pastores vão, de manhã, fazer oração ao santo, no adro, levando adiante o gado, enfeitado de pom pons de lã e pós brilhantes. Depois da oração dão com o gado três voltas em redor da igreja. Pela tarde sai o santo em procissão.

A erva da *sempre-noiva*, feita em chá, livra de crescimentos (febre).

Quando a lua nova vem com as pontas para o lado, choverá, porque, não podendo a lua suster a água, entorna-a; e quando vem com as pontas para cima, não choverá, porque, daquelle modo sustem a água.

Se o lobo nos vê primeiro que nós o vejâmos, ficâmos sem fala. A esta crença alude Virgilio, nas *Bucolicas*:

«*Nunc oblita mihi tot carmina: vox quoque Moerim*
Jam fugit ipsa: lupi Moerim videre priores».

Ecloga IX, 53 e 54.

É crença que entre a povoação de S. Vicente e a horta da Corretina (concelho de Elvas), no sitio denominado «A abobada», há dois potes enterrados: um deles tem uma tampa de estanho com oiro em cima, e dentro do pote oiro em pó, e o outro tem na tampa uma sardinha de oiro, e dentro veneno. Quem se atre-

ver a desenterra-los será feliz se atinar com o pote do oiro; mas se atina com o pote do veneno, morre tudo *sete leguas em redondeza*. (Homero, no último livro da Illiada, apresenta Jupiter tendo diante de si dois tuneis, um cheio de bens e o outro cheio de males; dos quaes toma alternadamente o que lhe parece, para vertê-lo sôbre os homens, misturando, em diferentes doses, os males e os bens, e dando a raros, e sem mistura, ou os bens ou os males).

Provérbios e anexins

O amor é como as lombrigas: na cara se conhece quem o tem.
Mesmo pão, mesmas feições.
Porta aberta dá entrada.
Nem lá vou, nem faço mingua.
Migalhas também é pão.
Nada é demais para as cousas de Deus.
Ou tudo ou nada, mulher do Diabo.
Quando o rico não tem, ao pobre não pode dar.
Quem tem dinheiro, tem tudo.
Viu-se o diabo em casa do alfacinha.
Como vires a amendoeira, assim verás a eira.
Com brutos não labuteis.
É receita provada: ter renda e não gastar nada.
Por me levar pelo coração, fiz meu marido ladrão.
Tento de mais não perde jogo.
Quem não tem fortuna, na cama quebra as pernas.
Morrem uns para bem de outros.
Quando nasce uma mulher nasce uma desgraça.

I

Feitiços

. . . .

«Gemião na floresta pardos Môchos.
Então n'huma caverna, que se entranha
Na borda de hum oiteiro penhascoso,
Faticina, e Patemia fabricavão
Ternos feitiços pelos seus Amantes.

. . . .

Lança, Patemia, já na certã negra
Essas tres velas verdes com as cinzas
Do macho Corvo, que torrámos hontem
Sobre os torcidos páos do trevo velho:
E primeiro que tudo lances faze
Tres cruzes sobre a agoa verdenegra,
Repetindo devota ao mesmo tempo
As vozes do mysterio, que tu sabes:
Que eu em tanto este torto ferro ensopo.
No fresco sangue do morcego vivo.

. . . .

Eis já espalho n'agoa os pós de cobra.
Moidos sobre adobe com tres dêdos:
E digo ao espalhallos: Assim como
Estes pós eu espalho aqui, se espalhem
As saudades do peito de Lizano.

. . . .

Bem como traz a si esta tesoira
Esta azulada pedra ponte-aguda,
Meus votos ajudados c'os encantos.
A mi te tragão, oh Nizenio loiro.

. . . .

He tempo proprio de arrojar no incendio
Este bicudo tronco de gestinha,
C'o a esquerda mão cortado em Lua nova:
E qual elle se atêa assim se areie
Lizano em forte amor por Faticina.

. . . .

Repara, oh companheira, como agora.
Neste circulo roda o meu bugalho!
Eu marquei-o sutil c'o a unha media
De Africano Leão, na cova morto,
Ah! Como este bugalho não socega,
Sem ver-me não socegues, oh Nizenio!

. . . .

Eu vi com estas hervas, que misturo,
Untar-se a macilenta, e velha Elonsa

(Rainha de fadar, e ver thesoiros,
Occultos em Palacios subterraneos),
E feita Pata de luzinhas cheia,
Andar aqui grasnando com mais Bruxas

. . . .

Eu vi com esta banha de urso cego,
Com que vês esfregar-me, oh Faticina,
Esfregar-se tambem a mouca Efluvia,
(Minha mestra de encantos, e de agoiros),
E conversa em coruja, voar longe
A embruxar cem Meninos sobre os berços.

. . . .

Poemas Lyricos de hum natural de Lisboa (Francisco Pedro Busse) Lisboa, 1787, fol. 72-75.— Transcrevi este trecho, apesar do seu caracter literario).

II

Feitiçarias, adivinhações, encantos, agouros, etc.

«O Direito impoem graues penas contra os que vsão feiticerias, & adeuinhações, querendo attribuir às creaturas, ou a elles mesmos, o que he deuido a Deos. Conformãdonos com os sagrados Canones. S. S. A. ordenamos & mandamos a todas as pessoas Ecclesiasticas, & seculares, de qualquer estado, & condição que sejão, que não vsem de feiticeria algũa, principalmente, fazendose com pedra de Ara, Corporaes, ou outras cousas sagradas, & deputadas ao sacrificio da Missa: nem inuoquem espiritus maos, ainda que seja para bom fim: nem vsem algũa especie de sortes, que per Direito Canonico são prohibidas: nem da arte de nigromancia: nem tenhaõ liuros que tratem das sobreditas cousas: per quanto incorrem em excomunhaõ pela Bulla da Cea do Senhor: nem vsem de encantos algũs, nem de agouros, ou adeuinhações; ou para saber se alguem he viuo, ou morto; ou para adeuinhar o que està por vir (que sò a Deos pertence) nem dê beberagem para bẽ ou mal querer, nem para legar ou deslegar: nem vsem de cartas de tocar, nem de algũa superstição outra semelhante: entẽdendo falsamente, que por este meyo, ou meyos podem preuerter o liure aluedrio.

E o que cõmeter qualquer destes crimes encorrerà em excomunhão mayor: & se for conuencido, sendo Clerigo, serà preso, & condennado em suspensão de suas Ordẽs com degredo tempo-

ral, como a nosso Vigario gèral parecer, & em vinte cruzados para Chancellaria, & acusador: & sendo leigo plebeyo, serâ condennado em penitencia publica, posto à porta da nossa Sè, sendo morador nesta Cidade: & sendo do Bispado, à porta da Igreja, de que for freguez, onde estará em hum Domingo, ou dia santo, em quanto se celebrar a Missa do dia, & condennado em quatro mil reis para Chancellaria, & accusador.

E assi mandamos que nenhũa pessoa bẽza gados, ou outros animaes, vsando nas dittas benções algua especie de superstição: & auendo de benzer, serâ com licença nossa, ou de nosso Provisor, examinadas primeiro as palauras, se são as que a santa Igreja approua: & posto que sejão taes, se com tudo benzer sem a ditta licença, serâ condennado em dous mil reis para Chancellaria e accusador.

E conformandonos com a extravagante do Papa Gregorio XIII, mandamos, sob as penas contheudas na ditta extravagante, não vse nenhũa pessoa de judiciaria, nem lance juizos, saluo os declarados na ditta extravagante.

E na mesma pena pecuniaria acima ditta encorreram as pessoas de qualquer estado, & condição que sejão, que se quiserẽ approueitar das superstições sobredittas».

(*Decretos Synodaes de D. João de Sousa Castelo Branco, Bispo de Elvas*). Lisboa, 1722, pág. 118.

III

Amuletos

As pedras de sevar tão celebradas
Pelo mundo por usos excellentes,
De buxos de Bugios são tiradas
Nestes Malaios matos florescentes:
E as de porco espim tambem dotadas
Aqui vi de virtudes eminentes,
E o cornicho que a cabra tem sómente,
Desfaz a dura pedra em continente.

A estas deo o Ceo virtudes taes,
Que ao mal de qualquer sorte tem respeito,
Dellas usão os Reis Orientaes
Do fysico mofando, e seu preceito:

Contra o que he frio, e quente, e contra o mais
Que dana o humano ser fazem proveito,
E só contra a peçonha racional
Do iniquo peito humano, nada val.

Descripção Geografica de Malaca, a fol. 35 das *Obras ineditas de Antonio de Abreu*, amigo e companheiro de Luiz de Camões no Estado da India. Lisboa. Na Impressão Regia, 1807.

IV

A funcção do Espirito Santo na villa de Sant'yago de Cassem [1]

«A Egreja do Espirito Santo, situada na praça, e mistica com o Hospital, apesar de ser mais antiga do que a Misericordia, foi administrada por esta, até ser cedida aos irmãos Terceiros de S. Francisco por concordata que as duas corporações fizeram em 1752; reservando sempre a Misericordia o direito de sepultar nella os pobres que morriam no Hospital, e celebrar a funcção do Espirito Sancto, que era propria da casa.

Os seus rendimentos se applicavam annualmente para um Vodo que se dava aos pobres no dia do Pentecostes, e primeira oitava; supprindo a Misericordia com o que faltava para esta funcção.

Escolhia-se uma rapariga de vinte a vinte e cinco annos, de boa fama e figura, que, ricamente vestida, levava a corôa na cabeça, precedida de seu pagem, de espadim empunhado; — e no meio de numerôso prestito de clero e seculares, ao som de sinos, tambor, e foguetes, sahia processionalmente da Egreja Matriz, onde se fazia a coroação, e se recolhia à Egreja do Espirito Santo, em que havia festa e sermão. Esta Imperatriz era ao principio eleita pela Mêsa, que lhe conferia um dote de dez mil reis; ultimamente era escolhida á vontade do Mordômo, recebendo sempre o mesmo dote.

Na quinta feira da Ascensão se reuniam todas as senhoras da villa em casa do mordômo d'esse anno, para fazer os fartes

[1] Vide *Revista Lusitana*, vol. II.º fol. 71.

(bolos de farinha e de mel) para a sobremesa dos pobres. Neste mesmo dia se começava o fabrico do pão para as mêsas.

Todo o dia de sabbado, vespera do Pentecostes, era empregado em um desses divertimentos barbaros, que nossos avós tanto apreciavam, e que ainda faz as delicias de tanta gente; consistia em correr pelas ruas as vaccas, ornadas de flores, para depois de bem moidas por tombos e garrochas, serem mortas para a funcção dos dias seguintes.

Na noite de sabbado para o domingo uma longa fileira de potes ou azados, uns com carne e couve, outros com arroz, fervia sobre enormes fogueiras, rodeados de multidão de devotos d'ambos os sexos, uns atrahidos pelo cheiro do caldo, e outros pelo prazer de uma reunião nocturna. Outra especie de devotos concorria neste dia a lavar-se com o sangue das vaccas, que por serem benzidas, era uma panacéa para toda a qualidade de doenças.

No domingo do Pentecostes, e na primeira oitava, um grande numero de pobres não só d'este, mas dos concelhos vizinhos, concorria a tomar parte nas duas compridas mêsas que se dispunham na praça. Para um pateo proximo se conduziam os azados, precedidos, cada um, de tambor, pifano e foguetes. Neste pateo se repartia primeiro a sôpa, depois a carne e o arroz; e os pratos, passando de mão a mão, por uma longa fila das pessoas mais distinctas da villa, eram entregues aos commensaes. A cada pobre era dado um prato com sopa, outro com arroz, um pão, um quartilho de vinho, uma laranja e um farte.

Neste dia (Domingo) havia festa de Egreja, e fazia-se a eleição do mordomo para o anno seguinte.

O que restava do jantar dos dois dias, era no terceiro (2.ª oitava) repartido processionalmente, a som de tambor e foguetes, pelas pessoas pobres que não foram á mesa. A mesma procissão depositava nesse dia a Corôa em casa do novo mordomo.

Não ha memoria da origem desta funcção nesta villa. Havia no Archivo da Misericordia um antigo pergaminho, em que só se percebiam as seguintes palavras no seu titulo: — «Instrumento publico tirado per mandado e authoridade da Justiça, do milagre que fez o divino Esp.º S.º no seu Vodo, sendo mordomo Vasco Maxado; anno de 1404». Tudo o mais era totalmente illegivel pelo estrago da humanidade.

Eram obrigadas, por antigo costume, todas as freguesias deste concelho (excepto o Valle, por muito distante) a concorrer nesse dia com as suas mesas, que occupavam a circumferencia

da praça, ficando o centro desembaraçado para todos os mais pobres. Para isto todas concorriam com um quarto de vacca.

. . . .

Esta funcção sempre se fez com esplendor até ao anno de 1832. A guerra, as intrigas politicas, e todas as mais consequencias das discordias civis desse tempo, pozeram termo a este costume tão antigo. Depois apenas se fazia em alguma das freguesias rurais.

Em 1847 tornou a fazer-se pela devoção de algumas pessoas; e bem assim em 1848, 1849, e 1850. A concorrencia ainda era immensa; jà porém não havia o antigo enthusiasmo; — era apenas uma sombra do passado.»

Annaes do Municipio de Sanct-Yago de Cassem, pelo Padre Antonio de Macedo e Silva. — Beja, 1866, fol. 95.

V

Processões

«. . . e nas mesmas Procissoens não levaràõ passos da Escritura sem serem approvados pelo nosso Provisor, nem danças, folias, ou pèlas entre o Clero; e menos sahiraõ das Igrejas, nem entraràõ nellas; e nas Procissoens de Penitencia se não use de dar confeyçoens para os penitentes em publico; porque sendo preciso, as poderão ter dispostas os Confrades em cazas, por onde as Procissoens passaõ; e os penitentes não levaràõ fittas, sinaes, ou tençoens para serem conhecidos; porque destas acções resultaõ motivos de escandalo, e de murmuração, não só entre os Catholicos zelosos, mas ainda entre os herejos . . .»

(Decretos Synodaes de D. João de Sousa Castelo Branco, Bispo de Elvas. Lisboa, 1722, pág. 85.

VI

Cabeças santas, que prestão contra mordeduras de cães danados

«Muito frequentemente acontece nestas partes damnarem-se caens, e muitas vezes com prejuizo: mas a Divina Providencia deu logo remedios, que com serem os melhores, e mais certos, não custão dinheiro; e assim foy necessario, especialmente para lavradores, que são muitos, e muito pobres. Estes são a Cabeça do Santo Abbade Fructoso, que está em Constamtim, Termo de Villa-Real, na Igreja chamada Cabeça Santa, por amor della; de que ha fama de grandes milagres. Outra está entre o Porto e Arrifana de Sousa, na Igreja chamada tambem Cabeça Santa, onde ha perpetuo concurso de gente. Outra está na Igreja Collegiada de Santa Maria de Guimaraens, a qual, por descuido dos antigos, não sabemos de que santo seja; chama-se como as outras, Cabeça Santa; e com razão, porque he de grande virtude, e efficacia contra aquelle mal; e assim por sua causa he esta Igreja frequentada de gente de toda esta Commarca, que a vem buscar, e venerar, e toca nella pão, herva, e palha para dar ao gado; e a grande devoção, e concurso mostra ser tudo de miraculosos effeitos.

Se esta Santa Cabeça estava já aqui em tempo d'Elrey D. João (I), não consta; mas estando elle na Quinta do Curval, e sendo alli mordido de huma cadella damnada, de que sentio grande molestia, logo lhe lembrou Santa Maria de Guimaraens, para se lhe encommendar, promettendo de a visitar, e de se pesar outra vez a prata, e de lha dar em offerta; e assim o fez. Por ventura concorreria tambem aqui a lembrança da Santa Cabeça, se já estava nesta Igreja: porque della não achey outra memoria, senão em hum inventario feito no anno de 1527, por estas palavras: *Item, outra arca de marfil chapeada de arame dourado, onde está a Cabeça de um Santo, que presta para mordeduras de caens danados*».

Gaspar Estaço. *Várias Antiguidades de Portugal.* Cap. XLIX, n.os 1 e 2.

VII

Lenda

Durante a dominação dos Filipes, o povo português alimentava a crença de que o libertador de Portugal devia entrar em Lisboa montado num cavalo de pau; e quando o duque de Bragança aí foi coroar-se, tendo atravessado o Tejo em uma barca de pescador, o povo quis por força ver nisso o cumprimento da profecia.

VIII

Andar às vozes

«Vogou muito tempo, e talvez ainda vogue entre os judeus, e se estenda aos outros povos, a famosa superstição da *Bath Kol* ou *filha da voz*. Sahindo-se de orar no recinto sagrado, a primeira palavra que se ouvia era resposta ao pedido que se havia dirigido a Deus».

Pedro Amorim Viana. *Defesa do Racionalismo* fol. 91. (Terceira edição). Pôrto, 1885.

IX

Abáda

(Cfr. *Rev. Lusit.* XIII, 46-65, e XIV, 36-40)

Mas s'isto em muito tendes, tende em mais
O que tanto procede ao recontado,
A virtude dos proprios animaes,
Que nelle vi, e tenho experimentado:
O Unicornio que tanto decantais,
Por outro nome Abada nomeado,
Não ha cousa em seu corpo sem proveito,
E contra todo o mal, nenhum exceito.

Com grandeza não chega á sua altura,
Mas sendo quasi igual ao Elefante
Nos pés, pois não possue nelles juntura,
Nem se pode deitar que se levante;

De mula tem o rosto, e em tromba dura
O curto, e grosso corno de diamante,
A boca mui rasgada, os peitos grossos,
Em cada pé tres unhas, fortes ossos.

(*Descripção Geográfica de Malaca*, a fol. 34 das «*Obras Inéditas de António de Abreu*, amigo e companheiro de Luiz de Camões no Estado da India», Lisboa. Na Impressão Regia, 1807).

«*Abada*, animal silvestre que nace en Asia y en los desiertos de Africa: tiene la piel espesa, dura, llena de pliegues, y dificil de atravesar, está á la prueva de las bocas de fuego y de las partesanas: la cabeça y el ozico de este animal son semejantes á la cabeça y al ozico de un cochino: de su ozico sale un cuerno con que se defiende quando le acometen; tiene quatro piés, es del tamaño de un mediado Elefante: quando está en furor, ó herido, trastorna árboles muy gruessas, y si encuentra un hombre ô un cavallo, le atierra y le descarna hasta los huesos con su lengua que es muy dura: gruñe como un cochino, y no haze nada á los hombres si no le acometen: se sustenta con zarças, con cardos, y con yervas que pican. Lonston y Tachard en su Viage de Siam, hablan de este animal».

Dialogos nuevos en español y francés, por Francisco Sobrino. Bruxelas, 1737, fol. 321.

X

Cigana

«Tambem andou com muito acordo em fazer que Mercurio désse a Ulysses em lugar da raiz do Molio hum annel, porque para o effeito o mesmo he huma cousa, que outra: além disto da parte do heroe não he tão authorizado trazer por defensivo huma herva, como hum annel, e da parte do Mercurio parece remedio de cigana.»

Manoel de Galhegos. *Discurso Poetico*, sobre a *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro.

XI

Superstições e crenças alemtejanas

A quem trouxer consigo um olho de cão preto não lhe ladrarão os outros cães.

Um olho de andorinha, metido na cama, causa insónias.

Um rabo de lobo, pendurado no curral do gado, evita que a ele cheguem os lobos.

A cegonha traz felicidade às casas onde faz ninho.

As sombras da lua: Andando um criado de moleiro a trabalhar ao domingo, disse-lhe a lua que não devia trabalhar, por ser dia santo. O criado, zangando-se, atirou á lua com uma mancheia de farinha, e daí ficar a lua enfarinhada.

XII

Provérbios e anexins

Pela palha se conhece a espiga.

Em pessoa de scetro não há vicio secreto.

Repreender velho e espulgar cão, duas doidices são.

Cardo que hade picar, logo nasçe com espinho.

Quando os mudos falam, teem licença de Deus.

O bem ganhado se perde, e o mal seu dono e ele.

Bem o diz Braz, e mal o faz.

A candeia que vai adiante, alumia o que vai atrás.

Honra o bom, para que te honré, e ao mau para que te não desonre.

Quem com o demo cava a vinha, com o demo a vindima.

Recoveiro que leva carga, com mentir a desembarga.

Não ha cavalo sem tacha.

Quem não sabe, não repreende.

Digo-to a ti, sogra, para que m'o entendas, nora.

Quem compra e vende não sabe o que dispende.

A homem pobre, pano fino e cantaro de cobre.

Lagrimas de herdeiros, risos secretos.

O velho por não poder, e o moço por não saber, deitam as casas a perder.

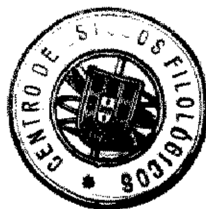
Pobre, velho e mouco, pariu-o o diabo.

Não amanses potro, nem tomes conselho de louco.
Em o velho e o menino o ofício é perdido.
Bem mal ceia quem come por mão alheia.
As aves de rapina escolhem sempre o melhor.
Vilão ruim não precisa de chocalho.
Pelo caminho do *amanhã* se vai a casa do *nunca*.
Se queres ter alegria, planta e cria.

(Elvas).

A. TOMÁS PIRES.

MISCELÂNIA



Nomes de ventos

Nas suas **Lições de Philologia Portuguesa,** [1] pág. 427-432, trata o sr. Dr. Leite de Vasconcelos da nomenclatura dos ventos — nomes antigos e designações vulgares no continente e arquipélagos dos Açôres e Madeira.

Êste estudo interessantíssimo, tratado com superior critério, reúne já uma apreciável quantidade de materiais observados e classificados por forma que o trabalho definitivo — quando houver de fazer-se — se encontrará reduzido.

É necessário, porêm, proceder-se desde já a uma coordenação geral dos nomes populares dos ventos em todo o país para recolher os elementos que não entraram neste estudo, e como isto, decerto, depende, em parte, das contribuições parciais, aqui deixarei registadas, por meu lado, as observações que, sôbre o assunto, pude coligir.

Na linguagem marítima de Espósende *rei-vento*, *vento certo*, ou *vento largo* é o «vento do Norte». Ao «vento do Sul» chamam *àguadeiro*, por causa dos chuveiros que, em geral, dali vem. *Traiçoeiro* ou *ladrão* é o «vento Nordeste». Também lhe chama *vento da cabra fanada* [2] a gente do campo, em todo o concelho.

Pedraceiro, ainda em Espósende, é o «vento do Noroeste», — de *pedraço* = «granizo, saraiva», no Minho. Ao «vento do Nascente» chamam *caçador*, e *fuzilador* ao «vento Sueste». Creio que em ambos existe a mesma relação ideológica expressa em formas diferentes, porque, geralmente, é no quadrante L.-S. que fuzilam as grandes trovoadas. *Vento que fede a rato* é o «vento

(1) Lisboa — 1911.

(2) A um serrano de ao pé da Guarda ouvi ha anos chamar *vento de mata cabras* ao «vento frio e áspero do Nordeste».

forte,» de qualquer lado: «Êste *fede a rato!*» Quando tem violências de furacão chamam-lhe *rebaleste*: «Veio um *rebaleste* que virou o barco!» [1]

No Vale-do-Cóina, *palmelão* é ainda o «vento Sul», que sopra das bandas de Palmela. Acomodando o rifão, como se faz por apodo em outras terras, dizem:

«De Palmela
nem bom vento,
nem bom casamento.»

Magaruça é, ali, a aragem fria, matutina, geralmente húmida, do Sul. Por *mogaruça?* Cf. o cast. *mojar*. Chamam *vento do Sàmouco* ao «vento Nordeste», por aquele lugar ficar nesta direcção, e dizem sentenciosamente:

«Vento do Sàmouco
promete muito e dá pouco;
mas s'aperfia
chove 'ma noite e um dia».

Quando o vento sopra do Nordeste, no inverno, e cái uma chuva miúda e passageira, diz-se que *está a sangrar vento*. *Sangravento* é a «chuvada passageira tocada pelo Nordeste». O vento sopra depois com mais violência. É por isso que:

«Q'ando Deus q'ria
inté do Norte chovia!»

Às vezes acrescentam a ídeia oposta:

«e do Sul ventava».

Na linguagem marítima, a par de *nòrtada* = «vento forte do Norte», ha *suèstada, oèstada, lèstada, nordèstada, sudoèstada, noroèstada*. *Brisa* é o «vento forte», em geral do Nordeste.

Morais, citando as **Decadas,** diz que *brisa* é o «vento frio

---

[1] No interior do concelho *rebaleste* vem a ser «desordem, confusão, tumulto», decerto por extensão de sentido: «Que *rebaleste* vai na feira!»

Estas informações, referentes a Espósende, foram-me ministradas pelo sr. A. B. nos n.os 315 e 320 do *Esposendense*.

e seco, da parte do nordeste». Cp. o esp. *bisa* «viento nordeste», o ital. *brezza*, o fr. *bise* «vent du nord», do tud. *bisa* (Stappers. n.º 2.996). O Padre José Marques, no seu **Nouveau Dictionnaire des Langues Fr. et Port.**, (1) traduz *bise* por «nordeste (vento)».

Vento ponteiro é o que sopra da prôa, na direcção da quilha. Quando sopra com violência, de qualquer ponto diz-se *frescalhão*, *duro*, *feio*, *zarro*, etc. «Está *zarro!*»

Terral, também em Ponta Delgada é o «vento que sopra da terra». «O *yacht* crescia a pouco e pouco chapinhando fresco em a superficie lisa das aguas, tocado pelo *terral* brando que caía de cima das rochas altas.» (2) Em linguagem de navegação costeira, no continente, chama-se a êste vento *vento da terra*: «Está da terra; virou para a terra».

Diz o sr. Dr. Leite de Vasconcelos (3) que, em Aguiar-da-Beira, *vento de baixo* é o do Sul ou Sudoeste; «*está de baixo*», o que quer dizer «temos chuva». Também assim é nos concelhos de Viana-do-Castelo e Arcos-de-Val-de-Vez. Contrariamente, *vento de cima* é, ali, o «vento do Norte»: «Esta de cima». Por isso reza lá o ditado:

«Q'ando Deus quer
de cima chove».

[Arcos]

Presumo que a expressão *vento de baixo*, para designar os ventos chuvosos entre Sueste e Sudoeste, é usada em outros pontos do país. Já no século XVI, pelo menos, era conhecida. Naquela scena do parto, de um rialismo tam crú e provavelmente tão ingénuo, da *Comedia de Rubena*, diz alegoricamente a *parteira*, para esforçar a parturiente:

«Dai de mão ao pousadeiro
leixai ir o escudeiro,
que, como o *vento he baxo*,
logo a chuva he no terreiro...»

Do sentido duplo dos dois últimos versos ressalta a denominação vulgar que, ao tempo, se dava ao «vento Sul».

(1) Lisboa — 1758.
(2) Nunes da Rosa. **Pastorais do Mosteiro.** Faial, 1904, pág. 38.
(3) Ob. citada, pag. 429.

No concelho da Póvoa de Lanhoso (Travassos), quando o vento sopra do Sudoeste, puxando chuva, diz-se que *pica a maré de baixo*. *Maré* é o «vento brando», de qualquer lado: «Aqui corre *maré*.» Ao «vento Noroéste» chamam *vianês* (de *Viana* [-do-Castelo]). Também, no mesmo concelho, *galêgo* é o «vento Norte», e, a propósito, aplicam o rifão:

«De Espanha
nem bom vento
nem bom casamento.»

Suão, que decerto, pelo vento que designa, se não relaciona com o latim *solanu* —, é, na mesma região, o «vento Sul», especialmente no mês de Julho. Diz o lavrador: «O vento *suão* é bom, que faz espigar o milho (ou o milhão)».

No concelho de Monsão *vento da perrilha* é o «vento frio e cortante do Nordeste».

O sr. Dr. Leite de Vasconcelos, (1) cita êste passo do dicionário de Morais. s. v. *regateira*,: «*Regateiras de Abril*, na Beira, são umas ventanias frias, que, estando o céo nublado, dão nas árvores e as desflorão.» A expressão ainda é conhecida na Beira--Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul) e noutros pontos, mas designa especialmente os «chuveiros violentos, próprios do mês de Abril, acompanhados por vento forte.»

No Vale-do-Cóina dizem, talvez mais própriamente, *regadeiras de Abril*, recordando o prolóquio:

«[Em] Abril
águas mil.»

Regateiras de Abril, diz o sr. Dr. Narciso Alves da Cunha na sua interessante monografia sôbre Paredes-de-Coura, (2) são «chuveiros pesados e frios no mês de Abril.»

Nos concelhos de Viana e Arcos chamam a estas rajadas violentas de vento e chuva, respectivamente,: *crabanadas de Abril* e *escrabanadas de Abril*. (3)

---

(1) Ob. citada, pág. 429.

(2) **No Alto Minho** — *Paredes de Coura*.

(3) *Crabano* ou *grabano* é uma vasilha feita de metade de uma cabaça, que serve para trasfegar o vinho.

«*Escravanada* — batega de chuva muito fria, com saraiva» (Paredes-de-Coura) — Alves da Cunha. **Paredes de Coura**, 309.

Como em Aguiar-da-Beira, chamam em Viana-do-Castelo *travessio* ao «vento de Oeste».

Também ali referindo-se ao «vento Sueste», acomodam o rifão, dizendo:

«De Braga
néim bô bénto,
néim bô casamento.»

Zoeira é o «vento tempestuoso», de inverno (Viana). Quando êle fustiga o arvorêdo, sibilando nos beirais dos telhados, dizem que *zôa* a castanheira; já *zôa* a castanheira!» Nos Arcos diz-se «*zôa* a cascalheira.» (1)

A um «vento frio e persistente» chamam na Beira-Alta *zirneira*.

No Tejo, pelo menos, os nomes dos ventos mudam geralmente, com as estações—verão e inverno—porque correspondem a fenómenos atmosféricos diversos. Assim, *travessia* é o «vento de Oeste» e também «Desnoroeste» e «Dessudoeste»; no inverno. No verão chamam-lhe *mareiro*, *vento mareiro*: «Já cheira a verão, está *mareiro*.» Quando êle sopra forte da barra dão-lhe o nome de *garrôa*. De inverno é sempre *travessia* ou *vento da barra*. Em certas ocasiões, no verão, sopra um vento de sudoeste e oessudoeste, com lufadas mornas que prejudicam ou impedem a pesca no mar. A êste vento chamam os pescadores do Seixal e Barreiro *bichorro*. «Está *bichorro*; temos *bichorrada*; isto agora são *bichorradas*.» *Bichorradas* são os períodos em que dominam êstes ventos. (2)

O «vento rijo do Nordeste» tem os nomes de *nortão*, *altarrão* ou *norte-alto*; no Tejo. Chamam *soão* ao vento quente que sopra de manhã, no verão, entre leste e Nordeste, acalmando pela fôrça do dia.

À arajem branda e matutina do sul, de Maio a Agôsto, dão no Barreiro o nome de *aragem de freira*.

Azinheira. ÒSCAR DE PRATT.
Barreiro, Maio de 1914.

(1) *Cascalheira* chamam aos rebentos ou toiços dos castanheiros, formando massiço em volta do tronco cortado.

(2) *Bichorrada*, na ling. pop. do Seixal é o mesmo que «modorra» ou «*madorna*». *Bichorrar* é «*tosquenejar*, influênciado pelo calor». De *bichorro*: «Está com o *bichorro*; deu-lhe o *bichorro*» — «está com a *madorna*».

Cantiga do Mirandum

Na *Revista Lusitana*, XIV, 296, aludi em nota à *cantiga do Mirandum*, a propósito do estribilho de umas poesias do séc. XVIII. A *cantiga do Mirandum* (texto mirandês) foi a primeira vez publicada em 1893 pelo Dr. Ferreira Deusdado em jornais, com um pseudónimo, e ultimamente reproduzida nos seus *Escorços trasmontanos*, Angra 1912, pág. 145 ss. Cfr. também os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 27 e 47.

O sr. Vicuña Cifuentes, nos *Romances populares y vulgares*, Santiago de Chile 1912, pág. 147 ss., dá versões espanholas da mesma cantiga, que completam a versão mirandesa, e junta novos elementos que concorrem para a elucidação do problema da origem.

Entre *Le convoi de Malbrough* francês e os versos de Miranda do Douro vem pois entrepôr-se agora os textos colhidos no Chile.

J. L. DE V.

Nova leitura da Noticia de torto (texto do sec. XIII)

Como é sabido a *noticia do torto* foi publicada pela primeira vez por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações Chronologicas*, tomo I, continuando essa leitura a ser reproduzida até hoje, só com leves diferenças, apesar de nos dar um texto monstruoso e impossível de compreender. A cópia que aquele ilustre professor de diplomática tirou no cartorio do mosteiro feminino do Vairão foi, como não podia deixar de ser, precipitada, mas não é isso só que explica a imperfeição. Os processos de transcrição que se usaram no princípio do séc. XIX eram muito defeituosos e quem pretender das cópias feitas naquele tempo tirar algum ensinamento útil arrisca-se a errar.

Ora um dos documentos mais lidos e mais curiosos pela sua ortografia extravagante é a referida *noticia do torto*, peça que à primeira vista parece ser remota e mais antiga do que os documentos datados mais antigos que conhecemos, o que não é exacto. Êste documento é do séc. XIII, dos seus principios, como mostrarei noutra ocasião. Por letra de João Pedro Ribeiro está mencionada a era de 1244 com dúvida, ou sejam os anos de Christo de 1206.

O aspecto barbaro da notícia provem-lhe das palavras latinas intercaladas nas frases portuguesas, e porisso na presente cópia sublinhei os termos latinos ou semi-latinos, com o que o texto toma uma feição mais correcta. Necessário é, porêm, confessar que a ortografia nalguns pontos é muito pessoal e destoa da normalidade.

A *noticia* é uma minuta ou borrão tomado no decorrer de uma conferência, borrão que depois o notário ou escrivão no remanso do seu gabinete desenvolveria no latim mais ou menos elegante que estava ao seu dispor. Como êsses oficiais públicos não tinham necessidade nem prática de escrever na lingua usual, textos dêstes são sempre incorrectos e barbaros.

A *noticia do torto* foi exarada em um pedaço de pergaminho que se guardava no mosteiro de Vairão, no maço 1.º dos Antigos, n.º 45.º, e está hoje no Arquivo da Torre do Tombo.

O pergaminho está escrito dos dois lados, sendo dificil a leitura de algumas palavras das poucas linhas que passaram para o reverso em virtude da tinta estar apagada.

A leitura que fiz é a seguinte:

De noticia de torto que *fecerum* a *laurencius* fernãdiz por plazo que *fece* gõcauo ramiriz antre *suos* filios e lourenço fernãdiz *quale* podedes saber e oue auer de erdade e dauer tãto quome *uno* de *suos* filios daquanto podesen auer de *bona* de seus *pater* e fio li os seu *pater* e sua *mater*. E depois *fecerun* plazo nouo e cõuen *uero* a saber *quale in ille* seem taes firmamentos *quales* podedes saber. ramiro gõcaluiz e goncaluo gõca[luiz] elmira gõcaluiz forum fiadores de sua irmana que orgase aqu[e]le plazo come *illos Super isto* plazo ar ferum *suo plecto*. E a maior ainda que *illos hic* cõnocerum que les acanocese. laurenzo ferrnãdiz sa irdade per *plecto* que a teuese o *abate* de *sancto* martino que como uencesen que asi les dese de *ista* o abade. E que nunqua *illos* leexasen daquela irdade sen seu *mãdato*. Se a lexaren intregaren *ille* de octra que li plaza E Dauer que ouerum de seu *pater* nu[n]qua li *inde* derun parte. Deu dun gõçauo a laurenco fernãdiz e martin gõcaluiz .xii. casaes por arras de sua auóó.

E filarun li *illos inde* vi *casales cum* torto E podedes saber como mando Dun gõcauo a sua morte. De xvi *casales* de ueracier que fructarun e que li nunqua *inde* derun quinnõs E de vii e *medio* casaes antre coina e bastuzio *unde* li nunqua derun quiniõ. Et de tres in teuosa *unde* li nu[n]qua ar derun nada. E ii^os in fige e recdo *unde* nunqua li derun quinõ E ii^os *in* tamal

unde li non ar derun quinõ. E da *senara* de coina *unde* li non ar derum quinõ. E de *uno* casal de coina que leuarun *inde* iii anos o *fructu cun* torto. E por *istes* tortos que li *fecerun* tem qua a [1] seu plazo quebrãtado e qua li o deuen por *sanar*. E de pois ouerun seu mal e meteu o abade paz a|n|tre *illes in* no carualio de lauredo. E rogou o o *abate* tãto que beiso *cun illes*. E derun li xviiii *Morabitinos* que li filarun. E de pos *iste plecto* pre|n|derun li o seruical otro om|éé| de sa casa. E troserun no xviiii dias per montes e *fecerun* les tã mãá prisõ per que leuarun deles quanto poderun auer. E de pois li desunro gõcauo gõcaiz sa fila pechena. [2] E irmar|un| xiii *casales unde* perdeu *fructu*. E isto fui de pois que furun fiidos anto *abate*. E de pois que furun infiados por iuizo de *ilo rec*. [3] E nunca *ille* fez neu mal por todo aqueste. E feze les agũda *quales* aqui ouireedes. *Super* sua aguda fez testiuigo *cun* goncavo cebolano. E *super* sa aiuda ar fu ili [4] a casa e filo li quanto que li agou e deu a *illes*. E *super* sa aiuda oue testifigo *cun petro* gomez omezio qve li custou maes ka. C. *Morabitinos* E *super* sa aiud|a| oue mal *cun* goncaluo gomez que li custou *multo* da auer e muita perda. E *in* sa aiuda oue mal *cun* gõcaluo suariz. E *in* sa aiuda oue mal *cun* ramiro fernãdiz que li custov muito auer muita perda.

E *in* sa aiuda fui ii^as^ *feces* a coinbra. E *in* sa aiuda dixe *mul|tas| uices* e ora *in ista* tregua furun a ueracin amazarun li os om|éé|s erma|run| li x casaes seu [5] torto al *rec*. *super* saiud|a| mãdoe lidar seus om|e|s *cun* martin *iohanes* que quira [6] desunrar sa irmana. E *cun ille* e *cun* sa casa e *cun* seu pam e *cun* seu uino uencestes uosa erdade. E *cun ille* existis de sua casa *in ipso die* que uola quitarun. E *ille* teue a uosa rezõ. E otras aiudas *multas* que fez. E *plus* li a custado uosa aiuda qual *unde* [7] cae derdade. E subre becio e *super* fiimento se ar quiserdes ouir as desõras qve ante *ilic* furun. ar ouideas. *Venerun* a uila e filarun li o porco ante seus filios e comerunsilo. *Venerun alia uice* er filarun o t|riig|o antes *illes* er comerunso. *Venerun in alia uice* er filarun *una ansar* ante sa filia er comerunsa. *In alia uice* ar

---

(1) Ou *qua*?

(2) Em um documento do séc. XII (Vairão, m. 1 liv. n.º 32) encontra-se ***Chilãá*** por ***quitana***.

(3) Num documento de Agôsto de 1289 (1251), lê-se: ***reenante rege alfonso in portugalia***; Maço 15 de Vairão, n.º 23.

(4) Ou ***fui li***?

(5) Aliás ***seu***.

(6) Aliás ***queria***.

(7) Ou ***quali inde***?

filiarun li o *pane* ante *suos* filios. *In alia uice* ar uerun *hic* er filiarun *inde* o uino ante *illos* **(recto)** otro inhc (1) *ueneruntli* filar ante seus filios quanto qve li azarun in quele casal. E furun li ou ueriar e prenderun *inde* o côlazo *unde* mamou o *lecte (?)* e gacarun no e getarun *in* terra polo cecar e le|ua|run delle quanto oue.

In alia uice ar furun a feracin e prenderun ii^os om|éé|s e gacarun nos e levarun deles quanto que ouerun. *In* otra *fice* ar prenderun otros ii^os a se|u| irmano *pelagio* fernãdiz e iagarun nos. *In* otra uerun a . . ge . . tros (2) e leuarunso . . . (3) ante *pelagio* fernandiz.

PEDRO DE AZEVEDO.

Limites dialectais

A proposito da formação de um *Atlas historico romanico* faz o sr. Tallgren no *Bullet. de Dialectologie Romane*, v, 1 ss. várias considerações sôbre os limites dialectais; base eclesiástica, base étnica, base politica; e expõe também o desejo de que se forme uma carta em que, marcados em côres diferentes, se indiquem os tipos de nomes geográficos que como — *briga*, — *ascum* etc. tem muita significação no campo da Etnografia.

Como êle diz a pág. 7 que a verificação da coexistência de certos limites dialectais com os limites das dioceses episcopais antigas data de tempos recentes e que eu ainda nada noto a êsse respeito nem na minha *Esquisse d'une dialectologie* (1901), nem no meu *Mappa dialectologico* (1897), responderei que com relação ao nosso país não podem fazer-se observações tão precisas como com relação à Gália. Entre os modernos dialectos ou falares do Sul de Portugal e o romanço da Lusitania meridional entrepõe-se o domínio arábico, que aí durou quatro a cinco séculos. Na Beira, onde o domínio arábico durou menos, já no séc. VI há bispados; (4) mas quais são aí as divisões administrativas na época lusitano-romana? Só a respeito do galeco-português poderemos estabelecer o seguinte: A *Gallaecia* primitiva

(1) Ou *uice*?
(2) Será o nome de povoação *Pegeiros*?
(3) João Pedro Ribeiro lê aqui: *levar* IV; ou melhor: *levarun iiii . . . ante*. Tambem proponho a leitura: *leuarun iii om[e]s . . . ante*.
(4) *Religiões da Lusitania*, III, 559.

vai do Minho até o extrêmo Norte, (1) e a denominação provêm de base étnica: os *Gallaeci*. No séc. III-IV o mesmo território constitue uma provincia romana, (2) e a êle nos meados do séc. VI corresponde uma provincia eclesiástica, (3) que, divídida em 572, em dois sínodos, bracarense e lucense, (4) tornou depois a ser una (5). Foi nesta região, dos dois lados do rio Minho, que do latim vulgar da Lusitania se desenvolveu nos primeiros séculos da era cristã uma lingua substancialmente uniforme, que, embora, talvez desde sempre, com algumas particularidades dialectais, se scindiu com o tempo em *galêgo* e *português*. (6)

Nos *Estudos de Filologia Mirandesa*, II (1901), 11 notei a importância que podia ter uma base étnica na formação de um idiôma, e a pág. 77 referi-me à importância politica. N *O Archeologo Português*, X (1905), 287, estudei os vestígios que dos Grovios, pôvo antigo da Galecia, ficaram na toponimia moderna, segundo o meu entender.

Não está pois o assunto completamente descurado em Portugal, com quanto, no estado actual da sciência nem sempre seja facil ou possível estabelecer relações de causa e efeito entre os limites dos dialectos e as coincidências geográficas, étnicas e politicas.

J. L. DE V.

(1) *Religiões*, II, 35.
(2) *Religiões*, III, 165.
(3) *Religiões*, III, 559.
(4) *Religiões*, III, 559.
(5) *Religiões*, III, 581.
(6) *Textos Archaicos*, 2.ª ed., pág. 86.

CRÓNICA

O snr. Georges Le Gentil, professor do Liceu de Tolosa, deu na Faculdade de Letras da mesma cidade, em 1913, sete lições consagradas a Portugal, cujos assuntos foram: 1) Camões e a nacionalidade portuguesa; 2) a Universidade de Coimbra; 3) a côrte de D. João III; Camões e Catarina de Ataide; 4) campanhas e viagens na Ásia; 5) origens do sebastianismo; 6) a literatura marítima dos Portugueses; 7) valor histórico dos *Lusíadas*.

(*Bulletin Hispan.*, XV, 492).

Sabemos que o snr. Le Gentil vota muito amor ao nosso país, onde já esteve há anos, para aprender práticamente a língua; por isso é de crer que as suas lições tivessem o êxito que dos méritos do professor se esperava.

A. R. Gonçalves Viana

Uma breve local de um diário lisbonense — um dos poucos periódicos que ao doloroso facto concederam uma local! — trouxe-nos a notícia tristíssima da morte de A. R. Gonçalves Viana, o insigne romanista que tanto honrou a pátria com os seus trabalhos magníficos, e a quem a nossa lingua particularmente ficou devendo valiosíssimos estudos, feitos com o mais dedicado amor patriótico e scientifico.

As suas obras, em que se espelha o saber e o talento extraordinários do saudoso Autor, depressa o tornaram bem conhecido lá fora, nos centros intelectuais da Europa e da América, onde o seu nome é verdadeiramente respeitado e admirado, — respeito e admiração que se reflectem nesta nossa bela terra portuguesa, onde afinal tam esquecido foi sempre o filho venerando que, na morte, não logrou senão a sentida mágoa de uns quantos admiradores liais que sabem amar os autênticos homens de valor — aqueles que modesta mas vigorosamente afirmam o poder da sua inteligência culta, longe das espectaculosas e ôcas enscenações da vida.

E todos deveriam saber que a morte levou nesta hora um dos mais ilustres portugueses do nosso tempo, — e era pela imprensa, erguida ao nivel educativo que a civilização lhe marca, que todos deveriam avaliar a grandeza da perda, conhecendo o esfôrço do cérebro fecundo que se apagou para sempre, e quanto de glória para o seu país grangearam as obras maravilhosas de método, clareza, análise, acuidade critica e saber firme de tam orgulhecedor compatriota.

A pátria deve honrar os trabalhadores que mais a honram, elevando-os bem alto num pedestal carinhoso para que o olhar do povo neles repare envaidecido e para que a terna e simples

alma portuguesa aprenda a amar os sábios, cuja glória redunda em glória do país natal, dos concidadãos enfim.

— Pois não parte a alma ver passar quási em absoluto silêncio a morte de um homem da categoria de A. R. Gonçalves Viana?!

* *

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana faleceu em Lisboa — cidade onde nascera —, no dia 13 do corrente mês de Setembro, com 74 anos de idade.

Era filho do notável actor Epifânio. Quando êste morreu, em 1857, encarregou-se êle, apenas com 17 anos, do sustento de três pessoas de família, para o que se viu obrigado a abandonar o curso de comércio que freqüentava e a entrar como aspirante na Alfândega de Consumo. Aí cumpriu os seus deveres diligentemente, e a sua fôlha de serviços como funcionário público mostra o zêlo e a proficiência com que desempenhou os lugares que sucessivamente foi ocupando até ser chefe da 1.ª Repartição da Alfândega de Lisboa, assim como a especial consideração que merecia aos seus superiores hierárquicos, que muitas vezes o indicaram e nomearam para fazer parte de comissões várias em serviços relativos a assuntos alfandegários, no que êle se houve sempre com distinção e brilho.

* *

Mas foi como homem de letras e de sciência que Gonçalves Viana se celebrizou.

Os seus trabalhos puramente literários são poucos.

Escreveu artigos de crítica literária em diversas revistas e periódicos. Mencionaremos, por exemplo, *João de Deus* na **Revue Hispanique,** que foi publicado em separata [16 pág.]. Outros dêsses artigos reproduziu-os na III parte *(Várias)* das **Palestras filolójicas** [Lisboa, 1910; 296 pág.].

Quando a **República,** diário de Lisboa, fez um «inquérito à vida literária portuguesa», a opinião do ilustre filólogo, publicada em o número de 14 de Setembro de 1912, salientou-se como uma das mais serênas e valiosas. Também no mesmo periódico lisbonense (n.º de 2 de Abril de 1914) foi registada a opinião dêle acêrca do «mais belo livro dos últimos 30 anos».

Traduziu Gœthe — *Mágoas de Werther* —, lorde Lython — *a Casa dos Mêdos* — , Cantu — *a Afogada*, episódio do romance *Margherita Parterla*. As suas traduções eram feitas dos textos originais; êle conhecia minuciosamente diversas línguas que falava e escrevia tam perfeitamente como a portuguesa. E por êsse conhecimento vasto e profundo das línguas que traduzia e da língua para que traduzia, pode o leitor avaliar a precisão e excelência das suas traduções.

A capacidade que possuía para o estudo e prática das línguas era prodigiosa. Dificilmente aparecerá poliglota e foneticista que se lhe iguale. Falava correctamente o espanhol, o italiano, o francês, o inglês, o alemão, sabendo também russo, sueco, dinamarquês, holandês, provençal, vasconço, húngaro, etc., alêm de grego e latim. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, em 1895, apreciando a **Exposição da pronúncia normal portuguesa** de G. Viana, diz [*Revista Lusitana*, III, 372]:

... «mostrava não só particular aptidão para os estudos phonologicos, e segurança na applicação dos methodos scientificos, mas tambem largo conhecimento de linguas. Com effeito o Sr. Gonçalves Viana é ao mesmo tempo glottologo e polyglotta: conhece mais de quinze linguas, entre vivas e mortas, fallando algumas com tanta perfeição, que, uma vez, que foi a um congresso estrangeiro onde se encontrou com muitos glottologos e homens de lettras, passou por ter differentes nacionalidades, supondo-o hespanhol os hespanhoes, italiano os italianos, francês os franceses, etc.»

Mas não conhecia só línguas europeias, também sabia um pouco de malaio, árabe, prácrito, concani e sânscrito. Não lhe era desconhecido o persa, o chinês, o japonês... Enfim, rara era a língua de que êle, pelo menos, não tivesse luzes.

Com modéstia, nas **Palestras Filolójicas** [pág. 191], diz o singular poliglota: «o leitor talvez fique supondo que eu sei japonês, e que estou aqui a lançar pregão para adquirir discípulos. Previno-o de que neste sistema planetar japónico eu sou lua e não sol: toda esta luz é emprestada»... E, no entanto, em nada menos de 24 páginas, êle dá-nos claras e precisas informações acêrca da «língua do Japão»,— revelando exuberantemente as suas faculdades surpreendentes de assimilação de línguas.

* *

O primeiro trabalho que tornou, num instante, conhecido e apreciado nos paises estranjeiros o nosso principal foneticista foi o *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne* [Paris, 1883; 70 pág.], que tal foi o titulo com que o Autor o imprimiu em separata da revista parisiense **Romania,** onde fôra antes publicado no vol. XII.

Já no ano anterior, em 1882, Gonçalves Viana havia escrito n-**O Positivismo** (1), a propósito de *os Cantos flamengos (Die* «**Cantes Flamencos**») do snr. H. Schuchardt, publicados na **Zeitschrift für Romanische Philologie** [V. Band, 2 u. 3 Heft. 1881], dois excelentes artigos «com os quaes — diz o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (2) — como que inaugurava em Portugal o estudo scientifico da phonetica physiologica portuguesa. Esses artigos não são um trabalho geral de phonetica: esta sciencia vem ahi por incidente: mas archivão-se lá vários factos interessantes da nossa pronúncia e applica-se um methodo que até então se não havia ainda entre nós applicado com rigor».

O **Essai...** foi depois refundido e ampliado; o Autor destinava-o, assim remodelado, à X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas que se devia realizar em Lisboa e que ao cabo se não realizou. Foi então publicado com o título *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros* [Lisboa, 1892; 106 pág.]. A 2.ª parte dessa obra *(Pronúncia normal portuguesa)* já tinha sido inserta, como introdução, na edição do canto primeiro dos *Lusíadas,* feita por Sales Lencastre, em 1892 tambêm.

Neste aspecto, G. Viana — que ainda publicou vários outros estudos fonológicos, adeante enumerados — conquistou indelével renome, sendo citado e estimado por todos os glotólogos. É excepcional o seu poder de análise; a sua agudeza de observação dos sons surpreende. E os assuntos são tratados com exactidão, nitidez e rigoroso método scientifico.

(1) Quarto ano, n.º 1 (pág. 71-80) e n.º 2 (pág. 164-170).
(2) *Revista Lusitana,* III, 372.

* *

Cedo começou a estudar e a divulgar a simplificação regularizada da ortografia portuguesa.

Essa iniciativa, que tantos obstáculos encontrou, comprova uma argúcia e uma pertinácia dignas da mais entusiástica e grata homenagem.

A simplificação começou a ser propagada na «*Enciclopédia de ciência, arte e literatura — Biblioteca de Portugal e Brasil*», de que eram editores técnicos, além de G. Viana, — G. de Vasconcelos Abreu e Z. Consiglieri Pedroso. O 1.º volume da colecção literária dessa enciclopédia foi a tradução do romance *Mágoas de Werther*, a que já nos referimos.

Em 1885, com o orientalista G. de Vasconcelos Abreu, também já falecido (em 1 de Fevereiro de 1907), G. Viana publicava as **Bases da ortografia portuguesa** [Lisboa, 1885; 14 pág.], impressas para circular livremente, em que os autores expunham «os principios mais gerais em que assenta a reforma ortográfica» por êles iniciada na dita *Enciclopédia*.

Com pequenas variantes, a fim de se facilitar mais a sua propaganda, — onde as bases dessa inteligente e scientifica simplificação uniformizada se encontram nitidamente expostas e comentadas é na **Ortografia Nacional** [Lisboa, 1904; XVI-454 pág.], obra que a todos os respeitos é notável, realmente útil e patriótica, traçada com inexcedível clareza e meticulosidade. Baseia-se fundamentalmente êste livro no «Questionário» nêle inserto ao princípio, depois do «Prefácio», — questionário que o Autor havia lido, por decisão da 2.ª classe da Academia Rial das Sciências de Lisboa, em sessão de 10 de Maio de 1900 e que por ordem da mesma classe tinha sido impresso [1] e distribuído (sob proposta de G. Viana) por todos os sócios efectivos e correspondentes nacionais.

A **Ortografia Nacional** inclui, para o fim, um «índice alfabético remissivo», impecávelmente ordenado, que facilita imenso o manuseamento da obra e que é uma ajuda que o estudioso olha com gratidão e que sempre fôra óptimo encontrar em todos os congéneres livros de estudo e consulta.

[1] *Proposta de um questionário para se formularem as regras de ortografia portuguesa uniforme*. Sep. do **Boletim** da Academia: Lisboa, 1900.

G. Viana fez uma propaganda empenhada da simplificação e regularização da ortografia portuguesa, havendo também publicado artigos em tal sentido. Apontaremos os que sob o título *Ortografia portuguesa* publicou na revista de Viana-do-Castelo **Límia** [I, 85-86 e 111-113] e o dado à estampa na **Esquerda Dinástica** de 13 de Dezembro de 1899.

Um trabalho, porêm, que muito concorreu para a propaganda e uso da sua reforma ortográfica foi o **Vocabulário ortográfico e ortoépico da lingua portuguesa** [Lisboa, 1909; XXXVI-943 pág.], esplêndido guia para os que, desprezadores de discussões e estudos, apenas desejavam conhecer os resultados práticos dessa reforma para a executarem. No prefácio, resumiu o Autor as bases da simplificação, segundo a **Ortografia Nacional,** e no fim, em apêndice, incluiu um explícito quadro das Conjugações com todas as formas que motivem alterações ortográficas e ortoépicas.

Em 1911, sendo Ministro do Interior o snr. Dr. António José de Almeida, foi publicada uma portaria (de 15 de Fevereiro) no *Diário do Govêrno* (do dia 17) em que se nomeava uma comissão «encarregada de fixar as bases da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos e publicações oficiais, e bem assim de organizar uma lista ou vocabulário das palavras que possam oferecer quaisquer dificuldades quanto à maneira como devem ser escritas».

Dessa comissão, que agregou a si vários filólogos e um professor de instrução secundária, que é jornalista, fazia parte Gonçalves Viana, que ia enfim ver realizado o seu persistente sonho que era também o de muitos.

Escolheram-no a êle para relator. O seu *Questionário* fôra tomado para base da reforma, e o seu plano foi aceito com pequeníssimas diferenças.

O relatório dessa comissão, que se tornou crèdora de eternos louvores, foi aprovado pelo snr. Ministro do Interior a 1 de Setembro de 1911 e publicado no *Diário do Govêrno* do dia 12 dêsse mês. Logo apareceu uma edição oficial «novamente revista pelo relator» [**Bases para a unificação da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e publicações oficiais;** Lisboa, 1911; 49 pág.] e que contêm os documentos oficiais que antecederam a decisão do Govêrno Provisório da República Portuguesa.

Depois G. Viana publicou o **Vocabulário ortográfico e remissivo da Lingua portuguesa** [Lisboa, 1912; 650 pág.)

segundo a ortografia oficial, e que era o complemento da reforma que fôra decretada e bem aceita. São perto de 100:000 os vocábulos que traz, entre êles muitos registados pela primeira vez.

É acompanhado de um formulário ortográfico conforme o plano da regularização e simplificação da escrita portuguesa e de um apêndice acêrca da ortografia dos verbos, — idênticamente ao que o Autor fizera para o **Vocabulário ortográfico e ortoépico.**

* *

Os Vocabulários de que falámos agora, sôbre serem guias utilíssimos para a prática da ortografia oficial [1], contribuem grandemente para o enriquecimento e melhora do léxico português.

São muitos os vocábulos que aí se registam, sem que ainda houvessem sido incluídos nos dicionários portugueses, como já dissemos. Uns dêles colhidos directamente pelo Autor; outros, extraídos de glossários publicados por diversos estudiosos.

O **Vocabulário ortográfico e ortoépico** traz inúmeras etimologias que fixam a boa escrita das palavras portuguesas correspondentes.

Subsídios para o aperfeiçoamento do léxico português, encontram-se ameúde nos livros de A. R. Gonçalves Viana e em escritos seus esparsos por gazetas e revistas. Alguns dêstes estão reünidos nas **Palestras Filolójicas,** (1 parte: *Vocabulário*). E não devemos deixar de indicar, a propósito, os seus numerosos artigos de crítica bibliográfica, dados à estampa em diversas publicações periódicas, entre as quais citaremos o **Positivismo** e a **Revista Lusitana,** e em que se encontram não poucos materiais lexicológicos.

A obra, porêm, que mais vastos e importantes serviços prestou à nossa lexicologia é a que se intitula **Apostilas aos dicionários portugueses,** em dois grossos tomos [I, A-H, XIV-560 pág.; II, I-Z, 600 pág. — Lisboa 1906]. São nela coligidos muitos vocábulos e acepções não mencionados até então nos dicionários, são acertadas grafias e estudados étimos em grande número

(1) O primeiro **Vocabulário** foi pôsto à venda em 1911, contendo no «Prefácio» a notícia das divergências ortográficas que é preciso tomar em conta para boa utilização dêle. [Lisboa, 1911 (na capa); XXXIX-943 pág.].

e são bastos os documentos e abonações que valorizam tóda essa monumental obra em que exuberantemente se revela a alta competência que o autorizado erudito fazia salientar em tudo quanto escrevia. É um trabalho primoroso, «fruto de longos anos de estudo e de leitura» e da profunda sabedoria e viva inteligência do Autor.

A uns reparos que o Sr. Gomes de Brito [na *Rev. Lus.* XIII, 46 e segg.] e nós [*Rev. Lus.* XIII, 83] fizemos às **Apostilas,** respondeu G. Viana na mesma Revista, XIV, pág. 36-40, num artigo epigrafado *Lexicologia*.

A. R. Gonçalves Viana foi também nomeado pelo Govêrno Provisório da República Portuguesa (Portaria de 15 de Fevereiro de 1911) para fazer parte da comissão encarregada de estudar as bases sôbre que há de ser elaborado o dicionário da língua portuguesa.

* *

Amante como era da língua do seu país, não podia A. R. Gonçalves Viana deixar de ser um escritor vernáculo e sentinela atento da pureza dela.

Nos seus livros, de linguagem castiça, absolutamente portuguesa, e em que não raro transparece um apreciável sabor literário, castigam-se com energia os barbarismos dispensáveis e tolos e insta-se pelo aportuguesamento racional das palavras estranjeiras sem as quais de todo em todo não possamos passar.

A nomenclatura geográfica, que tam adulterada tem andado e que se está adulterando cada vez mais, mereceu especial atenção ao douto filólogo, que se esforçou por que se restabelecessem os nomes geográficos tradicionais e se aportuguesassem os nomes estranjeiros que ainda não tivessem forma portuguesa.

Em 16 de Janeiro de 1899, A. R. Gonçalves Viana, em nome da secção de ensino geográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa, apresentou à assembleia geral desta instituição um parecer (1) acêrca da nomenclatura em questão, parte do qual o Sr. Dr. Cândido de Figueiredo incluiu no *Apenso geográfico* do seu **Novo Dicionário da Língua Portuguesa,** «em vez de preâmbulo» (juntamente com um seu artigo). Essa parte do

(1) *Relatório acêrca da «Secção de ensino geográfico»*, Sep. do **Boletim da Sociedade de Geogr. de Lisboa.**

parecer de Gonçalves Viana encontra-se na 1.ª e na 2.ª edição do **Novo Dicionário,** e ainda na separata que do referido *Apenso* (da 1.ª ed.) foi publicada sob o título *Subsídios para um Diccionário Geográphico ou Indículo alphabético de vários nomes geográphicos* etc.; Lisboa, 1900.

O eminente filólogo fez parte da Comissão nomeada por portaria de 10 de Maio de 1900 (inserta no *Diário do Govêrno* do dia 15) para proceder ao estudo e revisão geral e especial da nomenclatura geográfica portuguesa e preparar e organizar os convenientes índices nomencladores que devessem ser oficialmente adoptados, — a fim de que se obviasse — palavras da portaria: — «á lamentável confusão e licença que se têem introduzido no emprego da nomenclatura geographica portugueza, quer apellativa, quer nomeadamente propria, e ainda em diplomas importantes da administração pública» e se restabelecesse «a antiga e boa nomenclatura geographica, quer em relação ás normas, formas e equivalencias da lingua e da tradição patria, quer á orthographia e pronúncia dos termos geographicos ainda não nacionalisados».

Essa Comissão, nomeada em virtude de uma representação da Sociedade de Geografia de Lisboa, não concluiu infelizmente os serviços de que foi incumbida,—mas G. Viana não deixou de lhe apresentar o trabalho de que fôra encarregado: um plano de «uniformização e regularização dos nomes pertencentes a idiomas escritos com os alfabetos romano, gótico e clementino ou esclavónico», — plano que a Comissão aprovou, «como devendo servir para base de trabalhos ulteriores sôbre tal objecto» (1).

Êsse plano de romanceação portuguesa foi mandado imprimir pela Sociedade de Geografia de Lisboa; intitula-se **Bases da transcrição portuguesa dos nomes estrangeiros** [Lisboa, 1900]. O leitor encontra-o reeditado na **Ortografia nacional,** cap. VII (pág. 227 e segg.), com as considerações que o antecediam apenas em parte reproduzidas e sem as tabelas que o acompanhavam, à excepção da última.

O autor aproveita, nêste seu trabalho, com algumas alterações, o que já escrevera no II volume da **Revista Lusitana,** sob a epígrafe *Transcrição portuguesa de nomes próprios e comuns pertencentes a idiomas falados nas colónias portuguesas.*»

O aportuguesamento de nomes estranjeiros é assunto ver-

(1) Vid. **Ortografia nacional,** pág. 226.

sado pelo saudoso romanista não só nos trabalhos a que nos referimos. Nas **Palestras Filolójicas**, por exemplo, encontram-se muitos ensinamentos sôbre êsse objecto.

* *

A. R. Gonçalves Viana também escreveu, em geral com a colaboração de individualidades estranjeiras, vários livros de ensino que foram adoptados em as nossas escolas oficiais: «Selectas» e «Gramáticas» das línguas francesa, inglesa e alemã.

Indicaremos os seguintes, aprovados para o ensino secundário oficial:

— *Leituras allemãs, trechos elementares de leituras allemãs*, com notas e *um vocabulário*. III classe do curso dos Lyceus. (Colaboração de Th. Beck). — Lisboa, 1897.

— *Selecta de Leituras inglesas faceis* (colaboração de J. C. Berkeley Cotter) — Lisboa, 1897; XXV-293 pág.

— *Grammatica inglesa para II e III classes do curso dos Liceus*. — Lisboa, 1907; VIII-98 pág.

— *Manual de Phraseologia inglesa para uso da III, IV e V classes dos Lyceus* (colaboração de J. C. Berkeley Cotter).

— *Selecta inglesa pequena, ou Leituras elementares da língua inglesa* (colaboração de J. C. Berkeley Cotter).

— *Grammatica franceza* (colaboração de R. Foulché-Delbosc). — Lisboa, 1899; IV-475 pág. (1).

— *Resumo da Grammatica francesa para I, II e III classes do Curso dos Liceus* (colaboração de R. Foulché-Delbosc). — Lisboa, 1907; 198 pág.

— *Narrations françaises, prose et poésie*, par Jean Chèze, annotées par A. R. Gonçalves Viana — I, II, III classes.

— A *Selecta do Autores Franceses — prosa e poesia* —, de João Chèze [Lisboa, 1897; XVI-441 pág.], que foi adoptada nos liceus, é acompanhada de notas de Gonçalves Viana, a propósito das quais um escritor francês disse: «on voit rarement chez un étranger une connaissance aussi profonde de la langue française; M. Viana connait et apprécie toutes les nuances, toutes les délicatesses de notre langage; il n'hésite pas et ne se trompe jamais» (2).

(1) A edição adoptada nos Liceus é em «ortografia normal», em obediência ao Decreto de 19 de Outubro de 1898, sendo a mudança ortográfica feita pelos editores. A edição original dos Autores foi também posta à venda.

(2) Vid. «Prefácio dos Editores» dessa obra, pág. X-XI.

Fora do regime de classes, também nos liceus foi adoptada a *Selecta de Autores Ingleses — prosa e poesia* (colaboração de J. C. Berkeley Cotter). — Lisboa, 1897; XXXVI-1034 pág.

Êstes livros didáticos, que teem outras edições além das indicadas, são óptimos. As «Selectas» são anotadas com insuperável inteligência; as «Gramáticas» são muito claras e excelentemente ordenadas.

Em muitos passos das suas obras, também A. R. Gonçalves Viana se abeira de questões de gramática portuguesa. Nas **Palestras filolójicas,** dedica-lhes a II parte *(Gramática)*. Em 1884, publicou os **Études de Grammaire Portugaise.** — Lovaina

* *

Além dos trabalhos de que já, neste desvalioso artigo, temos feito menção, G. Viana deu à luz da publicidade, entre outros ainda, mais os seguintes, cuja rápida nota será bastante para o leitor completar a sua opinião acêrca do sábio romanista e da sua obra importantíssima:

— *Estudos glottologicos: Graphica e Phonetica. O Livro da Escrita do Professor Faulmann.* — Pôrto 1881.

— *Deux faits de phonologie historique portugaise.* — Lisboa, 1892.

— *Simplification possible de la composition en caractères arabes.* — Lisboa, 1892.

— *Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa.* — Lisboa, 1894.

— *As ortografias portuguesas.* — Lisboa, 1902.

— *Portugais, phonologie, morphologie, textes.* — Lípsia, 1903.

— *Quantidade prosódica das vogais em português. Diferenciação de sentido.* Sep. da **Revue Hispanique.** — Nova-York, Paris, 1907.

— *Nomenclator,* do Compêndio de História Universal de Consiglieri Pedroso (grafia dos nomes próprios).

— *Macaréo* s. l. e s. d. [4 pág.].

— *Les vocables malais empruntés au portugais,* extr. das «*Mélanges*» *de Charles de Harlez.* — Leida, s. d.

— *António de Andrade* — por C. Wessels, traduzido do holandês. Sep. dos **Estudos,** ano XLIV, parte 77. — Lisboa, s. d.; 25 pág.

São numerosos os artigos que G. Viana deixou n-**O Positivismo, Revista Lusitana, Revista de Educação e Ensino,**

Revue Hispanique, Le Metre Phonétique e outras publicações periódicas. Alêm dos artigos que já citámos, ainda especializaremos um de crítica ao Dicionário português e alemão de Bösche, *in* **Die Neuen Sprachen** (Marburgo, 1898), e outro a respeito de *o Português nos Congressos Orientalistas*, no **Universal,** de 22 de Outubro de 1895.

G. Viana tinha em preparação um **Vocabulário etimológico, português** e um **Vocabulário ortoépico português e brasileiro,** com a colaboração de um filólogo do Brasil e conforme a pronúncia normal de cada uma das duas nações.

* *

O homem eruditíssimo de que vimos falando, e de cuja valia o leitor ajuizará por estas singelas e tôscas notas, era, apesar do prestígio que gozava em todo o mundo culto, de uma rara modéstia.

Era êle membro das mais estimadas sociedades literárias e scientíficas, tanto nacionais como estranjeiras; o seu nome era honrado e querido nos centros intelectuais; as suas obras conseguiam sempre desvanecedores aplausos a sábios dos mais autorizados. Tomou parte em muitos congressos das suas especialidades scientíficas e sempre afirmou a sua superioridade mental, a sua erudição vasta e brilhante. Era ouvido e apreciado. E, apesar de tudo, era modestíssimo, vivendo satisfeito entre os seus livros adorados, desprezando honrarias fúteis, muito longe do público que nem sequer o conhecia de nome e a quem êle nunca pensou em conquistar as infantis e anódinas apoteoses...

Em 1880, desempenhou o lugar de secretário do Congresso de Antropologia pre-histórica, realizado em Lisboa, e desempenhou-o distintamente, como sempre desempenhava os cargos para que o nomeavam. O Ministro das Obras Públicas de então, António Augusto de Aguiar, quis recompensá-lo com a comenda de S. Tiago. Gonçalves Viana rejeitou-a.

* *

A simplicidade era, de facto, uma bela característica sua.

Os novos sempre nêle encontraram um encorajador solícito, um protector atencioso de todas as iniciativas literárias e scienti-

ficas. Comprazia-se em ensinar, jamais deixando de pacientemente desfazer qualquer dúvida fôsse a quem fôsse que se lhe dirigisse, espalhando os seus conhecimentos bondosamente, com uma amabilidade que sobremaneira encantava.

Não obstante a sua inteligência e o seu saber que a tam alto o elevaram, êle vinha até junto de todos, terra a terra, familiarmente, para animar, ensinar e orientar, sem que nunca esboçasse um momento de enfado e sem que abrandasse nunca a sua cativante solicitude.

Era um sábio, um homem de carácter — e um simples. A par de uma eminente figura mental, era uma nobre figura moral.

* *

Com estas linhas, desataviadas embora, queremos nós prestar homenagem, tam sincera como humilde, à memória dêsse vulto inesquecível que a morte impiedosamente arrebatou: ao Português que tanto enobreceu a nossa terra com as deslumbrantes scintilações do seu talento raro: ao Mestre que derramou com o mais arreigado interêsse scientífico ensinamentos preciosos: ao Amigo que, lisonjeiramente, com tantas atenções nos distinguiu e que em nossa alma enternecida deixou imorredoira e funda saudade.

Viana-do-Castelo, 17 de Setembro de 1914.

Cláudio Basto.

BIBLIOGRAFIA

Varia quaedam

Paleographia Iberica de J. M. Burnam, Paris, Champion, 1912. O 1.º fascículo, in-fol., de 80 pág., com 20 estampas, contém muitos extractos de manuscritos portugueses do séc. XII a XV.

— No n.º 2-3 do *Litbl. für germ. u. rom. Philologie*, 1914, col. 66-79, vem um desenvolvido artigo de L. Spitzer acerca do vol. II dos *Estudos da ling. port.* de Julio Moreira: cf. *Revista Lusitana*, XVI, 175 (1); e no n.º 4, col. 119-123, vem outro de D. Luisa Ev acerca d'*O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa* de Leite de Vasconcellos.

A critica literária como sciência, com uma extensa bibliografia portuguesa: por Fidelino de Figueiredo, Lisboa, 2.ª edição, 1914.

— **História da literatura realista,** (1871-1900), pelo mesmo. Lisboa 1914.

— **António Tomás Pires:** opusculo de 28 páginas publicado em Elvas, em 1913, por um grupo de amigos de Pires. Fizeram-se duas edições, uma de papel comum, outra de papel melhor, acompanhada do retrato do falecido. Colaboradores: Adolfo Coelho, António Sardinha, Domingos Lavadinho, Gonçalves Viana, Hipó-

(1) Em *eu lembra-me de ter visto*, frase citada por Leo Spitzer na coluna 74, *eu* significa «cá por mim», «quanto a mim»; a pontuação deve ser: *eu... lembra-me.* — Acerca de *diz que* vid. o que escrevi na *Rev. Lusit.*, IX, 57. — Na col. 79 diz L. Spitzer que lhe não é totalmente clara a frase *bem eu sei* no seguinte passo de E. de Queiroz: «Quem se salvava na tua graça *bem eu sei!*» Isto quer dizer: «já se sabe, pois era (ou sou) eu...» Elipse ironica.

lito Raposo, J. J. Ferreira e Leite de Vasconcellos. — Acerca de Pires, vid. *Revista Lusitana*, XVI, 347.

— Trabalhos de D. Carolina Michäelis:
a) **Lições de Filologia Portuguesa,** Coimbra (1911-1912);
b) **Filologia Portuguesa** (1912-1913);
c) **Lexicologia** (s. d.);
São notas publicadas pelos seus alunos da Universidade de Coimbra.

— **A palavra «momo»** por J. Leite de Vasconcelos (separata do *Boletim da 2.ª cl.* da Acad. das Sc. de Lisboa, 1913).

— **Diccionario de affixos, desinencias e outros elementos de composição,** por Carlos Goes, Rio de Janeiro, 1913.

— Na *Anglia*, nova série, XXVI, 256-260, publicou o Sr. Joseph de Perott um artigo intitulado *Eine portugiesische Parallele zum heiligen Dreikönigsabend.*

— **Sobre um dos usos do pronome «se»,** pelo Dr. José Maria Rodrigues, Coimbra, 1914 (separata do *Bolet. da 2.ª cl.* da Acad. das Sc. de Lisboa, vol. VII).

— **Sentido do Humanismo,** por Hipolito Raposo, Coimbra, 1914.

— No *Anuario da Casa Pia de Lisboa*, Lisboa, 1914, vem a pag. 326 ss um artigo de Urbano Canuto Soares sobre o calão dos alunos da mesma Casa.

— **O psitacismo e o ensino,** por José Santa Rita, Lisboa, 1914.

— **D. Francisco Manuel de Mello,** esbôço biografico, por Edgar Prestage, vol. de XXXVI — 616 pag., Coimbra, 1914.

— **Locuções petrificadas,** por Oscar de Pratt, Esposende, 1914.

— **Fragmentos de una traducción portuguesa de Juan Ruiz,** por A. G. Solalinde (separata da *Rev. de Filologia Española*, t. I).

— **Gil Vicente poeta e ourives,** por A. Braamcamp Freire, Coimbra, 1914.

— **A proposito de alguns modos de dizer e vocabulos arcaicos,** por J. J. Nunes, Coimbra, 1914 (separata do *Bolet.* da 2.ª cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, vol. VII).

— **Critica contemporanea à "Chronica de D. Manuel" de Goes,** por Edgar Prestage, Lisboa, 1914.

— **Portogallo e Italia nel secolo XVI,** por Achille Pellizzari, Napoli, 1914.

— **Contos e fabulas,** por Baltasar Osorio, n.º 1 e 2, Coimbra, 1914 (separata do *Bolet.* da 2.ª cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, vol. VII).

— **Trovas de Luis Anrriques a hũa moça,** por F. Maria Esteves Pereira (separata do *Bolet.* da 2.ª cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, vol. VII).

— **Toponimia,** por A. Gomes Pereira, Esposende, 1914.

J. L. DE V.

REVISTA LUSITANA

VOL. XVIII 1914 N.os 3-4

ADAGIÁRIO PORTUGUÊS

(Coligido das fontes escritas)

Êstes ditos antigos são muito certos.
Jorge Ferreira, AULEGRAFIA, fl. 63.

§ I

Anexins do século XIII a XV

Cancioneiro da Vaticana — Leal Conselheiro — Cancioneiro geral de Garcia de Resende — Refranes do Marquez de Santillana.

A) Séculos XIII e XIV

O mal e o bem — á face vem.

Ouç'eu dizer huũ verv' aguysado
que — *bem e mal sempre na face vem*,
e verdad'é, per com' end' a mi aven,
d'uma dona hu tod'esto ey osmado:
ca de quanto bem na sa face vy
vem end' amigos, tanto mal a mi,
por que o verv' em meu dano é tornado.

Estevam Fernandes d'Elvas (*Canc. da Vaticana*, n.º 219.)

Quem bem serve bem pede.

De *que bem serve*, sempr' oy dizer
que *bem pede*, mais digo-vos de mi,
pero qu'eu gram temp' a, bem servi
hua dona que me tem em poder,

que non tenho que por meu bem servir
eu razom ei de lhe por en pidir
o maior bem dos que deus quiz fazer.
Estevam da Guarda, (Ib. n.º 225.)

Quem passarinhos receia, milho não semeia.
Lá diz o vervo:
cá nunca semeou
milho quem passarinhos receou.
João Soares Coelho, (Ib., n.º 284.)

Servir a dous senhores.
E, amigo, queredel-o oyr:
nom podedes dous senhores servir,
que ambos ajam de vos gracir.
João Ayros, (Ib., n.º 613.)

Bom dia naçeu, com'eu oy,
quem se d'outro castiga e nom de sy.
Id., ib. n.º 615.

Se assy for, por mi podem dizer
que fuy eu a que semeou o sal.
Id., ib. n.º 620.

Quem leve vae, leve vem.
Foy-se o meu amigo d'aqui
sanhudo, porque o nom vi,
e pesar-m' ha; mays oy
huñ verv' antiguo, de mi bem
verdadeyr', e cá diz assi:
quem leve vae, leve x 'ar vem.
Pero de Bardia, (Ib. n.º 713.)

Do que muyto quer a pouco devêm.
E bem entendo que fiz folia,
e dizem verdade per hũa rem:
do que muyto quer a pouco devêm;...
Lopo Jograr, (Ib., n.º 705.)

De longas vias mui longas mentiras.
De longas vyas muy longas mentiras,

est'é vervo antigo verdadeiro.
cá huñ ric'ome achei eu mentireiro . . .
Nuno Fernandes Torneol, (Ib. n.º 907.)

Longe da vista, longe do coração.
E pero muy longe de vós vivi
nunca aqueste verv' antig' achei:
quam longe d'olhos, tam longe de coração.
Fernando Esquyo, (Canc. Vat., n.º 900.)

hum verv' antigo, con sanha que ha:
como lhi cantardes, bailemos a cá.
Ruy Queymado, (Canc. Vat. 907.)

e atende m'el des enton:
que *aquel é guardado*
que desguarda . . .
Píro da Ponte. (Canc. Vat. n.º 566.)

Quem leva o bayo não leixa a sela.
(Canc. *Colocci-Branc*. n.º 368.)

Castanhas exidas, velhas ao souto. — (Id., Canc. n.º 375.)
Sentage acabada, velhas ao souto. — *Reça* (Minho.)

se hũa vez assanhar me fazedes,
saberedes quaes peras eu vendo.
(*Colocci-Br*. n.º 364.)

Avuytre comestes, que adevinhades.
(Canc. Vat. n.º 321.)

Qual ric'omem, tal cavallo,
tal concelho tal campana.
D. Affonso Lopes de Baiam, (Ib., n.º 1082.)

Dos escarmentados se fazem os ardeyros.
Affonso Soares (Ib., n.º 1155.)

O que perdeu nos alhos quer cobrar nas cebolas.
Id. (Ibid., n.º 1156).

A boy velho nom lhi busques abrigo.
Marinha Crespa, sabedes filhar
en o paaço sempr' huũ tal logar,
en que am todos muy ben a pensar
de vós; e porem diz o verv' antigo:
a boy velho nom lhi busques abrigo.
Pero da Ponte, (Ib., n.º 1162.)

Coçar-se com a mão do peixe.
aquel que vos filhe nunca vos leixe,
e moura en por vós como'é razon,
et poys ficardes con el des enton
coçar-vos-edes com a mão do peixe.

D. Affonso Sanches, (Ib., n.º 25.)
(É tambem usado por Jorge Ferreira de Vasconcelos.)

B) Século XV

Diz o exemplo:
Dime com quem viveste, e direyte as manhas, que as.
D. João I, (Libro de Monteria, fl. 9 (ms. Bibl. Nac.).

Vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te farás.
Elrei D. Duarte, *Leal Conselheiro*, fl. 223.

Ante de feito, conselho; e depois esforço.
(Ib., p. 375.)

Toda cousa que se faz entre vós, guardada ordem e tempo se faça.
(Ib., p. 375.)

Donde muytos se perden e poucos se salvam, todos devem seer guardados.
(Ib., p. 224.)

Nom te fiees se nom queres seer enganado. (Ib., p. 258.) —

É imitação do italiano: *Non te fidare, si ne vuvi esser gabloto.* E tambem: *Che sí fida rimane enganate.* El rei Dom Duarte alude à tradição italiana, dizendo: «aquele dito de Itallya».

Quem em hum peccado falece, em todos he culpado.
(Ib., p. 217.)

Quem fallece em hum pecado, em todos he digno de culpa.
(Ib., p. 132.)

Quem sua fama despresa, mesquinho he.
(Ib., p. 132.)

Quem teme a morte, perde o prazer da vida.
(Ib., p. 118.)

Quem teme a morte, perde quanto vive.
Ib. (Tradução dos Provérbios de Catão.)



C) Provérbios glosados

Qua se dissesse o que sey,
muyto papel gastaria
á custa de um senhor
que não quer bem ós que guastam;
e nam queiraes mais penhor,
porqu' *a bom entendedor*
poucas palavras abastam.
D. Martinho da Silveira, (Canc. ger. t. I, 441.)

Dizem que *os escarmentados*
que *se fazem dos arteiros:*
poys vós, mais dos mais penados,
namorado dos namorados,
que soffrestes taes marteyros,
Poys seus males todos vistes,
day ó demo este cuidado!
alembre-vos quem servistes

que fez vossos dias tristes,
amador muy desamado!

Duarte de Brito, (Canc. geral, t. I, p. 319.)

(Caça, guerra e amores)
por um prazer cem dores.

Aurique da Mota, (Canc. ger., III 473.)

D) Marquez de Santillana

(N. B. — Os seguintes anexins tirados dos *Refranes que dicen las viejas tras el fuego,* do **Marquez de Santillana,** são ainda hoje populares em Portugal).

A pão duro dente agudo.
Aonde te querem muito, não vades a meudo.
Antes que cases, cata o que fazes, que não é mal que assim desates.
Amor de menino, agua em cêsto.
A velhaco, velhaco e meio.
Asno morto, cevada ao rabo.
Arremenda o teu pano, chegar-te ha para todo o ano.
Asno de muitos, lobos o comem.
Para tudo há remédio, menos para a morte.
Paga o justo pelo pecador.
Chega-te aos bons e serás um d'eles.
Até ao lavar dos cêstos é vindima *(Al lavar de los cestos faremos la cuenta).*
Ao villão, dá-se-lhe o pé e toma a mão. *(Al judio, datle un palmo e tomará quatro).*
Ao homem pela palavra, e ao boi pelo côrno.
Assim se mete como o piolho por costura.
A bom entendedor poucas palavras.
A lá vam leis onde querem reis.
Tenhamos paz e morreremos velhos.
Digo-vol-o nóra; e entende-m'o sógra.
Antes quebrar que torcer.
Bem canta Martha depois de farta.
Boi solto lambe-se todo.
Viva a galinha com sua pevide.

Bezerrinha mansa, mama a sua e mama a alheia.

Tantas vezes vae o càntaro à fonte até que lá fica.

Cantar mal e porfiar.

Cabra vae pela vinha; qual mãe tal filha.

Calem barbas e falem cartas.

Carne, carne cria; e peixe, água fria.

Villão em casa de seu sôgro.

De longas vias, longas mentiras.

Dádivas quebrantam pênhas.

Do rio manso me guarde Deus, que do forte me guardarei.

Do contado come o lobo.

Deus me dê contenda (me mate) com quem me entenda.

Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens. *(Dime con quien andavas, é decirte-he que fablavas.)*

De hora em hora, Deus melhora.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes. *(Dá Deus fabas á quiem non tiene quéxadas.)*

Do pão de meu compadre uma bôa fatia a meu afilhado.

Disse a panela à certã: Arreda-te para lá, não me enfarrusques.

Nunca do rabo de pôrco bom virote.

De ruim a ruim, quem acomete vence.

Com raiva do asno virar-se á albarda. *(De que non pueden al asno, tornou-se al albarda).*

Amor, dinheiro e cuidado, não está dissimulado. *(Dineros é diablos no se pueden encobrir).*

Quem te dá um ôsso, não te quer ver morto.

O lobo faz pela semana, com que ao domingo não vá à missa.

O cão do moleiro, não come, nem deixa comer. *(El perro del ortelano, nin come las verças nin deja comer.)*

Em casa de ferreiro espeto de pao. *(En casa del ferrero, cochillo mangoneiro.)*

Comida feita, companhia desfeita. *(El pan comido, la compañia desfecha.)*

Não vêr tranca no seu olho, e vêr o argueiro no alheio. *(El corcobado non vêe la su corcoba sinon el agena.)*

Cada terra com seu uso.

Com teu amô não jogues as pêras, que êle come as maduras e dar-te-há as verdes. *(En burlas nin en veras con tu señor non partas pêras.)*

Quanto mais ricos, mais malditos. (Cintra).

«e tambem o dito que diz: *Por tua lei e Rey e grey morrerás*.

«E fallo isto, porque me lembram huns riffoens, que se dizem: *Bento he o barão*... e *Gato escaldado de agua fria tem medo*; e *Quem mete a mão entre duas pedras*; a amisade que se trata por acquirir alguma cousa: *A cousa acquirida, a amisade perdida*.»

Cartas sobre o caso do Duque de Bragança.
(Ap. Annaes das Sciencias e das Lettras, t. I, p. 415.)

Tempos havia para usar de coruja,
E outros tempos para usar como falcão.

(Dito de D. João II a Lopo de Figueiredo.
Ib. p. 561).

Quem adiante não olha atraz fica.

O Lobo e a Golpelha (*Vulpecula*, raposa) todos são de uma conselha.

Filho alheio, mete-o pela manga, e sair-te há pelo seio.

Filho és e pai serás, como vires assim farás (qual ficieres tal avrás.)

Foi Maria à fonte, e trouxe que contar todo o ano. (Fué la negra al baño e teve que contar un año.)

Faze bem, não cates a quem.

Mais vale um toma, que dois te darei. (Faré, faré; mas vale un toma, que dos te daré.)

Fui a casa da minha visinha e envergonhei-me; vim para minha casa e remediei-me. (Fuy á mi vecina é envergonceme; volvi á mi casa é consoléme.)

Graeiro a graeiro, enche a galinha o papeiro.

Gato miador, nunca bom caçador.

Graças a minhas mãos; que a vontade de Deus bem conhecida era.

A mulher e a sardinha, quer-se pequenina. (La muger é la sardina, de rastros en el fuego.)

O que fôr soará.

A minha terra é aonde me vai bem. (La tierra que me sé, por madre me la he.)

Uma mão lava a outra, e ambas lavam o rosto.

O que o bêrço dá, a tumba o leva. (Lo que en la leche se mama, en la mortaja sale.)

O que a loba faz, ao lobo apraz.

Quem diz a verdade, não janta cá hoje.

Ralham as comadres, descobrem-se as verdades. (Mal me quieren mis comadres, porque digo las verdades.)

Muitas festas danam a noiva.

Morra Martha, morra farta. (Muera gata, é muera farta.)

Atraz de mim virá, quem bom me fará. (Male vena, que bueno te fará.)

Mais vale um passaro na mão, que dois a voar. (Mas val paxaro en mano, que buaytre volando.)

Mais sabe o tolo no seu, que o avisado no alheio. (Mas sabe el loco en su hacienda, quel cuerdo en la agena.)

Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube.

Quem muito fala pouco acerta.

Mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga.

Mata, que el rei perdôa. (Dito de D. João II).

Medo guarda vinha, que não vinhateiro.

Muitos são os amigos e poucos os escolhidos.

Antes magro no mato, que gordo no prato. (Mas vale flaco en el mato, que gordo en el papo del gato.)

Morto é o afilhado por quem tinhamos o compadrado.

Morra Sansão e quantos aqui estão.

Madrasta, o nome lhe basta. (Nem de pasta.)

Mais dá o duro que o cru.

Mal de muitos, goso é.

Parentes, são os dentes. (Mas caros tengo mis dientes, que mis parientes.)

Falar no máo, aparelhar o páo.

Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.

Não vou lá, nem faço minga.

O diabo não é tão feio como o pintam. (Non es tan bravo el Leon como le pintan.)

Mijar à parede. (Nen son todos omes los que mean á la paret).

O bem é conhecido só depois de perdido.

Não é pelo ovo, mas é pelo fôro.

Não há peor surdo, como o que não quer ouvir.

Ouro é o que ouro vale.

O sr. João da Cunha, obra feita dinheiro na unha. (Obra fecha, dinero espera.)

O rabo é peor de esfolar. (Ob... aun el rabo está por desollar.)

Cada pôrco tem o seu San Martinho.

Palavras leva-as o vento.—Palavras e plumas o vento as leva.

Pedra movediça não cria musgo.

Quem tem boca vae a Roma.

Quem adiante não olha, atraz fica.

Quem compra e mente, na bolsa o sente.

Quem engana o ladrão tem cem anos de perdão. (Quien burla al burlador, cient dias gana de perdan.)

Brigam dois homens se ambos querem. (Quando uno no quiere, dos non baraxan.)

Quando te derem o bacorinho, bota-lhe logo o baracinho. (Quando te dieren la vaquilla, corre con la sóguilla.)

Quem cospe para o ár, na cara lhe cae. (Quien al cielo cuspe á su cara le cae.)

Quem ama a Beltrão, ama o seu cão.

Quem tem rabo não se assenta. (Quien su rabo alquila, non se asienta quando quiere.)

Quem tem dinheiro faz tudo o que quer.

Quem não pede não o ouve Deus.

Debaixo da ruim capa, está o bom bebedor.

Vão-se os aneis e fiquem os dêdos. (Si os perdieron los anillos, aqui fincaron los dedillos.)

Se Maria bailou, tome o que ganhou. (Si Marina bayló, tome lo que falló). Vid. *Chr. de Condestavel.*

Corno e aperreado. (Sobre cuernos penitencia.)

Quanto tens tanto vales.

Tu que não podes, leva-me ás costas.

Uma andorinha só não faz verão.

Usa e serás mestre (Uso face maestre.)

Uma no papo e outra no saco.

Raposa que muito tarda, caça aguarda.

§ II

Anexins do século XVI

De Jorge Ferreira de Vasconcelos — Gil Vicente — Sá de Miranda — Gonçalo Fernandes Trancoso — António Ribeiro Chiado — António Prestes — Vários.

A) Anexins de Jorge Ferreira

a) Da Comédia ULYSSIPO

Honra e proveito não cabem n'um saco.

«Pera mim seguro tenho gasalhado em muitos que agora se inclinam as minhas artes de *proveito*, antes que as da immortal *honra;* porque diz, *que não cabem em hum saco.*»

Jorge Ferreira, *Ulyssipo*, prol. fol. 4 v.

Mais vêem quatro olhos do que dois.

«Quereis ora que vos diga, mulher? *Mais vêem quatro olhos do que dois.* Essa vossa confiança nada me contenta; etc.»

Id. ib. fol. 4 *v.*

Nem tudo o que diz o pandeiro é vero.

«Praza a Deus que seja como vós dizeis; mas duvidam doutores, e *nem tudo o que diz o pandeiro é vero.*»

Id. ib. fol. 5 edic. 1618.

A la larga, o galgo a lebre mata.

«E neste negocio de amor, se a porfia é sobeja, e a resistencia fraca, pouco tempo se conserva a virtude: a la larga, o galgo a lebre mata.»

Id. ib. fol. 5 (Vid. Santillana).

As cousas duras quebrantam-se com ferro,
E as molles desfazem-se com os dedos.

«E nunca outra cousa vêmos cada dia, senão baratarem as filhas os fundamentos dos paes, por leve gosto proprio: que *as cousas duras quebrantam-se com ferro, e as molles desfazem-se com os dedos.*»

Id. ib. fol. 5 *v.*

Pela semana faz a raposa com que não vae ao domingo á missa.

(Nas egrejas ruraes, quando se mata alguma raposa leva-se para a porta da egreja, no dia da missa, e ali

se dão esmolas ao que a matou.) — «Assim o creio eu, que *pela semana faz a raposa com que não va ao Domingo á missa.*»

Id. ib. fol. 5 *v*

Conhecer culpa é estrada de emenda.

Id. ib. fol. 5 *v*.

Quem porfia mata caça.
A continua goteira faz signal na pedra.

«Tão provido é o espirito namorado; e d'esta maneira arranhava tudo, porque *quem porfia mata caça*, e *a continua goteira faz sinal na pedra.*»

Id. ib. fol. 6.

Inda que muda a pelle a raposa,
Seu natural não despoja.

«D'ahi ficastes vós tão virtuoso, que *ainda que muda a pelle a raposa, seu natural não despoja.*»

Id. ib. fol. 6.

A verdade amarga e a mentira é doce.

Id. ib. fol. 6 *v*.

O uso é mestre de tudo.
Usa e serás mestre.

«Vós, senhora, se me quereis vêr como experimentado, pois *o uso é mestre de tudo.*»

Id. ib., 6 *v*.

Da mata sae quem a queima.

«Tudo ousam, e cometem por cumprirem com uma necessidade, donde se disse: *Da mata sae quem a queima.*»

Id. ib. fol. 6 *v*.

Coruja de serão — agua na mão.

«Mais vos aviso, como virdes escrava ou criada vossa cuchichar com vossa filha de amisade: *coruja de serão, agua na mão,* crêde que ai jaz o negocio, ou se vol-a desculpa sempre de seu máo serviço.»

Id. ib. id. fol. 7.

Acordar o cão que está dormindo.

«humas graciosas que soltam despejos deshonestos por *acordar o cão que está dormindo*, como nisso antrevem especial gosto e conversação, não pode ser bom, nem seguro, antes tem muito certo o perigo ou azo d'elle.»

Id. ibi. fol. 7, fol. 13.

Melhor se resiste á força dos máos, que á conversação.

«Evitae portanto taes conversações em apartando, porque *melhor se resiste á força dos máos que á conversação.*»

Id. ib. id. fol. 7.

Dize-me com quem tratas,
Dir-te-hei as manhas que has.

Id. ib. fol. 7.

No prevêr d'ante-mão está o acertar.

«Por maneira que em tudo haveis de trazer o olho, que no *prever d'antemão está o acertar*; porquanto, quasi sempre falta o bom conselho, quando se torna forçado no perigo do negocio que se consulta.»

Id. ibid. fol. 7.

O bem apercebido está meio combatido.

Id. ibid. fol 7.

Trazer agua no bico.

«E ainda hũa irmã com outra tratarem puridades e risos não entendidos continuamente, *traz muita agua no bico.*»

Id. ibid. fol. 7.

Nunca te vejas julgado de teus inimigos.

Phyl. — Certamente que os homens, parece que não estudaes senão em cuidar, suspeitar e inventar males da innocencia das mulheres.

Uly. — E ellas em contraminar nossos contos, e apurar nossas suspeitas.

Phyl. — Por isso dizem bem: *Nunca te vejas julgado de teus inimigos.*

Id. ibid. fol. 7 *v.*

A doçura tira nôjo.
E a cordura abre olho.

«Ora olhae pelo virote, que *a doçura tira nojo e a cordura abre o olho:* não vos descuideis de cousa que requere tanto cuidado.»

Id. ib. fol. 8.

A mais certa alcoviteira que filhas têm
E' sua propria mãe.

«e a vós culpas suas vos parecem rosas; d'onde acontece muitas vezes, que *a mais certa alcoviteira que filhas têm he sua propria mãe.*»

Id. ib. fol. 8.

Siso em prosperidade,
Amigo em adversidade,

Mulher rogada, casta?
Raramente se acha.

Ib. ib. fol. 9.

Pouco fel faz amargo muito mel.

«E sabeis que cousa é embicar em alguma culpa, ou nodoa de má suspeita? *pouco fel faz amargo muito mel;* e com muitas obras boas nada se merece com o mundo, e com uma má desmerece-se tudo porque:

De pequena bostella
Se levanta grande mazella.

Id. ib. fol. 9.

Não vêjo mata donde lobo saia.

«eu vejo vossas filhas muito quietas, não ociosas, e bem descuidadas do mundo, *não vejo mata donde lobo saia;* passa a semana que não lavam rosto, nem prègam alfanete.»

Id. ib. fol. 9.

Cada bufarinheiro louva suas agulhas;

«Todavia sois mãe, cuidaes que é bom tudo o que ellas fazem; crédes-lhe tudo o que vos dizem, e *cada bufarinheiro louva suas agulhas,* e isto basta.»

Id. Ib. fol. 9 *v.*

A pôrca ruiva, o que faz isso cuida.

«Mal peccado; por vossos bons feitos julgaes vós os alheios, que *a porca ruiva, o que faz isso cuida.*»

Id. ib. fol. 10 *v.*

A quem peneira e amassa,
Não furtes a fogaça.

«Nem mais nem menos *a quem peneira e amassa não furtes a fogaça.*»

Id. fol. 10 *v.*

Do ruge ruge se fazem as cascaveis.

«E como *do ruge ruge se fazem as cascavais*, nada me agradam estes rodeios.»

Id. ib. fol. 10 *v.*

Quando o rio vae cheio, todos os caminhos vão dar á ponte.

Os que namorados são,
No passear se conheceram.

Id. ib. fol. 11.

Asno desovado, de longe aventa as pêgas. } Id. ib. fol. 11.
A burro velho, não buz, buz.

Bèsteiro que mal tira
Prestes tem mentira.

Coração sem arte
Não cuida maldade.

«Vós cuidaes que não ha mais mundo, que o que as vossas filhas dizem? e ellas nunca vos fallam verdade: porque, *besteiro que mal tira, prestes tem mentira:* vós sois com ellas, *coração sem arte não cuida maldade...*»

Id. fol. 11 *v.*

Por um cabellinho
Se pega fogo ao linho.

«Criaste e não castigaste, não creaste, e como já digo, valei-vos dos principios que *por um cabellinho se apega o fogo ao linho.*»

Id. ib. fol. 11 sg.

Pequeno machado derruba grande carvalho.

Pequeno azo faz grande dano.

Qualquer começo é mui perigoso: *pequeno machado, etc.*
Id. ib. fol. 11 *v*.

Pela vigilia se conhece o dia santo.
«Nos seus exercicios e occupações entendereis seus pensamentos, que *pela vigilia se conhece o dia santo.*»
Id. ib. fol. 11 *v*.

Bento é o varão
Que per outro se castiga e per si não.
«Não soffraes em vossa casa o que reprehendeis na alheia, que *bento é o varão que per outro se castiga, e per si não*».
Id. ib. fol. 11 *v*.

Onde fogo não ha, fumo se não levanta.
Id. ib. fol. 11 *v*.

A mulher muito louçã,
Dar-se quer á vida vã.

Pela listra se conhece a touca.

Fazei vós o que bem digo, e não o mal que eu faço.
Id. ib. fol. 12.

A raposa ama enganos,
O lobo cordeiros,
E a mulher louvores.

Do muito desejado é difficil a guarda.
Ninguem tem filhos sem cuidados.
Id. ib. fol. 62.

Beba cada um o vinho e não beba o siso.
«E quereis, se um vilão ruim não tem cabeça nem vergonha, que o imite eu? quereis ora que vos diga? *beba, etc.*
Fol. 14.

Aquelle andará pelas calejas
Que não ha egual renda com as despezas.

«E sabeis que dizem os velhos? *Aquelle andará etc.*»

Fol. 14.

Arrobas não são quintaes,
Nem as cousas são eguaes.

Quem se empena e não tem pena,
Depois se depena, e vive em pena.

Quem a si mesmo não conhece,
Vivendo desfalece.

Ninguem se contenta do seu estado.

Id. fol. 14 *v*.

Costume-se cada hum á sua sorte,
Não se queixará d'ella.

«Por isso disse Seneca: Toda a vida é serviço, *costume-se cada um á sua sorte não se queixará d'ella.*»

Id. ibid. fol. 15.

Não queiras perder o siso
Pelo doudo do teu visinho.

«Como é certo para com fracos juizos serem culpas louvores. Quão pouco sabeis de açor. Como vos não dá de quem hade pagar por todos! Nunca ouvistes? *Não queiras, etc.*»

Id. ib. fol. 15.

Não ha gentileza que chegue á da mulher desinfeitada.
E assás vestida é a bem acostumada.

Jorge Ferreira, *Ulyp.* fol. 150. «*E eu assim digo,* não ha gentileza, etc.»

Casa-te a teu contentamento
Que não é nó que se desata levemente.

Id. ibid. fol. 16 *v*.

Nunca ninguem diga d'esta agua não beberei.

«E encomenda-se a Deus, não lhe caia em casa: *nunca ninguem diga, d'esta agua etc.*»

Id. ib. fol. 17.

Por demais é a decoada
Na cabeça do asno pardo.
Id. ibid. fol 18 *v*.

A mulher e a gallinha
Por andar se perde asinha.
Id. ib. fol. 18 *v*.

Cantaro que vae muitas vezes á fonte
Ou deixa a aza ou a fronte.
Id. ib. fol. 18 *v*.

Dize-me antes que t'o diga.
Id. ib. fol. 19.

Casareis e amançareis.
«Coitados de nós que sômos asnos para levar a carga que nos pôem. Não debalde se diz: *Casareis etc.*»
Id. ib. fol. 19.

Carneiro filho de ovelha
Não erra quem o semelha.
Id. ib. fol. 19 *v*.

Mal vae quem má fama cobra.
Id. ib. fol. 19 *v*.

Fez-nos Deus e maravilhou-se;
Quem gabará a noiva!
Id. ib. fol. 19 *v*.

D'ahi vem a tosse ao gato.
Id. ib. fol. 20.

Lazera o justo pelo peccador.
Id. ib. fol. 20.

Al cuida o bayo, e al quem o sella.
Id. ib. fol. 24 *v*.

A pão duro — dente agudo.
Id. ib. fol. 21 *v*.

Como o burro do Vicente
Cada feira val menos.
Id. ib. fol. 21 v.

Comadres e vizinhas
A revezes hão farinhas.
Id. ib. fol. 22.

Obras são amores, que não bonas razones.
Bom amigo é o gato, senão que arranha. } Id. fol. 22.
Não são tantas las vozes como las nozes.
Id. ib. fol. 22 v.

A quem o demo tomou uma vez sempre lhe fica um geitinho.
Id. ibid. fol. 22 v.

Cantar mal e porfiar.
Id. ib. fol. 22 sg. (Tral-o Dom Francisco Manuel de Mello, nas *Segundas Tres Musas* . . .

Tiradas os azos, tirados os pecados.
Id. ibid. act. 1, sc. 2, fol. 23.

Ninguem por confiança de virtude se offereça a perigos.
Id. ib. fol. 23.

Quem se guardou não errou.
Id. ib. fol. 23.

Nem por muito madrugar amanhece mais cedo.
Id. ib. fol. 23.

Quando Deus não quer, santos não rogam.
Id. ib. fol. 23.

Mais pode Deus ajudar,
Que velar e madrugar.
Id. ib. 23 sg.

Mais vale quem Deus ajuda,
Do quem muito madruga.
(Oral.)

A mulher que não vela,
Não faz larga tella.
Id. ib. fol. 23 v.

O lavor a Judia,
Endereçado de noite, e dormir de dia.
Id. ib. fol. 23 *v*.

A mulher de bondade,
Outrem fale e ella cale.
Id. ib. fol. 23 *v*.

Quem cospe para o céo na cara lhe cáe.
Id. ib. fol. 23 *v*.

O rir e folgar não é peccado.
Id. ib. fol. 24.

Onde ha muito riso
Ha pouco siso.
Id. ib. fol. 24.

O que é bom para o figado
É máo para o basso.
Id. ib. fol. 24.

Bom é missar, e a casa guardar.
Id. ib. fol. 24.

De lá nos venham as pedras d'onde estão os nossos.
Id. ib. fol. 24.

Não te assanhes com a cantiga
Que não t'a dá teu imigo.
Id. ib. fol. 24.

O farto de jejum
Não tem cuidado algum.

Pouco dá o farto pelo faminto.

Com o que Pedro sara, Paulo adoece.

Tudo se estima como se julga.

Onde Deus está onde estava.

A mulher que muito mira
Pouco fia.

Id. fol. 24 *v*.

Quem bem nega, nunca se lhe prova.

A mulher que é boa
Prata é que muito sôa.

Gato damnado
Muitas vezes julga por doce a agua.

Fol. 25.

De ruim cabeça nunca sae bom conselho.
Id. fol. 25 sg.

Ao marido serve como amigo
E guar'te d'elle como imigo.

Mêdo guarda vinha que não vinheiro.

O bem sôa e o mal vôa.
Antes morte que vergonha.

Fol. 26.

De porta cerrada o diabo se torna.
Uma hora cáe a casa, que não cada dia.
O que vosso fôr, á mão vos virá.
Cesteiro que faz um cesto faz um cento.

Id. ib. fol. 26.

Este anexim completa-se com o seguinte:
«Tendo verga e tempo».

Erros de filhos são culpas de mães.

Tempo á chóca,
E tempo a quem a joga.
Ib. fol. 26.

Nem com toda a sêde ao cantaro
Nem com toda a fóme ao cêsto.

Mal haja o ventre
Que o bem não lhe vem em mente.

Quem não olha ao diante, atraz se acha.

Di'me com quem passes
Dir-te-hei o que fazes.

Fol. 27.

Quem com farellos se mistura
Máos cães o comem.

Ninguem vê o argueiro no seu olho, senão no alheyo.

Fol. 27.

Falar do arnez e nunca o vestir, todos o fazemos.
Id. fol. 27 *v*.

O que faz o louco á derradeira,
Faz o sabio á primeira.

Quem dos seus se aleixa
A Deus leixa.

Fol. 28.

Ninguem é muito fiel a quem teme.
Ib. fol. 28 *v*.

Chega-te aos bons, serás um d'elles.
Ib. fol. 28 *v*.

Quem á boa arvore se arrima
Bôa sombra o cobre.

O costume faz nova natureza.

Perdida é a decoada
Na cabeça do asno pardo.

Quem de sandice adoece
Tarde ou nunca guarece.

Fol. 28 *v*.

Não he o demo tão feio como o pintam.

Toda coisa quer seu tempo
E as malvas seu aduento.

A seu tempo nem as uvas,
Quando são maduras.

Se pepinos dessem em dezembro ninguem os comeria.

Fol. 29.

Quem máo pleito tem, a vozes o defende.

Fol. 29.

Quem com damas anda,
Sempre chora e não canta.

Os máos costumes e a emperrada
Quer-se quebrada.

Quem com muitas pedras bate
Em uma se fere.

Quem muitas estacas tomba
Alguma se lhe hade quebrar.

Quem ao deante não cata,
Atraz cáe e malbarata.

Fol. 29 *v.*

Amor com amor se paga.

«Pois todas as almas humanas pretendem seu prémio ou outra coisa, salvo amor que não se paga senão com amor.»

Id. ib. fol. 29 *v.*

Tal cabeça, tal siso.

Ib. fol. 30

Quem não fala não no ouve Deus.

Id. ib. fol. 32.

O casamento é bom de fazer,
Mas quem o hade mantêr
Muito hade saber.

Ib. fol. 32 *v.*

Quem em ruim logar põe vinha
A cortar a tira.

Ib. fol. 32 *v.*

Nem tanto amen, que se damna a Missa.

Id. ib. fol. 32 *v.*

Como a cêra é sobeja
Logo queima a Egreja.

Ib. fol. 32 *v.*

Enfeitae o cêpo
Parecer-vos ha mancebo.

A quem hasde rogar,
Não has assanhar.

Quem mais quer que bem,
A mal vem.

Id. ib fol. 33.

Quem bem tem e mal escolhe,
Por mal que lhe venha não se anoje.

Tal te dizem, tal coração te fazem.

Quer em jogo, quer em sanha,
Sempre o gato mal arranha.

Fol. 33 *v*.

Quem mal e bem não pode soffrer
A grande honra não pode vir ter.

Todo o mal é de quem o tem.

Se mal fizeres, para ti o farás.

Quem comsigo se conselha,
Comsigo se depena.

Hajamos paz, morreremos velhos.

Fol. 34.

Em bocca cerrada não entra môsca.
Quem muito fala, d'ella dana.

A palavras loucas
Orêlhas moucas.

Ao doudo e ao touro
Dar-lhe côrro.

O que se pede, não se alcança de graça.

Id. ib. fol. 34.

Todo o mundo vê o argueiro no olho alheyo e no seu não vê traves. Ib. fol. 34 *v*.

Andar o carro adiante dos bois.

«Mas os velhos d'agora querem ser mancebos, e *anda* assim o demo ás véssas, *e o carro ante os bois.*»

Id. ib. fol. 34 *v.*

Va-se o demo para o demo,
E venha Maria para caša.

Id. fol. 34 *v.*

Pago-me eu do meu amigo,
Que come o seu pão comsigo
E o meu commigo.

Fol. 34 *v.*

Não dá quem tem,
Senão quem quer bem.

Ib. fol. 35.

Quem te dá o ôsso
Não te queria vêr morto.

Quem faz o que pode não é mais obrigado.

«Cada um accude com o que tem e pode, que não he mais obrigado; etc.»

Id. ib. fol. 35.

Quem nunca se aventurou,
Nunca perdeu nem ganhou.

Fol. 35 *v.*

A experiencia é mãe das cousas.
Dos experimentados se fazem os arteirados. } Fol. 36.

Jura má sobre pedra vã.

Id. fol. 36 *v.*

De mulher que perdeu a vergonha não espereis bom feito.

Id. ib. fol. 36 *v.*

Para nunca mais perro al molino.

Id. ib. fol. 38.

Com raiva do asno tornar á albarda.

Id. ib. fol. 38 *v.*

Dar couces contra o aguilhão.

Id. fol. 38 *v.*

Em quanto o mar bonança, todos são bons pilotos.

Id. ib. fol. 40.

Animo livre não tem o corpo sujeito.

Id. ibid. fol. 40.

Da mulher te guarda,
E da bôa não fies nada.

Cães que lobos matam,
Lobos os matam.

Cada um paga por onde pecca.

Fol. 40 *v.*

Tal a mây tal a filha.

De mala berenjena, nunca buena calabaça.

Fol. 42.

Tomar o ferro caldo.

Id. ib. fol. 42 *v.*

(Phrase do tempo em que se fazia ordalio.)

Boi solto delambe-se todo.

«Bem dizem que não tem preço ser livre, que *boi solto delambe-se todo.*»

Id. ib. fol. 44.

Nunca te vejas julgado de quem te mal quer.

Id. ib. fol. 44 *v.*

Mal prolongado,
Morte em cabo.

Por bem fazer, mal haver.

Nace toda a creatura
Com sua ventura.

Id. fol. 44 *v.*

A um falso dois trèdores.

Id. ib. fol. 45.

Mais asinha se toma o mentiroso, que o coxo.

Quem te não ama, em jogo te difama.

Quem pode ser todo seu
E fôr d'outro é sandeu.

Por me fazer mel comeram-me as moscas.

Fol. 45.

Quem mal cae, mal jaz.

Quem crê de ligeiro
Agua recolhe num cesto.

Quem prestes se determina
De vagar se arrepende.

Se Maria bailou
Tome o que ganhou. (Vid. *Chronica do Condestavel.*)

Esquivança aparta amor.

Não cries gallinha hu raposa mora,
Nem crêas lagrimas de mulher que chora.

A máo capellão
Máo sacristão.

A má chaga, má herva.

Quem me não crê, verdade me não diz.

Fol. 45 *v.*

Cada dia peixe, amarga o caldo.

Quem te quer bem, na boca lh'o sentes.

Lá te vae ganho, não me dês pêrda.

Quem seu cão quer matar
Diz que raiva lhe põe nome.

O cão com raiva
Do seu dono trava.

Fol. 46.

Quem mais não pode
Morrer se deixa.

Em casa de ladrão, não falar em baraço.

Se mal me dizes, mal te venha.

Fol. 46.

Algum dia a minha pereira terá pêras.
Quem mais me dá, mais meu amigo he.

Fol. 46 *v.*

Viva quem vence.

A outro perro com esse osso.

Pela boca morre o peixe,
E a lebre tomam-na a peito.

Fol. 47.

Se uma vez perco a vergonha,
Vezo ponhas, que não tolhas.

Os ameaçados pão comem.

Ladre-me o cão e não me morda.

Fol. 47 *v.*

Por um cravo se perde uma ferradura;
Por ela um cavalo, e por um cavalo um cavaleiro,
Por um cavaleiro um campo e por um campo um reino.
Id. fol. 48.

Com teu senhor não jogues as pêras.

Não esteis dize tu direi eu,
Que de calar ninguem se arrependeu.

Quando um não quer dois não baralham

Fala bem não ouvirás mal.

Tão bom é Pedro como seu amo.

Fol. 48.

Quem não deve não teme.

O louco pela pena é côrdo.

Fol. 48 *v.*

O que perde o mez, não perde o ano.

O que se não faz em dia de Santa Luzia
Faz-se n'outro dia.

Fol. 49.

A chaga do amor, quem a faz a sara.
Id. ib. fol. 49.

Renzilha de S. João, paz para todo o anno.
Id. ib. fol. 49.

Ruin sea quien por ruin se tiene.
Id. ib. fol. 50.

Quien no se alaba de ruin se muere.
Id. ib. fol. 50.

Ni el imbidioso medrou
Ni quien cabe el morrou.
Id. ib fol. 50.

Filho alheio,
Braza em seio.
Id. fol. 50 *v*.

Inda que seja tôsca
Bem vejo a mosca.
Id. ib. fol. 52.

De cossaris a cossaris se perdem os barris.
Id. fol. 56 *v*.

Um dado máo duas mãos suja.
Id. ib. fol. 56 *v*.

Serve senhor nobre
inda que pobre.
Id. fol. 56 *v*.

Um mestre de más artes basta a corromper um lado.
Id. fol. 57.

De rabo de porco nunca bom virote.
Id. ib. fol. 58 *v*. Vid. Camões, Disparatesda India.

No bravo mar a tempos se acha bonança.
Id. fol. 61.

Não é pobre senão quem se tem por pobre.
Id. fol. 67 *v*.

A avareza é summa baixeza.
Ib. fol. 61 *v*.

Não é rico o que tem muito,
Senão o que se contenta.
Ib. fol. 62.

Do cobiçoso ninguem é amigo.
Ib. fol. 62.

Mal vae ao rato
Que não sabe mais que um buraco.
«e mais fal-o-hei d'aqui em diante, porque não seja como *o rato que não sabe mais que um buraco*, que se êste me não quer, êste outro me roga.»
Ib. folh. 62.

Se uma porta se cerra, outra se abre.

Não vende quem não tem quê.

Não ha rio que não vá ter ao mar.

Ib. fol. 62.

A máo bacoro boa lande.
Ib. fol. 62 *v*.

Sirvo-te para que me sirvas,
Que não és santo que se adore.

Quem não dá o que deve
Não ha o que quer.

Fol. 62 *v*.

Quem mais vive mais sabe.
Ib. fol. 63.

Nenhuma cousa é tão barata, como a que se compra.
Id. ib. fol. 63.

Veste-te do teu e chama-te meu.

Nunca fies nem porfies,
E' a melhor regra que vistes.

Mais vale um avache, Fol. 63.
Que dois te darei.

Mais vale um passarinho na mão,
Que dois que vão avoando.

O abbade d'onde canta
D'ahi janta.

Ib. fol. 63 (Usado por Camões no *Filodemo.*)

Conta de perto, amigo de longe. *(Contas do Porto).*
Ib. fol. 63 *v.*

Não quero bácoro com chocalho.
Fol. 66.
A verdade Deus a amou.

Foi Maria ao banho,
Teve que contar todo o anno.
Ib. fol. 67.

Pão comesto, companhia desfeita.
Ib. fol. 67.

Quem não conhece que erra
Não soffre ser emendado.
Ib. fol. 67. *v.*

Quem hade fazer do seu proveito
Hade soffrer a pêrda do seu geito.
Ib. fol. 67 *v.*

Não é pelo ovo,
Senão pelo fôro.
Fol. 68.

Quem tem vontade, não conhece razão.
Ib. fol. 68.

Quem morte alheia espera
Longa soga tira.
Ib. fol. 69 *v*.

Não cuides que sabes por ti,
Que esse é o maior perigo dos perigos.
Ib. fol. 68 *v*.

Mais sabe o sandeu no seu,
Do que o sabido no alheio.
Ib. fol. 70.

Casou Maria com Pedro,
Casamento negro.
Ib. fol. 70.

Quem bem sê, não se levante.
Id. fol. 70 *v*.

Antes quero asno que me leve,
Que carvalho que me derrube.
Id. fol. 70 sg. (Este Anexim serviu de thema á farça de Gil Vicente intitulada *Inez Pereira*, em 1523.— Na *Côrte na Aldea*, tambem é citado por Rodrigues Lobo.

Arrenego da tegellinha de ouro em que heide cuspir sangue.
Id. fol. 70 *v*.

Mais vale só, que mal acompanhado.

Antes cabeça de gato,
Que rabo de leão.

Quanto menos fortuna, menos trabalho.

Ninguem subiu que não caisse.

Ande eu quente
E ria-se a gente.

Amores e doces,
Com pão são bons.

Não se ganham truitas
A bragas enxutas.
Fol. 70 *v.* 95.

Mais vale pouco que nada.

Grão e grão, enche a galinha o papo.

A pouco e pouco,
Fia a velha o copo.

Jurado tem as aguas,
Não fazerem das negras alvas.
Fol. 71 *v.*

Se um ruim nos vae da porta
Outro vem que nos conforta.

Quem primeiro anda
Primeiro manja.

Onde amor não entra
Não pode haver fastio.
Id. fol. 72 *v.*

Não sejas priguiçoso
Não serás desejado.

O louvor da virtude está na obra.
Fol. 73 *v.*

Do pão do meu compadre
Grande pedaço a meu afilhado.
Id. fol. 76 *v.*

Boa guerra faz a boa paz.
Id. fol. 77.

Quem pouco sabe, pouco teme.

A doçura de proveito
Tolhe a dor ao dano.

Obras más desacreditam boas palavras.
Id. fol. 80.

Não pode dormir seguro coração receoso.
Id. fol. 81.

Quem melhor dita tiver a Deus agradeça.
Id. ib. fol. 82.

Quem achar remedio primeiro
Ajude parceiro.
Id. ib. fol. 86.

Quem de uma escapa cem annos vive.
Id. fol. 89.

Bom esforço espalha má ventura.
Id. fol. 91 *v*.

Tanto dá a agua na pedra até que quebra.
«Que coisa ha mais dura que o seixo, nem mais molle que a agua? pois já amostrei que tanto dá etc.
Id. fol. 92.

Onde a galinha tem os ovos
Lá se vão os olhos.
Id. fol. 94.

A seu tempo se colhem as uvas, quando são maduras.
Ib. fol. 25.

Inda não selamos, já cavalgamos.
Ib. fol. 95.

Medo hei, bom não serei.
Ib. fol. 95 *v*.

De lá nos venham as pedras d'onde estão os nossos.
Ib. fol. 95 *v*.

Melhor é divida velha, que peccado novo.
Ib. fol. 96.

Emquanto a pedra vae e vem, Deos dará do seu bem.
Ib. fol. 96 *v.*

O que não se faz em dia de Santa Luzia
Faz-se em outro dia.
Ib. fol. 96.

Ama el-rei a treição
E o trêdor não.
Ib. fol. 100.

Arrenego da tigellinha de ouro em que hei-de cuspir o sangue.
Ib. fol. 100.

O que quizeres negar não o dês por escripto.
Ib. fol. 100 *v.*

Antes que casar, cata que fazes,
Que não é nó que desates.
Ib. fol. 102.

Muita monda e pouco grão.
Ib. fol. 102 *v.*

Depois de morto, cevada ao rabo.
Ib. fol. 108.

A fiuza de parentes cata que merendes.
Ib. fol. 112.

Diz a caldeira á sertam:
Tir-te-lá não me luxes.
Ib. fol. 113.

Bem canta o francez molhado o papo.
Ib. fol. 113 *v.*

A palavras loucas, orelhas moucas.
Ib. fol. 120.

Judeu morreu meu pae, judeu quero morrer.
Ib. fol. 132.

Quem porcos acha menos, a cada monta lhe roncam.
Ib. fol. 133.

Onde te querem muito não vas a meudo.
Ib. fol. 133.

Quem mais pouco podér vá debaixo.
Ib. fol. 133.

O palreiro faz o seu amigo mudo.
Ib. fol. 133 *v*.

Não vae por aí o gato ás filhós.
Ib. fol. 133 *v*.

Quem merca e mente na bolsa o sente.
Ib. fol. 134.

A teu avogado e a teu abbade
Sempre dize verdade.
Ib. fol. 134.

D'onde esperança homem não tem
A's vezes lhe vem bem.
Fol. 134.

Nos mais velhos está o bom conselho.
Ib. fol. 134 *v*.

Máos juizos nunca faltam.
Ib. fol. 135.

Se queres ser bom juiz
Escuita o que cada um diz.
Fol. 135.

A boa palavra, em toda a parte cem soldos vale.
Ib. fol. 135 *v*.

Quem fogo quer e chove, a unhas o descobre.
Ib. fol. 136 *v*.

Quem te não roga, não lhe vás a bôda.
Ib. fol. 139.

Quem tôrto nasce, tarde se endireita.
Ib. fol. 148.

Quando Deus não quer, santos não rogam.
Ib. fol. 148.

A mãe e a filha por dar se fazem amigas.
Ib. fol. 152.

Da má mulher te guarda e da boa não fies nada.
Ib. fol. 153 *v*.

Bôcca que diz não diz sim.
Ib. fol. 153.

Quem primeiro anda, primeiro manja.
Ib. fol. 154 *v*.

Dá nó, e não perderás ponto.
Id. fol. 157 *v*.

Cada terra com seu costume.
Id. fol. 158 *v*.

Mal vae a raposa quando anda aos grillos.
Id. fol. 164 *v*.

Quem se bem estreia, bom anno lhe venha.
Id. fol. 164 *v*.

Como tangerdes, assim vos bailarão.
Id. fol. 165.

De largas vias, largas mentiras.
Id. fol. 165 *v*.

Pintar como querer.
Id. fol. 165 *v*.

Quem me quer bem,
Diz-me o que sabe,
Dá-me do que tem.

Id. fol. 166.

Não dá quem tem,
Senão quem quer bem.

Id. fol. 166.

Mais vale um toma, que dois te darei.

Id. fol. 169.

Escusa de máo pagador.

Id. fol. 167.

Dadivas quebrantam penhas.

Id. fol. 169 *v*.

Quem mais mete na barca, mais saca.

Id. fol. 169 *v*.

Quem não dá o que tem, não há o que quer.

Id. fol. 169 *v*.

Tal cabeça, tal sizo.

Id. fol. 169 *v*.

Amor com amor se paga.

«Diz o Castelhano: Se quereis amor, amae; e cá dizemos: *Com amor se paga amor.*»

Id. fol. 170 *v*.

Em ruim gado não ha que escolher.

Id. fol. 170 *v*.

Tal é o demo como sua mãe.

Id. fol. 170 *v*.

Quem feio ama formoso lhe parece.

Id. fol. 171.

O bom dia metel-o em casa.

Id. fol. 172 *v*.

Folguemos emquanto podemos,
Que não faltará outra hora em que choremos,
Inda que não queiremos.

Id. fol. 172 *v*.

Debaixo de má capa, jaz bom bebedor.

Id. fol. 173.

A cêra é sobeja, logo que queima a egrêja.

Id. fol. 175.

Muito pode o gallo no seu poleiro.

Id. fol. 176.

Ganham bons para ruins.

Id. fol. 177 *v*.

Pão comesto companhia desfeita.

Id. fol. 181 *v*.

Um ruim se nos vae da porta,
Outro vem que nos conforta.

Id. fol. 181 *v*.

Vá o demo para o demo, e venha Maria para casa.

Id. fol. 181 *v*.

Em quanto dura o dar, dura o amigo.

Id. fol. 183.

Morto é o afilhado de que tinhamos o compadrado.

Id. fol. 184 *v*.

Do mal o menos.

Id. fol. 190.

Mais vale quem Deus ajuda,
Que quem muito madruga.

Bom esforço espalha má ventura.

Encommendar a Deus, que é santo velho.

Fol. 192.

Como falam no ruim, logo elle vem.
Id. fol. 192 *v.*

Não ha mais Fez.
Ib. fol. 202.

Em tudo quer Pedro ser tão bom como seu amo.
Ib. fol. 208.

Quanto vales, tanto podes.
Ib. fol. 214.

Asno desovado de longe aventa as pêgas.
Ib. fol. 216 *v.*

Correr Seca e Meca.
Ib. fol. 217.

Ir por lá e vir tosquiado.
Ib. fol. 220 *v.*

Inveja me hajas e não piedade.
Fol. 223 *v.*

Pede o guloso para o desejoso.
Ib. fol. 225.

Quando te dão o bacorinho,
Vae logo com o baracinho.
Ib. fol. 225. — (Tambem citado em Gil Vicente.)

Dá-me ventura, deita-me na rua.
Ib. fol. 232 *v.*

Quem casa por amores sempre vive em dores.
Ib. fol. 234 *v.*

Nunca ninguem diga por si — bem estou.
Ib. fol. 244.

O que é bom para o ventre
E' máo para o dente.
Ib. fol. 247 *v.*

Honra o bom que te honra,
E o ruim que te não deshonra.
Ib. fol. 249 *v.*

Se eu fôra adivinha
Não morrera mesquinha.
Ib. fol. 251 *v.*

Dize-me com quem vives,
Dir-te-hei que manhas has.
Ib. fol. 252 *v.*

Official do teu officio, teu inimigo.
Ib. fol. 253.

Cabra mouca dá na outra.
Ib. fol. 257 *v.*

Gato escaldado de agua fria tem mêdo.
Ib. fol. 258 *v.*

Lá vae quanto Martha fiou.
Ib. fol. 250.

Ou morrerá o asno ou quem o tange.
Ib. fol. 259 *v.*

Disse a caldeira á certam . . .
Ib. fol. 261.

El-Rei vae té d'onde pode e não té donde quer.
Ib. fol. 264 *v.*

Nem sempre o demo hade estar detraz da porta.
Ib. fol. 264 *v.*

Quem não se aventurou
Não perdeu nem ganhou.
Ib. fol. 264 *v.*

Quem bem sê, e mal escolhe,
Por mal que lhe venha não se enoje.
Ib. fol. 264 *v.*

O que de cada um for, á mão lhe virá.
Ib. fol. 265.

Quem se apressa a pagar
E' ingrato devedor.
Ib. fol. 265.

Emprestas-te, perdeste o amigo.
Ib. fol. 265 *v*.

Quem bem paga, herdeiro é do alheio.
Ib. fol. 265 *v*.

Depois de morto,
Nem vinha nem horto.
Ib. fol. 266.

Com verdade e com mentira
Casa o bom sua filha.
Ib. fol. 269.

Asno morto cevada ao rabo.
Ib. fol. 269 *v*.

A um ruim, ruim e meio.
Id. fol. 271 *v*.

Quem merca e mente na bôlsa o sente.
Id. fol. 271 *v*.

Debaixo de má capa jaz bom bebedor.
Id. fol. 272.

Bezerrinho que vae mamar, preme-lhe o paladar.
Id. fol. 272.

Colhe cada um segundo semêa.
Id. fol. 274.

Lançar as barbas de môlho . . .
Id. fol. 274.

Deus não dorme.
Id. fol. 275.

De lingua quem quer emenda.
Id. fol. 275.

Quem mais vive mais vê.
Id. fol. 276.

Quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha.
Id. fol. 276 *v.*

Quando se uma porta cerra, outra se abre.
Id. fol. 277 *v.*

B) Anexins tirados da Comedia Eufrosina

(Primeira escripta por Jorge Ferreira)

Mercurio não se faz de todo o pau.
(Proemio, p. 5, ediç. de Farinha).

Quem viver verá a volta que o mundo dá.
Id. ibid. p. 6.

Nem me aquenta, nem me arrefenta.
Id. ib. p. 6.

Meter o rabo entre as pernas.
Id. ibid. p. 6.

Quem faz a casa na praça
Uns dizem que é alta, outros que é baixa.
Id. ib. p. 7.

A palavras loucas, orêlhas moucas.
Id. ib. p. 7.

Tu que sêes na seda,
Qual me vires, tal me espera.
Id. ib. 7 *anexim antiguo.*

A quem hasde rogar,
Não hasde assanhar.
Id. ib. p. 7.

Qual te dizem,
Tal coração te fazem.
Id. ib. p. 7.

O demo sabe muito, porque é velho.
Id. ib. p. 8.

Por bem vas,
Como vires, assim faz.
Id. ib. p. 8.

Sabe mais que *João de Espera em Deus.*
Id. ib. p. 8.

Sey per Andres,
E por outros trez.
Id. ib. p. 8.

Quando o demo nasceu
Já eu engatinhava.
Id. ib. p. 8.

Onde choram não cantes.
Id. ib. p. 9.

Quem se guardou não errou.
Id. p. 9.

Rei sem conselho,
Perde o seu, e não ganha o alheio.
Id. p. 9.

Quem muito fala,
D'ello dana.
Id. p. 9.

A verdade é falar claro.
Id. p. 10.

Quem pergunta quer saber.
Id. ib. p. 10.

Quem viver verá.
Id. ib. p. 12.

Caça, guerra e amores
Por um prazer sem dôres.
Ib. p. 12.

Arrenegae do velho que não adivinha.
Id. ib. p. 12.

Buscar escamas traz a orelha.
Id, ib. p. 13.

Dos velhos é serem palavrosos.
Id. ib. p. 14.

Com raiva de asno
Tornar á albarda.

Ib. p. 17.

Falla Roldão e falla por seu mal.

Ib. p. 19.

Responder ad Ephesios.

Id. ib. p. 20.

Quem do mesquinho se compadece,
De si se lembra.

Id. ib. p. 23.

Para tudo ha remedio, senão para a morte.

Id. ibid. p. 26.

Parirão os montes, nascerá um ratinho.

Id. ibid. p. 27.

Quem o seo ama etc.

Id. ib. p. 27.

Burro de Vicente.

Ib. p. 27.

Soffrer as vaias dos amigos é flagello.

Ib. p. 28.

Vem a ventura
A quem a procura.

Ib. p. 28.

Mais vêem dois olhos do que um.

Ib. p. 28.

Por vida dos Continhos.

Ib. p. 28.

Tanta culpa é ser furioso, como fraco.

Ib. p. 28.

Capitão vencido, não é louvado.

Ib. p. 28.

Tudo se estima,
Segundo se julga.

Ib. p. 28.

O animo nobre é testemunho de si mesmo.

Ib. p. 29.

O amante sabe o qne deseja,
Mas não vê o que lhe cumpre.

Idem, ib. p. 29.

Bom é no mal alheio vêr o que se hade fazer.

Id. ib. p. 29.

O enfermo impaciente, faz o medico ser cruel.

Id. ib. p. 29.

Como silvas velhas para bugalhos.

Ib. p. 31.

O amor nasce da vista.

Ib. p. 34.

Ama el-rei a traição etc.

Id. ib. p. 35.

Não ha atalho sem trabalho.

Ib. p. 35.

Não sejas priguiçoso,
Não serás desejoso.

Ib. p. 35.

Junto da ortiga nasce a rosa.

Ib. p. 36.

Quem não se aventurou
Não perdeu nem ganhou.

Ib. p. 36.

Quem deu a Pedro falar gallego.

Ib. p. 37.

E' melhor vergonha em casa, que manha no coração.
Ib. p. 37.

A necessidade não tem lei.
Id. p. 37.

Quem sabe temer, sabe cometter.
Id. p. 37.

Ruim seja quem, em ruim conta se tem.
Id. p. 38.

Quem bôa ventura tem, a Deus a agradeça.
Id. p. 39.

Mais vale a quem Deus ajuda,
Que a quem muito madruga.
Id. p. 39.

Espada por espada, lança por lança.
Id. p. 39.

Quando fôres a Roma, faze-te romano.
Id. p. 39.

O amor no velho traz culpa,
Mas no mancebo fructo.
Id. p. 40.

Onde vae o pião, vá o ferrão.
Id. p. 41.

Primeiro os meus filhos, e depois os vossos.
Id. p. 41.

Tudo tem seu tempo,
E os nabos em advento.
Id. p. 41.

Estar mais a sabor,
Que a dor.
Id. p. 41.

Sam peitar, faz bom jantar.
Id. p. 41.

Sem rogar não ha logar.
Id. p. 41.

Dadivas quebrantam pedras.
Id. p. 41.

O Abbade d'onde canta, d'ahi janta.
Id. p. 42.

Faze-me a barba, far-te-hei a tosquia.
Id. p. 42.

Veste-te do teu e chama-te meu.
Id. p. 42.

Quem quiser mentir, arrede testemunhas.
Id. p. 42.

Mal avendo, e bem esperando, vae-se o tempo.
Id. p. 42.

Aquelle te deu, est'outro te dará,
Mal haja quem de seu não ha.
Id. p. 42.

Antes o máo por visinho,
Que cavalleiro mesquinho.
Id. p. 42.

Mercar homem bem é gram riqueza,
Mal comprar não é largueza.
Id. p. 43.

Nem de silva bom boccado,
Nem do escasso bom dado. (Dizem os antigos).
Id. p. 43.

Guarde-vos Deus da ira do Senhor,
E do alvorôço do povo,

De doudos em logar estreito,
De môça adivinha,
E de mulher latina,
De pessoa sinalada,
E de mulher trez vezes casada;
De homem porfioso,
De lôdos em caminho,
E de longa enfermidade,
De physico experimentador,
E de asno ornejador,
De official novo
E de barbeiro velho,
De amigo reconciliado,
E de vento que entra por buraco,
E de hora minguada,
E de gente que não tem nada.
Id. p. 43.

Cada um por si, e Deus por todos.
Id. p. 44.

Não sirvas a quem serve,
Nem peças a quem pede.
Id. p. 44.

Perdido é quem 'traz perdido anda.
Id. p. 44.

Em cada parte ha pedaço de máo caminho.
Id. p. 44.

A de Çaragoça, que morreu chorando doilos alheos.
Id. p. 45.

Qual o tempo, tal o tento.
Id. p. 45.

Velha experimentada,
Regaçada vae pela agua.
Id. p. 45.

(Continua).

THEOPHILO BRAGA.

"SAUDADE„ EM PORTUGUÊS E GALEGO

Como é sabido, foi el-rei D. Duarte o primeiro escritor que notou a excelência do vocábulo *saudade* (no **Leal Conselheiro,** capítulo *Do nojo, pesar, desprazer, avorrecimento e suydade*), o qual se encontra já, com a grafia *soidade*, no **Cancioneiro da Vaticana** n.os 119, 210, 214 etc. e no **Cancioneiro da Ajuda** n.º 389, ed. da ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pág. 765.

Depois de registar isto, — o Sr. Dr. A. A. Cortesão, na revista portuense **a Águia** (2.ª série, 116), diz:

«Foi, pois, D. Denis, ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano, o primeiro (até hoje conhecido) a empregar êste voc.; com a grafia *soidade (soïdade)*.

«Além desta grafia, também adoptada por Camões (Elegia II, 3 e VI, 6), encontram-se as seguintes: *suydade* no Leal Conselheiro, Cancioneiro da Vat. n.º 758, Azurara (Crónica da Guiné, pág. 340), Samuel Usque (Tribul. de Israel, 3.º fl. 40 v.), Infante D. Pedro (Livro da virtuosa benfeitoria, p. 206 e 292), etc.; — *soydade* no Canc. da Vaticana n.º 119 e 214, e Azurara p. 142; — *saudade* em Camões (soneto 83 e Lus. III, 124), Gil Vicente, Cancioneiro Geral, Jorge F. de Vasconcelos (Eufrosina), etc.; — finalmente *soedade*, cuja etimologia é a mesma, mas significando *solidão, logar solitário,* em Arraiz (Dialogos, II, 12 e V, 1).»

De Arraiz, diz Bernardo de Lima (**Dicc. da Lingua Port.;** Lisboa, 1783; pág. V, Prólogo): «Foi taõ rijo etymologista, que escrevêo soídade por saúdade &c. contra os seus antecessores».

Mas os dicionários — além de «solidão, lugar solitário» — registam a *soedade* também outro significado: «o sentimento de quem está só da pessoa amada e ausente, com tristeza, e desejo d'ella, hoje dizemos *saudade*» ... (Morais, s. v. *soedade*).

Temos, pois, as grafias:

[solitatem >] *soidade*, *soydade* > *saudade*
suidade, *suydade*

[solitatem > soledade [1] >] *soedade*

O povo diz *soidade*, *saudade*, e *soudade* como já observou o Sr. A. R. Gonçalves Viana (**Apostilas**, II, 408). Umas vezes pronuncia *saùdade* e *soìdade* (*suìdade*), outras vezes *sáudade* e *sôidade*.

Em Lisboa, *sòdade*.

*

* *

No mesmo interessante e valioso artigo acima citado, o Sr. Dr. A. A. Cortesão regista a forma gráfica *soedade* em galego, abonando-a com um passo da bela poesia *A Virxe d'o Cristal* de Curros Enríquez que reproduzo da 2.ª ed. dos **Aires d'a miña terra** (Madrid, 1881; pág. 28):

Inorante de canto ll'acontecia
Ó probe de Martiño, por quen sofria
Soedades mil,
Rosa, n'a cinturiña crabad'a roca
Mazaroca fiando tras mazaroca
Pensaba n'il.

Mas em galego não há só a forma *soedade*. Há várias, que representam os falares do povo; não sendo o idioma galego fixado literáriamente, os escritores usam as formas que do povo colhem.

---

(1) Vid. pág. 4, últimas linhas.

Apontarei:

1. **soidade**

As mamorias de pequeno,
os meus primeiros amores,
praceres, soidades, dores
e tormentos que pasei?

[De *o Desterro (camiño de Portugal)*, poesia de Bernardo Barreiro, *in* **Lit. Gall.**, de Aldao, Barcelona, 1911; p. 223].

Acordey ... o meu soño dourado,
como fume pasou de repente,
e magoado o meu peito se sente
de soidades e amor palpitar.

[Da poesia *A Galicia*, de Francisco Añon, *in* **Lit. Gall.**, de Aldao, p. 318].

Soidades é o título de um livro de poesias de Manuel Lugrís Freire. Encontra-se ainda o vocábulo, com tal forma, nas **Follas Novas,** de Rosalia Castro (pp. 10 e 129, ed. da Habana, 1880).

2. **soidá**

Non m'olvides, queridiña,
se morro de soidás...
Tantas légoas mar adentro...
Miña casiña!... meu lar...!

[Rosalia Castro, *Adios rios, adios fontes*, in **Lit. Gall.** p. 334-335].

Cala, grilo, que si cantas
Sinto negras soïdás.

[Rosalia Castro, **Follas Novas**; Habana, 1881; pág. 224].

Nas **Follas Novas,** ainda se encontra *soidá* nas pp. 255 e 259.

3. **suidade**

Non quero, Alberto, que desleigada
c'o teu cariño, me creas, non,
¡ai! a tristura... ténme abafada...,
Cúrame, Alberto, co'a tua mirada
estas suidades d'o corazón!

[Da poesia *¿Por que calas?...*, de José Perez Ballesteros, in **Lit. Gall.**, p. 420].

¡Cantas veces te lembrou
o que marchou para a guerra,
cando á sua nai deixou;
e partindo á estraña terra
de suïdades chorou!

[Da poesia *a Campana d'Anllons*, de Eduardo Pondal, in **Lit. Gall.** p. 426].

4. **saudade**

Com tanto anhelo, atafegos
sodes, d'esta negra sorte,
un argalleiro resorte,
n-as saudades do estranxeiro:
sodes xenio falangueiro
con aletadas de morte!
[Da poesia *N-Ausencia*, de César Cisneros Luces, in **Lit. Gall.**, p. 203].

¡X'o sei, Galicia amada!...
. . . .
eu sinto que me chamas
c'a voz dos meus deseios
das miñas saudades
c'as feles e amarguexos,
c'as bretemas escuras
d'este vivir qu'eu levo.
[Da poesia *Morriña*, de Alexandre Miguens Parrado, in **Lit. Gall.**, p. 215].

Há uma poesia de José Benito Amado, intitulada *Saudades*; vem inserta na **Literatura Gallega,** já citada, pág. 171, —extraída de **El Habla Gall.** de João Cuveiro; Pontevedra, 1868; pág. 43—, e nela se encontra o vocábulo também.

5. **soledade**

A poesia **a Campana d'Anllons,** de Eduardo Pondal,—a que já me referi—é encimada por êstes versos:

Canpanas de Bastabales,
cando vos oyo tocar
mórrome de soledades.

(Cántico popular)

(Vid. **Lit. Gall.**, pág. 426).

Em castelhano, há *soledad* correspondente a *saudade* (vid. **Dic. enciclop. hispano-amer.;** Barcelona; s. v. *soledad*), o que já foi notado pelos Srs. A. R. Gonçalves Viana (**Apostilas,** II, 408) e Dr. A. A. Cortesão (**a Águia,** 2.ª série, 117)). Em tal sentido, porém, julgo que o vocábulo não é já usado.

Também *soledade*, em português, era «o estado de quem está só, e a saudade que o acompanha da pessoa de quem está só, e desejosa»... (Morais, s. v. *soledade*). [1]

---

[1] Acêrca de vocábulos correspondentes a «saudade», noutras línguas, vid. o *Positivismo*, IV, 169-170,—art. de A. R. Gonçalves Viana.

6. **soedade**

Já transcrito acima um passo de Curros Enriquez, com *soedade*.

Há uma colecção de «cantares viejos y nuevos de Galicia» —Vid. **Lit. Gall.**, de Aldao, pág. 595—, dividida em 4 séries; a 1.ª compreende: 1 *Soedades*. 2 *A Campaña*. 3 *Bágoas do corazón*, etc.

*

* *

Significando *solidão, lugar solitário,* encontramos em galego também a forma *soedade:*

«—Chist... ¿oubindes?... dixérase que sona múseca cerca...
—Va, seica soñas—dixeron os compañeiros de cacería— ¿dónde queres que haxa múseca eiquí n-estas soedades?...»

. . . .

«¿Quén non coidaba que divinidá ou fadas despertaban, n-aquélas soedades, ecos de armonias arroubadoras?...»

[Do conto *O Violin encantado*, de Heraclio Perez Placer, in **Lit. Gall.**, p. 453 e p. 454].



¡Adios! montes e prados, igrexas e campanas,
¡Adios! Sar e Sarela, cubertos d'enramada,
¡Adios Vidán alegre, moiños e hondanadas,
Conxo o d'o craustro triste y as soedades prácidas
San Lourenzo ó escondido, cal un niño antr'as ramas,

[Rosalía Castro, **Follas Novas**; Habana, 1880; pág. 23].

E *soidá:*

¡Que tristeza tan doce!
¡Que soidá tan prácida!
¡Mais para un alma en horfandá sumida
Que soidá tan deserta e tan amarga!

[Rosalía Castro, **Follas Novas**; Habana, 1880; pág. 265].

E ainda *soledade, soledad, soledá:*

Estonces non sey qué sombras
Quizais de memorias vivas,
Quizais d'os frades difuntos,
Pasar en procesion mística
Veu, n'aquelas soledades,
Que amaba canto temia.
[Rosalía, **Follas Novas**, p. 242].

Y ó fin soya quedei, pero tan soya
. . . .
Que doce, mais que triste
Tamen é a soledad!
[*Ibidem*, p. 14-15].

A nosa vos, n'a soledá perdida,
Morrerá sin deixar xiquera ise éco
Qu'a brisa malencónica d'outono
Deixa n'a copa azul d'os ameneiros
[Curros Enríquez, **Aires d'a miña terra**; Madrid 1881, p. 1].

Alóenriva ó *sun sun* d'os pinos bravos,
En baixo á doce paz.
N'a cima crara luz, aires purísimos
Salvaxen soledá,
[Rosalía, **Follas Novas**, p. 221].

*

* *

Temos, pois, em galego:

[solitatem >] *soidade, suidade* > *saudade*
V
soidá

[solitatem >] *soledade* > *soedade*
(soledad,
soledá)

*

* *

A mudança de *soidade* em *saudade* não teve ainda explicação que satisfizesse a todos.

Para o Sr. A. R. Gonçalves Viana (**Apostilas**, II, 408), na forma *saudade* «influiu, como é sabido, a palavra *saudar*, talvez por intermédio de *soudade*, pronúncia vulgar» . . .,

ao que o Sr. Dr. A. A. Cortesão objecta (**a Águia,** 2.ª sér. pág. 117): «mas para isso será preciso provar em primeiro logar ser da mesma época a introducção dêste voc. em o nosso idioma».

Em meu fraco entender, a transformação de *soidade* em *saudade* é de ordem literária; a mudança de *oi* em *au* seria influenciada, para assim dizer, por uma falsa latinização, — ao invés da habitual mudança de *au* em *oi*.

Já Bernardo de Lima, me parece, queria atribuir essa mudança aos escritores, quando notava ser o vocábulo «saudade» *mais harmónico* que «soidade» e que, por isso, embora *havendo tido igual uso*, começara a ser mais usado. «O vocábulo *saúdade*, por ser mais armonico, que *soidade* [1] sêo competidor, já o tem vencido, ainda que soidade tinha igual uso, que elle no tempo d'Arraes, e o precede sempre na etymologia». [Bernardo de Lima, **Dicc. da Ling. Port.**; Lisboa, 1783; pág. VII, nota *(y)*].

Viana-do-Castelo, 1913.

CLÁUDIO BASTO.

[1] O original tem aqui *sóidade*, por êrro tipográfico.

NOTA: Á data da revisão das provas dêste artigo, está publicado mais um belo trabalho da Ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos — *A Saudade Portuguesa*, 1914 — no qual é versada a mesma questão. Vid. capp. III, V, VI e VII. — Por o meu art. ser anterior, é que nele se não faz alusão à obra da sábia escritora.

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

VI

Provérbios e ditos populares

Nas minhas investigações colhi algumas centenas de ditados.

Como muitos se encontram em vários trabalhos dos poucos que pude consultar, aproveito apenas os que, pela forma ou pela idea, se afastam dos já publicados. Há-de haver com certeza falhas e repetições, pois nem quero roubar espaço demasiado, nem desejo perder materiais.

1 — Em Santa Catarina, só a Santa e o Domingos Pina (1).

2 — Gente de Landim e burro que diz *im*... (2).

3 — O Entrudo borralheiro, o Natal em casa e a Páscoa na praça.

---

(1) Santa Catarina é uma aldeia, que fica quási toda no concelho de Famalicão. Num outeiro há uma ermida dedicada à santa, advogada das pessoas que sofrem de doenças mentais.

Algumas familias do lugar, mal afamadas, atraíram a desconfiança dos vizinhos para uma terra, que é habitada de resto por muito boa gente também.

(2) Landim é uma freguesia de Famalicão; é uma espécie de vila em que fala Camilo muitas vezes.

«Os de Landim, disseram-me, teem fama de andar muito bem vestidos, mas a *lazarar*.»

4 — O ano vai mal, se não houver três cheias antes do Natal (1).

5 — Natal claro, claro em tudo; Natal escuro, escuro em tudo (2).

6 — Frango de Janeiro canta à meia noite em ponto.

— Galinha que nasce em Janeiro põe no colmeiro (isto é, em Julho).

— Frango de Janeiro vale um carneiro (3).

7 — Janeiro geoso, Fevereiro *scaldanoso* (4), Março amoroso, Abril chuvoso, Maio *loiroso* (5), fazem o ano formoso (6).

8 — Calça branca em Janeiro, ou é tolo, ou sinal de pouco dinheiro (7).

9 — Fevereiro quente traz o diabo no ventre.

10 — Em Março tanto durmo como faço.

— Em Março *iguaço* (8).

11 — O vinho que nasce em Maio é para o gaio; o que nasce em Abril vai ao funil; o que nasce em Março fica no regaço.

12 — Em Março onde quer eu passo (9).

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* XVI, pág. 288.

(2) Estando o Natal claro, não há vinho.

(3) Cfr. *Philosophia popular em provérbios* na Biblioteca do Povo e das Escolas, 2.º ano, 6.ª série, pág. 26, e *Trad. Pop.* cit., pág. 155.

(4) Com saraiva e geada.

(5) Nem muito de sol, nem de chuva.

(6) Cfr. *Philos pop.* cit., pág. 58.

(7) O povo distingue os *brasileiros* pelo fato branco. Ouvi na estação de Santo Tirso a seguinte frase: «*Inté pensabo por lá qu'êle qu'era brasileiro; êle tinha uma roupa abrancada . . .*»

(8) *Iguaço* pertence naturalmente ao verbo *iguar*, registado no *Vocabulário Ortográfico* de Gonçalves Viana e no *Novo Dicionário*.

A conjugação foi modificada por necessidade da rima. V. *Lições de Philologia* cit., pág. 418.

Em Montalegre colheu o meu discípulo Morais Caldas o ditado:

Março, garço,
As noites com os dias,
As messes com os marcos.

(9) *Trad. pop.* cit., pág. 198.

13 — Em Abril queima a mulher o carro e o carril (1).

14 — Em Maio come a velha cerejas ao lume.

15 — Em Maio bebe o boi no rêgo.

16 — Fraco é o Maio que não rompe uma *croça* (2).

17 — Em S. Tiago pinta o bago (3).

18 — Em Agôsto secam os montes, em Setembro as fontes, em Outubro seca tudo (4).

19 — Em Setembro vai-se andando e comendo (5).

20 — Em Outubro colhe tudo.

21 — Por S. Martinho mata o teu porco, barra o teu vinho (6).

22 — Em dia de Santo André, diz o porco: *qué, qué* (7).
— Porco que nasce em Abril, vai ao chambaril (8).

23 — O que se não faz no dia de Santa Luzia faz-se ao outro dia.

24 — O que puderes fazer hoje, não guardes para amanhã (9).

25 — De graça e *a sêco* (10) andam os cães, e ainda apanham muita lambada.

---

(1) Cfr. *Dicion.* de Morais, 6.ª ed., t. *carril.*

(2) A palavra *croça* serve para designar as capas de junco ou palha, que preservam da chuva. Contudo o *Novo Dicion.* dá o termo como (*ant.*).

(3) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 61.

(4) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 61.

(5) Setembro é o tempo dos cachos.

Os proprietários não se limitam a permitir que os pobres colham o *rabisco*, em que nos fala Gil Vicente (*Inês Pereira*), isto é, os *gaipos* que ficam após a vindima; fecham os olhos quando, mesmo antes da vindima, o povo se limita a cortar um ou outro cacho.

(6) Diz-se também a cada passo: *Em S. Martinho prova o teu vinho.* V. *Philos. pop.* cit., pág. 62.

(7) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 62.

(8) Serve para matar pelo Santo André.

(9) A doutrina é a mesma de — *Guarda que comer, não guardes que fazer.*

(10) Diz-se que os jornaleiros andam *a sêco* quando comem por sua conta, recebendo, portanto, um jornal maior.

26 — Gado fraco tudo são moscas [1].

27 — Três luzes a arder deitam uma casa a perder.

28 — Muita parra, pouca uva [2].

29 — Quem tem rabo não se *assenta* [3].

30 — Pão quente dana a gente [4].

31 — Vinha, o velho a planta, o velho a colhe [5].

32 — Ferradela de *licranço* não tem cura nem descanso [6].

33 — Mais vale verde no meu papo que maduro no papo alheio.

34 — Nunca o raro pediu ao basto [7].

35 — O castanheiro precisa ir na mão para plantar, o carvalho às costas e o sovereiro no carro [8].

36 — Não há comida abaixo da sardinha, nem burro abaixo de jumento [9].

37 — Burro que geme, carga não teme.

38 — Grande pedra, pequena pedra, três homens de volta dela [10].

---

(1) O sentido é o mesmo do provérbio — *Para bom obreiro não há má ferramenta.* V. *Dicion. de Educação e Ensino*, trasladado por Camilo, nova ed. por Raposo Botelho, t. III, pág. 423.

(2) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 426: *Muita palha, pouco grão.*

(3) Dizem assim as cozinheiras aos gatos, quando calcados.

(4) Cfr. êste Trabalho, II, 45.

(5) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 26, *Geórgicas*, II, 75.

(6) Parece que o povo chama licranço a uma espécie de víbora venenosa. Cfr. *Ling. pop. de V. Real*, pág. 59.

(7) Cfr.: *Quem semeia basto, gasta mais e colhe menos.* J. P. Ribeiro, *Reflexões Históricas* (1836), Parte II, Apêndice, pág. 16.

(8) Cfr. *Reflexões* cit. pág. 17.

(9) Era o dito invariável dum velhinho quando lhe falavam no seu jumento.

(10) Querem os pedreiros dizer que uma pedra, quer seja grande, quer pequena, ocupa sempre três homens.

39 — Da sardinha e da mulher, a maior que houver [1].

40 — Quem com o demónio cava a vinha, o demónio a vindima [2].

41 — Preguiça não mantêm bons criados.

42 — Não semeies o teu campo à sexta-feira [3].

43 — Por cima das peras vinho bebas, mas não tanto que andes com a cabeça de esquina em canto [4].

44 — Foge de burro que bebe em branco [5].

45 — Foge de burro de quatro sinais [6].

46 — Animal de bico nunca fez o amo rico [7].

47 — O sardinheiro vende sardinha e come galinha.

48 — Quem dá antes que morra, merece com uma *cachaporra* [8].
— Dá que não peças.
— Quem dá o que tem, a pedir vem.

49 — Entre casados ninguêm se meta.

50 — Quem ao longe vai casar, ou leva pulha ou vai buscar.

51 — Mulher doente, mulher para sempre.

---

[1] Eis um ditado que as mulheres altas empregam para se defenderem do vulgaríssimo — *Da mulher e da sardinha, a mais pequenina.*

[2] Há muitos provérbios semelhantes. O mais aproximado que conhecemos é — *Quem com o demo anda, com êle acaba. Philos. pop.* cit., pág. 33.

[3] Segundo a explicação que me deram, o ditado não é supersticioso. Como a sexta é dia de jejum, querem os lavradores significar com aquelas palavras que as terras precisam de bastante estrume.

[4] Vi registado o provérbio, mas sem a recomendação final.

[5] É o animal que tem uma estrêla desde a testa até ao focinho.

[6] O burro só deve ter um, três, ou cinco sinais. Para o povo o vocábulo *burro* serve também para designar os cavalos.

[7] Cfr. *Rev. Lus.* XVI, pág. 139.

[8] Actualmente não se ouve empregar a palavra senão neste provérbio.

52 — Os parentes são os meus dentes (1).

53 — Toda a vida ouvi dizer que Deus não queira nas minhas colmeias abelha que não coma mel (2).

54 — Muito e mal, é geral; muito e bem, há pouco quem.

55 — Quem paga o que deve, sabe o que lhe fica.

56 — Viúva rica, casada fica (3).

57 — Quando mal, nunca maleitas (4).

58 — Muito come o tolo; mais tolo é quem lho dá (5).

59 — Lume ao pé da estôpa, o diabo lhe assopra (6).

60 — Todos os conselhos ouvirás, só o teu não deixarás (7).

61 — Dinheiro de padre e de brasileiro não chega a terceiro.

62 — Quem vai à guerra, dá e leva.
— Em tempo de guerra não se limpam armas.
— Em tempo de guerra mentiras como terra.

63 — Quem tem capa, sempre escapa.
— Quem tem amigos, não morre na cadeia.

64 — Quem tem burro e anda a pé, mais burro é.

65 — Longos dias teem cem anos (8).

66 — De hora em hora Deus melhora.

(1) Cfr. *Feira dos Anexins* de D. F. Manuel de Melo, ed. de Inocêncio, diálogo 1.º: «*Primeiro são dentes que parentes*». Esta «regra» encontra-se em F. Lopes, *Crónica de D. João I*, não me lembro em que passo.

(2) É a condenação dos sonsos, *dos que mordem pela calada*.

(3) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 424.

(4) É a versão mais popular do conhecido provérbio — *Do mal o menos*.

(5) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 426.

(6) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 427.

(7) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 424.

(8) O sentido é o mesmo do provérbio — *Atrás dos tempos tempos veem*.

67 — Cada tolo com sua mania.

68 — Nunca ninguêm as calça que as não borre (1).

69 — Morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho.

70 — Pela aragem se vê quem vai na carruagem (2).

71 — A mulher e a galinha com sol a casa.

72 — Quem muito pede, muito fede.

73 — Quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia (3).

74 — Brinquedos de homem são beijos de burro.

75 — Para um cão, uma pedra; para uma pedra, um ferro; para um homem, uma mulher.

76 — O que é que o homem mau tem de bom? O bom palavreado.

77 — Casa quanta habites, terra quanta vejas, dinheiro quanto contes (4).

78 — Quem o feio ama, bonito lhe parece.

79 — Quando nasceu um sapo, nasceu uma sapa.
— Quando se fez uma panela, fez-se logo têsto para ela. (5).

80 — Pobrete, alegrete (6).

---

(1) Camilo empregou êste dito na *Corja*, ed. de 1903, pág. 134.

(2) Cfr.: «*ab unguibus leo*, diz o provérbio, pelas unhas se conhece o leão e pelas mesmas o ladrão». *Arte de Furtar*, ed. de MDCCXIV cap. LXX, pág. 397.

(3) Cfr. *Trad. pop.* cit. pág. 198, e *Philos. pop.* cit. pág. 57. É vulgar dizer-se: *êste homem deita-se com as galinhas*, isto é, muito cedo. Julgo ser êste também o sentido da frase — *s'en alla coucher en chappon* de Rabelais, *Pantagruel*, 3.ª ed., Liv. II, chap. IX, pág. 267.

(4) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 57.

(5) Cfr.: *Não há panella tão feia que não ache seu cobertouro*. *Philos. pop.* cit., pág. 57.

(6) O provérbio foi ouvido a um pedreiro. Cfr. o que se diz nas *Trad. pop.* cit., pág. 250.

81 — Homem pobre, nem quieto nem calado.

82 — Pouco me custas, pouco me duras.

83 — Maria vai com as outras; se não canta, baila.

84 — Cada mocho a seu souto.

85 — Um, em sua casa, vale por sete.
— Um homem, em sua casa, é tam valente que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para o tirar.
— Os bois na terra alheia, as vacas escornam os bois.

86 — Homem prevenido vale por sete [1].

87 — Tal te achas, tal te afazes [2].

88 — O homem e o porco só depois de morto [3].

89 — *O anau* parado não faz viagem [4].

90 — Fidalgos e galgos, é criá-los e matá-los [5].

91 — Não há mal que sempre dure, nem bem que sempre ature.

92 — Mal haja quem mal cuida [6].

93 — Para baixo todos os santos ajudam.

---

(1) Cfr. — *Antes prevenir que remediar*. Na *Arte de Furtar*, cap. LIV, pág. 321, cita-se um provérbio de S. Jerónimo com a mesma significação.
É vulgar a frase: *Se eu soubera*..., equivalente ao — *não cuidei*... — dos Lusíadas.

(2) Cfr. *Rev. Lusit.* I, pág. 71; *Dicion. de Educ.* cit., pág. 422 e 423; *Philos. pop.* cit., pág. 29, 34, 47 e 48, e *Arte de Furtar*, Cap. XXX, pág. 199.

(3) Só depois de morto, se sabe verdadeiramente se o homem tinha dinheiro.

(4) Num romance colhido por mim aparece também *nau* do género masculino. A forma *anau*, mas no género feminino, encontra-se em Camilo, *Onde está a felicidade?* 6.ª ed., pág. 6.

(5) T. Braga registou nos *Aphorismos* — *Nem em tua casa galgo, nem à tua porta fidalgo*.

(6) Tenho idea de ver êste provérbio nos *Apólogos Dialogais* de D. F. M. de Melo. Cfr.: *Honni soit qui mal y pense*.

94 — Manda e faz, servido serás (1).

95 — Não dês ponto sem nó, nem fales sem confiança (2).

96 — Ovelhinha mansa mama na sua e na alheia (3).

97 — Palavras, leva-as o vento (4).

98 — O diabo cobre com a cabeça e descobre com o rabo (5).

99 — Não metas em tua casa quem dela te bota fora (6).

100 — Vilão servido, vilão *escorregido* (7).

101 — Quem quer bolota, *atrepa* (8).

102 — Ninguêm é pobre senão do juizo.

103 — Quem me dá um ôsso, não quer que eu morra.

104 — Tam bom é o ladrão que vai à vinha, como o que fica de guarda (9).

105 — Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males (10).

106 — E' melhor um ano à volta que nunca à casa (11).

107 — Quem tem filhos, tem cadilhos; quem os não tem, cadilhos tem (12).

---

(1) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 42. De uso mais comum é — *Quem quer vai, quem não quer manda.*

(2) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 42.

(3) Cfr. *Feira*, D. 2.º, § 8.º; *Philos. pop.*, pág. 45.

(4) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 55. No fim do *Auto de El-Rei Seleuco* de Camões, cita-se o provèrbio: «. . . não tenham isto por palavras, *porque essas e plumas o vento as leva*».

(5) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 57.

(6) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 57, e *Arte de Furtar*, cap. XLV, pág. 278: *criay o corvo, e tirar-vos-ha o olho.*

(7) A *Philos. pop.* (pág. 43) regista — *Villão servido, villão esquecido.*

(8) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 48: *Arte de Furtar*, cap. LXVI, pág 385.

(9) Cfr. — *Tanta pena merece o consentidor, como o ladrão. Arte de Furtar*, cap. VII, pág. 33.

(10) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 47.

(11) É costume geral dizer-se: *De vagar se vai ao longe.* Em Vila Rial ouvi: *Quem se mete por atalhos nunca lhe faltam trabalhos.*

(12) Cfr. *Feira*, D. 6.º, § 1.º, e *Dicion. de Educ.* cit. pág. 426.

108 — Quem dá e torna a tirar, ao inferno vai dar (¹).

109 — Remenda teu pano, chegar-te-á ao ano; torna-o a remendar, tornar-te-á a chegar (²).

110 — Tanto vai o cântaro à fonte, que no fim lá deixa a asa (³).

111 — O comer e o coçar, está no começar (⁴).

112 — Quem muito dorme, pouco aprende.

113 — Segrêdo de três, o diabo o fez.

114 — Quem te fez fino? — O mal dos meus burricos (⁵).

115 — Quem mais alto *assobe*, mais baixo vem cair (⁶).

116 — Homem pobre, nem quieto, nem calado.

117 — Pelos domingos se tiram os dias santos (⁷).

118 — Não há tolo que se conheça (⁸).

119 — Flor ao peito, asno feito.

120 — Boa romaria faz, quem em sua casa está em paz.

121 — E' costume dizer-se, quando outrem morde a língua: «Olha se fosse a minha!... (⁹).»

(¹) O *Dicion. de Educ.* cit., pág. 427, regista: *Quem dá e toma, nasce-lhe uma corcova.*

(²) Cfr. *Dicion. de Educ.*, pág. 427.

(³) Cfr. *Dicion. de Educ.*, pág. 427.

(⁴) Cfr. *Feira*, D. 5.º, § 5.º; *Dicion. de Educ.* cit. pág. 424.

(⁵) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 87.

(⁶) O mesmo pensamento se encontra no *Romanceiro* de Garret, t. III, pág. 228 (ed. de 1875), e em Shakespeare, *Richard III*, Act. I, Scene III. A filosofia do caso é a da fábula de la Fontaine — *Les deux mulets*. Cfr. Rev. Lus. v. IX, pág. 76; *Philos. pop.*, pág. 39, D. F. M. de Melo, *Epanáforas* (ed. de 1660), pág. 317.

(⁷) Cfr. D. F. M. de Melo. *Apólogos Dialogais, Visita das Fontes.*

(⁸) Cfr. *Ling. pop. de V. Real*, pág. 98; *Philos. pop.* pág. 225.

(⁹) «... *ca homem que as suas barbas arrepella, mór sabor fará das alheias* — escreveu, referindo-se ao rei de Castela, o Arcebispo de Braga. V. Carta na *Crónica de D. João I* por F. Lopes.

122 — Sardinha que o gato leva... [1].

123 — Vai o carro deante dos bois [2].

124 — A Ordem é rica, e os frades são poucos [3].

125 — Quanto mais tem, mais quer [4].

126 — Quem aos vinte não é e aos trinta não tem, aos quarenta não é ninguêm.

127 — Não há sábado sem sol, domingo sem missa, nem segunda sem preguiça.

128 — Se o filho dum ruim é *bô*, lá vem o neto que sai ao avô [5].

129 — O Fevereiro e o rapaz é-lhe dado tudo quanto faz; só não se quer o Fevereiro *secalhão*, nem o rapaz ladrão.

VII

Romanceiro

I

D. Silvana

Indo a D. Silvana
Por um corredor acima,
Tocando viola d'ouro [6],
(Ó que tam bem na tangia [7]!)

Acorda seu pai e mãe [8]
C'o estrondo que fazia [9].
— Tu que tens D. Silvana?
Tu que tens ó filha minha?

---

[1] Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 56.

[2] Cfr. *Arte de Furtar*, cap. XXVI, pág. 385; *Philos. pop.* cit., pág. 36, e *Dicion. de Educ.*, pág. 426.

[3] Cfr. *Arte de Furtar*, cap. LI, pág. 313.

[4] Cfr. *Arte de Furtar*, cap. LXX, pág. 398.

[5] Cfr. *Rev. Lus.* XVI, 288.

[6] Iremos dando em notas as variantes colhidas.
«Tocando uma guitarra.»

[7] «Olha o *trânsito* (som) que fazia!»
«Chorando na triste vida.»

[8] «Acorda seu pai da cama.»

[9] «Do sono em que dormia.»
«E toda a gente da família.»

— Eu não choro, senhor pai,
Se chorasse, razão tinha:
As mais novinhas do que eu [1]
São casadas, teem família;
Eu por ser a mais velhinha,
P'r'ó canto eu ficaria [2].
— Não tenho com quem te case,
Nem em palácio havia [3];
Só se fosse o conde Alberto . . .
Conde Alberto tem família [4].
— Êsse mesmo, meu paisinho,
Êsse mesmo é qu'eu *qu'ria*.
Mande-mo aqui chamar
Da sua parte e da minha,
Que lhe *qu'ria* aqui falar
Dentro duma Avé Maria.

Chegou a resposta ao conde,
O conde estava na missa [5].
— Aqui estou, rial Senhor,
Aqui estou, que me *qu'ria?*
— Quero que mates condessa
P'ra casar com filha minha.
— A condessa não na mato,
Qu'ela a morte não *mer'cia*.
Antes a meto num convento,
Convento de Santa Maria,
Lhe darei o pão por onças,
E a água por medida [6].
— Mata, mata, conde Alberto,
Antes que te tire a vida;
Traz-me cá o coração,
Nesta dourada bacia [7].

Conde Alberto foi p'ra casa,
Muito triste em *frenesia:*
Mandou fechar seus palácios,
Coisa que nunca fazia;
Mandou vestir seus criados
De luto à maravilha [8];
Mandou vestir suas moças
Da melhor seda que havia;
Mandou vir comer p'rá mesa
Só p'ra ver s'êle comia.
As lágrimas eram tantas
Que por a mesa *corria!*
— Tu que tens ó conde Alberto?
Tu que tens ó *condelia* [9]?
Conta-me a tua tristeza,
Conto-te a minha alegria.
— A minha tristeza é muita,
Eu com tanta não podia!

---

(1) «Todas as damas da cidade.»
(2) «Eu por ser a mais formosa,
Por que causa ficaria?»

(3) «Não vejo com quem te case,
Não vejo ó minha filha.»

(4) «Mas conde Alberto é casado;
É casado, e tem família.»

(5) «Palavras não eram ditas,
Já conde à porta batia.»

(6) Noutras versões é a condessa que pede ao marido a meta num convento:

«*Seuita* conde, *seuita* conde,
Que isso remédio teria:
Me meterás num convento;
Serei freira recolhida.
Me darás o pão por onça
E a água por medida:
Dá-me sardinha salgada
Que me acabe *co'a* vida.»

— «Mete-me num convento,
Chamado recolhimento;
Me darás o pão por onças
E a água por medida.
— Tenho de levar a cabeça
Nesta dourada bacia.
— Não me mates com estoque
Nem com espadinha;
Chama aqui o barbeiro
Que me dê uma sangria».

Cfr. *Rev. Lus.* IX, 302.

(7) «Tens de me trazer a cabeça
Nesta maldita bacia.»

(8) «Mandou pôr tudo de luto,
Cousa que êle nunca o fazia.»

(9) «Que tens ó vida minha?
Condelia, segundo a minha informadora, era um título de *mimo* para animar o conde a desabafar. Vê-se, porém, que se trata dum termo formado por influência de *alegria*.

Mandou el-rei que te mate,
P'ra casar com sua filha.
—A condessa não na mates,
Qu'eu a morte não *mer'cia.*
—Que mandasse o coração
Nesta maldita bacia.

—Traz-me cá os meus meninos
Que os quero pentear;
Dá-me o menino mais velho,
Que o quero abraçar;
Traz-me também o mais novo,
Que lhe quero dar de mamar.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite da paixão,
Que amanhã por estas horas
Já estarei no caixão.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de amargura,
Que amanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.

Mama, mama, meu menino,
Êste leite repousado,
Que amanhã por estas horas
Já estarei *sepultado.*
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de divindade,
Amanhã por estas horas
Está tua mãe na eternidade.

Tocam sinos em palácio . . . (1)
—Ai Jesus, quem morreria?
Responde o menino do peito:
(Êle a edade não tinha (2) . . .)
—Morreu a D. Silvana
Pelo mal que cometia . . . (3):
Descasar os bem casados,
Coisa que Deus não *qu'ria;*
Morreu a D. Silvana,
E ficou D. Maria.
Viva o conde e a condessa (4)
Sempre na mesma alegria (5)!

2

Baldebina (6)

Nosso rei tinha três filhas,
Todas lindas como o sol;
A mais bonitinha delas,
Baldebina se chamava.
Entrou o seu pai um dia
Ao quarto *donde* ela estava.

(1) «Tocam os sinos na Sé.»

(2) Sôbre o prodigio de crianças que falam antes do tempo, V. *Trad. pop.* cit., pág. 209.

(3) «Com raiva que me trazia».

(4) «Venham condes e marqueses
Para o jardim da alegria.»

(5) O romance de *D. Silvana* é o mais conhecido que encontrei.

Com o mesmo nome vem publicado na *Ling. pop. de V. Real*, pág. 91, e foi colhido por um meu aluno em Montalegre.

Noutras terras o romance é contado com os nomes de — *Conde Alberto, Conde Albano, Conde Anardos, Dom Duarte* e *Conde Alves*. V. T. Braga, *Romanceiro Geral* (1867), pág. 68 e seg. e 197, e *Rev. Lus.* IX, pág. 280, 303 e 309.

No *Romanceiro* de Garret (ed. de 1875, t. II, pág. 47) aparece com o título de *Conde Yanno*.

Dona Silvana ou *Silvaninha* é geralmente a donzela posta na torre por sete anos.

(6) Êste romance é conhecido também com o nome de *Aldininha* em Santo Tirso, e, numa versão de Montalegre que me foi dada, tem o nome de *Gualdina*.

Nesta versão a filha não é tentada pelo pai, mas castigada por ouvir a côrte do *môço Henrique*.

Cfr. *Romanceiro* de Garret, t. I, pág. 33 (*Adosinda*) e t. II, pág. 115 (*Sylvaninha*); *Ling. pop. de V. Real*, pág. 90 (*Aldininha*); T. Braga, *Romanceiro Geral*, pág. 301 (*Sylvana*), e Pedro Fernandes Tomaz, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, pág. 12 (*D. Silvana*).

— Baldebina, Baldebina,
Baldebina malfadada,
Queres tu, ó Baldebina,
Ser a minha namorada?
Que eu de ouro te vestia,
E de prata te calçava . . .
— Não permita Deus tal cousa,
Nem a minha mãe sagrada,
Para eu ser a sua filha,
Tambêm sua namorada!

Mandou fazer altas torres,
Todas de muros cercadas (1);
O pão era por onça,
A sardinha era salgada;
Daí a sete anos (2)
Já lhe a sêde apertava;
Assubiu a altas torres
Só p'ra ver quem avistava:
Avistou a sua mãe
Numa varanda assentada.

— Minha mãe, que Deus me deu, (3)
Deus lhe salve a sua alma:
Por amor de Deus lhe peço
Que me dê um copo d'água. (4)
— Ó filha amaldiçoada,
Como te hei de eu dar a água?
Que teu pai jurou um dia
Na ponta da sua espada:
Quem der água a Baldebina,
Tem a cabeça cortada!
Assubiu a altas torres
Só p'ra ver quem avistava:
Avistou o seu pai
Numa sala a passear.
— Ó meu pai que Deus me deu (5),
Deus lhe salve a sua alma:
Por amor de Deus lhe peço
Que me mande um copo d'água.
— Como te hei de eu dar a água,
Ó filha amaldiçoada?
Pedi-te a tua mão direita . . .
Disseste que ma não davas.
— Tome lá a minha mão direita
E a esquerda tambêm,
Só lhe peço que me mande
Um copo d'água por alguêm (6).
— Vai Carlos a toda a pressa (7)
Buscar água a Baldebina;
Trá-la num calis dourado,
Num copo de prata fina.

Quando D. Carlos chegou,
Baldebina suspirava,
Sua mãe estava do lado,
Sua irmã lhe alumiava.
Vejam que caso tam certo,
Dito pelo Padre Eterno:
Baldebina a cantar c'os anjos,
O pai a arder no inferno (8)!

(1) P'ra Aldininha estar fechada».

(2) «Ao fim dos oito dias».

(3) «O' mamã que Deus me deu».

(4) «Dais-me vós um jarro d'água?
Que se me aperta a vida,
Que o meu coração se me abrasa!»

(5) «O' papá que Deus me deu.»

(6) Vê-se que esta parte foi introduzida recentemente para estabelecer uma ligação. Os romances, embora não estejam tam sujeitos como as novelas a modificações, sofrem de longe a longe a acção do meio e das pessoas, e até a influência de outros romances.

(7) «Correi pretos, correi brancos,
Buscar água a Baldebina;
O copo d'ouro . . .
E o prato de prata fina.
O primeiro que chegar
Recebe uma prenda minha.

(8) A moralidade final talvez seja da própria informadora, uma mulher já edosa, que aprendeu o romance em criança numa freguesia do concelho de Braga.

3

D. Carlos [1]

Mal hajas tu rainha,
Mal haja a tua geração:
De sete filhas que temos,
Nenhuma saiu varão.

A filha mais nova,
Estando num quarto,
Ouvindo, diz:—Sou varão;
Dê-me espada e cavalo,
Qu'eu sirvo de capitão.
—Tens o cabelinho grande . . .
De dia te conhecerão.
—Dê-me umas tesouras,
Que êle vai já ao chão;
Dê-me espada e cavalo,
Qu'eu sirvo de capitão.
—Tens o passinho miudo . . .
Filha, te conhecerão.
—Eu o *fazerei* maior,
Quando for ocasião;
Dê-me espada e cavalo
Qu'eu sirvo de capitão.
—Tens os olhinhos pequenos,
Filha, te conhecerão . . .
—Eu os *fazerei* maiores
Quando for ocasião;
Dê-me espada e cavalo
Qu'eu sirvo de capitão.
—Eu morro, minha mãe, morro,
Eu morro do coração;
Os olhinhos de D. Carlos
São de mulher, d'homem não.
—Convida D. Carlos, meu filho,
P'ra contigo ir feirar;
Se êle for rapariga,
Às fitas ha de atentar.
—Que lindas fitas, D. Carlos,
Para uma moça trajar!
—Que lindas espadas de sargento
P'ra um homem guerrear [2]!
—Eu morro, minha mãe, morro,
Eu morro do coração;
Os olhinhos de D. Carlos
São de mulher, d'homem não.
—Convida D. Carlos, meu filho,
P'ra contigo ir jardinar;
Se êle for rapariga,
Às flores ha de atentar.
—Que lindas flores, D. Carlos,
P'ra uma dama cheirar!
—Que lindas *limas* de sargento
P'ra um homem trajar [3]!
—Eu morro, minha mãe, morro,
Eu morro do coração;
Os olhinhos de D. Carlos
São de mulher, d'homem não.
—Convida D. Carlos, meu filho,
P'ra contigo ir nadar;
Se êle for rapariga,
Aí se ha de arrecear [4].
. . . .
—Sete anos andei na guerra

---

(1) À *Donzela que vai à guerra* dão vários nomes: *Dom Martinho de Avisado*, *Dona Leonor*, *Dom Carlos*, *Dom João*, *Dom Barão* ou *Dom Varão*. V. Garret., *Romanceiro*, t. III, pág. 69; T. Braga, *Romanceiro Geral*, pág. 8 e notas; *Rev. Lus.*, IX, 287 e 300, e P. F. Tomaz, obra cit., pág. 19.

Em Montalegre colheu o aluno a que me tenho referido um romance sôbre o mesmo assunto com o nome de—*Leão Marques*.

(2) «Ó que lindo cavalo de sargento
Para um homem cavalear!»

(3) «Que linda espada de sargento
P'ra um soldado guerrear!»

(4) *Agora não é verso*, explica-me a rapariga que me ensinou o romance: Escreveu D. Carlos ao pai, a pedir que à hora do banho lhe mandasse dois cavalos, e uma carta, dizendo que a mãe era morta e o pai estava a morrer. Chegaram os dois cavalos e D. Carlos pronunciou aquelas últimas palavras: «Sete anos . . .»

Sem ninguêm nada dizer;
Ao fim dos sete anos,
Um capitão me veio a conhecer [1].

4

O Conde d'Alemanha [2]

Estando eu na minha sala,
Dobando seda amarela [3],
Veio o conde d'Alemanha,
Três fios me tirou dela.
. . . .
— Cala, cala, minha filha,
Não te dês pelo pesar [4];
É um rapazinho novo . . .
Fez-te isso para brincar.
— Valha-lhe um corno o seu brinco,
E mais o seu brinquedar,
Que me pegou por um braço,
À cama me quis levar.
. . . .
— Venha, venha, minha mãe,
À janelinha do meio;
Venha ver o senhor conde,
Que dá braços ao passeio.
Venha, venha, minha mãe,
À janelinha do canto;
Venha ver o senhor conde,
Todo vestido de branco.

5

a) Claralinda [5]

Estando eu no meio
Do meu jardim assentada,
Botei os olhos p'r'ó mar,
Vi vir uma linda armada.
— Capitão que nela vais,
Que a levas tam guiada . . .
— A menina, que diz isso,
Alguma coisa traz nela . . .
— Trago lá o meu marido
Há sete anos na guerra.
— Diga-me, minha menina,
Os sinais que êle levava.
— Levava cavalo branco,
Em cima seda amarela [6];
Na ponta da sua lança,
Sua bandeira de guerra.
— Pelos sinais que me dais
Lá ficou morto na guerra.
Debaixo dum lírio branco
Sete facadas lhe deram;

---

(1) *Agora não é verso*, repete a informadora: O pai da donzela que foi à guerra mandou fazer-lhe um vestido, igual ao das outras filhas, e ofereceu um jantar, (onde esteve o *capitão*), prometendo que se êste distinguisse a donzela pretendida, lha daria em casamento. O *sargento* conheceu-a pelos olhos e casou com ela.

(2) Cfr. Garret, *Romanceiro*; T. Braga, *Romanceiro*, pág. 29; e *Rev. Lus.* IX, 311.

(3) «Vestidinha de amarelo.»

(4) «Nem disso tenhas pesar.»

(5) O núcleo do romance é o da «*Bella Infanta*» que Garret considera como «a mais geralmente sabida e cantada das nossas xácaras populares.» — Cfr. T. Braga, *Romanceiro Geral*, pág. 124; *Rev. Lus.* IX, 283, 294, 312, 318 e 320. No *Romanceiro* de Garret, *Claralinda* é a filha do rei que tem amores com o conde, e que é denunciada pelo pagem.

(6) «Em cima sua sela dourada.»

A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.

— Eu vou-me por essa rua,
Quem me a mim ouvir chorar,
Chama-triste viúva!
Eu vou-me por essa estrada,
Quem me a mim ouvir chorar,
Chama-triste desgraçada!
— Quanto deras vós senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
— Dera-vos tanto dinheiro
Que o não *saibas* contar [1].
— Não quero vosso dinheiro,
Que vos custou a ganhar;
Quanto deras mais senhora
A quem *vos* trouxera aqui?
— Dera-vos laranjeira doce
Que tenho no meu jardim [2].
— Não quero vossa laranjeira,
Que não serve para mim;
Quanto deras mais, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
— Três meninas que eu tenho,
Todas três te dera a ti:
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais bonitinha delas
Para convosco casar.
— Não quero vossas meninas,
Que vos custaram a criar;
Quanto deras mais, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
— Três moinhos qu'eu tenho,
Todos três vos eu dera:
Um que mói cravo,
Outro que mói rosa,
Outro que mói canela.
— Não quero vossos moinhos,
Isso p'ra mim nada serve [3];
Quanto deras mais, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
— Nem tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir . . .
— Só quero o vosso corpo
Uma hora para dormir.
— Maroto que tanto pede
Merece ser arrastado,
De roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavalo.

Descei, ó moços, cá abaixo
Vinde vós dar *o pago* [4].
— Os vossos moços, menina,
Não *ergue* as mãos para mim:
Se êles são vossos criados,
Êles moços são de mim [5];
Se queres ver o teu marido,
Êle está ao pé de ti.
— Se tu és o meu marido,
Para que falaste assim?
— Era a ver Claralinda
O *bem* que tinhas de mim.
Anel de sete pedras,
Qu'eu contigo reparti,
Deixa ver a tua metade,
Pois a minha ei-la aqui [6].
— Deixa vir o pai da missa,
Que êle *diz* se isso é assim.

---

(1) «Dera-vos rasas de dinheiro,
Quantas pudesses medir.»

(2) «Dava-vos os meus telhados,
Que são d'ouro e marfim.»

(3) Reconhece-se que a frase foi construida para substituir um verso que esqueceu. No *Romanceiro* de T. Braga ha o verso:

«Não me servem para mim.»

(4) *Dar o pago* é dar o castigo. *Has-de ter o pago*, has-de ser castigado.

(5) Êstes versos são semelhantes aos do — *Bernal Francês* — quando o marido surpreende a mulher em tentativa de adultério. V. *Romanceiro* de Garret.

(6) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 215 e 216.

b) D. Carolina

Senhora D. Carolina,
No seu jardim assentada,
Seu pente d'ouro na mão,
Seu cabelo penteava.
Botou os olhos ao mar,
Viu uma *bela* branca armada;
Capitão que nela vinha,
Muito bem a governava.

—Diga-me o senhor capitão
Se lá viu o meu marido.
—Diga-me ó minha senhora:
Êle que sinais levava?
—Levava cavalo branco,
Com sua *cilha* amarela;
Na ponta da sua espada,
Uma bandeira de guerra.
—Êsse homem lá o vi
Com vinte e cinco facadas,
A mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada.
—Ai de mim, pobre viúva,
Ai de mim, que estou desgraçada!
Com três filhinhas que tenho,
Nenhuma delas está casada.
—Quanto deras vós, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
—Dava-lhe uma p'r'ó vestir,
Dava-lhe outra p'r'ó calçar,
A mais bonitinha delas
Para consigo casar.
—Não quero as suas filhas
Que não me *converte* a mim:
Sou soldado, vou p'r'à guerra
Não *existo* por aqui.
Quem me dera dar um beijo
Nesse teu corpo gentil!
—Cavalheiro, que assim fala,
Devia ser arrastado
À roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavalo.
. . . .
—Anel com sete pedrinhas
Que eu contigo reparti,
Deixa ver a tua metade
Que a minha tenho-a aqui.
—Minha metade perdi-a
Na manhã de S. João,
A colher florzinhas
Para a Senhora da Conceição.
Não é pelo anel,
Mas é pelo que dirão,
Que eu que sou uma perdida
Que perco quanto me dão.
Anel que me tu deste
Está no largo da Trindade;
Era-me largo no dedo,
Apertado na amizade (1).

---

(1) A última canção é uma variante dum tema muito espalhado.

Cfr.: 1 Anel que me tu deste
Era de vidro e quebrou;
O bem que me tu queres,
O anel o demonstrou.

2 O anel que me deste
Era de vidro, quebrou;
Assim dure a tua vida
Como o anel durou!

3 Anel das sete pedras,
Salta fora do meu dedo;
Tu foste o causador
De eu tomar amores tam cedo.

4 Anel que me tu deste
Era de vidro, quebrou;
Agora, Manuelzinho,
O nosso bem acabou.

Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pag. 430 e 293; *Rev. Lus.* X, 137; *Trad. pop.* cit., pag. 215.

c) **O anel das sete pedras** (1)

. . . .
— Ai de mim, triste viúva,
Que estou desgraçada;
Se até agora era senhora,
Agora vou ser criada!
— Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui?
— Dava-lhe tanto dinheiro,
Que não haveria fim.
— Não quero vosso dinheiro,
Que vos custou a ganhar;
Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui?
— Dava o meu cavalo branco,
Que não ha outro igual.
— Não quero o vosso cavalo,
Que vos custou a criar;
Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui?
— Dava-te três meninas,
Que estão debaixo dum laranjal,
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
Outra no meio a chorar,
A mais formosa de todas,
Contigo a hei de casar,
Uma para te lavar os pés,
E outra para *arranjar* (2):
Todas três são minhas filhas.
— Não quero as vossas filhas,
Que vos custaram a criar.
Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui (3)?
. . . .
— O homem que me pede um beijo
Devia ser arrastado,
De roda do meu poço,
Ao rabo do meu cavalo.
— Que é do anel das sete pedras
Que eu contigo reparti?
Amostra a outra metade,
Que a minha está aqui.
— A minha metade perdi-a
Na manhã de S. João,
A apanhar as florzinhas
P'r'à Senhora da Conceição (4).

6

O Cego (5)

— Minha mãe acorde,
Dêsse seu dormir;
Venha ouvir um cego
Cantar e pedir.

— Se êle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o triste cego
Seguir o caminho.

---

(1) A rapariga que me contou o romance na Trofa começou por dizer: «Um capitão foi para o Brasil e deixou repartido com a mulher um anel de sete pedras que tinham comprado. A mulher andava sempre a ver quando vinha *um vapor* (sic) e *outro* e o marido nunca chegava. Uma vez viu vir um vapor com um homem que era o dela mas que tinha escondido o anel para ela o não conhecer.

Preguntou ela ao homem: — Não viu por lá o meu marido? — Êle que sinais levava? — Levava burro branco e fita amarela na ponta da espada. — Êsse homem lá o vi com vinte e sete facadas; a mais pequena delas era a cabeça cortada.»

— Como vimos noutro exemplo acima, o povo, quando a memória falha, avisa. «Agora não é verso» e faz a narração como se tratasse duma novela em prosa

(2) Isto é, para arranjar a casa. O passo parece roubado à «*Nau Cathrineta*», e uma transição para a prosa, motivada pela falta de memória do narrador.

(3) Depois a mulher diz: — «Peça lá o senhor *por bôca*, que eu já não sei o que lhe hei de prometer mais. — Queria um beijo dêsse lindo corpo.»

(4) Os últimos versos foram introduzidos recentemente.

(5) Cfr. Garret, *Romanceiro*, T. III, pag. 191, e T. Braga, *Romanceiro Geral*, pag. 55.

—Não quero o seu pão,
Não quero o seu vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.
—Pega na tua roca,
Pega no teu linho;
Vai ao triste cego
Ensinar o caminho.

—Espiou-se a roca,
Acabou-se o linho;
Vá o triste cego
Seguindo o caminho.
—Venha mais *adente*
Venha mais alêm;
Sou curto da vista,
Eu não vejo bem.

—De condes e duques
Eu fui perseguida;
Agora dum cego
Me vejo vencida!
—Não me chames cego,
Porque eu não no sou;
Sou o mesmo duque,
Que te desafiou.
—Adeus minha mãe,
Adeus minha terra;
Adeus minha mãe,
Que tam falsa me era.
Adeus minha mãe,
Adeus meus pombais;
Adeus minha mãe
Para nunca mais.

7

Santa Iria (1)

—Estando eu cosendo
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Passou um cavaleiro,
Pedia pousada.
Eu não lha dei
Que não governava;
Se lha meu pai desse,
Estava *bím bem* dada (2).
Deu-lha a minha mãe
Por ser confiada. . . .
. . . .
—Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte,
Serei teu romeiro.
—Perdoar-te a morte,
Ladrão carniceiro,
Que do meu pescoço
Fizeste carneiro.
. . . .

8

A Nau Santa Catarina (3)

. . . . (4)
Botaram as sete sortes
Quais haviam de matar;
As sete sortes cairam
No capitão general!
Todos *erguero* a espada
Para o capitão matar;
Capitão ergueu a sua
Para seu corpo livrar.

---

(1) V. Garret, *Viagens*, Cap.os XXIX e XXX; T. Braga, *Romanceiro Geral*, pag. 45 e seg..

(2) *Bim bem*, muito, mui. O povo usa freqùentemente: «*Foi bim bem*»—foi muito, foi demasiado.

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, IX, 281 e 319; Garret, *Romanceiro*, T. III, pag. 97; T. Braga, *Romanceiro*, pag. 23.

(4) «A nau estava há sete anos parada, tinham comido tudo o que levavam, até a sola; não tinham mais que comer.»

Dali ouviu uma voz:
— Quanto deras capitão
A quem te ponha em Portugal?
— *Dera-vos* tanto dinheiro
Que o não *saibas* contar.
— Não quero vosso dinheiro
Que vos custou a ganhar;
Tens de dar a mão á palma . . .
Só quero a tua alma.
— Arrenego-te eu ó demónio
E à tua má palavra,
Que a minha alma é de Deus
E da Virgem Mãe sagrada.

Palavra não era dita,
Já o navio andava.
Ó nau de Santa Catarina,
Alegre que és *aparecido*,
Ha certos autores que *diz*
Ó nau que eras *perdido* (1).

9

Donzela (2)

Eu amava uma menina,
Era orfã, não tinha pai;
Era uma pomba sem fel,
Vivia com sua mãe.
A sua mãe não queria
Que a filha amores tivesse;
Namorava às escondidas
Pera qu'ela o não soubesse.
Ali andou nove meses
Sem nunca haver novidade;
Numa hora repentina
Deu-lhe Deus uma enfermidade:
Era uma moléstia que andava,
Chamada a febre amarela;
Por espaço de três dias
Toma a morte posse dela.
Chama a mãe à cabeceira,
Lhe pede com grande dor:
— Não posso dar a alma a Deus
Sem despedir do amor.
P'ra lá mandou a criada,
Logo no próprio dia:
— Anda ver a tua amada,
Está na ânsia da agonia.
Peguei no chapéu na mão,
A criada acompanhei;
Tamanho foi o caminho
Que *inté* lágrimas botei.
Logo que cheguei aos portais
Vi tudo espavorido;
Vi as janelas fechadas,
Pensei que tinha morrido.
Cheguei ao tôpo da escada,
Não ouvi nem ai gemido.
— Responde ó pomba sem fel,
Achei que tinhas morrido.
Subi mais para cima,
Ao seu leito me encostei.
— Mandeste-me vir? — Mandei!
Toda a noite esteve à vela:
— Não tiveste por pecado
Enganar uma donzela?
Se passares *ó* cemitério,
No dia do meu entêrro,
Dize à terra que não coma
As tranças do meu cabelo.
Ó morte, ó cruel morte,
A mim me deixou no mundo;
Levaste a minha amada
Para êsse abismo profundo.
Ó morte, ó cruel morte,
De ti tenho mil queixas.
Quem tens de levar, não levas,
Quem has de deixar, não deixas.

(1) Note-se o gênero de nau. V. Cap. VI, n.º 89 dêste trabalho.

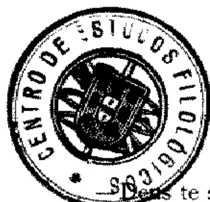
(2) Êste *fado* (é o nome que lhe dão as minhas informadoras) é muito conhecido em Santo Tirso. Dizem-me que foi ouvido aos cegos.

É possivel também que — *Donzela* — fosse aprendido num dos muitos *folhetos* que possuem os curiosos, e depois adaptado à linguagem e costumes de Santo Tirso.

Ó morte, tirana morte,
Que negra morte me *destes!*
Que a minha amada *levastes*
P'r'à sombra dos *aciprestes.*

Ó morte, tirana morte,
Ó morte, tirana, sim;
Levaste a minha amada,
Leva-me também a mim [1].

10



Pastorinha

— Deus te salve pastorinha
Que vosso gado guardais.
— Venha com Deus passageiro,
Deus salvado sejais.
— Eu salvei e tu salvaste,
Cumprimos nosso dever.
— Foi criação que me deram
De eu a tudo responder.
— Se tu queres pastorinha,
Deixa ficar o teu gado;
Vem na minha companhia,
Que eu serei o teu amparo.

— Eu consigo não vou:
Sendo na serra nascida,
Que hei de fazer na cidade
Sem lá ter modo de vida?
— Comeres e beberes
E andares asseada;
Bonda a formosura,
Não é preciso mais nada.
— Adeus pais, adeus manos,
Adeus gado que eu guardei,
Que eu vou para a cidade
Casar c'o filho do rei [2].

VIII

Cancioneiro

1

Esta aldeia do Paranho [3]
Nem é vila, nem aldeia;
E' uma cidade nova
Onde o meu amor passeia.

2

Raparigas de Fontela, [4]
Que ha de ser de vós agora?
A'strada 'stá-se àcabar,
Os Galegos vão-se embora.

---

(1) A última parte é formada de canções que se ouvem isoladamente. V. Tomaz Pires, *Cantos*, t. I, pag. 351, e *Rev. Lus.* IX, 257.

(2) Cfr. *Os pastorinhos irmãos*, *Rev. Lus.* IX, XXVIII.

Tenho em meu poder uma versão diferente da *Pastorinha*, colhida em Montalegre pelo aluno Moraes Caldas.

(3) Paranho é uma aldeia onde fica a estação da Trofa.

Cfr. *Rev. Lus.*, X, 127.

(4) Fontela é uma povoação da freguesia de Areias. Os galegos andavam na construção da estrada do caminho de ferro de Guimarães.

O epigrama nasceu quando, terminada a estrada, retiraram os trabalhadores.

3

A' beira do rio Ave
E' um regalo morar;
Quem tem sede, vai beber,
Quem tem calor, vai nadar [1].

4

O' luar alumiai-me,
O' estrêlas dai-me luz;
Eu quero ir ao serão
A S. Tiago da Cruz [2].

5

Eu hei de mandar fazer
Um barquinho à ligeira,
Para mandar saudades
De P'radela p'r'Abelheira [3].

6

Rapazes, quando eu morrer,
Mandai-me fazer a cova,
Forradinha de vermelho
No adro de Vila Nova [4].

7

Tenho um amor em Alfena,
Outro em Penafiel,
Um na aldeia de Lousado [5],
Que se chama Manuel.

8

Adeus cidade da Trofa,
Breve te estou a deixar;
A maior pena que tenho
E' do amor cá ficar.

9

Já fui canário do rei,
Já te cantei na gaiola;
Agora sou pintassilgo
Das môças de Vila Nova.

10

A aldeia de P'radela
E' um centro bem airoso;
Quem nele tomar amores,
Hade se dar por ditoso.

11

O' aldeia de P'radela,
Deixar-te muito me pesa;
Ainda espero de voltar
Ao centro da natureza [6].

12

Bougado [7] e S. Martinho,
Lousado e Ribeirão [8];
Nestas quatro freguesias
Navega o meu coração [9].

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pag. 279, e *Rev. Lus.* X, 134.
(2) Freguesia do Concelho de Famalicão.
(3) Aldeias da freguesia de S. Martinho de Bougado.
(4) O povo chama vulgarmente *Vila Nova* a Vila Nova de Famalicão.
(5) Lousado pertence ao concelho de Famalicão.
(6) Outra versão começa — «Freguesia de Areias.»
(7) S. Tiago de Bougado.
(8) Freguesias de Famalicão, vizinhas das outras.
(9) Eis uma variante:

Santa Marinha e Seide,
S. Paio e Requião;
Nestas quatro freguesias
Navega o meu coração.

13

Bougado é boa terra,
Mas falta lá boa gente:
S. Martinho leva o ramo,
Graças a Deus para sempre.

14

Senhora do Pilar,
Senhora da Abadia:
Morreu o Zé Patrão [1],
Já não casa a Freguesia.

15

Quem for a Barrimau
Leve contas de rezar,
Que lá é o Purgatório,
Onde os frades vão penar [2].

16

Freguesia de Areias,
Cercada de cravos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

17

Minha terra, minha terra,
Minha terra não a nego:
Minha terra é Landim
Onde os meus olhos *navego*.

18

Adeus terra de Landim,
Terra de murmuração,
Onde se *faz* as *audências*
Sem letrado, nem 'scrivão.

19

Adeus terra de Landim,
Terra da minha paixão,
Onde eu tenho o meu amor
Da raiz do coração.

20

Tenho um amor em Areias,
Tenho outro no Barreiro [3];
Tenho outro em Landim,
Êsse é o mais verdadeiro.

21

Vila de Santo Tirso,
Cercada de lampiões,
Onde vão os guitarristas
Afinar os violões.

22

Vila Nova já foi vila,
Agora é um chiqueiro:
Quem quiser môças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.

---

(1) O Zé Patrão era viúvo e preparava-se para casar com uma mulher chamada Freguesia, quando morreu. A quadra ouviu-se logo depois da morte.

(2) Variante:

Se fores a Landim,
Leva contas para rezar,
Que lá é o Purgatório
Onde as almas vão penar.

A aplicação da forma a Barrimau vem duma judiaria feita a um frade nessa casa da freguesia da Lama — judiaria que foi contada um pouco romanticamente na citada revista — «*O Ave*».

Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 133, e *Rev. Lus.* X, 191.

É êste um dos casos mais interessantes das modificações provocadas, numa canção popular ou popularizada, pelo meio ou pela aplicação a diferentes casos.

(3) *Barreiro* — lugar da freguesia de Areias.

23

Vila Nova, Vila Nova,
Vila Nova pequenina;
Se não fôra Vila Nova,
Vila Nova era minha.

24

Eu vou-me daqui embora,
Minha terra é Landim;
Meu amor, se te eu faltar,
Não te apaixones por mim.

25

Nas Lameiras não há môças [1],
Em Areias ha um *rôr* delas,
No Barreiro há algumas,
Na Palmeira, um ramo delas.

26

Freguesia de Areias,
Terra da minha paixão,
Onde tenho o meu amor
Da raiz do coração.

27

A freguesia da Lama [2]
Tem vinte e cinco quintais;
Ainda ontem lá passei,
Tem dezoito, não tem mais.

28

Tanta vez te disse adeus
Ao sair do Pôrto fora;
Bem podias entender
Eu que me vinha embora.

29

Todolos dias lhe trago
Um bom almôço de leite,
Um molete de Valongo:
Assim o senhor mo aceite!

30

Adeus, cidade do Pôrto,
Adeus, rua da Batalha;
Adeus fábrica da sêda,
Onde o meu amor trabalha [3].

31

O' que pinheiro tam alto!
Quem lhe há de colher as pinhas?
E' uma menina do Pôrto,
Que se chama Mariquinhas.

32

O' que pinheiro tam alto!
Quem lhe há de colher a rama?
E' uma menina do Pôrto,
Que se chama Mariana.

33

O' coração de três penas,
Dá-me uma, quero voar;
Que eu vou ao Brasil e venho,
Na vinda torno-ta a dar.

34

Atirei uma laranja
Por cima de Braga fora;
Adeus Braga, adeus cidade,
Adeusinho, vou-me embora [4].

---

(1) Lameiras — lugar da freguesia da Lama.
(2) A freguesia da Lama é muito pequena.
(3) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 375.
(4) Cfr. a seguinte quadra colhida em Montalegre:

«Atirei com a laranja ao ar
Por cima de Chaves fora;
A laranja caiu dentro,
Adeus Chaves, vou-me embora.

35

Adeus, cidade do Pôrto,
Adeus, rua do *Lòreiro;*
Adeus, menina bonita,
Que eu vou para o Limoeiro.

36

Quem me dera ir para o Pôrto,
Que eu no Pôrto era alguêm!...
Quem me dera a liberdade
Que as môças no Pôrto teem!...

37

Se o mar tivesse varandas,
Ia-te ver a Lisboa;
Mas o mar não tem varandas,
Quem não tem asas não voa (1).

38

Vou-me daqui embora,
Vou-me p'r'à Ramada Alta;
Assim que me eu for embora,
Sentireis a minha falta.

39

Daqui a Braga é longe,
Não chegam lá meus suspiros;
Quando êles lá *chegar*,
Vão mais mortos que vivos.

40

Ó Vila Rial alegre,
Ninguêm te quer mais do que eu;
Bonda tu seres o centro
Onde o meu amor nasceu.

41

Adeus, ó Penafiel,
Ó feira de S. Martinho;
P'r'ó ano que cá volte,
Venho comprar um burrinho.

42

Fui a Santarêm por terra
Por ver o Santo Milagre;
Nunca vi terra tam santa,
Nem gente de tanta maldade!

43

Oliveira do Brasil,
Atira para cá um ramo;
Meu amor é teimoso,
A teima dura-*le* um ano.

44

Tenho passeado terras,
Já fui ao Brasil e vim;
Já fui amada dum anjo,
Querida dum serafim.

45

— Dizes que me não queres,
Eu que não tenho dinheiro;
Tenho o meu pai no Brasil,
Sou filha dum brasileiro.

— Coitadinha de ti, môça,
Como vives enganada!...
Teu pai não te dá dote,
Eu não te quero sem nada.

46

Vós *dezeis* que não há rosas
Lá no Rio de Janeiro;
Inda onte vi uma
Ao peito dum brasileiro.

47

O meu amor é do Pôrto,
É meio *acidadão;*
Vem afeito a *omelete*,
Não me quer comer o pão.

---

(1) Esta quadra é muito conhecida com o segundo verso — «Ia-te ver ao Brazil.»

48

Senhora das Dores da Maia [1],
Para o ano lá hei de ir;
Ou casada, ou viúva,
Ou criada de servir.

49

. . . .
Eu para o ano lá vou;
Ou casada, ou solteira,
Ou no *ajo* [2] em que estou.

50

. . . .
E o vosso terreiro varrido;
Eu para o ano cá venho,
Cá o deixo prometido.

51

Senhora de Valinhas [3],
Não vos torno a rezar,
Que me tiraste as merendas,
Ás horas de eu descansar.

52

Milagrosa Santa Eufémia,
Lá do alto da Carriça;
No dia da vossa festa
Quantos ficarão sem missa!

53

Milagrosa Santa Catarina,
Aqui tendes as romeiras [4];
Se as não quereis casadas,
Aqui as tendes solteiras.

54

. . . .
De longe vos vim ver,
Que vós destes a saude
A quem 'stava p'ra morrer.

55

. . . .
Vinde ao meio da igreja,
Que vos quero adorar
Onde toda a gente veja [5].

56

. . . .
As costas vos vou virando;
As entradas foram hoje,
As saidas não sei quando.

57

Santo Amaro de Paredes [6]
Tem uns sapatinhos brancos,
Para conversar as môças
Domingos e dias santos.

---

(1) A romaria da Senhora das Dores realiza-se em S. Martinho de Bougado, perto da estação da Trofa.

(2) A palavra *ajo* (= estado) pode ver-se como *pop.* no *Novo Dicionário*, 2.ª edição.

(3) A Senhora de Valinhas, talvez a romaria mais pitoresca de Santo Tirso, realiza-se num espaço coberto de carvalhos por trás da serra de Monte Córdova.

(4) As romeiras vão cantando em cumprimento de alguma promessa pela cura dum *doente do juizo*.

(5) Pelo Natal; quando se dá o menino Jesus a beijar, canta-se em Areias esta quadra, mas principiando:

«Ó meu menino Jesus
. . . .

(6) A ermida de Santo Amaro, onde há uma romaria fica na freguesia da Carreira, Famalicão.

58

. . . .
É padrinho de Maria;
Eu *tamêm* sou afilhado
Da Senhora da Abadia.

59

Senhora da Abadia (1)
Tem uma fita no braço,
Quê le dero os anjinhos
A 25 de Março.

60

. . . .
Tem uma fita no pé,
Quê le dero os anjinhos
No dia de S. José.

61

Ó Senhora da Assunção (2),
A vossa benção me dai;
Entregai a minha alminha
A nosso eterno pai.

62

. . . .
Que no alto estais,
Cercadinha de anjos,
Bendita sejais.

63

. . . .
O caminho pedras tem;
Se não fosse o vosso milagre,
Não viria cá ninguêm.

64

. . . .
Dai-me água da vossa fonte,
Que eu já venho cansadinha
De *assubir* ao vosso monte.

65

Ó Senhora d'Apar'cida (3),
Em toda a terra me apareça;
Hoje vos venho adorar,
Nunca de mim se esqueça.

66

Senhora do Sameiro,
Deita fitas a voar;
Bormelhinhas e branquinhas,
Todas vão cair ao mar.

67

Senhor da Serra ajudai-me,
E Senhora do Sameiro;
Hei de comer e *bober*,
Há de ser *co'o* meu dinheiro.

68

Hei de ir ao Senhor da Serra,
Aindas que me leve um mês;
Quero ver o milagre,
Que o Senhor da Serra fez.

69

Fui ao S. João a Braga,
Só p'ra ver a romaria;
Põe-te a pé, ó S. João,
Põe-te a pé, que já é dia.

---

(1) A Senhora da Abadia no Alto Minho é uma das romarias mais afamadas do ano.

(2) A Senhora da Assunção é uma capelinha moderna no prolongamento do Monte Córdova, fronteiro a Santo Tirso.

(3) A Senhora da Aparecida, muito frequentada pelos apaixonados de romarias, fica para os lados de Lousada.

70

. . . .
Vi tudo embandeirado;
Isto tudo são bandeiras,
Que S. João tem ganhado.

71

Se fores ao S. João,
Traz-me um S. Joãozinho;
Se não puderes c'um grande,
Traz-me um mais *pequeninho*.

72

S. João para ver as môças
Fez uma fonte de prata;
As môças não passam lá,
S. João todo se mata.

73

Donde vens, ó S. João,
Co'a capa côr de rosa?
Venho de ver as fogueiras
Do terreiro d'Areosa.

74

S. João é santo,
Quem me dera ser assim!
Vamos ver o baptizado
Ao S. João de Landim.

75

S. João, de Deus amado,
Santinho, de Deus querido;
Deparai a minha saude
Neste copinho de vidro.

76

Querido Anjo da Guarda,
Minha guia, defensor;
Rogai sempre a Deus por mim
Por qualquer parte que for.

77

Ó meu Menino Jesus,
Ó meu menino do céu;
Tendes cabelinho de ouro,
Não precisais de chapéu.

78

Senhora da Guia,
Sempre me guiai,
Para o caminho do céu,
Bendita sejais.

79

O Snr. P. Figueiras [1]
Diz-me que me ha de dar o dote;
Se mo há de dar em vida,
Dê-mo na hora da morte.

80

Santa Tereza de Jesus,
Menina de cinco anos,
Escreveu a Jesus Cristo
Que o mundo que era de enganos.

81

Ó que lindo baptizado
Lá no rio de *Gerbon!*
S. João a baptizar Cristo,
Cristo a baptizar João.

82

Que passarinho é aquele
Que canta na carvalheira?
É o galo do abade
A sair da capoeira.

83

Que passarinho é aquele
Que nos faz ameaços?
C'o biquinho pede beijos,
C'o as asas pede abraços.

---

(1) Cfr. Cap. v, 12.

84

Atira, mano, atira,
À pomba que anda na eira;
Ah ladrão que a mataste!
Era a minha companheira . . .

85

Ó malhão, malhão,
Ó malhão da pêga,
Tem o rabo branco,
A cabeça negra.

86

Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido;
Indas que seja de penas,
Eu em penas também vivo.

87

A rolinha se queixou
Que lhe alagaram o ninho;
Para que o fizeste rôla
Na beirinha do caminho?

88

Tenho à minha *jinela*
O que tu não tens à tua:
Um cravo roxo pintado,
Que *alumeia* toda a rua.

89

Rosa branca toma côr,
Não sejas tam desmaiada;
Onde vai rosa vermelha,
Rosa branca não és nada.

90

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar que estás bem:
Cá debaixo ninguêm te chega,
Lá cima não vai ninguêm.

91

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar no botão;
A rosa depois de aberta
Todos lhe *quer* pôr a mão.

92

Da outra banda do rio
Tem meu pai um *castinheiro*;
Dá castanhas em Agôsto,
Uvas brancas em Fevereiro [1].

93

Da outra banda do rio,
Da outra banda de alêm,
Tem meu pai um *castinheiro*,
Que muitas castanhas tem.

94

Da outra banda do rio,
Da outra banda de lá,
Tem meu pai um *castinheiro*
Que bastantes castanhas dá.

95

A folha da tua lata
'stá *marela*, quer cair;
Tinha-la presa por pouco,
Bem te podia fugir.

96

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma;
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

97

Dizes que não pode ser
Silva verde dar um cravo;
Aqui o trago ao peito,
Com a mesma silva pegado.

---

(1) Cfr. cfr. T. Pires — *Cantos*, T. I, pág. 311.

98

Fui-me deitar a dormir
Debaixo da laranjeira;
Caiu-me uma flor em cima,
Ai Jesus que tam bem cheira!
Cheira a cravo, cheira a rosa,
À flor de laranjeira.

99

Tenho à minha janela
O que tu não tens à tua:
Um ramo de violetas
Viradinho para a rua.

100

Dá-me da tua merenda
Um bocadinho de pão,
Que eu vou para o limoeiro,
Atiro-te com um limão.

101

Esta noute à meia noute,
Nem meia noute seria,
'stava-se a apartar o cravo
Da rosa de Alexandria.

102

Deste-me uma pêra verde,
Havia de amadurar;
O que é verde, verde fica,
Tu querias-me enganar.

103

No meio daquele mar
Está uma pombinha branca;
Não é pomba, não é nada,
É o mar que se levanta.

104

Ó vida da minha vida,
Canta a sereia no mar;
Muitos navios se *perde*
De a sereia ouvir cantar.

105

O sol quando nasce é rei,
Às dez horas é morgado,
Ao meio dia triunfa,
À noute é que é sepultado (¹).

106

Ó estrêla do norte
'spera por mim que já vou;
'spera p'ra me alumiar,
Já que o luar se acabou.

107

Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos azuis, olhos verdes;
Estas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vêdes.

108

Vós chamais-me trigueirinha,
Trigueirinha engraçada;
Mais vale ser trigueirinha
Do que branca *romelada* (²).

109

Vós chamais-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Vereis-me lá para domingo
Como o botão da roseira.

(¹) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 165.

(²) Variante: «Do que branca descòrada» — cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 210, e *Rev. Lus.* x, 192.

110

Menina de amarelo,
Diga-me quanto custou,
Que me quero vestir dêle,
Já que tanto me agradou.

111

Subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí;
Se o limoeiro é morte,
Ai de mim que já morri!

112

Eu já fui ao céu em vida,
Já vi o que por lá vai:
Muita mulher sem marido,
Muito filhinho sem pai.

113

Meu amor, não morras hoje,
Que amanhã *tamêm* é dia;
Eu *tamêm* hei de morrer,
Vou na tua companhia.

114

Se eu morrer e tu morreres,
Morreremos nós ambinhos;
Ainda se ha de poder ver
Numa campa dois anjinhos!...

115

Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tam doce!...
Quem me dera morrer mais,
Se o morrer sempre assim fôsse!...

116

Ó sepultura tirana,
Terror que me há de comer!
Não sei a hora nem q'ando,
Mas bem sei que hei de morrer.

117

Já te rezei *pola* alma
Ó rainha das flores;
Já lá tenho esta candeia
Quando dêste mundo fores.

118

Manjericão da janela,
Já te podes ir secando;
Já morreu quem te regava
E eu já me vou cansando.

119

Já lá vai a *Delaidinha*,
Já lá vai, 'stá-se a enterrar;
A quem deixaria ela
A máquina de costurar?

Já lá vai a *Delaidinha*,
Já lá vai p'r'à sepultura;
A quem deixaria ela
O *çafate* de costura?

120

Se ouvires tocar o sino,
Não *prògruntes* quem morreu;
Vai ver ao cemitério,
Pode ser que seja eu.

121

Quando eu era pequena,
Que a minha mãe me embanava,
Eu logo 'stava *dezendo*
P'r'ó que minha mãe me criava.

122

Vai-te embora, roixinol,
Deixa o *lóreiro* em baga;
Deixa dormir a menina
Um sono *assossegada* (1).

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 36.

123

Vai-te embora, roixinol,
Deixa a baga ao *lòreiro;*
Deixa dormir o menino,
Que está no sono primeiro.

124

Quatro cousas quer o amo
Do criado que o serve:
Deitar cedo, e erguer cedo,
Comer pouco e ser alegre [1].

125

Vou-me embora de meu amo,
Não *le* devo nem uma hora;
Êle é que me deve a mim
O tempo que andei por fora.

126

Minha mãe é minha amiga,
Quando coze dá-me um bolo;
Quando se zanga comigo,
Dá-me com a pá do forno.

127

O' Maria, olha o pai
As calças novas que tem!
Cosidas com linha branca,
Olha como ficam bem!

128

Fostes dezer a meu pai
Que eu que andava còradinha;
Os anjos do céu me *leve*
Se esta côr não era a minha.

129

Minha mãe quando me teve
Cuidava que 'stava rica;
Agora quer-me matar
Com remédios da botica.

130

O' minha mãe, minha mãe,
Não me chame sua filha;
Chame-me uma desgraçada
Que neste mundo se cria.

131

Senhor pai, senhora mãe,
Dê-me a chave do jardim,
Que eu quero cortar um cravo
Para dar ao Joaquim.

132

Senhor pai, senhora mãe,
Dê-me a chave do dinheiro,
Que eu queria embarcar
Para o Rio de Janeiro.

133

Sim senhora, não senhora,
Foi a minha criação;
Foi a primeira doutrina,
Que a minha mãe me ensinou.

134

Coitadinho de quem nasce
No mundo p'ra ser mulher;
Se é bonita, é desgraçada,
Se é feia, ninguêm a quer [2].

135

A mulher é desgraçada
Até no vestir da saia;
Não ha desgraça nenhuma
Que aos pés da mulher não caia.

136

O' línguas *marmuradoras*,
Deixai-me sequer uma hora,
Que me tendes consumido
Desde que nasci até agora.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 124.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 160.

137

Disseste mal de mim
A quem mo logo contou;
Eu sempre quis bem e quero
A quem me desenganou (1).

138

Quem me dera a mim saber
O que de mim tendes dito;
Dezei o que vós quiseres,
Que eu quem era sempre fico.

139

Fostes *dezer* mal de mim,
Maldita língua danada!
Não *le* sabias *dezer*
Dessa mulher não sei nada?

140

Eu tenho muito dinheiro
Aqui na minha algibeira,
Mas não é para você
Que é muito chocalheira.

141

Quando Deus formou o mundo,
De barro formou Adão;
Também formou a mulher
Da costela dum cão.

142

Se tu queres que t'eu diga
Quem são os quatro ladrões:
São vendeiros e moleiros,
E letrados e *escrivões*.

143

O meu pai chama-se Caco,
Minha mãe Caca-Maria;
Eu sou um Caquinho novo,
Que nasci na Cacaria (2).

144

Hei de casar êste ano
C'um *home pequenico;*
Agarra-se-lhe pelas orelhas:
Arre p'r'àli macaquico (3)!

145

Ninguêm se fie nos *homes*,
Nem no seu doce falar;
Êles teem falas de açúcar,
Coração de rosalgar (4).

146

Ó minha caninha verde,
Ah! ah! olaré *qui atacho* (5)!
Caiu o burro c'os ovos,
Tudo são gemas por baixo.

147

Meu pai ralhou comigo
Por eu cantar e dançar;
Ó meu pai, nasci na borga,
Em borga hei de acabar.

148

O beijo que tu me deste
Sem teu pai, nem mãe saber,
Pega lá, já o não quero
Que já *lo foro dezer*.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 124.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 132.
(3) Variante:

Toda a mulher que se casa
C'um *home* que é pequeninho,
Toda a vida anda atrás dêle:
Anda ali meu macaquinho!

(4) Cfr. *Rev. Lus.* x, 137.
(5) Curiosa etimologia popular por *Cartaxo*.

149

O mar tambêm é casado,
O mar tambêm tem mulher;
'stá casado co'a areia,
Bate nela quando quer (1).

150

Que te importa o meu colete
E mais o meu tirante?
Comprei-o *co* meu dinheiro,
Não mo deu nenhum amante.

151

Menina, ata o cabelo,
Que êle atado 'stá-te bem;
Se não tiveres uma fita,
O carvalho vêrgas tem (2).

152

Regala-te, ó bonitinha,
Dum amor que já foi meu;
Agora colhe-*le* a rama,
Que a flor *le* colhi eu.

153

Coitadinha de quem vai
Ao jardim que outra tem ido;
Colher a mais ruim flor,
Arriscar-se ao maior p'rigo.

154

Eu tenho um colete novo,
Que é de abrochar ao peito;
Romendo, sôbre *romendo*,
Não sei do que êle foi feito!

155

Menina, *aibra-me* a porta,
Menina, *aibra-ma* bem;
Eu quero entrar lá dentro
A mais outros que aqui veem.

156

A viola sem a prima,
A prima sem o bordão,
O homem sem a mulher,
É como o caldo sem pão.

157

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum;
Por penitência me *dero*
Que tivesse ao menos um.

158

Senhor abade, eu pequei,
Cometi um grande pecado;
Eu comi à sexta-feira
Um franganito assado (3).

159

Deitei um cravo ao poço,
Fechado, saiu-me aberto;
E' um regalo na vida
Enganar a quem é 'sperto.

160

Meus senhores não se *admire*
De um macaco fazer renda;
Eu já vi uma *pirua*
Ser caixeira duma venda.

161

Pela manhã dão-me pêras,
Ao jantar pêras me dão;
A' merenda pão e pêras,
A' noute pêras e pão.

162

Chamaste ao teu cabelo
Dobadoira de dobar;
Eu *tamêm* chamei ao teu
Sarilho de ensarilhar.

---

(1) Reproduzimos a quadra pelo interessante epigrama do fim.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 155.
(3) Cfr. *Rev. Lus.* x, 195.

163

Meu amor, não morras hoje,
Deixa lá para quarta-feira,
Que eu hoje não tenho tempo
De ir chorar para a tua beira.

164

Toma lá êste raminho
De folhas de *carbinheiro*,
Cosidas com linha branca:
O retroz custa dinheiro...

165

Era duma vez um *home*
Que morava numa aldeia:
Não tinha mêdo à fome
Quando tinha a barriga cheia.

166

A moda da Margarida
Quem na havia de inventar?
Os prêsos da cadeia,
'stão à sombra, teem vagar.

167

O sinal da cruz do cão [1]

S'tira-te meu pé,
S'tende-te meu rabo,
E depare-me Deus
Mulheres descuidadas,
Portas abertas,
Taleigas desatadas;
E livre-me Deus
De salto de *jinela*,
Descaidela de tranca
E testeira de tamanca.

168

Andais mortos por saber
Como se chama o meu *home*...
Chama-se o Calça Caída,
Marelo e de Cara de Fome.
Andais mortos por saber
Quem é o meu namorado...
Lá no Campo de Santana
Prèguntai pelo Cambado:
Êle das pernas é torto,
Das costas acorcovado,
Da cabeça é tinhoso,
Dos olhos *arremelado* [2].

169

O limão é *alvaada*
E outra qualquer peçonha;
Faz a cara afidalgada
A quem tem pouca vergonha.

170

Dezei-me o que *senofica*
Salsa verde nas paredes;
Senofica lialdade
E nesta época não a vêdes [3].

171

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de ser muito alegre;
Hei de mandar a tristeza
P'r'à maleita que a leve [4].

172

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de dar falas à toa;
Nem o cantar, nem o rir,
Não me tiram de ser bôa.

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 169.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 202.
(3) Cfr. *Rev. Lus.* x, 192, e T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 249.
(4) Cfr. *Rev. Lus.* x, 156, e T. Pires, *Cantos*, T. 1.º, pág. 146.

173

Eu ter de me ir confessar
É o que eu mais *arreceio:*
Tirar do meu coração,
Meter em peito alheio!

174

Quando te procuro, não te acho,
E sem procurar te achei;
Quantos morrem, não se enterram,
Eu sem morrer me enterrei!

175

Ó minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mato o meu corpo,
Não tenho nada de meu.

176

Hei de casar, hei de morrer,
Todos nós somos iguais;
Só nos teres dêste mundo,
Uns teem menos, outros mais.

177

Sou soldado artilheiro,
Ando sujeito à morte;
De sete irmãos que eu tive
Só a mim caiu a sorte.

178

Adeus terra *donde* eu nasci,
Nada mais tenho a dizer;
Me diz o meu coração
Vou à África morrer.

179

Ora vai, filhinho, vai
Deus vá em tua companhia;
Meu coração fica de luto,
Nunca mais tem alegria.

180

Assubi ao limoeiro
Colher uma só *bragasta;*
P'ra quem for entendido
Meio aceno *le* basta.

181

A cana verde no mar
Navega por aí além;
Foi palavra que Deus disse:
Quem tudo quer, nada tem.

182

Eu bem sei quem 'stá bem triste,
Podendo 'star bem alegre;
Quem por quinze perdeu trinta,
Quem tudo quer, tudo perde.

183

A cana verde no mar
Navega e não vai ao fundo;
Indas que eu queira não posso
Tapar a bôca ao mundo.

184

Eu *foi* a que disse ao sol,
Encostada *ó* solidão:
É bem tolo neste mundo
Quem tem dos *homes* paixão.

185

Canta o mocho no penedo,
A coruja no *carvascal;*
Quem se mete com má gente,
Arrisca-se a ficar mal.

186

Salsa da beira do rio,
Da beira do rio salsa;
Mais vale uma feia firme
Que uma bonita falsa.

187

Meu amor, procura agrados,
Não procures formosura;
Formosura sem agrados
É pior que a noute escura.

188

Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre;
A água me respondeu:
Quem tem amores não dorme.

189

Já pensavas em me eu rir
Que já me tinhas na mão;
Eu não sou tão rabaceira
Que coma *fruita* do chão.

190

No meio daquele mar
'stá uma pedra amarela;
Tem um letreiro que diz:
Quem ama, não considera.

191

O ferreiro bate o ferro,
Mora na beira do rio;
Não ha cousa mais custosa
Que é bater em ferro frio.

192

Meu amor, anda-me ver,
Que eu não te vou procurar;
A água procura o rio,
O rio procura o mar [1].

193

Ao passar à tua porta,
Vi o *quê* 'stavas fazendo;
'Stavas a falar de mim,
É mundo, vamos vivendo . . .

194

Mariquinhas tecedeira,
Tem o tear à janela;
Dá-*le* o vento, dá-*le* a chuva,
Todo o fiado *le* quebra.

195

Ó Amélia tecedeira,
Tens o tear à barriga;
Ao botar a lançadeira,
Perna abaixo, perna arriba.

196

Samiei no meu quintal
O brio das tecedeiras;
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de lançadeiras.

197

Ó Amélia, ó Amélia,
Ó Amélia tecedeira;
Foi levar a teia ao Porto,
À rua da Laranjeira.

198

O' vida da minha vida,
Vida solteira, rial:
Quem me desta vida tira,
Faz um pecado mortal.

199

As môças p'ra ser môças,
Ninguêm *l*'há de pôr a mão;
Hão-de ser como a toupeira
Que anda por baixo do chão.

200

O' ingrato, tu já dormes,
Dormes e não suspiras;
Se tu me quisesses bem,
Suspiravas, não dormias.

(1) Cfr. n.º 280.

201

O sol anda que desanda,
Corre o mundo ao redor;
O sol tem comandante
O qual é Nosso Senhor;
E eu não ando, nem desando,
Sou lial ao meu amor [1].

202

Menina, diga o seu nome
Que eu quero pôr em rol;
Se me algum dia faltar,
Direi que me falta o sol.

203

Sapatinho duma sola
Trago debaixo do pé:
Todos os olhos são falsos,
Só nos pretos tenho fé.

204

Algum dia era eu
No teu jardim melhor cravo;
Sou agora um lirio roxo
De penas todo cercado [2].

205

Açucena c'os pés n'água
Aos três dias arrebenta;
Quem quiser o amor firme
Na ausência se *exprementa* [3].

206

Destes um ai *piadoso*
Ao deitar da tua cama;
Quisestes dobrar as penas
A quem deveras te ama.

207

Hei-de amar quem me ama,
Querer bem a quem me quer;
Hei de amar a Deus do céu,
Diga o mundo o que disser.

208

Hei-de amar a quem me ama,
Querer bem a quem *busca;*
Enganar a quem me engana,
Isso é o que menos me custa [4].

209

Nem meu pai, nem minha mãe,
Nem os próprios confessores,
Ninguêm me pode *pr'ibir*
De eu falar c'os meus amores [5].

210

Inda que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida;
Minha palavra 'stá dada,
Minha mão 'stá prometida.

211

Indas que meu pai não queira,
Minha mãe diga que não,
Se tu quiseres *a* mais eu,
'stá o bem na nossa mão.

212

Ó céu, cobre-te de luto,
Ó estrêlas, botai dó;
Meu amor está doente,
Eu fico no mundo só.

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 184, 185 e 276.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* X, 155.
(3) Cfr. *Rev. Lus.* X, 193; T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 277.
(4) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 212.
(5) Cfr. *Rev. Lus.* X, 156; T. Pires, *Cantos*. T. I, pág. 392.

213

Apaga-me essa candeia
A mais o lume do lar;
Os olhos do meu amor
Chego p'ra me alumiar.

214

Jinelas avarandadas,
Só o meu amor as tem;
Hei-de mandar fazer umas,
Avarandadas também.

215

Antoninho pede, pede,
Que eu não tenho que te dar;
Hei-de te dar um cacho d'uvas
Quando o meu pai vindimar.

216

António, pega na pena,
Escreve que eu vou notando;
Escreve que eu que sou tua
Não sei a hora nem quando.

217

Dá-me da pêra madura,
Da maçã um bocadinho,
Da laranja um só gomo,
Da tua bôca um beijinho.

218

Ó sopeira encantadora,
Onde vais tam apressada?
Para que te cansas tanto
Com tam pouca soldada?

219

Quero-te tanto bem
Como o sol quer à *lũa;*
Quando 'stou à tua beira,
Não tenho pressa *nenhũa.*

220

Bota-te daí abaixo,
Eu já me daí botei;
Avintura-te por mim,
Eu por ti me *avinturei.*

221

Abre-te peito, e fala,
Coração salta cá fora;
Anda ver o teu amor
Que chegou aqui agora.

222

Ó coração que dois amas,
Também podes amar três;
Também podes amar quatro,
Cada um por sua vez.

223

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho três, não quero mais;
Eu p'ra que quero os amores,
Se êles me não são liais?

224

Ó minha pombinha branca,
Ó minha branca pombinha,
Não faças a tua cama,
Anda-te deitar à minha.

225

Meu amor não ignores
Eu de ti viver ausente;
Tu bem sabes que eu não posso
'star à tua beira sempre.

226

Vai, ó carta, não demores,
Corre muito apressada;
Já que eu não posso ir
Vai tu ver a minha amada.

227

Tenho no meu coração
Duas janelas abertas,
Para entrar e sair
Saudades encobertas.

228

Se tu queres que te diga
O pago que os amores dão:
Um momento de alegria,
Três ou quatro de paixão (1).

229

Lá vem o barco à vela,
Lá vem a sardinha boa;
Já lá vem o meu amor,
Assentadinho à proa.

230

Debaixo desta ramada,
Quem me encobre são as folhas;
Tenho um amor bem bonito,
Se não tiver quem no tolha.

231

Debaixo desta ramada,
Videirinhas dão anéis:
Quem tem os amores longe
Padece penas cruéis.

232

Ao passar do ribeirinho,
Água sobe e água desce;
Dei a mão ao meu amor
Não q'ria que ninguêm soubesse (2).

233

O meu amor é um anjo,
Deus mo deu, não no mereço;
Já mo quiseram comprar...
Anjos do céu não teem preço (3).

234

O meu amor é um cravo,
Eu bem no soube escolher;
No jardim não fica outro,
Só se êle agora nascer.

235

Deus é para quem morre,
Glória para quem cá fica;
Meu coração tanto lhe custa
Deixar uma flor tam bonita.

236

Meu amor não vivas triste,
Ainda has-de ser amado,
Numa cadeirinha de ouro
Feita da raiz dum cravo.

237

Eu hei de-te amar, amar,
Que tenho prometido;
Casar contigo — *Tó rôla!*
Tira daí o sentido (4).

238

Torradas e mais torradas,
A faca corta a cebola;
Tomar amores contigo,
Casar contigo — *Tó rôla!*

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 398.
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 298 e 299.
(3) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 86.
(4) Cfr. *Rev. Lus.* x, 137.

239

O meu amor é o Qu'agarra,
Mora da banda de além;
Eu p'ra não ser agarrada,
Não tenho amores com ninguêm.

240

Ó que lindo rapazinho,
Inda agora aqui passou;
Eu queria-*le* falar,
Minha mãe não me deixou.

241

Meu amor anda-me ver
Lá p'ra quarta ou quinta-feira;
Não quero 'star sem te ver
Uma semana inteira.

242

Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro,
Outro que me veste e calça,
Êste é o mais verdadeiro.

243

Se fores amanhã à missa,
Põe-te em sítio que te eu veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão *pêla* igreja.

244

Se passares pelo adro,
Tira o chapéu, ora à cruz;
O meu amor é mordomo
Na capela de Jesus.

245

Deitei um limão correndo,
À tua porta parou;
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o deitou!...

246

Ó pedras desta calçada,
Levantai-vos e *dezei*
Quem anda por *qui* de noite,
Que eu de dia bem no sei (1).

247

Ao passar à tua porta,
Dei um ai que nunca o dera;
Recolheram-se as estrêlas,
Saiu o sol à janela.

248

Mandei fazer um convento
Com vinte e cinco janelas
As saudades eram tantas,
Não cabiam dentro delas!

249

Vai carta feliz voando,
Que lindos olhos vais ver;
Quem me dera 'star de lado
Quando te *estiver* a ler (2)!

250

Fui à fonte *bober* água,
Debaixo duma ramada,
Só p'ra ver o meu amor,
Que a sêde não era nada.

251

Fui à fonte *bober* água,
Bobi, tornei a *bober*;
Nem minha bôca se enfada,
Nem meus olhos de te ver.

252

Se ouvires assobiar,
Não penses que é caçador;
E' uma moda que anda agora
De assobiar ao amor.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 125.
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 181.

253

Não te rias para mim,
Que eu não sou o teu amor;
Eu não sou como a figueira,
Que dá fruto sem flor.

254

Minha mãe, minha mãezinha,
Minha caixa de segrêdos;
Queria-lhe contar um conto,
Se lho conto, tenho mêdo.

Conta, conta, minha filha,
Conta lá o que quiseres;
Tu bem sabes, filha minha,
Todas somos mulheres.

255

Atirei uma laranja
A' menina da janela;
A laranja caíu dentro,
A menina qnem ma dera!

256

Atirei uma laranja
A' menina da varanda;
A laranja caiu dentro,
A menina já cá anda.

257

Da outra banda do rio
Não chove, nem faz orvalho;
Menina, se há-de ser minha,
Não me cause mais trabalho.

258

O amor da costureira
Era papel e molhou-se;
Agora, costureirinha,
O teu amor acabou-se.

259

Esta noite tive um sonho,
A outra sonhado tinha,
Que 'stava na tua cama;
Acordei, 'stava na minha.

260

Esta noite tive um sonho
Contigo, minha beleza;
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não há firmeza.

261

As estrêlas miudinhas
Fazem o céu bem composto;
Nunca contigo, menina,
Pude falar a meu gôsto.

262

Pus-me a contar as estrêlas,
Só a do Norte deixei;
Por ser a mais bonita,
Contigo a comparei.

263

Se eu soubesse tu que vinhas
Esta noute ao meu serão,
Mandava varrer a rua
Com raminho de hortelã.

264

Se eu soubesse tu que vinhas,
Antoninho *boticairo*,
Mandava varrer a rua
Com penas de papagaio.

265

Ó meu amor, vinho, vinho,
Que eu água não sei beber;
A água tem *semessugas*,
Tenho mêdo de morrer.

266

Eu hei-de-te amar, menina,
Ao saltar duma parede;
Ou tu queiras, ou não queiras,
Has-de-me cair na rêde.

267

Não quero amor pedreiro,
Que atira pedras ao ar;
Quero amor carpinteiro,
Que dá lenha p'ra queimar.

268

António, lindo António,
Lindo amor tenho eu;
Quem tem o amor António
Tem uma quinta de seu.

269

António, lindo António,
Lindo pano de còrar,
Há-de ter o pé ligeiro
Quem te houver de lograr.

270

O meu amor é António,
E eu queria-o Joaquim;
Agora nas mãos o tenho,
Virou-se Deus para mim.

271

O meu amor . . . . . .
. . . .
Anda cá meu amorzinho,
Deus te criou para mim.

272

O meu amor é António,
Eu queria-o Manuel;
Agora na mão o tenho,
Caíu a sopa no mel.

273

Não há machado que corte
A raiz ao *malvarisco;*
Não há nome que me agrade
Como é o de Francisco.

274

Antoninho é pedreiro,
Fez a cama num penedo;
Esta noite caíu neve,
Coitadinho do mancebo!

275

Ainda não é meio-dia,
Nem tam pouco onze horas;
Ainda te não disse adeus,
Meu amor, para que choras?

276

Ó que maçã vermelhinha,
Que me deu um carpinteiro!
Tenho-a na minha caixa,
Ainda não perdeu o cheiro.

277

Ó que maçã vermelhinha,
Que me deu um caiador!
Tenho-a na minha caixa,
Ainda não perdeu a côr.

278

Quem me dera dar um ai,
Atrás do ai um suspiro;
Quem me dera ver agora
Quem eu trago no sentido!

279

Quem me dera ver agora
Quem me a mim *alembrou;*
Era ver o meu amor,
Que tam longe dêle 'stou.

280

Meu amor ontem à noite
Pola vida me jurou
Que se ia deitar ao mar,
Eu atrás dêle não vou...

281

Não te *incostes* ao *lòreiro*,
Que é verde, pode quebrar;
Incosta-te ao meu peitinho
Que é firme sem arrear.

282

O limão tira o fastio,
A laranja, o bem querer;
Não te apaixones, menino,
Se não me queres ver morrer.

283

Alfaiates e sapateiros
São um bando de ladrões;
Sapateiros roubam sola,
Alfaiates, corações.

284

Olhos pretos roubadores,
Porque vos não confessais?
Aos delitos que fazeis,
Aos corações que roubais!...

285

As telhas do teu telhado,
As pedrinhas do teu muro,
São as que podem dizer
As vezes que te eu procuro.

286

Coitadinho de quem tem
Dois amores numa rua;
Passa por um diz-lhe adeus,
O outro logo amua.

287

Antoninho, és tam lindo,
E vejo-te andar a pedir;
Não sei se te hei-de dar 'smola,
Se cama para dormir.

288

Antoninho, côr de cravo,
Maria côr de limão;
Fostes o mais lindo cravo,
Que entrou no meu coração.

289

Meu amor onde tu fores
Leva-me, podendo ser;
Eu quero ir acabar
Onde tu fores morrer.

290

Meu amor onde tu fores,
Leva-me na tua alminha,
Que eu sou como a borboleta:
Onde quer vou metidinha.

291

Meu amor me disse *onte*
P'ra domingo falaremos;
A semana tem seis dias,
Eu inda queria menos.

292

O' meu amor anda, anda,
Que eu quero-te ver andar;
A água procura o rio,
O rio procura o mar.

293

Ó meu amor de tam longe,
Chega-te cá para perto;
Já me dói o coração
De te ver nesse deserto!

294

Ó meu amor da minha alma,
Quanto eu tenho é teu;
Só a minha alminha não,
Foi o Senhor que ma deu.

295

O *lòreiro* é loucura,
A baga variedade;
Tambêm digo que é loucura
Amar a quem se faz grave.

296

O *lòreiro* bate, bate,
Que eu bem no ouço bater,
Co'as pontas no telhado
Para o amor entender.

297

Lòreiro, verde *lòreiro*,
Lòreiro da baga preta;
Morreram os meus amores,
Pede a Deus que te eu prometa.

298

Chamaste a meu pai sogro,
A minha irmã cunhada;
Nem meu pai é teu sogro,
Nem a minha irmã te é nada.

299

Aqui 'stou, aqui 'starei,
Aqui passarei a noite;
Aqui passaremos ambos
Penas minhas, gostos *d'oitre*.

300

Pinheiro, dá-me uma pinha,
Ó pinha dá-me um pinhão;
Menina, dá-me os teus olhos,
Que eu dou-te o meu coração.

301

Quem tem pinheiros, tem pinhas,
Quem tem pinhas, tem pinhões;
Quem tem amores, tem zêlos,
Quem tem zêlos, tem paixões.

302

O amar e querer mal,
Tudo *devem* ser igual;
Foi a primeira cantiga,
Que eu ouvi em Portugal.

303

Onde vais, ó Carolina,
Com a cestinha da meia?
Vou ver o meu amor,
Que está prêso na cadeia.

304

Por António dou a vida,
Por José beijos do mar;
Por Joaquim a mim mesma,
Já não tenho mais que dar.

305

Fui ao mar para ver as ondas,
Ao jardim para ver as flores,
Ao céu para ver as estrêlas,
Aqui para ver meus amores.

306

Menina que está à janela
Com seu relógio à cinta,
Diga-me que horas são,
Fale verdade, não minta.

307

O meu coração do teu
É muito ruim de apartar;
É como a alma do corpo
Quando Deus a quer levar.

308

O meu amor e o teu
Andam naquela ribeira;
O meu anda à erva doce,
O teu à erva cidreira.

309

Não posso andar de noute,
Nem de madrugada cedo,
Que eu ando ameaçada
De quem tenho pouco mêdo.

310

Hei-de cantar que me ouças,
Já que te falar não posso;
Eu quero que reconheças
Êste coração que é vosso.

311

Minhas andadas de noute,
Minhas idas ao serão;
Tenho o meu sapato rôto
De dar passadas em vão.

312

As estrêlas do céu *corre*
Todas numa carreirinha;
Tambêm os amores *corre*
Da tua mão para a minha.

313

Silva verde, não me prendas,
Olha que me não seguras;
Já tenho exp'rimentado
Outras cadeias mais duras.

314

Eu vou por aqui abaixo,
Toda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem!

315

Minha sogra quer-me mal
Por eu querer bem ao filho;
Se não quer que olhe para êle,
Traga-o prêso a um atilho.

316

À noute, menina, à noute,
À primeira voz do galo —
O meu pai é tam velhinho! —
Nós havemos de enganá-lo.

317

Quem me dera agora ver
Quem eu vi ontem de tarde;
Nunca dei as minhas falas
Tanto à minha vontade.

318

O meu amor quer que eu tenha,
Juizo, *vai p'r'à cidade;*
Tenha-o êle que é mais velho
Por ser de maioridade (1).

319

Ó luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo;
'stou á porta do amor,
Não posso dormir contigo (2).

320

Faz calor que abrasa o mundo,
Deus mande uma viração;
Anda o meu amor a êle:
Ó que dor do coração!

321

Meu amor não embarques,
Nem te botes ao navio;
Olha que as ondas do mar
Não são as do nosso rio.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 153. *Vai p'r'à cidade* está por — *capacidade.*
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 203 e 204.

322

Quando eu era pequenina
Antes do meu pai nascer;
Inda não engatinhava
Já gostava de te ver.

323

Meu amor, vai-te deitar,
Apaga a tua candeia;
Para a cama sempre atino,
Deus me dê boa idea.

324

Lindos olhos tem António,
Santa Luzia, guardai-lhos;
Se êles não hão-de ser meus,
Santa Luzia tirai-lhos.

325

Quando eu aqui cheguei
Logo por ti *pròguntei;*
Não me deram novas tuas,
Com vergonha não chorei.

326

Maria, tu és na terra
O que os anjos no céu são;
Se tu morresses Maria,
Morria o meu coração [1].

327

O meu amor amuou,
Eu *tamêm* hei de amuar;
Não hei de falar p'ra êle
Sem êle p'ra mim falar.

328

Há três dias que não cômo,
Há quatro que não almoço;
Vou para a mesa comer,
Lembra-me o amor, não posso.

329

Quem me aqui ouvir cantar,
Que dirá?... E tem razão:
Eu canto muito alegre,
Sabe Deus minha paixão.

330

O meu amor anda perro,
Quero saber a razão;
Quero saber se é perrice,
Se é pena do coração.

331

Tenho dentro em meu peito
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor,
Que anda de *beicha* caída.

---

(1) A propósito duma canção que envolve a mesma idea escreveu-me em carta de 16 de Abril de 1918 o falecido e grande trabalhador António Tomás Pires:

«Entre os cantos populares portugueses é este um dos mais celebrados:

Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar, podes,
Olha que estás dentro d'elle,
E se o matas tambem morres.

Pois nas *Comedias Portuguesas*, de Symam Machado (Lx. 1631), não ha muitos dias que fui encontrar, por tres vezes, o conceito dessa cantiga nos seguintes versos, a f.f. 57, 60 e 91:

Dorotea más cruel
Que osso, tigre, ni leon,
Mira el triste coraçon
Y pues estás dentro nel,
Duelete de su passion.

Silvio — Ó coracam mais cruel
Que de hũ tigre. *(Alfea):* Esso le viene
De ti que estás dentro en el,
Y si ay culpa el no la tiene.

Que si com daga cruel
Abres mi pecho, advierte
Que está Silvio dentro en el,
Contenta-te con mi muerte,
Y no que le mates a el.

332

Passando pela tua porta,
Pôs a mão na fechadura;
Não ma quiseste abrir,
Coração de pedra dura.

333

Tornando a passar,
Pedi-te água, não ma deste;
Se ma pedires a mim,
Farei como me fizeste.

334

Ao passar à tua porta
Pedi-te água, não ma deste;
Quando tu passares à minha,
Lembra tu o que fizeste.

335

Não sei que mal te eu fiz
Que peças a Deus vingança;
Bem decerto queres que eu morra
Na ponta de alguma lança!

336

Ó acipreste do adro,
Não assombres a igreja,
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja (1).

337

Dizes que me queres bem,
Querer bem não é assim;
Falas quando me encontras,
Não dás um passo por mim.

338

Enganado, morra, morra,
Quem enganado me tem;
Quem engana o seu amor
Não diga que lhe quer bem.

339

Botei o limão ao poço,
Lá me ficou a metade;
Quem ama a dois corações
Ama a um com falsidade.

340

Tenho cinco coletes,
Todos cinco bem talhados;
Também tenho cinco amores,
Quatro andam enganados.

341

O meu amor é um tolo,
Pensa que eu que o adoro;
Pensa que choro por êle,
Sabe Deus por quem eu choro!...

342

Ó que ventinho vareiro,
Que as folhas verdes abanam!
Não me venhas com meiguices,
Falas meigas não me enganam.

343

Desenrola o teu cabelo,
Que o trazes enrolado;
Desengana o teu amor,
Que o trazes enganado.

344

Ó minha pombinha branca,
Meu pombo arrolador,
Enganaste a menina
Com palavrinhas de amor.

345

Eu fui a que deitei escada,
Outra me colheu o lanço;
Sou eu a que mais mereço,
Sou a que menos alcanço.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 202.

346

Desaperta o teu colete,
Se o trazes apertado:
Desengana o teu amor,
Se o trazes enganado.

347

Quando o sol deixar de dar
Lá nas **barandas** do freixo;
Então é que has-de saber
A razão por que te eu deixo [1].

348

Foste-me dizer adeus,
Pensavas eu que chorava:
Nunca tive por costume
Chorar por quem me deixava.

349

Foste-te gabar ao Pôrto
Que eu te dei um vintêm;
Também me hei-de ir gabar
Que já não te quero bem.

350

Quero cantar que me ouças,
Já que falar te não posso:
Eu quero que reconheças
Um amor que já foi vosso.

351

Ó meu amor de algum dia,
Espalha as tuas saudades;
As minhas vão em aumento,
A causa tu bem a sabes.

352

Gosto muito de café
C'uma pinguinha de leite;
Quem te botou a perder
Agora que te aproveite.

353

Dizes que não me queres,
Diga-me a razão por quê;
Se é por eu ser **probe**,
Que riqueza tem você?

354

Tenho dentro em meu peito
Duas espinhas de peixe:
Uma diz-me que te ame,
Outra me diz que te deixe.

355

Tenho dentro em meu peito
Duas *senhas* a moer;
Uma anda, outra desanda,
Assim é o bem querer.

356

Quando eu cheguei aqui,
Botei os olhos e vi
Meu amor nos braços doutra;
Não sei como não morri!

357

A laranja tira o fastio,
O limão o bem querer;
Trocaste a mim por outra,
Inda te has-de arrepender.

358

Eu amei dois olhos pretos,
Sairam-me dois traidores:
Quem diz que preto é firme
Não aparta nada de côres.

359

Adeus pedra daqui,
Onde me eu assentava;
Adeus amor de algum dia,
Tudo por tempo acaba.

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 183.

360

Já te quis, já te não quero,
Já te perdi a afeição;
Já te lancei de arremêsso
Fora do meu coração (1).

361

Ó meu amor, não me deixes,
Que eu ainda te não deixei;
Avíntura-te por mim,
Que eu por ti me *avínturei.*

362

Aquela menina chora,
Chora que eu a enganei;
Ela neste mundo chora,
Eu no outro penarei.

363

Aquela menina chora,
Chora por eu a enganar;
Ela neste mundo chora,
Eu no outro hei de penar.

364

Não te ponhas a chorar
Lágrimas ao pé de mim;
Sabias que eu não era firme,
Não te fiaras em mim.

365

Ó coração retraído,
Ó cara cheia de enganos;
Olha o pago *quê* me deste
A quem te amou tantos anos.

366

O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado,
Agora que ninguêm o ama.

367

A fôlha da pêra *atrepa,*
E o junquilho vai descendo;
Agora é que me tu deixas,
Quando te eu 'stava querendo.

368

Chora, chora, desgraçada,
Que o teu mal tem raiz;
Não digas que eu fui culpado
Da tua sorte infeliz.

369

Manjericão da janela,
Meu peito já foi teu vaso;
Tomastes novos amores,
Já de mim não fazes caso.

370

Pensavas *im* me deixar,
Cortava o meu cabelo!
Agora vou fazer poupa,
Vou-me vestir de *vormelho.*

371

Suspirando e dando ais,
Anda o meu amor na rua;
Suspira quando quiseres
Que eu sou doutro, não sou tua.

---

(1) Variante:

Já te amei, já te não amo,
Já te perdi a afeição;
Já te varri à vassoura
Fora do meu coração.

372

Pensavas em me deixar,
Eu de paixão que morria!
Vai um amor e vem outro,
Vivo na mesma alegria.

373

Altas tôrres tem teu peito,
Nunca tam alto me vi;
Descaí da tua graça,
Outro subiu, eu desci (1).

374

Já lá vai, já se acabou,
O meu rir, o meu cantar;
Já lá vai pelo mar fora
Quem eu queria lograr.

375

Minha mãe era uma rosa,
Que meu pai *arrecebeu;*
Eu *tamêm* sou um botão,
Que da rosa rescendeu.

376

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me quanto tinha;
Depois de me ver casada,
Deu-me um fole sem farinha.

377

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas;
Uma torta, outra aleijada,
Outra velha, sem orelhas.

378

Minha sogra quer-me mal,
Meu sogro quer-me bater;
Seu filho quer-me bem,
Não sei como há de ser!

379

Tenho à minha janela,
Cinco réis há muito tempo,
Para mercar de pão branco
No dia do casamento.

380

Dizes que não tenho roupa,
Que durmo no areeiro;
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta companheiro.

381

Dizes que não tenho roupa,
Se tens mais, é teu proveito;
Menos tenho que tirar
À noute quando me deito.

382

Dezeis que não tenho cama,
Que durmo no limoeiro;
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta o companheiro.

383

Dezeis que não tenho cama,
Que durmo no chão varrido;
Tenho cama, tenho roupa,
Só falta quem durma comigo.

384

'stou casada há quatro anos,
Já tenho quatro meninos;
É milagre de algum santo,
Do Senhor de Matozinhos (2).

385

Menina que vai no rio,
Erga o pé, que molha a meia;
Vá casar à sua terra,
Não case na terra alheia.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 141.
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos.* T. I, pág. 52.

386

Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata ao cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

387

Água do rio vai turva,
Chega ao mar, *inclarece;*
Toda a mulher que se casa
Grande castigo merece.

388

Eu hei de-te amar, menina,
Ninguêm no há de saber;
Só o cura da igreja,
Que nos há de *arreceber.*

389

Subi ao limoeiro,
Cinco fôlhas *le* tirei;
O limoeiro escondeu-me
No dia em que me eu casei.

390

Toda a vida disse e digo,
Ainda torno a dizer;
Uma roda só não anda,
Bem no podes entender.

391

Rapariga, não te cases,
Goza-te da boa vida;
Que eu bem sei uma casada,
Que está bem arrependida.

392

Hei-de casar êste ano,
O rendeiro anda nisso;
Hei de-lhe dar a castanha,
Se se vingar o ouriço.

393

Esta noite tive um sonho,
Que era do meu agrado;
Que estava resolvida
A tomar novo estado.

394

Minha mãe, não pense nisso,
Que são sonhos variados;
Eu solteira 'stou tam bem!
Quem me manda ter cuidados?...

395

Casei-me por um ano
P'ra ver a sorte que tinha;
O ano vai-se acabando,
Quem me dera solteirinha!

396

Homem casado, vadio,
Que te importa a minha vida?
Queres que eu perca a minha alma,
Que a tua já 'stá perdida!

397

— Hei-de 'screver uma carta,
Hei de a botar no lôdo,
Para ver se tu me dizes
Quantas penas tem o corvo.

— Tem nas azas vinte uma,
E na cabeça a dobrar,
E no corpo outras tantas,
E no rabo vai-las contar.

398

— Hei de-te fazer andar
Como a corda dum sarilho,
Enquanto me não disseres
Quem é a mãe, filha do filho,
Isso por pontos miúdos
Sem que me saias do trilho.

— Em poucas palavras te digo
Quem é nossa protectora;
Essa mãe, filha do filho,
É Virgem Nossa Senhora,
E ela tambêm é mãe
Da minha alma pecadora.

399

Ai agora que eu vou cantar,
Alargai-vos raparigas;
Agora é que eu vou saber
Quem são as minhas amigas.

400

Ó minha fala brandinha,
Não me deixes ficar mal,
No meio de tanta gente,
Hoje aqui neste arraial.

401

Ah! ah! olaré cantando,
Ó meu doce *belindrinho!*
Quem quiser que cante bem
Dê-me pinguinhas de vinho.

Dê-me pinguinhas de vinho,
Dê-me vinho ou dinheiro;
Esta minha gargantinha
Não é safra de ferreiro.

402

Disseste-me que canto mal,
Por ter a fala grossa;
Com ela me *arremedeio*,
Não vos vou pedir a vossa.

403

— Quando eu aqui cheguei
Me esqueceu a salvação;
Já que agora 'stou cá dentro,
Deus salve a quantos cá 'stão.

— Deus te salve a tua vinda
A mais a tua chegada;
Essa tua vinda agora
Há muito que é desejada.

404

— Já muito que aqui cheguei,
Eu cheguei aqui agora;
Já muito que não vi
O tocador da viola.

— O tocador da viola
Verdade é, toca bem;
Tem o tocar miudinho,
Ouve-se por aí alêm.

405

Meus senhores, não se *admire*
De eu cantar e não saber;
Que eu sou rapariga nova,
'stou em tempo de aprender.

406

Eu cheguei aqui agora,
Eu cheguei agora aqui;
Diz-me como tens passado,
Há dias que te não vi.

407

Sou filha duma viúva,
Meu pai morreu-me no mar;
Levo a minha vida
No terreiro a dançar.

408

Eu vou-me daqui embora,
Para donde não te digo;
Se o quiseres saber,
Põe-te a pé, anda comigo.

409

Adeus que me vou embora,
Adeus que me embora vou;
Vou-me embora desta terra,
Que eu desta terra não sou.

410

Marrafinhas de Lisboa.

Marrafinhas de Lisboa,
Foro-se labar ó mar;
Acharo a *auga* fria,
Tornaro-se a retirar.

Binte e quatro Marrafinhas,
Mandei-as formar de bronze;
Deu-*lo* Trango Mango nelas,
E o fogo por *antre* elas;
Ai de mim que 'stou sem elas,
Já *num* tenho senão onze!

Essas onze qu'elas *ero*,
Mandei-as *labar* os pés;
Auga melro, *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão dez!

Essas dez qu'elas *ero*
Mandei-as dá-*la* 'smola *ó probe*;
Deu-lo trango mango . . .
E . . . .
. . . .
Já *num* tenho senão *nobe!*

Essas *nobe* qu'elas *ero*
Mandei-as fazer biscoito;
Auga melro, *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão oito!

Essas oito qu'elas *ero*
Mandei-as fazer molete,
Deu-lo o Trango . . . .
. . . .
. . . .
Já *num* tenho senão sete!

Essas sete qu'elas *ero*
Mandei-as cantar os Reis;
Auga melro, *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão seis!

Essas seis qu'elas *ero*,
Mandei-as formar em brinco;
Deu-lo o Trango . . . .
. . . .
. . . .
Já *num* tenho senão cinco!

Essas cinco qu'elas *ero*,
Mandei-as ir *ó* tabaco;
Auga melro *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão quatro!

Essas quatro qu'elas *ero*,
Mandei-as ir *ó* Gerez;
Deu-lo Trango . . . .
. . . .
. . . .
Já *num* tenho senão três!

Essas três qu'elas *ero*,
Mandei-as *barrer* as ruas;
Auga melro *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão duas!

Essas duas qu'elas *ero*,
Mandei-as ir *ber* a *lũa;*
Deu-lo o Trango . . . .
. . . .
. . . .
Já *num* tenho senão *ũa.*

Essa *ũa* qu'ela era
Mandei-a fazer a ceia;
Auga melro *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão meia!

Essa meia qu'ela era
Mandei-a cozer o pão;
Deu-lo o Trango . . . .
. . . .
. . . .
Acabou-se a *gèração*!

Acabou-se a *gèração,*
Deixai-la ir c'os diabos,
Que daqui a *nobe* mêses,
Num faltarão engeitados.

Ó Marrafas, ó Marrafas,
Ó Marrafas d'Além do rio,
Bós fostes que *imbentastes*
Dormir dois p'r'amor do frio (1).

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

Erratas mais importantes do artigo precedente:

Pág.:	Linhas	Êrros	Correcções
24	3 (n.ª 2)	como	com o
26	12 (n.ª 1)	treçol	terçol
40	24	anuncia	anunciam
45	6 e 7	Derrolha	derrolha
48	2	considerados sempre	considerados
49	14	o mais velho	a mais velha

A. C. P. DE L.

---

(1) Acêrca das *Marrafinhas* v. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, p. 299.

Reproduzimos a nossa versão exactamente como a ouvimos, para indicar algumas particularidades de linguagem de uso quase geral, v. g.: *b* por *v*, *num* por *não* nas frases negativas, *ó* por *ao*.

Pelos diferentes capítulos dêste trabalho ficam espalhados outros elementos para o estudo da linguagem de Santo Tirso.

NOTAS Á MARGEM

DO

"NOVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA"

II

(v. **Revista Lusitana,** VOL. XVI, 206)

Esta 2.ª série de *Notas* procede, na sua maior parte, de apontamentos coligidos depois da coordenação anterior, e refere-se portanto à recente edição do **Novo Diccionário.**

Devo dizer que, apesar de ter sempre em atenção não aproveitar materiais já coligidos e catalogados em trabalhos similares — a não ser para utilizar elementos de comparação e dedução —, entendi agora que nenhuma razão me força a deixar de parte duas centenas de contribùições úteis à lexicologia, que, no vol. XXIX da **Gazeta das Aldeias** (1910), e nos n.os 315 e 320 do **Espozendense** (Espòsende), de Maio de 1913, dois informadores obsequiosos me ofereceram. Estes elementos, aqui reùnidos, levam a respectiva indicação da origem.

Sobre a linguagem marítima, de que entra nesta coordenação uma regular quantidade de vocábulos, variantes de acepção, e considerações várias sobre definições já formuladas mas mais ou menos deficientes, tencionei a princípio fazer um catálogo especial. Várias circunstâncias, porêm, se oposeram a este propósito, fazendo-me integrar esses apontamentos na coordenação geral.

Aos conhecimentos práticos que possuia e ia colhendo sobre coisas marítimas, juntei as informações dos entendidos, registadas no local, e a documentação dos livros da especialidade, como o **Apparelho e Manobra de Navios,** do sr. João Braz de Oliveira, que freqùentemente cito pelo seu caracter descritivo, minucioso e claro.

Pareceu-me tambem particularmente interessante e útil respigar na **Gazeta das Aldeias** — benemérito periódico agrícola do Porto — tantíssimos termos e acepções estranhos à linguagem comum, que, de todos os pontos do país, ali concorrem, e que o observador pode colher em flagrante, surpreendendo-os com toda

a sua naturalidade na linguagem despreocupada e singela do nosso lavrador. Claro que, num trabalho definitivo, alguns destes elementos exigiriam verificação local.

Os restantes elementos desta coordenação provém de observações pessoais, notas de leitura e informações de pessôas idóneas, de que, por gratidão e para garantia dos meus processos, devo citar os nomes. São os Ex.mos Snrs.:

Manuel Antonio Gomes Himalaia, meu ilustre amigo—região dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

Henrique de Andrade Evans, professor em Santo António-da-Charneca—região de Vale-do-Cóina.

Eduardo Martins de Figueirêdo, operário de construção naval—tecnologia de construção naval.

Não devo esquècer, como muito importante, o concurso que, para a 1.ª série destas **Notas,** me prestou o meu querido amigo Júlio de Lemos—uma bela inteligencia e um belo coração—fornecendo-me todas as informações que dizem respeito a Paredes-de-Coura.

Para terminar julgo conveniente dizer que as citações são conformes aos textos donde foram extraidas e tambem que, se assinalo a uma palavra ou acepção um determinado lugar, é porque ai foram colhidas, podendo comtudo ser conhecidas em outros pontos.

Azinheira.
Barreiro, Fevereiro-Abril de 1914.

ÓSCAR DE PRATT.

A

abafar, como termo náutico, significa colher e amarrar as velas, mas sem os preceitos normais, quando a violência do tempo exige rapidez na manobra. «Se o aguaceiro der muito rijo carrega-se o traquete e até se poderá *abafar as gavias,* e a *vela d'estai..*»—Braz de Oliveira. **Apparelho e Manobra de Navios,** 195.

O **Novo Diccionário** regista *abafa!:* «grito imperativo para os marinheiros **ferrarem** as velas.»

abafar não é o mesmo que *ferrar, ferrar* tem preceitos especiais necessários à segurança e conservação do velame. Quando, debaixo de vento forte, se torna necessário suprimir qualquer vela carrega-se e *abafa-se,* i-é, enrola-se rapidamente, cingindo-a ao mastro ou à verga com algumas voltas do *tomadouro* (v.) ou chicotes de vários cabos de manobra, até que

o tempo permita operar outra disposição.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 172.

abatocadura, o mesmo que «batocadura» (dos navios). v. **Ap. e Man. de Navios,** 62.

abelha. *Segredo da abelha* ou *segredo da abelha-mestra* é o segredo muito recatado, com seus visos de mistério, tirando às vezes para melgueira ou alicantina. «..ponhamos aqui um capitulo que nos descubra o **segredo da abelha** e jarrete todas estas unhas.» — **Arte de Furtar,** 195.

Ironicamente, *segredo da abelha* é o mesmo que «complicação, dificuldade.» «.. vamos devagar que o assumpto tem seu **segredo da abelha.**» — D. Francisco Manuel. **Feira de Anexins,** 172.

Desde remotas eras que a vida interna das colmeias, envolta no seu mistério impenetrável, preocupou o espírito humano. Narra Plínio que um homem passou cincoenta anos a estudar a vida das abelhas sem chegar ao conhecimento da verdade. Não ha muito ainda que o esforço scientifico, derivado para a apicultura, rasgou enfim o véu de mistério que encerrava aquêle admirável mundo laborioso e ordeiro.

Daí a comparação com o segredo impenetrável a todas as armadilhas da astúcia.

No Vale-do-Cóina dizem *ver-se* ou *ficar da côr da abelha* no mesmo sentido de «ver-se grêgo, ficar desesperado, colérico.» Será a côr que inflúe como sintóma de *cólera* (com troca de sentido: «doença» por «furor»)?

aberta, o mesmo que «valêta»; no Vale-do-Cóina.

aberto, desmaiado, claro, pouco pronunciado ou intenso (referido a côr); na ling. familiar de Lisboa.

Em linguagem marítima diz-se que um navio navega *aberto* quando o vento lhe sopra da alhêta, i-é, quando este forma com a quilha um angulo de quatorze quartas.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 177.

abertona, «grande abertura no porão dos navios», define o **Novo Diccionário.**

abertona é, não só o espaço entre dois vaus (do navio), mas tambem o conjunto das peças que formam o engradamento desses vaus com a *socórdia* ou *secórdia* (v.) e curvas ou liames.

abonar-se, gabar-se, jatanciar-se; em Viana-do-Castelo.

abrancado, o mesmo que «esbranquiçado». «..tirando-se-lhe 2 litros de sangue que no dia 17, coagulado, parecia mel **abrancado**». — **Gazeta das Aldeias,** n.º 910.

São palavras de que se serve um assinante de Tavira, em uma pergunta que faz à redacção.

abuzilhar, o mesmo que «atamancar», concertar ou reparar de um modo provisório ou à pressa; na Beira-Alta. v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

acadar, apanhar, receber qualquer coisa atirada do alto ou de longe. Vem nos *Additamentos* ao **Novo Diccionário** como «*T.* [ermo] *de Paredes-de-Coira*», no sentido de «receber nas mãos *ou* no regaço», julgo que extraído da monografia **Paredes de Coura,** do Dr. Narciso Alves da Cunha.

A acepção que registei foi colhida em Viana.

aceiro, clareira junta à cova em que se faz o carvão e onde este é arrefècido antes do ensaque; na Beira-Alta. v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

achupé. «*Achupé* — [abelha] preta, grande e mui brava; [produz] mel ordinario mas abundantissimo tanto quanto a cera que é de boa qualidade». — Henrique Silva. *As*

Abelhas do Brasil. *in*-**Almanaque Brasileiro Garnier,** para 1912, pag. 126.

acochar. O **Novo Diccionário** dá este verbo como brasileirismo, no sentido de «conchegar, apertando *ou* calcando».

Nos Arcos-de-Vale-de-Vez *acochar* é «conchegar, aninhar (deitando).»

acontra. «Tudo vejo ser contrayro / **em acontra** do que quero . . .» —**Cancioneiro Geral** (ed. Imp. Univ.), I, 309.

acotoar,—**aquetoar,** o mesmo que «avelar»—começar a secar (falando-se da roupa); em Viana.

De *cotão?* Cp. a hip. de que *avelado* derive de *vêlo.* Porque, evaporando-se a humidade lentamente, o pêlo começa a destacar-se visivelmente do pano, encrespando. «A roupa *acotoou;* começa a *acotoar;* está *acotoada.*»

Dizem tambem *aquetoar.* Cp. as formas populares *quelher, quelhecer.*

acutelado é o corte diagonal dos panos de uma vela, do lado das testas.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 42.

adormecer, ficar inclinado ou adornado (o navio), sem tendencia para adriçar.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 196.

adrêgo. V. na 1.ª série. Usado tambem no Vale-do-Cóina.

adriçar, adriçamento. *adriçar,* mais propriamente, é erguer-se (o navio) ou retomar a posição normal depois de adornar, ou ter inclinado. «Se com o peso do vento o navio adornou tanto para S V que se não possa *adriçar* . . .»—**Ap. e Man.,** 196.

adriçamento, acto ou efeito de *adriçar.* «Caso haverá em que se deve passar *alanta* à borda para ajudar o **adriçamento.**»—*Ibidem,* 161.

«Momento de adriçamento» ou «de estabilidade» é a força que obriga um flutuador inclinado a retomar a posição normal. V. *Ibidem,* 156.

afedorentar-se, afedorentado. Na linguagem familiar de Viana *afedorentar-se* quere dizer o mesmo que «melindrar-se, abespinhando-se (por qualquer coisa); mostrar resentimento», e tambem «enojar-se.»

afedorentado, diz-se da pessôa esquisita, cheia de niquices, que *se afedorenta.*

afiambrar-se, predispôr-se; usar de blandicias e rodeios para conseguir os seus fins. Na linguagem fam. de Lisboa.

afivelar-se, locupletar-se, chamar a si. «*Afibelou-se* cum mais de doze c'rôas, o pilão!»

No Minho.

afocinhar, mergulhar de prôa (o navio). «O navio *afocinhará* obrigado pela amarra, isto é, mergulhará mais de prôa . . .»—**Ap. e Man.,** 141.

afoguear. «. . . candeia em que **afogueava** o cachimbo de páo . . .» —Camilo. **Braz. de Prazins,** 210.

√ **agomamento,** germinação, desenvolvimento dos gomos (de uma planta). V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 926.

De *agomar,* de *gomo.*

agraciado, agraciadamente. *Agraciado,* no sentido de «prazenteiro, com semblante risonho», usou-o Camilo nos **Volcoens de Lama,** 133: «Cá temos o berço—disse o padre muito **agraciado** . .»

E, assim, *agraciadamente:* «O alferes recebeu **agraciadamente** o padre que o felicitou pela sua boa aparencia de saude . .»—*Ibidem,* 260.

agrilar. Nos Arcos-de-Vale-de-Vez, quando o milho lançado à terra começa a germinar, até deitar as primeiras folhas, diz-se que «está a *agrilar.*»

Por *grelar.*

água, àguaceiro, àguaceirada, àgua-

deiro, àguamento; desàmento. (V. 1.ª série). A acrescentar aos derivados e compostos de *água:*

aguadeiro, dizia-se de qualquer artigo de vestuário, próprio para livrar da chuva.

«Don Bernaldo, pesa-me que tragedes mal aguadeir' esse balandrao...»

Canc. da Vaticana (n.º 1069).

Assim, dir-se-ia «botas *aguadeiras*», como já tresouvi na linguagem popular (Cp. «chapeu *aguadeiro*», que registei na 1.ª série). Mais vulgar é dizer-se «botas *d'água*». «...se alguem lhe queria dar uma de doze por seis pintos que lhe devia o Fistula, e umas **botas d'água** que lhe emprestara.» — Camilo. **Corja,** 13.

Em Castro Daire chamam *aguadeiro* ao «mexeriqueiro, intrigante», e no Vale-do-Cóina dão o mesmo nome ao último bácoro de uma ninhada (o mesmo que *terçolho*, no Minho).

Tambem em Espósende os pescadores denominam *aguadeiro* o «vento sul» (V. **Espozendense,** de 5 de Junho de 1913); provavelmente porque do sul vem as grandes borrascas.

àguaceirada é, no Vale-do-Cóina, o mesmo que *aguaceiro.* (Dizem *auga*, e assim os derivados.)

àguamento. No n.º 921 da **Gazeta das Aldeias,** um assinante de Alcanhões dá a seguinte informação: «Tenho uma égua de tres anos à qual dei uma pequena porção de palha de chícharo; apareceu com uma grande desinteria... e até deitada se sujava toda; ao quarto dia apareceu tolhida dos pés sem se poder mexer, nem levantar-se. O ferrador diz ser **desamento**...»

O veterinário sr. Paula Nogueira, por estes sintómas, diagnostica um *aguamento da mula*, dando este título à consulta.

No Tejo, *àguas-do-monte* são as enxurradas ou àguas das chuvas que descem das terras altas para o rio, formando as cheias. O curso destas àguas contra a erupção das marés é causa freqüente de desnivelamentos súbitos a que os marítimos chamam *estoques-de-água.* «No inverno, epoca de cheias e **águas do monte** no rio Tejo, são os **estoques d'água** perigosos...» — **Ap. e Man. de Navios,** 134.

água-acima diz-se, em geral, de qualquer coisa que provém das povoações ribeirinhas do Tejo. «Galinhas **d'água acima,** casal 1$20.» — **O Seculo,** de 27 de Outubro de 1913.

água-doce é expressão qualificativa da «inexperiência, falta de mérito e valor, ou reduzidas aptidões de determinados indivíduos na prática das suas profissões ou propensões.» «Marinheiro de *água-doce;* poeta de *água-doce.*» «Senhores meus, se me chamarem pintor *d'água doce*, por ser tão ensosso o retrato, que pinto d'uma formosura...» — D. Francisco Manuel. **Feira de Anexins,** 139.

«...se ha medicos de água doce haja-os tambem do salgado...»

Pinto Renascido, 38.

«O *poeta d'água doce* é insulso, é o que não tem sal e o sal é a graça e o condimento essencial a todas as coizas..» — João Ribeiro. **Frazes Feitas,** II, 177.

água-mel, — o mesmo que «hidromel», — diz o **Novo Dic.** que é provincialismo algarvio. Julgo que não é só algarvio. Em um velho *Tratado historico e fysico das abelhas,* composto pelo padre Francisco de Faria Aragão, publicado em 1800 por Fr. José Maria-

no Velloso, e citado pelo sr. Eduardo Sequeira a pag. 109 de **As Abelhas,** lê-se: «Nos paizes do Norte, aonde não cresce vinho, ou he muito raro, se usa por bebida commua a **água mel**.. A agua mel foi conhecida dos antigos pelo nome de *Hydromel* ou *Mulsum*..»

água-forte é o nome que se dá, em Arte, à gravura pela agua forte, depois de estampada. «As *águas-fortes* de Goya.»

água-vai! era aviso que os velhos regulamentos camarários impunham ao munícipe que despejava da janela a água dos usos domésticos, para prevenir quem passava. Os canos de esgôto, abertos pelo progresso em nome da higiene, fiseram caír a postura municipal, mas a expressão ficou, enraízada por muitos séculos de uso, servindo para casos idênticos de prevenção. «Sem dizer *água-vai*» é expressão que indica falta de aviso, de consideração ou cuidado.

No Seixal dizem que «faz a *água* negra» quem procura levantar contrariedades e obstáculos a uma resolução, servindo-se de meios condenáveis,—em proveito dos seus interesses, muito naturalmente. É provável que entre aqui uma reminiscência vaga dos «pescadores de águas turvas.» (V. **Rev. Lus.**, XVI, 211).

⊕ Em farmácia, *água* é nome que se antepõe a várias palavras para designar quer uma simples solução aquosa, quer um líquido aquoso em que, por simples mistura ou destilação, os princípios activos se reúnem ao álcool.

aguçar-se, diz-se do navio quando tende a orçar. «Um navio bem atravessado ora **se aguça** ora arriba, sem contudo serem grandes as guinadas ...» — **Ap. e Man. de Navios,** 184.

«E indo assim foi o vento crescendo, e a nau **aguçou** de ló, pôsse toda á corda, sem querer dar pelo leme nem escotas.» — *Hist. Tragico-Maritima*, I.

aguilhada. O **Novo Diccionário** define esta palavra, em 2.ª acepção, como «antiga medida agrária, de 18 palmos de comprimento.» Esta definição está precedida por um asterisco, indicativo de ser registada pela primeira vez.

Vem no **Diccionario da Lingua Portugueza,** de Morais: «*uma* [aguilhada] *de terra*: medida antiga; fig. pouca terra.. São 18 palmos de craveira nos cãpos de Coimbra, ou 6 covados.»

aguilhada é, porem, medida de superfície e creio que ambos os dicionários se limitaram a indicar a largura ou testa.

No seu proficiente **Tratado Prático de Cont. e Escr. Commercial,** pag. 124, diz o sr. Magalhães Peixoto: «*Aguilhada* é uma superfície que tem 1 cana [=18 palmos] de largura e 60 de comprimento, ou 2 canas de largura e 30 de comprimento, ou 3 canas de largura e 20 de comprimento, etc Usa-se no campo de Coimbra, e é egual a 459 metros quadrados.»

aguilheta, estilete de madeira na ponta da correia que aperta a rocada, na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul). Por agulhêta? Cp. *aguilhada*. V. *palhêta*, s. v. **palha.**

agulheta. V. **zaguncho.**

agulho. «**Rêde dos** *agulhos* para a pesca do **agulho** e do camarão e que se fixa em dois paus nas proximidades das corôas. [em Espòsende].» — **O Espozendense,** 5 de Junho de 1913.

agumia. «..leixando as armas mais leves pellejavam com as **agumias** e terçados..» — **Inéditos de Hist. Port.,** I, 162.

àiola, pequena embarcação de fundo chato e prôa rasa; no Tejo.

Talvez *iola*, com *a* protético, do fr. *yole*. Cp. *abaleeira*, de *baleeira*.

alabote, é o nome que os pescadores de bacalhau dão a um peixe das costas da America-do-Norte.

A palavra é apenas uma adaptação do ing. *alabot*.

alambique, botequim de bebidas espirituosas; em Lisboa. «Quiz o destino que ela fosse parar á praça do Brazil, onde os indivíduos que ali estavam n'um **alambique** a embriagaram..» — **O Seculo**, 8 de Dezembro de 1913.

alamiré. «Corda de aço [para instrumentos músicos], superior qualidade.. Resistem ao (**alamiré, tom brilhante**).» — Anúncio da «Guitarraria Vieira», de Lisboa, in-**Annuario Comercial** (1913), pag. 1163.

alavradeirada, com modos e aparência de lavradeira; lorpa, boçal. Em Viana. «As outras duas, muito boçaes e **alavradeiradas**...» — Camilo. **Braziloira de Prazins**, 63.

alcagoita, amendoím, não só no Algarve, mas tambem, e pelo menos, em Setubal.

aluír, como verbo transitivo, no sentido de «deitar abaixo», ouve-se no Vale-do-Coina. «F. vai *aluir* aquela casa.»

alvitana, albitana, albeitana; pano. A rede de pesca chamada *tresmalho* tem três panos. Os exteriores, de malha larga, tem o nome de *alvitanas*, e o interior, de malha mais estreita, é o *pano*.

Na Murtosa dizem *albitana* e em Espòsende *albeitana*. «*Tresmalho de albeitana*..» — **O Espozendense**, de 5 de Junho de 1913.

Nas **Tradições Populares de Portugal**, pag. 194: «*Alvitana* — rede comprida que se atravessa no rio, durante a noute, para apanhar o peixe na corrente; outras vezes a *alvitana* põe-se adeante dos *aloques* que, assim tapados, são batidos com um pau para o peixe fugir e cair na rede (Guimarães).»

alça, segundo corpo, da colmeia de sistema móvel, em que assentam os *quadros* (v.) dos favos, por cima do ninho de criação. «No segundo anno porem.. se a colmeia estiver forte, pode então por-se-lhe o andar e a respectiva **alça**.» — Eduardo Sequeira. **As Abelhas**, 218.

alçar-se, no sentido de «levantar-se» (a pessoa que está sentada ou ajoelhada). «E não podendo d'ella mais saber **alçou-se** e pediu-lhe licença para ir ver el-rei...» — Fernam Lopes. **Crónica d'El-rei D. Fernando**, cap. CXLVI.

alceamento, acto ou efeito de *alcear* (poleame). «Alceamento em cabos de arame e linho, para poleame...» — **Annuario Commercial**, *para 1913*, pag. 1384.

aldeeiro, o mesmo que «festeiro», amante de festas e romarias. No concelho de Espòsende.

V. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

alefriz. Diz o **Novo Diccionário** que *alefriz* é «fenda, encaixe em que se pregam os topos do tabuado do navio.»

A definição é muito vaga porque, falando em tabuado, de um modo geral, fica indeterminada a situação do *alefriz*. E ainda que, por *tabuado*, se compreenda as «tábuas do costado», muitos topos destas tábuas se ajustam contra os topos de outras, pregando-se ambos, neste caso, na face externa das cavernas.

Morais, registando o plural *alefrizes*, deu uma definição mais exacta e por isso preferível à anterior: «encaixes abertos na quilha, onde

se embebem as taboas do risbordo, ou as primeiras, com que forrão o costado de baixo para cima.

Segundo Barros-Freitas — **Construcção Naval,** I, 6 — o *alefriz* é «uma cavidade de secção triangular feita na quilha, em que toma apoio o forro [do navio].» *Forro* são as fiadas de tábuas que revestem exteriormente o costado do navio, dispostas em sentido paralelo à quilha.

Mas o *alefriz* não se abre só na quilha. Na roda de prôa e no cadaste tambem ha *alefrizes,* que são o prolongamento do da quilha, e nestes se embebem os topos das tábuas que os tocam.

Como definição mais exacta dir-se-ha, pois, que é a «cavidade ou ranhura angular que se abre na quilha, no cadaste e na roda de prôa do navio, onde encaixam, respectivamente, as arestas e os topos das primeiras tábúas do forro, ou revestimento exterior.»

Tenho ouvido dizer, tambem, no mesmo sentido, *lefriz.*

àlém. A linguagem popular emprega a expressão *por aí além* para indicar, depreciativamente às vezes, tudo que é, ou pretende ser, extraordinário, pouco vulgar. «Não tenho uma memória *por aí além,* mas não me esqueço do que me fazem.» «Bem se vê, que tens uma habilidade *por aí além!*»

D. Francisco Manuel empregou a expressão nos *Relogios Fallantes,* dos **Apologos Dialogais:** «Muito me retenis a letrado, reloginho **de por ahi além!**

alevantamento, o mesmo que «alevanto» = sublevação, chamada às armas. «..nem caia com uma de X para o **alevantamento** que é uma comedela..» — Camilo. **Brazileira de Prazins,** 49.

alfabeto, ignorante, que não sabe lêr; No Vale-do-Côina.

Por *analfabeto.*

alfinete-de-dama, alfinete-dama (= alfinete-d'ama). Na linguagem familiar e na linguagem de loja-de-modas (que é tambem outra espécie de linguagem... pouco estudada) *alfinete-dama* ou *alfinete-de-dama* é uma espécie de fivela ou pregadeira simples de arame, com molas, com que, geralmente as senhoras, ajustam peças de vestuário.

Qualquer destas formas, com o sentido que aparentam, é incorreta. *Dama,* que parece ter aqui entrado com o sentido de *senhora,* representa a contracção de duas palavras: *de* e *ama. Alfinetes-de-ama* ou *d'ama* são alfinetes próprios para enfaixar os recem-nascidos, ou para pregar o vestuário das crianças de peito, porque, depois de espetados, entiam o bico em um resguardo.

Em *alfinete-de-dama,* que tambem ouvi na linguagem familiar de Viana, ha um caso de prolepse fonética, como em *ambos de dois.* (V. **Estudos da Lingua Portuguesa,** I, 8).

alfôrra. «O *míldio* é, em bom portuguez, uma *alforra* — visto que alforra é, como sabem, uma doença causada nas plantas pela vegetação parasitaria de cogumelos microscopicos, quando o concurso de um calor inoportuno e de uma humidade exagerada auxilia e favorece essa vegetação.» — Batalha Reis. *in*-**O Seculo Agricola,** de 19 de Abril de 1913.

No n.º 48 do mesmo periódico o sr. Martinho de França Pereira Coutinho dá o nome scientifico da criptogâmica que causa esta doença nos vegetais, e que seria conveniente registar: «Os exemplares de trigo [examinados] estão atacados pela *Puccinia Rubiggo-Vera,* mal que efectivamente é

conhecido no Alemtejo pela denominação de *alforra.*»

alimentador. Em mecânica chama-se *alimentador* a um aparelho destinado ao aprovisionamento de água nas caldeiras de vapor. V. João de Pinho. **Nomenclatura de Caldeiras de Vapor,** 82.

Em apicultura *alimentador* é um recipiente, com disposição especial, que se introduz nas colmeias para fornecer xarope alimentar às abelhas, no inverno. V. Ed. Sequeira. **As Abelhas.**

alma. *Alma-de-cântaro,* pateta, simplório; na linguagem familiar. «...tambem eu sou para manter segredo, e mal saberia encobrir-vos nenhum meu, mas nem todas são **almas de cantaro,** como eu sou.» —Jorge F. de Vasconcelos. **Eufrosina,** acto IV, sc. II.

Cp. o esp. *alma de cántaro* = «dícese de una persona atolondrada y poco discreta.» —**Ency. Il. Ségui** (s. v. *alma*).

alma-da-padeira. (v. 2.ª série). «*Alma da padeira,* (he aquelle vão, ou sovado que ás vezes se acha no meio do pão).» —Roland. **Adagios,** 7.

Morais, s. v. *alma*, diz: «*alma da padeira:* o vão, oco do pão.»

almazem. Esta palavra, tal como antigamente se dizia, conserva-se ainda na linguagem popular, e é mais conforme ao étimo árabe. *Armazem* é presumida correcção, por influência de *arma.* (v. **Apostilas aos Dic. Port.,** I, 86).

Mas o *almazem* não era apenas o «depósito» ou «casa de arrecadação.» Em linguagem militar era tambem o provimento de guerra, como setas, metralhas, alcatrões, polvora, balas, etc.

Mais restrictamente, era o que os bésteiros levavam nas cartucheiras, carcazes, etc., como: setas, dardos, quadrelas, pelouros, etc. (v. **Elucidario,** de Viterbo, s. v. *almazem*).

No vocabulário que acompanha a **Crónica do Condestabre,** edição meticulosa do Dr. Mendes dos Remédios, vem a palavra *almazem (almazẽẽs)* registando-se a forma correcta, antiga, em confronto com a moderna, com uma referência às **Apostilas,** lugar citado.

Nada nos diz o erudito anotador sobre a acepção especial em que ela é tomada no texto, e a que acima me referi: «E de hy escriveo a toda a gente da comarca q. viessem a elle percebidos de suas armas: e os beesteiros de suas beestas e **almazeẽs** e os homẽs de pee de suas lãças e dardos por serviço do meestre.» (pag. 64).

Viterbo cita as **Decadas,** de Barros, I, liv. IV: «Alguns dos nossos besteiros empregaram neles seu **almazem**...» E a **Cr. do Conde D. Pedro,** liv. I, cap. 79: «Aquela maldita gente trazia mortal peçonha em suas armas de ferir, especialmente no **almazem.**»

Na **Perigrinaçam** diz Fernam Méndez: «E te peço mais de nova amisade que, dos esquecidos de teus **almazens,** me socorras com pelouros e polvora, de que ao presente me acho muito falto.» — Cap. XIII.

Dos esquecidos de teus almazens, talvez = «do que te sobra em provisões de guerra.»

Morais ainda registou a acepção que daqui se depreende, mas os dicionários modernos limitam-se ao sentido geral: «depósito de fornecimento para a guerra.»

Tambem, vulgarmente, *armazem* ou *almazem* não é só «depósito de mercadorias» mas tambem «casa de arrecadação.» «Almazem para guardar as redes de pesca, etc.»

almegue. Na Beira-Alta, segundo in-

formação que recolhi por intermédio da **Gazeta das Aldeias**, n.º 733, chamam *almegue* à casa cujo sobrado se encharcou, especialmente se foi com água da chuva.

almofadão. v. **travesseirão.**

alrotar. «..que os fazem doudos as muitas letras que **alrotam.**» — **Arte de Furtar,** 217.

alvaínha. «O escarceo da vaga florea sobre o fluctuador, e á sombra d'elle, na *alvainha*, vem o mar com menos furia..» — **Ap. e Man. de Navios,** 191.

alvariça, o mesmo que «silhal, colmeal»? «*Viana do Castelo*.. Tenho uma **alvariça** do sistema antigo, isto é, com telhas, abrigadas do norte por um muro, bem situada. Ha dias notei que alguns cortiços estavam abandonados..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 925.

Por *algariça*, de *algar?*

alveirar, deixar de chover, desobscurecendo-se o ceu; na Beira-Alta. v. **Gaz. das Aldeias,** n.º 733.

De *alveiro*. Cp. *clarear*.

Tambem lá dizem *alveirar* no sentido de *avelar*.

alvorar, por *arvorar* = erguer, levantar; em linguagem marítima.

amadio. «Fazendo a tiragem geral [da cortiça] acerta a tirada e assim obterá, na tiragem imediata, só cortiça **amadia,** o que só oferece vantagens.» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 909.

amanhar. O povo emprega, às vezes, *amanhar* no sentido de «obter, conseguir.» «*Amanhou* um par de vintens lá pelos Brasis.» «*Amanhei* uma moléstia p'r'ó resto da vida.» — «**Amanhou** com isso muitos inimigos..» — Camilo. **Bruxa do Monte Cordova,** 79.

amante. «..os *amantes*, cabos de linho ou de pitta de grossa bitola, tendo n'um dos chicotes mão e sapatilho, e no outro rabicho, sendo estes cabos especialmente destinados a içar os mastareos..» — **Ap. e Man. de Navios,** 66.

amantilho. «*Amantilho* da retranca» é o cabo que sustem a retranca, engatando em um olhal da chapa do lais da mesma e que, passando por um moitão da romã do mastro, desce, a dar volta na chapa--das-malaguetas.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 71.

Contra-amantilho. v. **enramar.**

amarelo. «Mal *amarelo*,» doença dos batatais; na Nazaré. v. **Gaz. das Aldeias,** n.º 910.

amarelo diz-se de uma variedade de trigo rijo, cultivada no Alentejo. v. *Ibidem*, n.º 932.

amarra, amarrêta. *amarra* é uma «corrente de ferro forjado, tendo de comprimento 120 braças divididas em quarteladas [v. **manilha** e **quartelada**] de 15 e ligadas umas às outras por manilhas..» — **Ap. e Man. de Navios,** 118.

As *amarras* dos navios bacalhoeiros são de manilha e tem comprimentos variáveis.

amarrêta, chama-se tambem à corrente dos ancorotes. v. *Ibidem*, 118.

amendoado, diz-se do aço que se apresenta no comércio sob a forma de barras cuja secção é uma elipse muito achatada.

amòchar-se, amòchado. O **Novo Diccionário** regista *amochado* como termo «*des*[usado]», significando «adoentado, engerido.»

Na linguagem familiar de Lisboa diz-se ainda *amòchado* neste sentido, e tambem no de «encolhido, acocorado, aninhado.» *amòchar-se* é «acocorar-se, agàchar-se, encolher-se.»

amoedado, o mesmo que «endinheirado.» «Palhares regeitara propostas de casamento com meninas bem **amoedadas**..» — Camilo. **Seroens de S. Miguel de Seide,** I, 17.

amòstar, molestar, maguar, ofender; nos Açores. «Perdoe-me se de alguma feita o *amòstei* (molestei)..» —Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 43.

andas, o mesmo que «cangalhas», no conc. de Paredes-de-Coura. «A principio fazia-se a conducção do leite por meio de mulheres, que o iam buscar a casa do fornecedor; depois, passou a ser feita em burras com **andas,** e agora faz-se em carroças.» —Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 232.

anafar. «Tomou-nos enfim às [moedas], e nos **anafou** em uma bolsa cheirosa, com mais cordões verdes e borlas no cabo, que chapeu de bispo armenio.» —D. Francisco Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 95.

ancorêta, incorêta. *ancorêta* não é só «pequeno barril chato, usado especialmente a bordo dos navios», como diz o **Novo Diccionário.**

ancorêta, no comércio de vinhos e tanoaria, em Lisboa, pelo menos, é um barril pequeno com a capacidade aproximada de 45 litros, a que tambem chamam «barril-de-décimo.» «...deixando de se exportar em cascos só seria exportado em pipas, quando muito 50 por cento, e os restantes 50 se fariam em barris e *ancorêtas* (90 a [aliás, *e*] 40 litros).» —**O Seculo,** de 9 de Junho de 1913.

Dizem tambem *incorêta.*

anilho = tornel. O *anilho,* nas correntes de amarração dos navios é uma peça formada por dois elos ou argolas de ferro forjado, ligadas entre si por um perno móvel, de forma a poderem girar independentemente. No elo superior ligam-se as manilhas (v. **manilha,** 1.ª série) dos *fiadores* ou correntes que gurnem nos *escòvens* (v.), e no inferior as das correntes das âncoras.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 135.

O *anilho* impede a torcedura que a rotação do navio forma nas correntes.

Tambem lhe chamam *tornel.*

antegalha. «As velas triangulares tambem podem diminuir de superficie mettendo-as na *antegalha,* isto é, reduzirem-se pelo lado da pena, pelo que se enrola uma percinta de lona em volta da vela, na altura dos ultimos garrunchos do gurutil, e amarrando-a em roda fortemente com uma cosedura de merlim.» —**Ap. e Man. de Navios,** 171.

antredanhas. «alma, bofes, *antredanhas*...» —**Cancioneiro Geral,** I, 20.

apaga-rastos, pessoa indolente, molenga, que chega em último lugar. No Vale-do-Cóina.

apanhar, apalpar. Qualquer destes verbos, na Beira-Alta, tem tambem a significação de «queimar, crestar, ser recosido (pelo calor do sol).»

aparramar, cobrir-se, o céu, de núvens grossas, ou névoa, com tempo calmo. No Vale-do-Cóina.

De *parrame?* Cp. *folhame* e outros colectivos em *ame* ou —*me: vasilhame, poleame, dinheirame.*

apascaçado, de **pascaço,** o mesmo que *panasco,* lorpa; no Minho.

v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 301.

apeguilho = peguilho, apeguilhar. O **Novo Diccionário** define *peguilho,* em 5.ª acepção, como «conducto de queijo, azeitonas, etc., que se acompanha com pão», e dá *apeguilhar* no sentido de «comer apeguilho com pão.» No lugar próprio insere: «*apeguilho, prov.* [incialismo] *beir.* [ão]. Carne de porco cozida.»

(Continúa).

MISCELÂNIA

Formas em -DURA e -DELA

As formas nominais derivadas de verbos por meio dos suficsos *-dura* e *-dela* andam confundidas na língua culta comum. Em geral os dicionários dizem simplesmente: — acção de...; v. g.: *picadela*, acção de picar; *picadura*, acção de picar.

Nos falares alentejanos, porêm, estas formas são empregadas distintamente, e a derivação perdura consciente.

Se a acção expressa pelo verbo não tem resultado, o suficso *-dela* designa acção rápida ou única, e o suficso *-dura* acção prolongada ou repetida. Assim: *êle deu uma abridela de bôca*, quere dizer *abriu a bôca uma vez; estava numa grande abridura de bôca*, i. e. *estava constantemente a abrir a bôca, estava a abrir a bôca repetidas vezes*. Da mesma maneira: *dá aí uma abanadela nesse lume*, quere dizer *abana o lume depressa, sem demorar muito a abanar; ¡mas que abanadura é essa!* i. e. *¡para que estás a abanar há tanto tempo!* ou *¡para que abanas tanto!*

Do mesmo modo se distinguem *olhadela* e *olhadura*, *benzedela* e *benzedura*, etc.

Se a acção tem resultado, o suficso *-dela* designa a acção em si, e o suficso *-dura* o resultado da acção. Assim diz-se: *apanhei uma queimadela* e *tenho aqui uma queimadura;* apanha-se uma *mordidela* (= mordedela), fica-se com a *mordidura*. Do mesmo modo se distinguem *arranhadela* e *arranhadura*, *picadela* e *picadura*, etc.

Em um e outro caso esta formação é muito geral, de modo que na língua vulgar aparecem às vezes formas muito usadas que são completamente desconhecidas na língua culta e literária. Citarei de entre os exemplos dados, as formas *abanadela* e *benzedela*, que o preciosíssimo vocabulário de Gonçálves Viana [1] não regista, e que são vernáculas no Alentejo.

Faro, Agôsto de 1914.

BERNARDINO BARBOSA.

---

[1] A. R. Gonçálves Viana. — *Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa.* — Lisboa, 1909.

Uso do tratamento de "senhora,, e "senhor,,

Como prova de que, muitas vezes, quando se diz *sim senhor, não senhor,* esta expressão corresponde a simples *sim* e *não,* — citarei, entre os muitos exemplos populares que poderia apontar, os seguintes, que por várias vezes tenho ouvido:

— *Sim senhor, minha senhora!* ou

— *Sim senhora, minha senhora!* etc.

O povo diz *sim senhora* sempre, quer se dirija a homens ou mulheres, — e outras vezes sempre *sim senhor.*

A palavra «senhor» funde-se mentalmente em *sim* de tal maneira, que é vulgar o emprêgo de *sim-senhor!* como locução interjectiva:

— *Sim-senhor! vocês estão bem criados!*

Semelhantemente, tenho ouvido *Dona Donana,* por fusão de *Dona* e *Ana.*

Isto vem a propósito do que o Snr. Dr. J. Leite de Vasconcelos escreveu na **Rev. Lusitana,** XVI, 345, sob a mesma epígrafe.

Viana-do-Castelo.

CLÁUDIO BASTO.

CRÓNICA

Sendo Portugal um país em que os Arabes tiveram muita influência, na raça, na lingoa e nos costumes, convinha que entre nós houvesse pelo menos um curso oficial de arabe, como já em tempos houve, mas que estava extincto. O Govêrno da República atendeu a tal necessidade: cfr. *Rev. Lusit.* xv, 175. Por decreto de 17 de Agôsto de 1914, foi provido na respectiva cadeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o Snr. David Lopes, cujos excelentes trabalhos neste dominio o chamavam naturalmente para ela. A cadeira de arabe que o Snr. David Lopes está regendo compreende dois cursos:

elementar, de um ano;

superior, de dois anos.

Alem disso haverá, feito pelo mesmo professor, um curso semestral, destinado principalmente aos alunos de história pátria da Faculdade, em que será estudado o dominio dos Arabes na Peninsula e o dos Portugueses em Marrocos.

*

Para a vaga deixada pelo Snr. David Lopes na Faculdade de Letras, onde era professor do grupo de Filologia Romanica, passou o redactor da *Revista Lusitana*, que na mesma Faculdade pertencia ao grupo de Filologia Classica; para a vaga d'este foi escolhido e nomeado o nosso ilustre colaborador o Snr. José Joaquim Nunes.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

— **Gil Vicente e a sua obra,** por J. M. de Queiroz Velloso, Lisboa 1914.

— **A campanha vicentina,** por Afonso Lopes Vieira, Lisboa 1914.

— **Introducción al estudio de la Lingüistice romanisce** de Meyer Lübke, trad. hesp. de Américo Casto, Madrid 1914.

— **Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain** por Henry Martin: I, Baltimore 1909; II, in *The American Journal* of Philolegy, XXXV, 400 ss. — A palavra «Spain» está aqui no sentido de *Hispania.*

— **Anais das Bibliotecas e arquivos de Portugal,** vol. I, n.º 1, Outubro de 1914.

— **Revista da Universidade de Coimbra,** vol. I a III, Coimbra 1912-1914.

— **Critica e Historia** por A. Braamcamp Freire, vol. I, 1910.

— Historia da administração pública em Portugal nos secc. XII a XV, por H. da Gama Barros, vol. III, Lisboa 1914 (o vol. II saíra em 1896, e o I em 1885.)

— Trabalhos de D. Carolina Michäelis:

a) **A "saudade,, portuguesa,** Porto 1913;

b) **D. Francisco Manoel de Mello,** Coimbra 1914.

INDICE DO VOL. XVII

Bibliografia **(varia qvaedam)**:

ERRATA

A pag. 352, linha 6.ª, saiu, por má revisão, *Linguistice romanisce* em vez de *Lingüística romance,* e na linha 7.ª, *Sübke* em vez de *Lübke.*

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, Porto 1892.	500
Poesia amorosa do povo português, Lisboa 1890	400
Religiões da Lusitania, 3 volumes 1897-1913	7$500
Ensaios ethnographicos, 4 volumes 1891 (1911)-1910	3$100
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901	600
Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901 . .	3$000
Textos archaicos, 2.ª ed. (esgotada).	
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa, Lisboa 1910	1$000
Lições de Philologia Portuguesa, 1 volume cartonado, Lisboa 1911.	2$000

A Revista Lusitana publica-se em fasciculos de 5 a 6 folhas, e saem quatro por anno.

Preço da assignatura annual: Portugal e Hespanha. . . . . 2$400 réis

Toda a correspondencia literaria deve ser enviada ao director **J. LEITE DE VASCONCELLOS,** R. de D. Carlos Mascarenhas, 27, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assignatura) deve ser enviada ao editor **A. M. TEIXEIRA,** P. dos Restauradores, 17, Lisboa.